JOÃO MARINHO DOS SANTOS
JOSÉ MANUEL AZEVEDO E SILVA

A Historiografia dos Descobrimentos

Através da correspondência entre alguns dos seus vultos

Coimbra • Imprensa da Universidade

(Página deixada propositadamente em branco)

JOÃO MARINHO DOS SANTOS
JOSÉ MANUEL AZEVEDO E SILVA

A historiografia dos descobrimentos através da correspondência entre alguns dos seus vultos

(Joaquim de Carvalho, Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Fontoura da Costa)

Coimbra • Imprensa da Universidade

Coordenação editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção Gráfica
António Barros

Paginação
António Resende
[Universidade de Coimbra]

Execução gráfica
Imprensa de Coimbra, Lda.
Largo de S. Salvador, 1
3000-372 Coimbra

ISBN
972-8704-26-7

ISBN Digital
978-989-26-0323-0

DOI
http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0323-0

Depósito Legal
214273/04

© julho 2004, Imprensa da Universidade de Coimbra

Obra publicada com a colaboração da
FCT: Fundação para a Ciência e Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior - Apoio do Programa Operacional para a Ciência, Tecnologia, Inovação do III Quadro Comunitário de Apoio • Centro de História da Sociedade e da Cultura
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Sumário

Apresentação 5

I – O Filósofo-Historiador Joaquim de Carvalho 7
1. No centro de um vasto círculo cultural 11
2. Bibliografia de Joaquim de Carvalho (1892-1958) 43

II – O Engenheiro-Historiador Joaquim Bensaúde 65
1. Breves notas biográficas 69
2. As teses de Humboldt e a pronta reacção do visconde de Santarém 71
3. A luta de uma vida por uma causa 74
4. O encontro com Luciano Pereira da Silva e as relações científicas e de amizade entre ambos 84
5. As críticas ferozes de Reparaz 90
6. A controvérsia com Duarte Leite 96
7. As críticas e os contributos de Vitorino Magalhães Godinho 101
8. Bibliografia de Joaquim Bensaúde (1859-1952) 107

III – O astrónomo-historiador Duarte Leite 111
1. Sobre a sua vida e o ofício da História 115
2. A conquista de Ceuta ou as «Causas da Expansão Portuguesa no Mundo» 120
3. Contra o «Plano das Índias» de Bensaúde 123
4. Críticas à «Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses» de Jaime Cortesão 128

5. Sobre «A erudição de Gomes Eanes de Zurara» e a «Crónica da Guiné» 133
6. A curiosidade sobre o «Secreto de los Secretos de Astrologia» 137
7. A tradução e as anotações do «De crepusculis» 142
8. Bibliografia de Duarte Leite (1864-1950) 145

IV – O Marinheiro-Historiador Abel Fontoura da Costa 153
1. Sobre a individualidade e o seu percurso de vida 157
2. O Manuscrito «Valentim Fernandes» e o interesse pelos «Roteiros» 163
3. «Às Portas da Índia em 1484» 166
4. Sobre «Pedro Nunes (1502-1578)» 169
5. Bibliografia de Abel Fontoura da Costa (1869-1940) 187

V – Rememorando: da História Tradicional à História Científica 195

VI – Anexo Documental 211
1. Cartas de Joaquim Bensaúde 213
2. Cartas de Duarte Leite 255
3. Cartas de Abel Fontoura da Costa 293

Apresentação

O espólio epistolográfico de Joaquim de Carvalho é imenso e pode dizer-se, sem exagero, que nele está representada a maior parte da intelectualidade portuguesa da primeira metade do século XX. Até agora só uma pequeníssima parte deste epistolário está publicada: cartas de António Sérgio, Luciano Pereira da Silva e Alfredo Pimenta. Em fase de preparação para publicação estão cartas de Afonso Lopes Vieira, Henrique de Vilhena e Viana da Mota.

O volume que agora sai e que contém correspondência de três dos maiores vultos da historiografia dos Descobrimentos Portugueses dos séculos XV e XVI — Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Fontoura da Costa — fica-se a dever à boa-vontade, entusiasmo e vasto saber dos Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutores João Marinho dos Santos e José Manuel Azevedo e Silva. Para eles vai o meu (nosso, da Família) mais vivo agradecimento.

As cartas, que abrangem o período dos anos 20 até princípios dos anos 40, tratam predominantemente de assuntos científicos relacionados com múltiplos temas dos Descobrimentos Portugueses, e onde o destinatário, Joaquim de Carvalho frequentemente é interrogado sobre este ou aquele livro, sobre esta ou aquela teoria, sobre este ou aquele autor ou confrontado com uma crítica.

Nelas perpassam também referências de acesas polémicas entre Duarte Leite e Bensaúde sobre o *Plano das Índias*; entre Duarte Leite e Álvaro Pimpão sobre a *Crónica da Guiné* e uma mordaz crítica aos estudos de Bensaúde feita pelo historiador catalão Gonçalo de Reparaz Junior; e aborda-se também o grande Pedro Nunes. Mas, além deste substrato eminentemente

científico das cartas, o leitor pode também encontrar nelas, de vez em quando, um desnudar de intimidades, de confissões, que nos dão um conhecimento mais íntimo e pessoal dos autores.

Nesta Obra, o epistolário foi estudado de modo algo diferente do que é habitual, isto é, em vez de cada carta ser acompanhada de anotações ao seu conteúdo, em rodapé, os Autores decidiram que cada epístola valia como fonte histórica e assim souberam integrá-las num todo harmonioso e dinâmico, onde analisam e discutem vários temas importantes da Historiografia dos Descobrimentos Portugueses, tudo isto complementado com uma cuidada biobibliografia dos quatro intervenientes. Resultou, assim, um volume repleto de valiosa informação que, estamos certos, será referência não só para eruditos e docentes como estudantes e público especializado.

Finalmente, uma palavra de agradecimento à Direcção da nova Imprensa da Universidade, na pessoa do Professor Doutor Fernando Regateiro por ter promovido a edição desta Obra que ficará sendo a primeira onde surge a figura de Joaquim de Carvalho na dimensão de seu último Administrador. Como se sabe, em Junho de 1934, é extinta a Imprensa por um decreto-lei, de Salazar. Muitas vozes se levantaram então contra esta ignóbil decisão, e uma delas, a de Bernardino Machado, então exilado em Espanha (La Guardia) exclamou a Joaquim de Carvalho, em carta de 21 de Outubro de 1934: «Há quanto tempo estou para lhe escrever! Mas, não sei porquê, não imaginei definitiva e irremediavel a extinção da «Imprensa da Universidade». ...queria muito a esse saudoso estabelecimento pombalino, de excelente tradição universitária, orgulhando-me, como se lhe pertencesse, de vêr o admirável impulso que à frente dêle o dr. Joaquim de Carvalho estava dando devotadamente ao ensino e à cultura portuguêsa. Como foi possível suspender tão altos serviços?»

Felizmente que, em Dezembro de 1998, a Imprensa da Universidade regressava de novo à sua actividade. Razão tinha o nosso Poeta quando há séculos escreveu «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades».

João Maria Montezuma de Carvalho

I — O Filósofo-Historiador Joaquim de Carvalho

Por Marinho dos Santos
e
Azevedo e Silva

(Página deixada propositadamente em branco)

Fotografia de Joaquim de Carvalho
tirada em Haia (anos 30)

(Página deixada propositadamente em branco)

1. No centro de um vasto círculo cultural

Ao respondermos afirmativamente à solicitação (pró-ciência) do Professor Catedrático Jubilado João Maria Montezuma de Carvalho, filho do Professor Doutor Joaquim de Carvalho, para enquadrarmos historiograficamente a correspondência que três historiadores dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa estabeleceram com seu pai, sentimo-nos honrados pela confiança (que agradecemos), mas também responsabilizados pelo desafio da tarefa. É que não é fácil estudar, através de fontes epistolares, individualidades e personagens de que não se teve conhecimento directo. E, mesmo que o houvéssemos, não nos podemos esquecer de que os ***notáveis*** em questão viveram inseridos em vários e complexos campos sócio-culturais. Por tal, desempenharam papéis e funções profissionalmente imbricadas, mas também muito díspares, perfilando-se, concretamente, perante nós: o engenheiro-empresário Joaquim Bensaúde, o diplomata-professor Duarte Leite, o comandante da marinha-professor Abel Fontoura da Costa.

Vivendo em espaços geográficos diferentes (até muito distanciados, em alguns casos) e exercendo profissões com escassas afinidades, nem por isso deixaram de convergir quanto à proeminência da respectiva posição social ou *status* e quanto às tarefas científicas que abraçaram. Com efeito, tornaram-se ***notáveis*** nos círculos culturais que frequentaram e marcaram épocas que confluíram numa só, no que concerne à historiografia dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa.

Foi, de facto, numa rede de interdependência científico-cultural em torno desta temática que aqueles vultos da nossa historiografia tiveram ensejo de cruzar *olhares* sobre problemas comuns ou específicos, unindo-os o poder aglutinador do Professor Joaquim de Carvalho. Por outras palavras, «o

Professor de Coimbra» logrou arregimentá-los também num campo sócio-cultural de que ele era a *polar / tramontana,* muito por *culpa* não só da sua simpatia e do seu imenso saber, exercido numa instituição com o prestígio da Universidade de Coimbra, mas também da detenção de um poderoso instrumento que lhe era proporcionado pelo exercício do cargo de administrador da Imprensa da Universidade. Explicitemos um pouco mais.

A função profissional é, de facto, uma habilitação à deferência individual, aumentando, como é óbvio, com a qualidade demonstrada no exercício da profissão. Concretamente, ser *«Professor da Universidade de Coimbra»* (e veja-se o peso das instituições) era já uma habilitação à deferência de que gozava Joaquim de Carvalho, mas ser um professor de qualidade reconhecida, ser um cientista notável, era usufruir de um atributo adicional, objectivo, verdadeiro, incontestado, muito embora se deva admitir, sempre, que o julgamento que está na base do acto da deferência individual seja uma apreciação sintética, feita por uma *média* e dependa muito dos valores sociais padronizados.

Com base na correspondência analisada, procuremos delinear imagens de deferência dos historiadores que epistolograficamente se corresponderam com Joaquim de Carvalho, principiando por Joaquim Bensaúde.

Nas quatro primeiras cartas (redigidas entre Março e Abril de 1924), Bensaúde trata Joaquim de Carvalho simplesmente por *«Ex.mo Snr.»*, mas não se vislumbra tratar-se de uma deferência convencional, antes de um tratamento respeitoso, revelador da atribuição de um elevado estatuto social.

A partir de Maio e até finais daquele ano, acrescenta o epíteto de *«amigo»*, antecedido de *«Ex.mo Senhor»*, talvez como resultado da *«amabilíssima visita»* que o Professor de Coimbra lhe fizera recentemente[1]. Depois de Janeiro de 1925, Bensaúde usa, por norma, o tratamento *«Meu Ex.mo Amigo»* ou *«Meu Ex.mo e Prezado Amigo»*.

Registe-se, pois, que os dois investigadores se visitam, buscando, com esses encontros, formas de um relacionamento mais íntimo e duradouro, ainda que a pretexto de motivos de trabalho. Antes de partir para o norte do país (Viana de Castelo), escreverá Joaquim Bensaúde, a 17 de Junho de 1924: «avisarei VEx. caso haja conveniencia em eu parar em Coimbra por causa

---

[1] *Cartas de Joaquim Bensaúde para Joaquim de Carvalho,* adiante publicadas e numeradas por ordem cronológica, carta 5 (doravante referenciaremos as cartas pelo número de ordem).

dos trabalhos d'impressão entre mãos fal-o hei com todo o prazer tanto mais que teria ao mesmo tempo ensejo de ver VEx. e de lhe testemunhar mais uma vez o meu profundo reconhecimento»[2].

Esclareça-se que Bensaúde considerará o trabalho de Joaquim de Carvalho à frente da Imprensa da Universidade de Coimbra como uma tarefa patriótica, seguindo o critério com que media a sua própria actividade investigadora e publicitária: «Agradeço (...) aquella opulentíssima collecção de obras primorosamente impressas, um verdadeiro regalo que me surprehendeu e me veio mostrar a grandeza patriótica que VEx. tomou a seu cargo»[3]. Aliás, entende-se melhor a dimensão do serviço tipográfico proporcionado pelo «Professor de Coimbra» e pelos seus colaboradores ao grande «cruzado» das nossas glórias nacionais, se se tiver em conta certas dificuldades materiais. É que não era só a dificuldade de pagar, faltava, também, o papel em época de crise económica como a que se vivia nos anos vinte de Novecentos.

A admiração que Bensaúde nutria por Joaquim de Carvalho não se restringia, obviamente, ao seu trabalho como administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra; admirava-lhe a produção científica, sobretudo a que mais ia ao encontro dos seus gostos e interesses. Exemplifiquemos com: a recepção do «bello livro de VEx^{a}. sobre Leão Hebreo» ou do «Tratado de astrologia de Zacuto [que] é um verdadeiro acontecimento ...»[4]; e, ainda, «o primoroso trabalho sobre Anthero que li com palpitante enthusiasmo»[5].

As relações entre ambos terão atingido forte empatia, a ponto de Bensaúde lhe confidenciar que ele passara a ocupar o lugar que o malogrado Luciano Pereira da Silva assumira no círculo das suas relações científicas: «Vejo que estou fazendo confissões a VEx. como as que fazia ao nosso querido Dr. Luciano»[6].

Contudo, para substituir este na *«campanha patriótica»* em que ambos se haviam lançado, Bensaúde depositava particulares esperanças no Dr. António Barbosa[7]. Mas, não prescindirá nunca do contributo do «Professor de

(2) Idem, *carta 7.*
(3) Idem, *carta 1.*
(4) Idem, *carta 3 e 7.*
(5) Idem, *carta 32.*
(6) Idem, *carta 19.*
(7) Idem, *carta 26.*

Coimbra» para *«consolidar a nossa causa»*[8]. E as últimas epístolas redigidas por Joaquim Bensaúde, na viragem dos anos vinte para a década seguinte, endereçadas ao seu correspondente de Coimbra, atestam, para além da admiração e da gratidão, o vínculo da amizade que entre ambos o tempo forjara: *«de VEx.ª muito amigo admirador gratissimo»*.

A primeira carta, que adiante reproduzimos, da autoria de Duarte Leite para o *«Ex.mo sr. Dr. Joaquim de Carvalho»*, tem, como epítome, a classificação de *«mestre de minha grande consideração»* e está datada de 6 de Novembro de 1933. Pelos anos 40, o tratamento tende a simplificar-se e a perder algum formalismo, muito embora continue a vislumbrar-se ser sincera a «admiração» que Leite nutria por Joaquim de Carvalho. Porém, afigura-se prevalecer uma relação mais *diplomática* do que *afectiva*, como o regista o envio de *«cumprimentos atentos»* ou os *«melhores cumprimentos»*. Só muito esporadicamente Duarte Leite avança com os desejos de que *«(...) VEx.ª tenha saude e lhe corra bem a vida»*[9] ou que tenha *«todas as venturas»*[10]. Enfim, as relações profissionais (com certeza, geradoras de mútua admiração) parecem sobrepor-se.

A primeira carta de Fontoura da Costa, datada de 25 de Janeiro de 1933, tem expresso como destinatário o *«Ex.mo Sr. Dr. Joaquim de Carvalho»* e como subscritor o *«M.to at. e grato amigo»* F. Posteriormente, persistirá uma deferência marcada quase exclusivamente pela amizade: *«Meu Ex.mo Amigo»*, *«Meu presadíssimo amigo»* ou *«Meu ilustre amigo»*, tendo como prestador um *«M.to grato amigo e ad.or»* ou alguém *«com muita estima e admiração»*.

Eram *verdadeiras* estas imagens de deferência por Joaquim de Carvalho? Que outros testemunhos poderão ser invocados? Muitos.

Orlando Ribeiro, por exemplo, apresenta-o como «um homem cordial, que gostava de conviver e de conversar. Simples e afável, deixava transparecer muito menos as suas ideias do que se informava, às vezes com directa insistência, das ideias dos interlocutores»[11]. Enfim, acrescentamos nós, não admira que tivesse tido tantos amigos.

---

(8) Idem, *carta 30*.

(9) *Cartas de Duarte Leite para Joaquim de Carvalho*, carta 16.

(10) Idem, *carta 21*.

(11) Orlando Ribeiro, «Joaquim de Carvalho: Personalidade e Pensamento» (Outubro de 1979), *Biblos*, vol. LVI, Coimbra, 1980, p. 1-6.

Era, indiscutivelmente, um ***notável***, na verdadeira acepção da palavra. Orlando Ribeiro dá, a este respeito, o seguinte testemunho: «Este homem que foi talvez, no seu tempo, uma das mais prestigiosas figuras do ensino e da cultura humanística, comprazia-se no convívio dos «cientistas» e, quando lhe tocou entrar para a Academia das Ciências de Lisboa, foi a Classe de Ciências que lhe abriu as portas»[12]. Antecipemo-nos já e recordemos que Duarte Leite e Fontoura da Costa foram insignes astrónomos e bons matemáticos e que Manuel Ramos e Leite de Vasconcelos, entre muitos outros, tiveram por Joaquim de Carvalho «o maior apreço».

Mas continuemos a utilizar o *pincel* biográfico de Orlando Ribeiro: «Atraído pela especulação filosófica, em que então participavam grandes pensadores alemães, Joaquim de Carvalho projectou, como outros filósofos peninsulares posteriores, uma longa estada na Alemanha»[13]. A guerra gorou-lhe tal projecto. Teve, pois, que circunscrever a sua investigação à evolução do pensamento português, dentro das grandes correntes europeias, acabando por se converter num insigne Mestre de história da filosofia e da cultura Portuguesa.

Foi notável a sua acção como administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra, desde a sua nomeação, em 30 de Julho de 1921, até à extinção desta prestigiada instituição, por razões meramente políticas, pelo decreto-lei de Salazar, de 30 de Junho de 1934. Orlando Ribeiro recorda que permitiu que se imprimissem obras de autores «que nenhum editor particular se abalançaria a lançar no nosso, então escasso, mercado livreiro»[14]. As largas dezenas ou mesmo centenas de obras publicadas durante o seu mandato (no momento da extinção estavam em curso 37 publicações, o que dá bem a ideia da intensa actividade editorial) foram «arrumadas» em 11 colecções criadas por Joaquim de Carvalho. Vale a pena enumerá-las: *Subsídios para a história da arte portuguesa; Scriptores Rerum Lusitanorum; Biblioteca de Escritores Portugueses; Documentos para a História da Expansão Ultramarina dos Portugueses; Biblioteca do Século XVIII; Biblioteca Democrática; Biblioteca Luso-brasileira de História da Medicina; Estudos de*

(12) *Ibidem.*
(13) *Ibidem.*
(14) *Ibidem.*

História e Literatura Portuguesa; Biblioteca Filosófica; Filósofos e Moralistas; Vária[15].

A decisão governamental de mandar encerrar a Imprensa da Universidade sentiu-a Joaquim de Carvalho como «injustiça e ameaça de perseguição pelas suas ideias independentes e, como tal, liberais»[16]. Tal decisão inquisitorial ditou, de facto, a sentença de morte desta instituição secular. Com efeito, criada em 1772, no âmbito da reforma pombalina da Universidade de Coimbra, funcionou ininterruptamente durante 162 anos, mas, em boa verdade, a sua história mergulha no século XVI e na reforma de D. João III, visando a publicação de obras científicas, mediante contratos estabelecidos entre a Universidade e sucessivos impressores privilegiados, cujos nomes são em boa medida conhecidos, nomeadamente, João Álvares e João de Barreira, António de Barreira, Diogo Gomes de Loureiro, António de Mariz (pai do presbítero e bacharel em cânones, guarda-mor da livraria da Universidade e corretor da sua imprensa, Pedro de Mariz), Nicolau de Carvalho, Manuel de Carvalho, Tomé de Carvalho, Manuel Dias, Rodrigo de Carvalho Coutinho, José Ferreira, António Simões, José Antunes da Silva, António Simões Ferreira e Francisco Oliveira[17].

Sobre a actividade destes impressores privilegiados, importa salientar, tomando as palavras de Fernando Taveira da Fonseca, que «a Universidade garantiu sempre, de forma contínua, no período que considerámos, a

---

[15] *Imprensa da Universidade de Coimbra. A História, os Homens e os Livros* (com palavras introdutórias do Reitor Fernando Rebelo, o «Restaurador» da Imprensa da Universidade de Coimbra, em Dezembro de 1998, e do novo Director, Fernando Regateiro), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001, p. 23-25. Trata-se de excelentes textos de apoio à «Exposição sobre a Imprensa da Universidade de Coimbra», realizada na Sala da Cidade (antigo refeitório do Mosteiro de Santa Cruz), de 1 a 31 de Outubro de 2001.

[16] Orlando Ribeiro, *ob. cit.*, p. 1-6.

[17] Cf. Fernando Taveira da Fonseca, José Antunes, Irene Vaquinhas, Isabel Nobre Vargues, Luís Reis Torgal e Fernando J. Regateiro, *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001. Para além do prefácio, do Reitor Fernando Rebelo, comporta cinco capítulos com os seguintes subtítulos, por si mesmos elucidativos quanto ao conteúdo e ao alcance da obra: A Imprensa da Universidade no período de 1527 a 1772; A Imprensa da Universidade na Reforma Pombalina; A Imprensa da Universidade no Liberalismo e na I República; O Contexto Político da Extinção da Imprensa da Universidade pelo Estado Novo; A Imprensa da Universidade de Coimbra na Actualidade.

prestação de um serviço de tipografia necessário à impressão de obras dos professores, de conclusões dos estudantes ou de outros papéis. Não se limitava a iniciativas pontuais, mas criava um vínculo permanente, de carácter vitalício, acumulando, a partir de 1591, as cláusulas contratuais, positivamente estipuladas, com a qualidade de oficiais (com direito a receber pela folha), conferida aos impressores, estatutariamente formalizada naquele ano»[18]. E retenha-se ainda que, como lembra o mesmo autor, «em algumas das obras impressas no período que antecede a reforma de 1772 intitula-se a tipografia universitária como Real Imprensa da Universidade ou Real Officina da Universidade, com o equivalente latino de Architypographia Academico-Regia»[19].

Voltemos à figura de Joaquim de Carvalho e ao significado político da extinção da Imprensa da Universidade de Coimbra. A decisão governamental de tal extinção, como muito bem sublinha Luís Reis Torgal, «não é um acto isolado do Estado de Salazar. Ele insere-se numa prática de intervenção — de «tendências totalitárias», para empregar o conceito de uma obra de regime atrás citada — no sentido de controlar ou neutralizar instituições e pessoas que eventualmente poderiam quebrar a lógica unitária do regime»[20].

Claro que o exercício do cargo de administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra colocou Joaquim de Carvalho numa posição privilegiada de «observatório» da cultura e da produção científica no país e até no estrangeiro, como se poderá ver pela vastíssima correspondência trocada com largo número de investigadores e, concretamente, pelas cartas de Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Fontoura da Costa, que adiante se publicam. Não se coadunava com a sua maneira de ser, viver *«insulado no seu trabalho especulativo, literário ou scientífico»,* como perfidamente insinua o ministro Leonardo Coimbra, no preâmbulo do Decreto n.º 5570, de 10 de Maio de 1919.

Ao invés, Joaquim de Carvalho era um espírito aberto e atento a tudo o que se passava no país e no estrangeiro. Por outro lado, gostava de viver e de conviver. Para além das suas amplas relações pessoais, estabelecidas,

(18) *Ibidem*, p. 35.
(19) *Ibidem*, p. 52.
(20) *Ibidem*, p. 122.

como vimos, através da correspondência, cultivava o convívio com os colegas e com os amigos, em longas e elevadas conversas de troca de ideias. Exemplo paradigmático desse culto é o caso da convivência com Luciano Pereira da Silva. Pouco depois da morte do insigne matemático, escreve: «A estima cordial com que me acolhia ou procurava foi pouco a pouco vencendo a diferença de idade, não havendo nos últimos três anos um aprés-dîner passado em Coimbra em que não confidenciássemos preocupações intelectuais ou dissolvêssemos pelo passeio ou pelo colóquio num círculo de amigos e colegas as impertinências ou aborrecimentos do dia»[21].

O seu bairrismo foi outra das suas imagens de marca. No dizer de Orlando Ribeiro, «este homem era tão profundamente coimbrão que nem as sereias políticas da República liberal, de que era partidário convicto, nem as perseguições do obscurantismo, a que se opunha o seu espírito esclarecido e tolerante, o afastaram da Figueira da Foz natal nem da Universidade que de certo modo encarava no que sempre teve de melhor: um lugar de ressonância europeia ...»[22].

Quando a sua Faculdade esteve em risco de ser extinta, esteve na primeira linha da luta pela sua defesa. Pelo já referido Decreto n.º 5770, de 10 de Maio de 1919, o ministro da Instrução, Leonardo Coimbra, instigado por Joaquim Coelho de Carvalho, «reitor da universidade coimbrã por cem dias», intentou transferir a Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto. E, em entrevista ao jornal *A Manhã*, de 21 de Maio de 1919, o anti-coimbrão ministro Coimbra manifesta mesmo a opinião de que *«a Universidade de Coimbra deveria desaparecer»*. Embora se tornasse evidente que a verdadeira razão da decisão e das intenções do ministro teve a ver com a sua convicção de que o levantamento monárquico de Monsanto, após o assassinato de Sidónio Pais, tivera forte inspiração e apoio de professores anti-republicanos de Coimbra (nomeadamente Carneiro Pacheco, Fezas Vital, Magalhães Colaço e Oliveira Salazar), os argumentos aduzidos para tal decisão são de natureza bem diversa, expressos nos três considerandos do preâmbulo: 1.º — «a cidade de Coimbra é um meio essencialmente universitário, vivendo o professorado e corpo docente da Universidade

(21) Joaquim de Carvalho, «In memoriam do Dr. Luciano Pereira da Silva», *Obra Completa*, vol. V, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 161.

(22) *Ibidem*.

como que insulado no seu trabalho especulativo, literário ou scientifico»; 2.° — sendo «a cidade do Pôrto de mais larga actividade que a de Coimbra, convêm que na Universidade do Porto haja uma Faculdade de Letras»; 3.° — «a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra tem orientado, embora notavelmente, a cultura dos alunos de modo a darem preferência à erudição livresca sobre as especulações originais do espírito moderno, manifestando-se na filosofia revelada nas obras dos seus principais professores e alunos laureados uma quási completa orientação tomista de forma escolástica»[23].

Ao contrário da conivência e cumplicidade de alguns e da apatia e passividade de muitos, o jovem assistente da Faculdade ameaçada de morte veio à liça e reagiu vigorosamente contra a «pérfida imbecilidade» do reitor e do ministro, com a sua colaboração no manifesto *«A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País»* e, principalmente, com *«A minha resposta ao último considerando do decreto que desanexou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra»* (veja-se a bibliografia, adiante publicada). Foi, realmente, o último considerando que pessoalmente atingiu Joaquim de Carvalho na sua dignidade profissional de professor de filosofia. Ele, um republicano liberal e democrata, um neokantiano convicto, metido no saco de tomista do século XIII! Um desaforo intolerável!

Argumentará que não é escolástico nem tomista, muito embora considere tal não ser crime nem denunciar inferioridade intelectual. E dispara, peremptório: «Não há em nenhum livro meu, nem na regência dos meus cursos, nada que prove ser escolástica, ou tomista a atitude do meu espírito»[24]. A firmeza e a justeza da sua posição terá impedido o encerramento da «sua» Faculdade. Na opinião de Luís Reis Torgal, «talvez tenha sido afinal a sua incontestada posição de cidadania e, concretamente, a sua «resposta» que originou o recuo do Ministro da Instrução»[25].

A sua concepção de liberdade do ensino universitário repudiava a ingerência da política nas universidades. Sem pôr em causa o espírito

---

[23] Joaquim de Carvalho, *A minha resposta ao último considerando do decreto que desanexou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,* Coimbra, Tipografia França Amado, 1919, p. 17.

[24] *Ibidem,* p. 11.

[25] Cf. Fernando Taveira da Fonseca e outros, *ob. cit.,* p. 94.

republicano, de que é, aliás, indefectível prosélito, Joaquim de Carvalho repudiará com firmeza a atitude afrontosa do ministro da República Leonardo Coimbra, nos seguintes termos: «Converter as Universidades em organismos políticos, no correntio e jornalístico sentido da palavra, sôbre ser uma monstruosidade pedagógica, é um crime nacional e um atentado à razão. Sob essa aparência calma de convergência de opiniões esconder-se-há o cancro que corroerá a cultura. Que a república se defenda, é justo; mas quando essa defesa vicia a atmosfera serena da cultura, estrangulando ou cilindrando o espírito, que é independência e liberdade, é abominável, tanto ou mais do que roubar a vida»[26]. Acusa a atitude do ministro de persecutória e compara-a mesmo às práticas da Inquisição. Indignado, manifesta assim a sua perplexidade: «Que a imperial Alemanha o fizesse, compreendia-se. Mas que um govêrno da República vá ao assalto da Democracia, com a turba-multa das paixões, é um crime e uma ignomínia![27]».

Refutando o argumentário do primeiro e do terceiro considerandos do decreto que mandava desanexar a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e transferi-la para a Universidade do Porto, clarificará, do modo seguinte, os princípios por que se orientava como docente universitário: — «Como professor, procurei converter os meus alunos de escolares em estudantes, sugerindo-lhes que estudar não é só aprender cousas, e frequentar uma biblioteca na época heróica, que é a vida académica, deve equivaler a dialogar com Platão, ouvir Kant ou passear com Goethe no parque de Weimar»[28]. E, noutro passo da sua «resposta ao último considerando», sublinha: «procurei incutir aos meus alunos o amôr dos estudos sérios — entristecido de vêr ao que nos tem levado o psitacismo e o lugar-comum»[29].

Aderiu ao movimento progressista da *Universidade Livre*. Pelo Decreto n.º 5781, de 10 de Maio de 1919, foi criada em Lisboa a 1.ª Secção da Universidade Popular, considerada de utilidade pública. Este movimento irradiou a várias cidades do país. Em Coimbra, em 5 de Fevereiro de 1925, sob a presidência de Bernardino Machado, realizou-se no Salão Nobre dos

(26) Joaquim de Carvalho, *ob. cit.*, p. 15.
(27) *Ibidem*, p. 16.
(28) *Ibidem*, p. 9.
(29) *Ibidem*, p. 12.

Paços do Concelho a sessão inaugural da «Universidade Livre», verdadeira instituição de educação popular. A sessão foi aberta por Joaquim de Carvalho, em nome da Universidade Livre, tendo sido orador oficial Aurélio Quintanilha. Usaram ainda da palavra Joaquim Domingues, governador civil de Coimbra, Mário de Castro, representante da Universidade Popular Portuguesa de Lisboa, Almeida Costa, da Associação dos Professores do Ensino Primário, e João de Deus Cunha, representante da Universidade Livre de Lisboa[30].

Instalada na Torre de Almedina, por cedência do município, a Universidade Livre de Coimbra propunha-se intentar os seguintes objectivos: fomentar a cultura e a educação moral e social; promover a aproximação dos trabalhadores intelectuais e manuais; facilitar uma obra de extensão universitária; não ter preocupações políticas ou religiosas.

Pela composição da comissão organizadora se vê o carácter manifestamente abrangente e popular da Universidade Livre de Coimbra. Integrava os seguintes elementos: Adolfo de Freitas, empregado do Comércio; Alberto Martins de Carvalho, estudante de Direito e de Letras; Alberto da Silva Sanches, procurador à Junta Geral do Distrito; Alcide de Oliveira, capitão do Exército; Álvaro Viana de Lemos, professor da Escola Normal; António de Sousa, estudante de Direito; Aurélio Quintanilha, assistente da Faculdade de Ciências; Darwin Castelhano, mecânico; Floro Henriques, vereador do pelouro da instrução da Câmara Municipal, Joaquim de Carvalho, professor da Faculdade de Letras; J. Almeida Costa, professor do ensino primário e estudante de Letras; Manuel dos Reis, assistente da Faculdade de Ciências; Tomás da Fonseca, professor da Escola Normal[31].

Associou-se, desde cedo, ao movimento de ideias políticas, cívicas e filosóficas «Seara Nova». Em 1926, participa activamente na organização da célebre «Semana da *Seara Nova*», realizada em Coimbra, no Teatro Sousa Bastos e na Associação Cristã da Mocidade, em sessões iniciadas pelas 21 horas dos dias 23 a 26 de Abril. Usaram da palavra António Sérgio, Câmara Reis, Ezequiel de Campos, Mário de Castro, Rodrigues Miguéis e Sarmento Beires. Iniciativas deste tipo foram depois realizadas noutras localidades do

(30) Jorge Peixoto, *A acção de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1976, p. 12 e 13.

(31) *Ibidem*.

país, nomeadamente, Porto, Viana do Castelo, Alcobaça, Santarém, Estremoz, Évora e Faro.

Por estarem ausentes no estrangeiro, não tomaram parte nos trabalhos da «Semana da *Seara Nova*» de Coimbra dois grandes vultos «seareiros»: Jaime Cortesão e Azevedo Gomes. Por motivos de doença, Joaquim de Carvalho ficou impossibilitado de presidir à última sessão. Na véspera, pediu a Vitorino Nemésio que o representasse na coordenação dos trabalhos, através de uma carta que foi lida no almoço de confraternização, realizado no dia 25, cujo teor é o seguinte: «Os estragos de uma fortíssima constipação aconselham-me prudentemente a não sair hoje; mas, porque não quero deixar de exprimir a mais viva satisfação intelectual e moral pela acção doutrinária da Seara Nova, venho pedir-lhe, meu querido Nemésio, que no ágape gratulatório em meu nome saúde os arautos da renovação da República. Num momento em que Coimbra politicamente parece ser o cenário formoso e tranquilo das mesquinharias de místicos caciques, o doutrinarismo desinteressado, sem outra finalidade que não seja a exortação dos espíritos à reflexão dos deveres cívicos e interesses da grei, reveste-se de uma impressionante grandeza moral[32]». Retenha-se que esta simples e curta carta de Joaquim de Carvalho reflecte bem o espírito destas jornadas «seareiras». Por outro lado, no referido almoço, foi enviado um telegrama a Raul Proença, assinado por todos os presentes, professores, estudantes e intelectuais, entre os quais, Lúcio de Magalhães, Aurélio Quintanilha, Câmara Reis, Alberto Martins de Carvalho, Adolfo Correia Fonseca, Sílvio Lima, António César Abranches, Paulo Anjos Telo, Raul de Miranda, António Batoque, Alberto Cardoso do Vale, Meliço Silvestre, Álvaro Viana de Lemos, Carvalho Mamede, António Melo de Leme Mota Veiga, Campos de Figueiredo, Manuel Monteiro, Freitas Pimentel, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, António de Sousa[33].

A par da sua actividade intelectual, Joaquim de Carvalho era um homem de acção. Em carta dirigida a Henrique de Campos Ferreira Lima, Director do Arquivo Histórico Militar, datada de 2 de Novembro de 1921, confessa que tem em mente levar a cabo um grande projecto editorial: «De há muito que me atormenta a ideia de fundar uns Arquivos de Historia — publicação

(32) *Ibidem*, p. 16-18.

(33) *Ibidem*, p. 18.

semelhante ao Arquivo Histórico». Claro que um projecto de tal envergadura exigia a constituição de uma equipa, pelo que aproveita logo para convidar Ferreira Lima para nele colaborar. Três anos volvidos, em carta de 4 de Setembro de 1924, insurge-se vigorosamente contra aqueles que tudo criticam, mas que nada fazem, nos seguintes termos: «Eu só lhe agradeço a sua boa vontade e generosidade. O meu amigo é dos mais discretos e fecundos trabalhadores de hoje, e é com pessoas da sua índole que me sinto bem. Críticos, cavaleiros e programáticos, cada vez me aborrecem mais, sobretudo pelo que estorvam»[34].

A intensa e variada actividade científica de Joaquim de Carvalho (desde as suas primeiras investigações que conduziram aos estudos com que se apresentou a provas académicas até às suas últimas publicações) foi orientada fundamentalmente para duas grandes áreas do saber: a história da cultura portuguesa e o pensamento filosófico (veja-se, adiante, a bibliografia).

No que ao primeiro domínio do saber diz respeito, detecta-se uma extensa série de valiosíssimos trabalhos, muitos dos quais foram depois reunidos nos volumes *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV* (1 vol., 1949), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI* (2 vols., 1948) e *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX* («Antheriana», 1 vol., 1955). A este respeito, escreve Alexandre Morujão, na «Crónica» à memória do ilustre professor e seu Mestre: «a actividade indagadora de Joaquim de Carvalho estava enraizada na crença de que o génio nacional, como unidade viva e livre, se deveria exprimir com autonomia nas funções criadoras do espírito»[35]. Como resultado do labor reflexivo sobre esses estudos histórico-culturais, apareceram os seus magníficos ensaios *Problemática da saudade* (1950), *Elementos constitutivos da consciência saudosa* (1952) e *Compleição do patriotismo português* (1953).

Relativamente à outra área do saber, desenvolveu igualmente intensa actividade. Revelando uma sólida e proba vocação de investigador e um

---

[34] *Cartas para Ferreira Lima*, conjunto de 37 cartas escritas entre 1921 e 1949, existentes na Sala Ferreira Lima da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cota F.L. (Móvel) - 1-26-2.

[35] Alexandre Morujão, «Doutor Joaquim de Carvalho (1892-1958)», *Biblos*, vol. XXXIV, Coimbra, Faculdade de Letras, 1958, p. 661-663.

rigoroso espírito de filósofo, publicou, entre muitos outros trabalhos de mérito e para além dos já referidos estudos apresentados a provas públicas, *A teoria da verdade e do erro nas «Disputationes Metaphysicae» de Francisco Suárez* (1917), *Desenvolvimento da filosofia em Portugal durante a Idade Média* (1927), *Cultura filosófica e científica durante a Idade Média* (1932), *Evolução da historiografia filosófica em Portugal até aos fins do século XIX* (1946), *Pedro da Fonseca precursor de Suárez na renovação da metafísica* (1949), *Saber e Filosofar* (1951), *Francisco Sanches, filósofo* (1952), *Hegel e o conceito de História da Filosofia* (1952), *Bento de Espinosa. Ética: demonstrada à maneira dos geómetras* (1960). Ressaltam ainda, neste domínio, os seus magistrais prefácios e notas à tradução portuguesa do *Fedon* de Platão, aos dois primeiros livros da tradução da *Metafísica* aristotélica, à *Filosofia como ciência de rigor* de Hussel, à tradução portuguesa setecentista do *Ensaio sobre o entendimento humano* de Locke e os diversos estudos sobre Espinosa e sobre Francisco Sanches.

Como vemos, Joaquim de Carvalho é figura cimeira na história do pensamento filosófico em Portugal. Para ele, no dizer de Alexandre Morujão, a filosofia surgirá «mercê de uma ascese em que se pensam os pensamentos com austeridade e autonomia»[36]. No seu entender, o espírito reflexivo deve ser a atitude mental do filósofo. No prefácio à obra de Dilthey, *Leibniz e a sua época,* escreve: «O que importa é filosofar e não a adopção de uma filosofia»[37]. No referido texto de homenagem ao saudoso Mestre, Morujão remata assim o seu retrato intelectual: «Os últimos anos da vida dedicou-os Joaquim de Carvalho principalmente à meditação do problema tão discutido da existência de uma filosofia portuguesa. Aceitando, ao jeito hegeliano, que um povo se encontra em condições de cultivar a filosofia quando, superada a vida instintiva, concreta e material, ascende a um certo grau de espiritualidade, admitia como certo, dever o espírito nacional exprimir-se também, com originalidade própria, em matéria filosófica»[38].

Joaquim de Carvalho nasceu na Figueira da Foz, a 10 de Junho de 1892, e morreu em Coimbra, a 27 de Outubro de 1958. Era filho do comerciante desta cidade Manuel José de Carvalho e de Ana Ferreira dos Santos. Em

(36) *Ibidem.*
(37) *Ibidem.*
(38) *Ibidem.*

Outubro de 1909, matriculou-se em Direito na Universidade de Coimbra, curso que concluiu em 1914. Iniciou-se na maçonaria em 1912, na loja «A revolta», com o nome simbólico de *Guyau*.

Um dos anos fortes da sua vida foi o de 1916. Com efeito, neste ano, casou com D. Irene Montezuma de Carvalho, foi eleito sócio efectivo de «O Instituto», de Coimbra, formou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra e foi nomeado assistente provisório da Faculdade de Letras da mesma Universidade, sendo-lhe confiadas as aulas práticas de *História da Filosofia Antiga,* de *História da Filosofia Moderna* e de *Moral.* No ano lectivo de 1917-1918, assumiu a regência da cadeira de *História da Filosofia Moderna.* Entretanto, em 14 de Fevereiro de 1917, doutorou-se pela Universidade de Coimbra, com a dissertação *António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença,* trabalho com que iniciou os seus vastos e valiosos estudos sobre a história da filosofia portuguesa. Em Setembro desse mesmo ano, participou, em Granada, no Congresso Internacional comemorativo do tricentenário de Francisco Suárez.

Em Outubro de 1918, apresentou-se ao concurso para assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (VI Grupo — Filosofia), com a dissertação *Leão Hebreu, filósofo (Para a história do platonismo no Renascimento),* dando assim início ao estudo do pensamento de ilustres judeus portugueses, como Abraão Zacuto, Uriel da Costa, Bento de Espinosa, Oróbio de Castro e Jacob de Castro Sarmento. Nesse mesmo ano, passou a dirigir a *Revista da Universidade de Coimbra.* Em 1919, ascendeu à categoria de professor efectivo, com dispensa de provas públicas.

A 20 de Maio de 1921, foi nomeado secretário da Faculdade de Letras e, em 30 de Julho, administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra. Nesse mesmo ano, foi encarregado da regência da cadeira de *História da Educação,* na Escola Normal Superior. Acompanhou a Espanha, em 1923, o Orfeão e a Tuna dos estudantes de Coimbra, tendo pronunciado discursos em Salamanca e Valladolid.

Em Dezembro de 1924, no âmbito das Comemorações do 284.º Aniversário da Restauração, reeditou o *Manifesto do Reino de Portugal* e participou na homenagem a Adolfo Bonilla y San Martin, com um estudo sobre *Uma Epístola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo.* A 5 de Fevereiro de 1925, abriu a sessão inaugural da Universidade Livre, que decorreu no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Coimbra.

Em Maio de 1927, deslocou-se a Cádis para participar no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, onde pronunciou a conferência

inaugural da Secção de Ciências Históricas, Filosóficas e Filológicas. No mês seguinte, participou, em Haia, na inauguração da *Domus Spinosana.*

Assumiu o cargo de Director do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1926. Em 12 de Setembro de 1928, foi nomeado membro da Comissão de Reforma do Ensino Secundário. Em 1930, iniciou a edição na Imprensa da Universidade de Coimbra da colecção *Filósofos e Moralistas*. Nesse mesmo ano realizou uma missão de estudos a Oxford.

Participou, em Novembro de 1931, na sessão comemorativa do centenário newtoniano, realizado na Universidade de Coimbra, e, em Dezembro, na sessão inaugural do Instituto da Academia das Ciências de Lisboa. No ano seguinte, no Instituto de Estudos Portugueses de Santiago de Compostela, pronunciou várias conferências sobre Antero de Quental.

Em 1934, após o encerramento da Imprensa da Universidade, de que era administrador, foi nomeado, a 8 de Agosto, bibliotecário da Faculdade de Letras e, a 10 de Dezembro, director da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Ainda nesse mesmo ano, tomou parte no II Congresso Internacional das Ciências.

Em 1935, em reacção ao processo judicial que foi movido pelo director de *O Século*, João Pereira Rosa, ao *Diário Liberal*, de que Joaquim de Carvalho era um dos directores, um grupo de estudantes de Coimbra propôs-se organizar uma manifestação em sua homenagem. Joaquim de Carvalho, querendo vincar a sua posição e dar o exemplo de cidadania, recusou essa prova de solidariedade, alegando que lhe era intolerável uma assembleia cuja reunião ou deliberação significasse socialmente desrespeito ou crítica ao funcionamento da Justiça e dos Tribunais.

Em 1938, foi nomeado director do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra e, em 25 de Março de 1940, assumiu o cargo de secretário da mesma Faculdade.

Fundou e dirigiu a colecção *Revista Filosófica,* a *Biblioteca Filosófica* Atlântida, a *Colecção Filosófica* e os *Inedita ac Rediviva — Subsídios para a história da filosofia e da Ciência em Portugal.* Dirigiu a *Revista da Universidade de Coimbra* e foi um dos directores das *Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta* e *Acta Universitatis Conimbrigensis.*

A sua intensa actividade de docente, de investigador, de gestor e de conferencista prosseguirá até à data da sua morte, como neste estudo se demonstra. Diremos aqui, contudo, que, na sessão de 17 de Março de 1932, foi eleito sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e, em 1 de

Maio de 1939, foi eleito presidente da Direcção do Grupo de Amigos do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz.

Em 1949, realizou uma visita de estudo a várias instituições científicas e culturais de Espanha, França, Bélgica e Suíça e, em 1951, participou nas comemorações do IV centenário do nascimento de Francisco Sanches, realizado em Toulouse, Braga e Lisboa.

Nos meses de Abril, Maio e Junho de 1953, visitou o Brasil, onde regeu, na Universidade de São Paulo, dois cursos de cerca de 20 lições cada, um sobre *A evolução da cultura filosófica em Portugal, das origens ao século XIX* e outro sobre *A Filosofia de Espinosa*. Visando registar os ecos dessa jornada, seu filho Joaquim organizou e com seus irmão publicou um livro em que reuniu os cerca de 50 testemunhos da imprensa brasileira e de algumas das mais eminentes figuras da intelectualidade do país irmão e de alguns portugueses aí radicados[39].

Dentre os referidos testemunhos, respigámos breves excertos de alguns deles, que ilustram bem a imagem que o ilustre Professor de Coimbra deixou no Brasil. Concretamente, em Julho de 1953, em artigo publicado em *A Notícia*, do Rio de Janeiro, escreve João de Barros: «Não o encantam seduções transitórias, não o iludem palavras de superficial ressonância, não se deixa prender em efémeras afirmações de louvor. Investiga, pesquisa, cientista sempre no mais rigoroso e perfeito sentido do termo. Olha e compreende. Contempla e medita. Quando fala ou escreve, não escreve ou fala ao acaso. E, por isso mesmo, cria, desperta e inspira confiança. De tantos portugueses que ao Brasil consagram devoção e carinho, mestre Joaquim de Carvalho fica sendo, sem a menor dúvida, um dos mais firmes, seguros e verdadeiros apóstolos da amizade luso-brasileira, na sua mais límpida expressão»[40]. Afonso de Taunay remata a sua opinião com as seguintes palavras : «Nos meios intelectuais paulistas deixou o Dr. Joaquim de Carvalho a mais forte impressão, essa tão firme convicção de que nele se encarna um dos mais altos expoentes de maturidade e de cultura portuguesa de nossos dias»[41]. Jaime Cortesão, desde há muito radicado

---

[39] Joaquim de Montezuma de Carvalho (organização de), *Joaquim de Carvalho no Brasil*, Coimbra, Tipografia «Atlântida», 1958.

[40] *Ibidem*, p. 12.

[41] *Ibidem*, p. 21.

no Brasil, confessa: «Em si louvo a austeridade duma longa vida de sacerdote, votado ao culto do espírito; a isenção do sábio que busca, com paixão e zelo infatigável, a verdade; o desbravador de recessos virgens na história da filosofia e, por modo mais lato, da cultura em Portugal»[42]. Manuel Bandeira atesta assim os dotes do Professor: «Mal abriu a boca na primeira aula e logo vimos, pela penetrante inteligência de suas observações, pela profundidade de seus pensamentos, pela singeleza de seus modos, que estávamos diante de um verdadeiro mestre, em todo o sentido da palavra»[43]. Pedro Calmon expressa a sua admiração e respeito, nos seguintes termos: «pude avaliar devidamente as dimensões do seu espírito iluminado de uma crítica independente e de uma radiosa ânsia de verdade e equilíbrio, de ordem e justiça intelectual. Tive a honra de propor o seu nome para doutor *honoris causa* da Universideade do Brasil»[44].

Foi Doutor *honoris causa* pelas Universidades de Mompellier, Salamanca e Universidade do Brasil (depois Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro). Foi condecorado pela França com o grau de cavaleiro da Legião de Honra, «moderator» da Societas Spinosa de Haia e membro do Instituto Internacional de Filosofia[45]. Foi ainda membro de várias instituições científico-culturais, nacionais e internacionais: sócio permanente do Instituto de Coimbra (1926), sócio da Academia das Ciências de Lisboa (1932), sócio correspondente da Pontifícia Academia Tiberina (1932), académico correspondente da Academia de Belas Artes de Valladolid (1934), sócio efectivo da Sociedade de Geografia de Lisboa (1944) e sócio honorário do Gabinete Real Português de Leitura (1953)[46].

Por tudo o que se disse, não é de estranhar que o falecimento de Joaquim de Carvalho, a 27 de Outubro de 1958, tenha causado, nos círculos científico-culturais do país e do estrangeiro, grande sentimento de consternação e de perda. Como testemunho e por amável cedência do seu

[42] *Ibidem*, p. 55.

[43] *Ibidem*, p. 80.

[44] *Ibidem*, p. 97.

[45] Alexandre Morujão, *Ob. Cit.*, p. 663.

[46] Elementos constantes dos diplomas emoldurados e existentes na casa de família da Figueira da Foz e gentilmente cedidos pelo filho, Professor Doutor João Montezuma de Carvalho.

filho, Professor Doutor João Montezuma de Carvalho, transcrevemos as elucidativas palavras do Dr. Gregório Marañon, Professor da Universidade de Madrid, escritas em Fevereiro de 1959: «Seguramente estas lineas que escribo, en honor y recuerdo de Joaquim Carvalho, llevan la voz y el sentir de todos los universitarios españoles. Todos deseamos honrar la vida y la obra de este insigne português. Cuantos le conocimos, le admiramos y le amamos. Y su recuerdo, quedará entre nós outros, españoles, com la misma perdurabilidad que entre sus compatriotas».

A rematar, impõe-se esclarecer que, para melhor compreensão do âmbito das produções científicas de Joaquim de Carvalho, de Joaquimm Bensaúde, de Duarte Leite e de Fontoura da Costa, decidimos organizar e publicar, no final do estudo que dedicamos a cada um dos autores, as respectivas bibliografias, esforçando-nos por as tornar o mais completas possível. As referidas bibliografias foram organizadas a partir de compilações por nós conhecidas[47] e posteriormente completadas com outras pesquisas, nomeadamente nos catálogos em fichas e em linha da Universidade de Coimbra e no catálogo em linha da Biblioteca Nacional (Lisboa). Sempre que possível, os dados encontrados foram depois confirmados na própria fonte.

Para melhor percepção da produção bibliográfica de cada autor, as referências agruparam-se nas seguintes categorias: *Livros e artigos*; *Edição de textos e documentos*; *Traduções*; *Prefácios*; *Notícias bibliográficas e recensões críticas*; *Vária*. Excluiram-se os artigos em jornais e na imprensa periódica informativa. Contudo, quando estes se encontram republicados em colectâneas, deu-se nota dessa publicação sem que se mencione a sua origem. No caso de obras republicadas sem alterações ao texto original, à primeira publicação acrescentam-se todas as conhecidas. Quando o texto foi modificado, criou-se uma nova entrada, adicionando-se os elementos que identificam a versão original. Dentro de cada categoria, a ordenação segue os critérios cronológico e alfabético. Quando não foi possível determinar a data de publicação, as referências encontram-se no fim da categoria a que correspondem, identificadas por *[s.d.]*. Para facilitar a identificação das referências, estas foram numeradas de forma sequencial, independentemente da secção que integram.

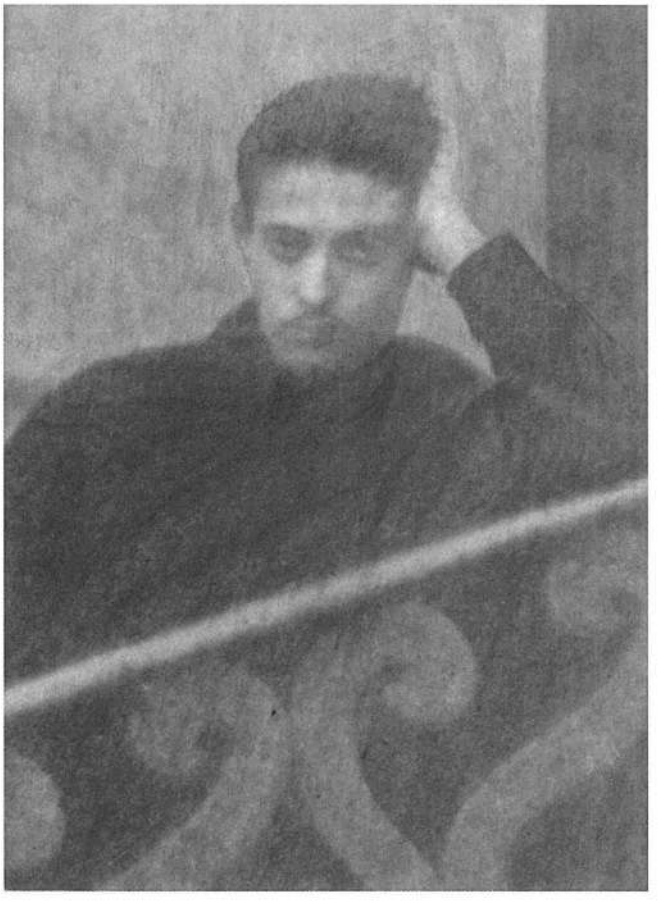
[47] No início de cada bibliografia especifica-se a base de trabalho.

Na construção das referências seguiram-se, de forma genérica, as orientações da *NP 405-1. 1994*[48]. No entanto, algumas adaptações foram feitas, especialmente ao nível da pontuação usada nos títulos, bem como no recurso a aspas (« ») para individualizar partes de monografias ou de publicações em série[49].

Agradecemos ao Prof. Doutor João Maria Montezuma de Carvalho e ao Eng. Abel Fontoura Corrêa (neto de Abel Fontoura da Costa) a cedência das ilustrações referentes aos seus familiares.

[48] NP 405-1. 1994, Documentação – *Referências bibliográficas: documentos impressos.* Lisboa: IPQ. 49 p.

[49] Os autores agradecem à Mestre Cristina Guardado a organização das bibliografias de Joaquim de Carvalho, Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Fontoura da Costa.

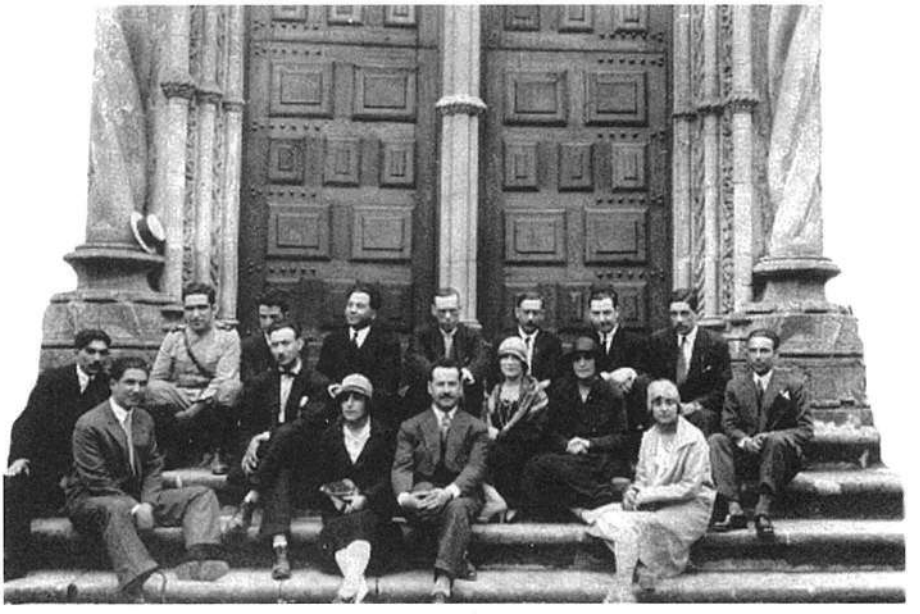


Joaquim de Carvalho quando estudante de Direito

DR. JOAQUIM DE CARVALHO

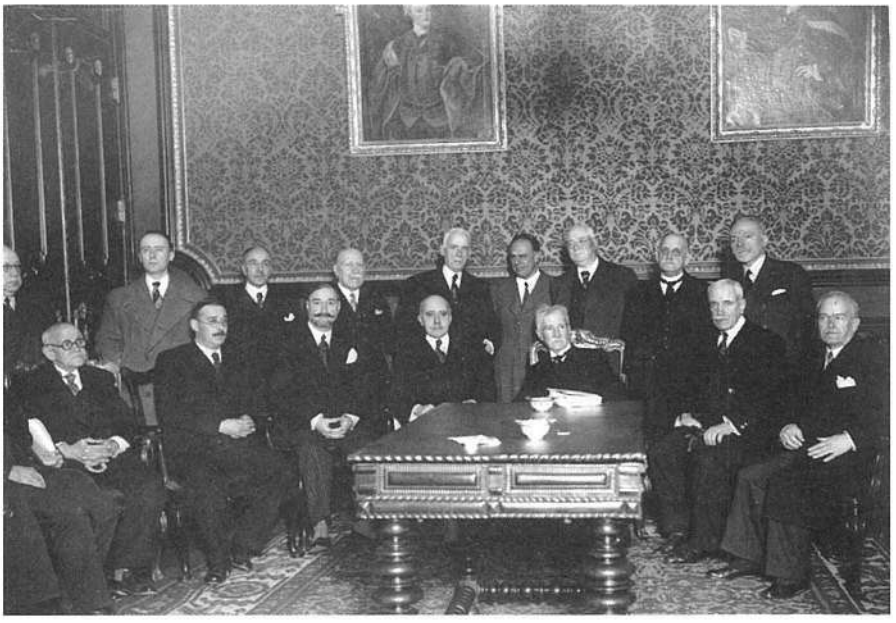
A forte têmpera dos homens de 1820 numa franzina figura de hoje. Excede, em muito, o maximo da craveira moral e mental dos nossos dias. Com mais meia duzia de semelhante valor, o mundo seria impecavelmente perfeito.

In *Sempre fixe*, 14-4-1932



Joaquim de Carvalho na Escola Normal Superior de Coimbra
(1928-1929)

Joaquim de Carvalho no seu escritório da
Casa da Imprensa da Universidade (1929)



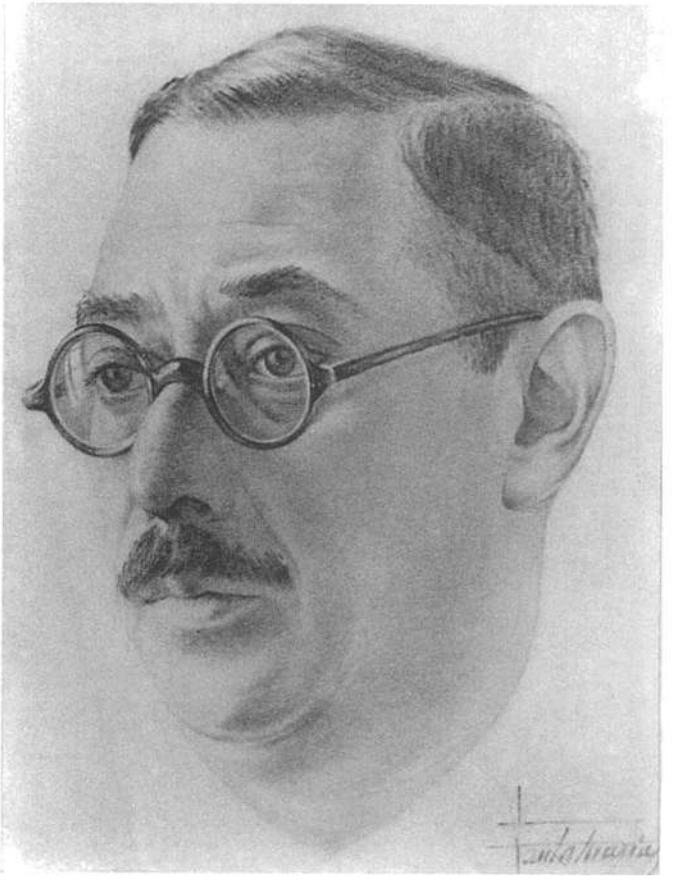
Na Academia das Ciências (Dezembro de 1937), entre outros, com Gago Coutinho, Júlio Dantas, Teixeira Botelho (1.º plano), António Forjaz, Laranjo Coelho e António Baião (2.º plano)

Joaquim de Carvalho com os quintanistas de Filosofia (1936-1937)

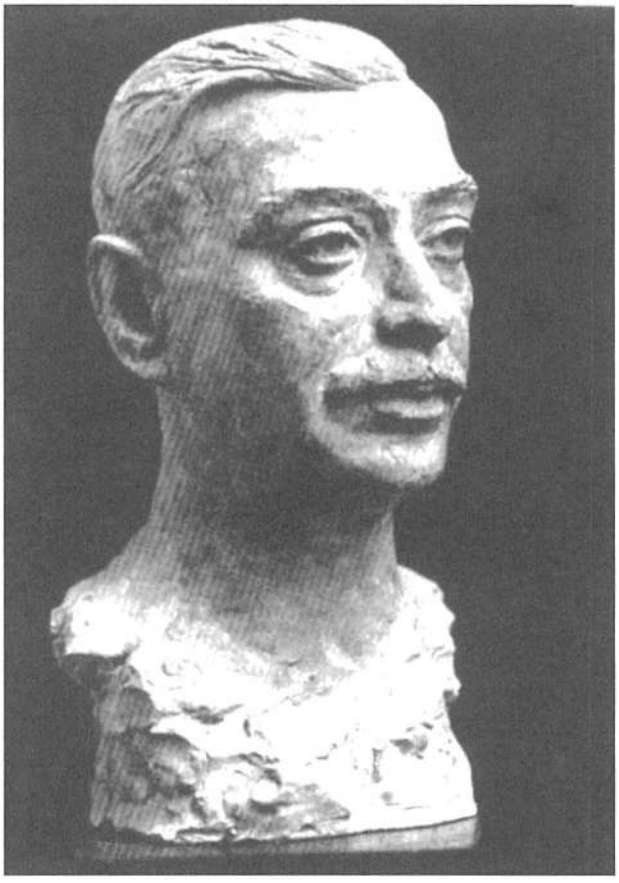
Na Biblioteca da Câmara Municipal de Amarante, aquando de uma homenagem a Teixeira de Pascoais (3.º à direita), em Março de 1951

Joaquim de Carvalho, no Real Gabinete Português de Leitura
no dia de Camões (Rio de Janeiro, Junho de 1953)

Retrato a carvão de Joaquim de Carvalho,
da autoria de Guilherme Filipe (1922)



Retrato a carvão de Joaquim de Carvalho,
da autoria de Santa Maria (1940)



Busto de Joaquim de Carvalho, do escultor Raul Xavier
(Museu Municipal da Figueira da Foz)

(Página deixada propositadamente em branco)

2. Bibliografia de Joaquim de Carvalho (1892-1958)(*)

I – Livros e artigos

[1916]

1. *António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença.* Vol. I: *António de Gouveia e Pedro Ramo.* Coimbra: França Amado, 1916. XVII, 192 p. (Estudos de História da Filosofia Portuguesa). Contém texto da dissertação de Doutoramento em Filosofia apresentada à FLUC. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. I, p. 1-116.

[1917]

2. «A teoria da verdade e do êrro nas 'Disputationes Metaphysicae' de Francisco Suárez». *Revista da Universidade de Coimbra.* Coimbra. Vol. 6, n.º 1-2 (Jan.-Jun. 1917), p. 42-69. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. I, p. 117-148.

[1918]

3. *Leão Hebreu, filósofo: para a história do platonismo no Renascimento.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. 157 p. Contém texto da dissertação de Concurso a Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (VI grupo, Filosofia). Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. I, p. 149-297.

[1919-1925]

4. «Sobre a erudição de Gomes Eannes de Zurara: notas em tôrno de alguns plágios dêste Cronista». *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra.* Coimbra. Vol. 6 (1919-1921), p. 190-20; vol. 7 (1922-1925), p. 114-140.

[1923]

5. «Excerpta bibliographica ex Bibliotheca Columbina». *Arquivo de História e Bibliografia.* Coimbra. Vol. I [1923], p. 511-544. Existe sep. Também pub. in *Arquivo de História e Bibliografia (1923-1926).* Lisboa: Imprensa Nacional, 1976. Vol. I, p. 511-576; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 257-319.

(*) Esta bibliografia foi organizada com base em pesquisas nos catálogos em fichas e em linha da Universidade de Coimbra e no catálogo em linha da Biblioteca Nacional.

[1925]

6. «Estudos sôbre as leituras filosóficas de Camões». *Lusitania. Revista de Estudos Portugueses*. Lisboa. Vol. 2, fasc. 5-6 (1925), p. 215-253. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 227-281; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 1, p. 299-335.

[1926]

7. «Uma epístola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 73, n.º 2 (1926), p. 237-254. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 2, p. 89-110; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 27-40.
8. «Ordinamento scolastico nei principali stati civili: Portogallo». In *Enciclopedia delle Enciclopedie*. Roma: A. F. Formíggini, 1926, col. 1082-1086. Existe sep.

[1927]

9. «Catálogo dos professores de Filosofia do Colégio das Artes de Coimbra e da Universidade de Évora desde 1555 a 1667». *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. 8 (1927), p. 439-448.
10. «Espinosa perante a consciência Portuguesa contemporânea». *Chronicon Spinozanum*. Haia. Vol. 5 (1927). Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 3-4.
11. «A livraria dum letrado do século XVI: Frei Diogo de Murça». *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. 8 (1927), p. 1-26. Existe sep.
12. «Um pedagogo do século XVIII: Martinho de Mendonça». *Arquivo Pedagógico*. Coimbra. Vol. 1, n.º 4 (Dez. 1927), p. 398-403. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 5-9.

[1928]

13. «Desenvolvimento da filosofia em Portugal durante a Idade Média.» *O Instituto*. Coimbra. Vol. 75, n.º 1 (1928), p. 68-89. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 1, p. 337-354.
14. «Dois inéditos de Abraham Zacuto». *Revista de Estudos Hebraicos*. Lisboa. Vol. 1 (1928), p. 9-56. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 95-183; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 41-113.
15. «Uma epístola de Isaac Abarbanel». *Revista de Estudos Hebraicos*. Lisboa. Vol. 1 (1928), p. 231-238. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Vol. 1, p. 253-268; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 115-125.
16. «Goësiana. Subsídio para o estudo das relações de Damião de Góis com Pierre Nannink e Oláh Miklos». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 75, n.º 3 (1928), p. 376-378. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 69-70.

[1929]

17. «[A cultura]». In SAMPAIO, Albino Forjaz de, dir. – *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*. Paris, Lisboa: Aillaud e Bertrand, imp. 1929. Vol. 1, p. 284-311.

18. «A evolução espiritual de Antero: ensaio breve». *Seara Nova*. Lisboa. Ano 7, n.º 162 (23 Mai. 1929), p. 275-280; n.º 166 (20 Jun. 1929), p. 339-343; n.º 171 (25 Jul. 1929), p. 35-40. Ano 8, n.º 175 (22 Ago. 1929), p. 104; n.º 178 (12 Set. 1929), p. 147-153. Existe sep.
19. «Instituições de cultura: período medieval». In SAMPAIO, Albino Forjaz de, dir. – *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*. Paris, Lisboa: Aillaud e Bertrand, imp. 1929. Vol. 1, p. 55-72. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 127-142.
20. «Instituições de cultura [período medieval]». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1929. Vol. 2, p. 599-615. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 143-166.

[1930]

21. «Formação da ideologia republicana (1820-1880)». In MONTALVOR, Luís, dir. – *História do regímen Republicano em Portugal*. Lisboa: Editorial Ática, 1930. Vol. 1, p. 163-256. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 1, p. 153-253.

[1932]

22. «Cultura filosófica e scientífica». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1932. Vol. 4, p. 475-528. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 221-305.
23. «Instituições de cultura [séculos XIV-XVI]». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1932. Vol. 4, p. 241-277. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 167-220; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 6, p. 3-53.
24. «Literatura religiosa (Fr. Heitor Pinto, D. Fr. Amador Arrais, Fr. Tomé de Jesus).» In SAMPAIO, Albino Forjaz de, dir. – *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*. Paris, Lisboa: Aillaud e Bertrand, imp. 1932. Vol. 3, p. 86-97. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 7-30.
25. «Newton e o ideal da ciência moderna». *Revista da Faculdade de Ciências*. Coimbra. Vol. 2, n.º 1 (1932), p. 29-37. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 665-671.

[1933]

26. «Instituições de cultura [século XVI]». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1933. Vol. 5, p. 555-568; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 307-328.
27. «Montaigne na História da Filosofia». *Boletim do Instituto Francês de Portugal*. Coimbra. Tomo 4, n.º 3-4 (1933), p. 48-54. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 283-291; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 1, p. 404-407.
28. «Sobre a autenticidade dos sermões de Fr. João Xira». In *Homenagem a Martins Sarmento: miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense no centenário do seu nascimento (1833-1933)*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1933. p. 91-93.
29. «Sobre o lugar de origem dos antepassados de Baruch de Espinosa». *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. 11 (1933), p. 1077-1105. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 1, p. 367-401.

[1934]

30. *Antero de Quental e a filosofia de Eduardo de Hartmann*. Lisboa: imp. Imprensa Lucas & C.ª, 1934. 27 p. Sep. de «In Memoriam de Delfim Guimarães».

[1935]

31. «A contra-revolução». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 118-124.
32. «Estabelecimento do rotativismo». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 401-411.
33. «Irradiação do movimento revolucionário». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 74-96.
34. «A obra legislativa das Côrtes». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 97-117.
35. «Período de indecisão e triunfo da corrente regeneradora». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 60-73.
36. «Regime político dos pequenos partidos». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 380-400.
37. «Da restauração da Carta Constitucional à 'regeneração' ». In PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. Vol. 7, p. 281-330.

[1935-1940]

38. «Oróbio de Castro e o espinosismo.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 14, n.º 459 (5 Dez. 1935), p. 35-39; n.º 461 (19 Dez. 1935), p. 68-73; n.º 462 (26 Dez. 1935), p. 89-95. Ano 15, n.º 464 (9 Jan. 1936), p. 115-119. Ano 17, n.º 516 (3 Jul. 1937), p. 223-228. Ano 19, n.º 636 (21 Out. 1939) p. 317-319, n.º 637 (28 Out. 1940), p. 9-11. Também pub. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa. Tomo 2 (1937), p. 183-300; in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 31-108.

[1936]

39. «Jacob de Castro Sarmento et l'introduction des conceptions de Newton en Portugal». In *Congrès International d'Histoire des Sciences, 3º: tenu au Portugal du 30 septembre au 6 octobre 1934 [...]: actes, conférences et communications*. Lisboa: [Comissão Organizadora do Congresso], 1936. p. 95-98. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 675-678.

[1937]

40. «A actividade científica da Universidade na Renascença». In *A Biblioteca da Faculdade de Medicina de Coimbra*. Coimbra: [Universidade], 1937. Vol. 3, p. 65-79. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 75-93; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 329-339.
41. «Oróbio de Castro e o espinosismo. I: Espinosa e a Holanda». *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa. Tomo 2 (1937), p. 183-300. Existe sep.

[1938]

42. «O 'Secreto de los secretos de Astrologia' do Infante D. Henrique: rectificação». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 93, n.º 4 (1938), p. 345-357. Existe sep.

[1939]

43. «Camões e a consciência nacional [resumo]». *Biblos*. Coimbra. Vol. 15, tomo 2 (1939), p. 618. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 5-6.
44. «Descartes e a cultura filosófica portuguesa». *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. Tomo 2 (1939), p. 39-69. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 1-29.

[1940]

45. «A contribuição portuguesa para o progresso humano, condicionada pela actividade descobridora e colonizadora». In BAIÃO, António; CIDADE, Hernâni; NÚRIAS, Manuel, dir. – *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Ed. Ática, 1940. Vol. 3, p. 499-508. Também pub. com o título «Os descobrimentos e a acção colonizadora dos portugueses como factores do progresso científico e da civilização». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 51-73; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 341-353.
46. «Um discípulo de Descartes ao serviço da Restauração: João Gillot». *Revista de Guimarães*. Guimarães. Vol. especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal (1940), p. 171-174. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 95-99.
47. «Influência dos descobrimentos e da colonização na morfologia da ciência portuguesa do século XVI». In *Congresso do Mundo Português: publicações*. Lisboa: Comissão Executiva dos Congressos, 1940. Vol. 5, p. 365-377. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, vol. 1, p. 21-50; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 355-383.

[1942]

48. «Alocução do Prof. Dr. Joaquim de Carvalho [no Centenário de Antero de Quental]». *Biblos*. Coimbra. Vol. 18, tomo 1 (1942), p. 267-272. Também pub. com o título «Santo Antero» in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 43-48

[1943]

49. «Galileu e a cultura portuguesa sua contemporânea». *Biblos*. Coimbra. Vol. 19, tomo 1 (1943), p. 399-482. Existe sep. Publicado em volume autónomo. Coimbra: [Coimbra Editora], 1944. 110 p. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 405-484.
50. «O pensamento português da Idade Média e do Renascimento». *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 2.ª série. Tomo 9, n.º 1 (1943), p. 243-252. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 1-19. Também pub. em língua alemã com o título «Das portugiesische Geistesleben im Mittelelter und in der Renaissance». *Europäischer Wissenschafts-Dienst*. Berlim. Jahrgang 4, Nr. 1 (Januar 1944), p. 4-7.
51. «Sôbre a origem do nónio». *Revista da Faculdade de Ciências*. Coimbra. Vol. 11, n.º 1 (1943), p. 103-110. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 213-225; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 329-339.

[1944]

52. «O livro 'Contra o juízo dos astrólogos' de Fr. António de Beja». *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. 16 (1944), p. 181-290. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1, p. 185-212; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 385-403.
53. «Sôbre a origem da concepção da inconsciência de Deus em Antero de Quental». *Biblos*. Coimbra. Vol. 20 (1944), p. 131-141.

[1945]

54. «A escola capitular de Guimarães e a legacia do cardial João de Abavila». *Revista de Guimarães*. Guimarães. Vol. 55, n.º 3-4 (1945), p. 113-121. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 485-492; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 101-107.

[1946]

55. *A cultura castreja: sua interpretação sociológica*. Lisboa: Ocidente, 1946. 30 p. Sep. de *Ocidente*. Lisboa. N.º 99 (Jul. 1946). 2ª ed. 1956. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 493-523.
56. «Evolução da historiografia filosófica em Portugal até fins do século XIX». *Biblos*. Coimbra. Vol. 22, tomo 1 (1946), p. 77-111. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 121-153.

[1947]

57. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 1. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1947. 297 p. (Acta Universitatis Conimbrigensis).
58. «Humanismo português na época da Renascença». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 2, p. 1-72. Versão corrigida e aumentada do texto «[A cultura]» publicado em 1929. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 1-43 com o título «Sobre o Humanismo português na época da Renascença.»
59. «A livraria dum letrado do século XVI: Frei Diogo de Murça». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, vol. 2, p. 111-204. Versão refundida e desenvolvida do texto pub. em 1927. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 569-638.
60. «[Notícia histórico-filosófica]». In PLATÃO – *Fédon: diálogo sobre a imortalidade da alma*. Coimbra: Atlântida Ed., 1947. p. V-CVII. Também pub. com o título «Introdução ao *Fédon* de Platão». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 155-211.
61. «Sobre a autenticidade dos sermões de Fr. João Xira». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Vol. 1, p. 243-251. Versão com acrescentos do texto originalmente pub. in *Homenagem a Martins Sarmento [...]*. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 341-346.

[1948]

62. *Em torno das «Disputationes Metaphysicae», de Francisco Suarez*. Madrid: 1948.
63. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 2. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1948. (Acta Universitatis Conimbrigensis).

64. «Gomes de Lisboa e o averroísta Nicoletto Vernia». In *Miscelânea de estudos à memória de Cláudio Basto*. Org. Hermínia Basto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1948. p. 287-293. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Vol. 1, p. 269-282; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 213-221.
65. «Prólogo». In *Monumentos de cultura e da arte tipográfica portuguesa do século XVI existentes na Biblioteca de D. Manuel II: [catálogo]*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1948. p. 7-12. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 639-660.
66. «Os sermões de Gil Vicente e a arte de pregar». Suplemento de *Ocidente*. Lisboa. Vol. 35, n.os 124, 125, 126 e 127 (1948). Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 2, p. 205-344; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 45-134.
67. «Teófilo Braga». In SIMÕES, João Gaspar, dir – *Perspectivas da Literatura Portuguesa de Século XIX*. Lisboa: Ed. Ática, 1948. Vol. 2. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 525-567.

[1949]

68. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Vol. 1. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1949. (Acta Universitatis Conimbrigensis).
69. «Manuel Fernandes Tomás, jurisconsulto». *Revista Guimarães*. Guimarães. Vol. 59 (1949), p. 159-175 e 290-317. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 385-423.
70. «A propósito da atribuição do *Secreto de los secretos de astronomia* ao Infante D. Henrique». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Vol. 1, p. 283-361; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 135-184.
71. «Sobre a erudição de Gomes Eannes de Zurara: notas em tôrno de alguns plágios dêste Cronista». *Biblos*. Coimbra. Vol. 25 (1949), p. 1-160. Versão completa do texto pub. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, (1919-1921), (1922-1925). Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Vol. 1, p. 1-241; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 185-340

[1950]

72. «Pedro da Fonseca, precursor de Suarez na renovação da metafísica». In *Actas del primer Congreso Nacional de Filosofía*: Mendoza, Argentina, Marzo 30 – Abril 9, 1949. Cuyo: Universidad Nacional, 1950. Tomo 3, p. 1927-1930. Também pub. *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.°, n.° 2 (Jul. 1951), p. 137-140; in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 11-13.
73. «Pedro Nunes mestre do Cardeal-Infante D. Henrique: nota breve a propósito de novos documentos nonianos da Biblioteca Eborense.» *A Cidade de Évora*. Évora. Ano 7. Vol. 7, n.° 21-22 (Jan.-Jun 1950), p. 3-13. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 317-327.

[1951]

74. «Leibniz e a cultura portuguesa». *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe Letras*. Lisboa. Tomo 5 (1951), p. 63-98. Também pub. em língua alemã com o título

«Leibniz in seinen Beziehungen zum portugiesischen Geistesleben», em *Beitrage zur Leibniz-Forschung*, Reutligen. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 347-384.

75. «Nas comemorações do quarto centenário do nascimento de Francisco Sanches». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.°, n.° 3 (Dez. 1951), p. 261-291. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 425-455.
76. «Problemática da saudade». In ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS – *Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, XIII: Actas*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1951. Tomo 7, p. 229-237. Também pub. *Revista de História*. São Paulo. Ano 9, n.° 34 (Abr.-Jun. 1958), p. 335-342; in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 107-115; CARVALHO, Joaquim de; JOSÉ CELA, Camilo – *Da alma portuguesa: da alma galega*. Amarante: Edições do Tâmega, 1995. p. 51-63.
77. «Saber e filosofar». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.°, n.° 1 (Mar. 1951), p. 13-34. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 355-376.
78. «Vulto e pensamento de Francisco Sanches». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.°, n.° 3 (Dez. 1951), p. 229-260.

[1952]

79. «Correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães». *Revista da Faculdade de Ciências*. Coimbra. Vol. 20 (1951), p. 93-283. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 681-687.
80. «Elementos constitutivos da consciência saudosa: esboço de um estudo». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 2, n.° 6 (Dez. 1952), p. 250-254. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 117-121, CARVALHO, Joaquim de; JOSÉ CELA, Camilo – *Da alma portuguesa: da alma galega*. Amarante: Edições do Tâmega, 1995. p. 65-71.
81. «Francisco Sanches, filósofo». *Bracara Augusta*. Braga. Vol. 3, n.° 3-4 (20-21) (Abr. 1952), p. 357-363.
82. «Hegel e o conceito de História da Filosofia.» In HEGEL, F. – *Introdução à História da Filosofia*. 2.ª ed. Coimbra: Arménio Amado, 1952, p. I-XXVIII. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 457-472.

[1953]

83. *Compleição do patriotismo português*. Coimbra: Atlântida, 1953. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 123-137; CARVALHO, Joaquim de; JOSÉ CELA, Camilo – *Da alma portuguesa: da alma galega*. Amarante: Edições do Tâmega, 1995. p. 73-95.
84. «Francisco Sanches 'versus' Giordano Bruno? Uma conjectura acerca do 'Quod nihil scitur'». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 115 (1953), p. 687-718. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obras completas*, vol. 2, p. 567-590; SANCHES, Francisco – *Que nada se sabe*. Lisboa: Vega, 1991, p. 31-52.

[1954]

85. «Morte e imanência no pensamento de Antero de Quental». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 4, n.° 10 (1954), p. 71-82. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 533-544.

86. «[Notícia histórico-filosófica]». In PLATÃO – *Fédon: diálogo sobre a imortalidade da alma.* 2.ª edição corrigida e aumentada Coimbra: Atlântida Ed., 1954.

[1955]

87. «Antero de Quental e a filosofia de Eduardo de Hartmann». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX.* Vol. 1, p. 267-302. Versão acrescentada do texto pub. em 1934. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Evolução espiritual de Antero e outros escritos*, p. 197-222; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 1, p. 409-431.
88. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX.* Vol. 1 – *Antheriana.* Coimbra: Por ordem da Universidade, 1955. (Acta Universitatis Conimbrigensis).
89. «A evolução espiritual de Antero». In CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX.* Vol. 1, p. 1-246. Versão muito acrescentada do texto pub. em 1929. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Evolução espiritual de Antero e outros escritos.* p. 7-182; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 4, p. 545-695.
90. «Sôbre a origem da concepção da inconsciência de Deus em Antero de Quental». In CARVALHO Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX.* Vol. 1, p. 303-317. Versão revista do texto pub. em 1944. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Evolução espiritual de Antero e outros escritos.* p. 223-233; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 2, p. 109-119.

[1957]

91. «No centenário de Augusto Comte». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.º 20 (Ago. 1957), p. 131-134. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 225-228.
92. «Posfácio [a Ribeiro Sanches – *Opera Philosophica*]». *Revista da Universidade de Coimbra.* Coimbra. Vol. 18 (1957), p. 160-229. Existe sep. Também pub. com o título «Os *Opera Philosophica* de Francisco Sanches». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 2, p. 505-594
93. «Teixeira de Pascoaes e Miguel Unamuno no seu epistolário». In *Epistolário Ibérico: Cartas de Teixeira de Pascoaes e de Miguel de Unamuno.* Nova Lisboa – Angola: Câmara Municipal, 1957. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 89-98.

[1967]

94. «[Notícia histórico-filosófica]». In PLATÃO – *Fédon: diálogo sobre a imortalidade da alma.* 4.ª ed. corrigida e aumentada. Coimbra: Atlântida Ed., 1967. p. V-CIII.

[1975]

95. «Reflexões sobre Teixeira de Pascoais». *Arquivos do Centro Cultural Português.* Paris. Vol. 9 (1975), p. 639-655. Também pub. in CARVALHO, Joaquim Montezuma de – «Textos inéditos de Joaquim de Carvalho sobre Teixeira de Pascoaes». *Letras.* Curitiba. n.º 23 (1975), p. 314-330; PASCOAIS, Teixeira de – *Os poetas lusíadas.* Lisboa: Assírio & Alvim, 1987, p. 11-22; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 71-88.

[1978]

96. *Obra completa: I: Filosofia e história da filosofia: 1916-1934.* Vol. 1. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1978. XXIV, 431, [8] p.

[1982]

97. «Apresentação de Francisco Sanches». In CARVALHO, Joaquim de – *Obras completas*, vol. 2, p. 436-456. Também pub. in SANCHES, Francisco – *Que nada se sabe*. Lisboa: Vega, 1991, p. 11-29.
98. *Obra completa: I: Filosofia e história da filosofia: 1939-1955*. Vol. 2. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1982. XX, 600 p.
99. *Obra completa: II: História da cultura: 1922-1948*. Vol. 3. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1982. XXVII, 664 p.

[1983]

100. *Evolução espiritual de Antero e outros escritos*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983. 235 p.
101. *Obra completa: II: História da cultura: 1948-1955*. Vol. 4. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1983. XXXI, 700, [6] p.

[1987]

102. «Antero de Quental». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 41-42.
103. *Obra completa: V: História e crítica literárias: História da ciência: 1925-1975*. Vol. 5. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1987. XXVI, 721 p.

[1989]

104. «[A corrente regeneradora (século XIX)]». Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 6, p. 55-151. Contém o texto publicado originalmente in PERES, Damião, ed. lit. – *História de Portugal*. Vol. 7, p. 60-124.
105. «[Esboço de uma história da educação]». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*, vol. 6, p. 297-519. Texto inicialmente pub. com o título *Apontamentos de História da Educação*. [S.l.: s.n., s.d.].
106. *Obra completa: VI: História das instituições e pensamento político: 1930-c. 1957*. Vol. 6. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1989. XXVIII, 529 p.

[1992]

107. *Obra completa: VII: escritos sobre a Universidade de Coimbra: 1919-1942*. Vol. 7. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1992. XXIV, 368 p.

[1996]

108. *Obra completa: VIII: Ensaios e fragmentos filosóficos e bibliográficos*. Vol. 8. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1996. XXVI, 429 p.

II – Edição de Textos e Documentos

[1919-1921]

109. «Um manuscrito de Manuel de Faria Severim?». *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. 6 (1919-1921), p. 183-189. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 59-62.

[1922]

110. «Cartas de José da Cunha Brochado ao conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 69, n.º 9 (1922), p. 393-403; 10 (1922), p. 441-456; 11 (1922), p. 504-513; 12 (1922), p. 578-584. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 173-209.

111. OLIVEIRA – *Discours pathétique au sujet des calamitées présentes, arrivées en Portugal*. Nova ed. com notícia bibliográfica de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. (Biblioteca do século XVIII; 1). «Notícia Bibliográfica» também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 1-16; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 243-255.

[1937]

112. FERREIRA, Francisco Leitão – *Alphabeto dos lentes da insigne Universidade de Coimbra: desde o anno de 1537 em diante*. 2ª ed. Pub., rev. e anot. de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1937. Notícia preliminar também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 7, p. 15-17.

113. *Memórias da Universidade de Coimbra*. Ordenadas por Francisco Carneiro de Figueiroa. Pub., rev. e anot. de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1937. (Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta). Notícia preliminar também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 7, p. 21-24.

[1937-57]

114. FERREIRA, Francisco Leitão – *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*. Pub., rev. e anot. de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1937-1957. 5 vols. (Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta). Aditamentos e notas também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 7, p. 27-357.

[1940]

115. «Anotações ao 'Astronomici introductorii de spaera epitome' ». In NUNES, Pedro – *Obras*. Lisboa: Academia das Ciências, 1940. Vol. 1, p. 329-333. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 447-453.

116. «Anotações ao 'Tratado da Sphera' ». In NUNES, Pedro – *Obras*: Lisboa: Academia das Ciências, 1940. Vol. 1, p. 271-325. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 375-445.

[1943]

117. BEJA, António de – *Contra os juízos dos astrólogos*. Reed. prefacida e anotada por Joaquim de Carvalho. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943. 114 p. (Inedita ac Rediuiua: subsídios para a história da Filosofia e da Ciência em Portugal; 1).

118. NUNES, Pedro – *De crepusculis*. Anotações e colaboração na revisão e tradução de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1943. Anotações também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 455-563.

119. NUNES, Pedro – *Libre de crepusculis de Allacen*. Lisboa, 1943. Anotações também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 565-578.

[1950]

120. ESPINOSA, Bento de – *Ética demonstrada à maneira dos geómetras: parte I – De Deus.* Trad., introd. e notas Joaquim de Carvalho. Coimbra: Atlântida, 1950. (Biblioteca Filosófica; 7). 2.ª ed. de Coimbra: Atlântida, 1960. Introd. também pub. com o título «Introdução à *Ética* de Espinosa». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 2, p. 223-299.
121. NUNES, Pedro – *Livro de Algebra en Arithmetica y Geometria.* Anotações e colaboração na revisão e tradução de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1950. Anotações também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 589-659.

[1951]

122. ARISTÓTELES – *Metafísica.* Livros I e II. Trad. Directa do grego por Vincenzo Cocco. Introd. e notas de Joaquim de Carvalho. Coimbra: [Atlântida], 1951. (Biblioteca Filosófica; 8). 2.ª ed. 1969. Introd. também pub. com o título «Introdução à *Metafísica* de Aristóteles». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 2, p. 377-424
123. NUNES, Pedro – *De erratis orontii finaei.* Lisboa. Anotações também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 579-587.

[1952]

124. «Duas cartas inéditas de Miguel de Unamuno». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 2, n.º 5 (Ago. 1952), p. 177-180. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 119-122.
125. «Uma obra desconhecida e inédita de Pedro Nunes: [Defensão do tratado da rumação do globo para a arte de navegar]». *Revista da Universidade de Coimbra.* Coimbra. Vol. 17 (1952), p. 521-631. Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 341-374.

[1955]

126. «Carta inédita de Eduard von Hartmann a Joaquim de Vasconcelos». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 5, n.º 13 (Mai. 1955), p. 71-72. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 117.
127. «Duas cartas de D'Alembert e de Euler (pai) dirigidas a Ribeiro Sanches: do epistolário inédito de Ribeiro Sanches». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 5, n.º 14 (Set. 1955), p. 197-201. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 125-129.
128. SANCHES, Francisco – *Opera Philosophica.* Nova ed. com introd. de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Universidade, 1955. LXXV, 159 p. (Inedita ac Rediuiua: subsídios para a história da Filosofia e da Ciência em Portugal)

[1960]

129. ESPINOSA, Bento de – *Ética: demonstrada à maneira dos geómetras.* Coimbra: Atlântida, 1960. 3 vols.
130. ESPINOSA, Bento de – *Ética.* Livro I – *De Deus.* Trad., introd. e notas Joaquim de Carvalho. Coimbra: Atlântida Ed.. (Biblioteca Filosófica).

III – Traduções

[1936]

131. GARCIA MORENTE, Manuel – *A crença no progresso*. Trad. de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Seara Nova, 1936. 53 p. (Cadernos da «Seara Nova»: estudos filosóficos).
132. GARCIA MORENTE, Manuel – *Ensaios sôbre o progresso*. Trad. de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Seara Nova, 1936. 86 p. (Cadernos da «Seara Nova»: estudos filosóficos).

IV – Prefácios

[1924]

133. «Prefácio». In [VIEGAS, António Pais] – *Manifesto do reino de Portugal no qual de declara o direito, causas e o modo que teve para eximir-se da obediência do rei de Castela e tomar a voz de D. João IV*. Nova ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924. p. V-XI. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 213-215.

[1931]

134. «Prefácio». In GAIO, Manuel da Silva – *Os vencidos da vida*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. p. IX-XIII. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 103-104.
135. «Prefácio». In OLIVEIRA, Osório de – *Geografia literária*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931, p. XI-XV. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 101-102.
136. «Prefácio». In QUENTAL, Antero de – *Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*. Pub. por Francisco de Assis de Oliveira Martins. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. p. V-XI. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX*. Vol. 1, p. 247-253; CARVALHO, Joaquim de – *Evolução espiritual de Antero e outros escritos*. p. 183-187; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 49-52.

[1933]

137. «[Prefácio]». In ALMEIDA, António José de – *Quarenta anos de vida literária e política*. Lisboa: J. Rodrigues & C.ª, 1933. Vol. 2, p. V-XVIII. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 217-224.

[1934]

138. «[Explicação prévia]». In COLERUS, João – *Vida de Bento de Espinosa: em forma breve mas verdadeira, segundo documentos autênticos, e testemunho oral de pessoas ainda em vida*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934, p. V-XVI. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 225-230.
139. «Prefácio». In SILVA, Carlos Eugénio Correia da – *Vita brevis*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934, p. V-XXXI. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 167-184.

[1936]

140. «[Prefácio]». In SOMBRIO, Carlos – *João de Barros: ensaio literário e bibliográfico*. Figueira da Foz: Tipografia Popular, 1936, p. 3-4. Também pub. com o título «[Inspiração vitalista e universalidade dos temas poéticos]». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 287-288.

[1939]

141. «Carta-prefácio». In OLIVEIRA, Manuel Ramos de – *Celorico da Beira e o seu concelho através da história e da tradição*. Celorico da Beira: Tip. Mondego, 1939, p. 5-8. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 143-145.

[1942]

142. «Prefácio». In SOUSA, Abel Lopes de Almeida – *Catálogo de manuscritos (códices 2.205 a 2.309). Apostilas de Filosofia. I: Lógica*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1942, p. V-VII. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 7, p. 361-362.

[1943]

143. «Prefácio». In SAVIOTTI, Gino – *Pequena história da estética*. Coimbra: Coimbra Editora, 1943.

[1945]

144. «Prefácio». In QUENTAL, Antero de – *Raios de extinta luz*. 2ª ed. Lisboa: Couto Martins, 1945, p. 5-16. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX*. Vol. 1, p. 255-265; CARVALHO, Joaquim de – *Evolução espiritual de Antero e outros escritos*. p. 189-196. CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 53-59.

[1947]

145. «Prefácio». In BAKER, John R. – *A ciência e o Estado planificado*. Coimbra: [Atlântida], 1947, p. V-XIX.

146. «Prefácio». In DILTHEY, Wilhelm – *Leibniz e a sua época*. Coimbra: Arménio Amado, 1947. (Studium: temas filosóficos, jurídicos e sociais; 55). Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 15-24.

[1949]

147. «Explicação prévia». In ROCHA, António dos Santos – *Memórias e explorações arqueológicas*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1949. Vol. 1, p. V-VII. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 231-232.

[1950]

148. «Prefácio». In LOCKE, John – *Ensaio filosófico sobre o entendimento humano*. Coimbra: Atlântida, 1950.
(Inedita ac Rediviva; 2). Também pub. com o título «Introdução ao *Ensaio filosófico sobre o entendimento humano* John Locke». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 301-354.

[1951]

149. «Prefácio». In SANTOS, Mariana Amélia Machado – *Manuscritos de Filosofia do século XVI existentes em Lisboa – Catálogo*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1951. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 237-240.

[1952]

150. «Prefácio». In HUSSERL, Edmundo – *Filosofia como ciência de rigor*. Trad. Albin Beau. Coimbra: Atlântida, 1952, p. V-LVIII. (Biblioteca Filosófica). 2.ª ed. de Coimbra, 1965. Também pub. com o título «Introdução à *Filosofia como ciência de rigor* de Husserl. In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 2, p. 473-503.

[1954]

151. «[Carta-prefácio]». In FIGUEIREDO, C. J. Moreira de – *João Ramalho: patriarca dos bandeirantes e filho de Vouzela [...]. Beira Alta*. Viseu. Vol. 13, fasc. 1-2 (1954), p. 113-120. Também pub. in *O Instituto*. Coimbra. Vol. 117 (1955), p. 123-129; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 151-156, com o título «Carta a Cristóvão Moreira de Figueiredo».
152. «Prefácio». In ROCHA, A. Santos – *Materiais para a História da Figueira da Foz nos sécs. 17 e 18*. 2ª ed., Figueira da Foz:, 1954. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 233-235.

[1958]

153. «Prefácio». In FERREIRA, Eugénio – *Intercolúnio: ensaios de crítica literária*. Luanda: imp. Tipografia Angolana, 1958, p. 11-16. Também pub. com o título «[Limites do ensaísmo]». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 289-292.

V – Notícias bibliográficas e recenções críticas

[1925]

154. «Camões na Alemanha. J.J. A. Bertrand: *Camoëns en Alemagne* [...]». *Lusitania. Revista de Estudos Portugueses*. Lisboa. Vol. 2, fasc. 5-6 (1925), p. 361-662.
155. «Fr. Heitor Pinto e Fr. Luís de León. Nota biográfica sugerida pelo livro de Aubrey F. G. Bell [...]». *Lusitania. Revista de Estudos Portugueses*. Lisboa. Vol. 3, fasc. 8 (Dez. 1925), p. 255-262. Existe sep. Também publicado em castelhano com o título «Fray Luis de León y Fray Héctor Pinto: comentarios a una actitud». *Revista de la Biblioteca, Archivo y Museo del Ayuntamento de Madrid*. Madrid (1932). Existe sep. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Vol. 2, p. 73-88; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 3, p. 17-26; CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 333-339.
156. «Para uma interpretação do 'Coração Mendes'. Nota bibliográfica». *Lusitania. Revista de Estudos Portugueses*. Lisboa. Vol. 2, fasc. 5-6 (1925), p. 359-361.
157. «Sobre Fr. Serafim de Freitas. Nota em torno de – *Anales Universitarios. Historia de la Universidad de Valladolid. Bio-bibliografias de juristas, notables* [...]». *Lusitania. Revista*

de Estudos Portugueses. Vol. 3, facs. 8 (Set. 1925), p. 96-98. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 329-331.

[1926]

158. «DANIEL MORNET, maître de conférences à la Sorbonne – *Histoire des grandes oeuvres de la littérature française* [...]». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 73, n.º 2 (1926), p. 271.
159. «HOMERO SERÍS – *La reaparición del 'Tirant lo Blanch' de Barcelona de 1497* [...]». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 73, n.º 4 (1926), p. 566.
160. «URIEL DA COSTA: *Une vie humaine* [...]». *Lusitania. Revista de Estudos Portugueses*. Lisboa. Vol. 3, fasc. 9 (Abr. 1926), p. 425-429. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 31-38.

[1942]

161. «[Recensão] D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO – *Tacito Portuguez. Vida e morte, dittos e feytos de El-rei Dom João IV* [...]». *Brasilia*. Coimbra. Vol. 1 (1942), p. 773-776. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 379-383.

[1944]

162. «De re Copernicana. Notícia de alguns livros comemorativos do quatro centenário da morte de Copérnico» *Biblos*. Coimbra. Vol. 20 (1944) p. 499-506.
163. «[Recensão] Lothar Thomas – Contribuição para a história da filosofia portuguesa. Vol. I. Traduzido por António José Brandão. Lisboa, 1944 [...].» *Biblos*. Coimbra. Vol. 20 (1944) p. 497-499.

[1951]

164. «AGOSTINHO VELOSO, S.J., *A mensagem de Leonardo Coimbra. Testemunho de um seu comtemporâneo* [...]». *Revista Filosófica*. Lisboa. Ano 1, n.º 1 (Mar. 1951), p. 83. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 349.
165. «ALCANTARA NOGUEIRA, *Universo. Tratado* de filosofia racional [...] Rio de Janeiro, 1950, Irmãos Pongetti, Editores». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.º, n.º 2 (Jul. 1951), p. 201.
166. «J. CRUZ COSTA, *Augusto Comte e as origens do Positivismo* [...] São Paulo, 1951». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.º, n.º 2 (Jul. 1951), p. 196-197. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 343-344.
167. «[Recensão] *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia*. Promovido pelo Instituto Brasileiro de Filosofia sob os auspícios da Reitoria da Universidade de São Paulo. [...]São Paulo, 1950». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1, n.º 2 (Jul. 1951), p. 181-193.
168. «[Recensão] ANGEL LOSADA, *Juan Gines de Sepulveda através de su 'Epistolario' y nuevos documentos*. Ed. do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1949 [...]». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1.º, n.º 1 (Mar. 1951), p. 82-83. Também pub. in CARVALHO Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 347.
169. «[Recensão] Biblioteca Española de Escritores Políticos – *Glosa castellana al Regimiento de Principes de Egídio Romano*. Edición, estúdio preliminar y notas de Juan Beneyto Perez [...]. Pub. pelo Instituto de Estúdios Políticos de Madrid». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 1, n.º 2 (Jul. 1951), p. 194-196. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 341-342.

170. «[Recensão] PETRI HISPANI – *Summulae logicales* quas e codice manu scripto Reg. Lat. 1205 edidit I. M. Bochenski O. P. in Universitate Friburgensi Helvetiorum professor, Domus Editorialis Marietti, Turim, 1947[...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 1.°, n.° 1 (Mar. 1951), p. 78-80.

171. «[Recensão] SOCIÉTÉ DE PHILOSOPHIE DE BORDEAUX – *Les Sciences et la Sagesse. Actes du V^e Congrès des Sociétés de Philosophie de langue française* [...] Paris, 1950, Presses Universitaires de France». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 1, n.° 1 (Mar. 1951), p. 87-93. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 385-390. Também pub. com o título «As ciências e a sabedoria». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 217-223.

[1952]

172. «EGAS MONIZ, *Conferências médicas e literárias.* Vol. V, Lisboa, Portugália Editora, 1952». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 2, n.° 4 (Abr. 1952), p. 89. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 367-368.

173. «LAERTE RAMOS DE CARVALHO, *A formação filosófica de Farias Brito* [...] Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Paulo». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 2, n.° 4 (Abr. 1952), p. 93-96. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 375-378.

174. «OBRAS DE FARIAS BRITO. *I. O mundo interior. Ensaio sobre os dados gerais da Filosofia do Espírito.* Introdução de Barreto Filho. 2.ª ed., Instituto nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1951. [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 2, n.° 4 (Abr. 1952), p. 90-92. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 371-373.

[1953]

175. «[Recensão] A. CARNEIRO LEÃO: *Panorama sociologique du Brésil.* Préface de Georges Davy. Paris, 1953, Presses Universitaires de France [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 3, n.° 8 (Set. 1953), p. 154-158. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 375-378.

176. «[Recensão] *Cristianesimo e Ragion di Stato. L'Umanesimo e il demoniaco nell'Arte.* Atti del II Congreso Internazionale di Studi Humanistici a cura di Enrico Castelli. [...] Roma, 1935, Fratelli Bocca ed.». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 3, n.° 8 (Set. 1953), p. 167-171. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 351-354.

177. «[Recensão] EVARISTO DE MORAES FILHO, *Francisco Sanches na renascença portuguesa,* Rio de Janeiro, 1953 [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 3, n.° 8 (Set. 1953), p. 159-166.

178. «[Recensão] Miguel Reale, *Filosofia do Direito* [...] São Paulo, 1953, Edição Saraiva». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 3, n.° 9 (Dez. 1953), p. 256-257.

179. «[Recensão] Pedro Calmon, *História das ideias políticas.* Rio de Janeiro, 1952, Livraria Freitas Bastos [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 3, n.° 9 (Dez. 1953), p. 252-256.

[1957]

180. «Novas revistas filosóficas hispano-americanas». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.° 21 (Dez. 1957), p. 344-349. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 355-360.

181. «[Recensão] AUGUSTO GUZZO, *La Scienza.* Turim, 1955 [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.° 21 (Dez. 1957), p. 350-351. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 361-362.

182. «[Recensão] AUGUSTO SALAZAR BONDY, *La Filosofia en el Perú. Panorama histórico.* Washington, 1954 [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.º 21 (Dez. 1957), p. 354-355. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 367-368.

183. «[Recensão] EVARISTO DE MORAES FILHO, *Augusto Comte e o pensamento sociológico contemporâneo* [...] Rio de Janeiro, 1957, Livraria São José». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.º 20 (Ago. 1957), p. 262-265.

184. «[Recensão] *La filosofia Latinoamericana contemporanea.* Selección y prólogo de Aníbal Sánchez Reulet [...] Washington, 1949». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.º 21 (Dez. 1957), p. 352-353. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 365-366.

185. «[Recensão] JOÃO CRUZ COSTA, *Contribuição à História das Ideias no Brasil* (O desenvolvimento da Filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional) [...] Rio de Janeiro, 1956, Livraria José Olympio Editora». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.º 20 (Ago. 1957), p. 253-258.

186. «[Recensão] JOSEPH MOREAU, *L'Univers leibnizien.* Paris y Lyon 1956, ed. Emmanuel Vitte [...]». *Revista Filosófica.* Coimbra. Ano 7, n.º 21 (Dez. 1957), p. 352. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 363.

[1987]

187. «Notícia e análise de livros». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 5, p. 241-283. Contém várias recensões publicadas em vários números da *Revista Filosófica.*

[1996]

188. «Sumário de revistas portuguesas e brasileiras». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 345-346.

VI – Vária

[1917]

189. «O tricentenario da Francisco Suárez e o Congresso Internacional de Granada». *Revista da Universidade de Coimbra.* Coimbra. Vol. 6, n.º 3-4 (Jul.-Dez. 1917), p. 490-497. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 47-57.

[1919]

190. *A minha resposta: ao último considerando do decreto que desanexou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.* Coimbra: Tipografia França Amado, 1919. 18 p. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 7, p. 3-11.

[1923]

191. «Advertência». *Arquivo de História e Bibliografia.* Coimbra. Vol. I [1923], p. [1]. Também pub. in *Arquivo de História e Bibliografia (1923-1926).* Lisboa: IN-CM, 1976. Vol. I, p. 1.

192. «Advertência». In NOGUEIRA, J. F. Henriques – *Estudos sobre a Reforma em Portugal.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923. p. V-VI. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa.* Vol. 8, p. 211.

[1925]

193. «Discurso do Secretário Geral da Comissão Executiva do Congresso, Prof. Joaquim de Carvalho». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 72. N.º 5 (1925), p. 601-603. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 27-28.
194. «D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [Discurso proferido aquando do seu funeral]». *Biblos*. Coimbra. N.º 1, fasc. 12 (1925), p. 582-584. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 155-157.

[1926]

195. «Alguns trabalhos da Prof. Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 73, n.º 2 (1926), p. 168-171. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 63-67.
196. «D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 73, n.º 2 (1926), p. 161-162. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 159-160.

[1927]

197. «[Dr. Luciano Pereira da Silva]». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 73, n.º 3 (1926), p. 550-554. Também pub. *Arquivo Literário*. Lisboa. Vol. 15 (Jul.-Dez. 1927), p. 234-238; in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 161-165.

[1928]

198. «Pedro A. de Azevedo». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 75, n.º 2 (1928), p. 218-230. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 71-81.

[1930]

199. «[Discurso de recepção do filósofo alemão Conde de Keyserling na Academia das Ciências de Lisboa]». *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. Nova série. Vol. 2 (1930), p. 385-398. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 1, p. 355-365.

[1932]

200. *Discurso proferido na sessão inaugural do Instituto de Altos Estudos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932. 35 p. Também pub. com o título «[O ideal moderno da ciência]». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*, vol. 5, p. 297-314.

[1933]

201. «[Discurso pronunciado na cerimónia de Doutoramento dos Professores Doutores Agostinho Celso de Azevedo Campos e Virgílio Correia Pinto da Fonseca]». *Biblos* Coimbra. Vol. 9, fasc. 5-8 (1933), p. 487-504 . Existe sep.

[1937]

202. «Discurso do sr. Joaquim de Carvalho [Recepção na Academia das Ciências do Académico Henrique de Vilhena]». *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. Nova série. Vol. 9 (1937), p. 23-40. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 29-40.

[1939]

203. «[Discurso de homenagem a Eugénio de Castro]». *Biblos*. Coimbra. Vol. 15, tomo 2 (1939), p. 602-604. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 63-64.

[1940]

204. «Discurso». In *In memoriam da reabertura do Museu Municipal Dr. Santos Rocha: 1945*. Figueira da Foz: 1947. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 41-44.

[1944]

205. «Discurso do Sr. Professor Dr. Joaquim de Carvalho [Homenagem a Luciano Cordeiro]». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 62.ª série. N.º 10-11 (Nov.-Dez. 1944), p. 635-647. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 141-154.
206. «Dr. Vergílio Correia (19-X-1888 – 3-VI-1944)». *Biblos* Coimbra. Vol. 20 (1944), p. 610-618. Existe sep.

[1946]

207. «[In memoriam de Eugénio de Castro] Discurso do Prof. Doutor Joaquim de Carvalho, em representação da Academia das Ciências de Lisboa». *Biblos*. Coimbra. Vol. 22, tomo 1 (1946), p. 223-224. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 65-66.
208. «[Vergílio Correia]». In CORREIA, Vergílio – *Obras*. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1946. Vol. 1, p. V-XIX. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 197-205.

[1950]

209. *Livros de D. Manuel II: manuscritos, incunábulos, edições quinhentistas, camoniana e estudos de consulta bibliográfica: catálogo*. Selec. e apresentados por Joaquim de Carvalho. Coimbra: Atlântida, 1950. 106 p. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 4, p. 425-532.

[1951]

210. «Estado actual do conhecimento da correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães». *Revista Filosófica*. Coimbra. N.º 1 (Mar. 1951), p. 65-70. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 681-687.
211. «Uma obra inédita de Pedro Nunes: Defensão do Tratado da rumação do globo para a arte de navegar». *Revista Filosófica*. Coimbra. N.º 2, (Jul. 1951), p. 176-180. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 113.
212. «Posição». *Revista Filosófica*. Coimbra. N.º 1 (Mar. 1951), p. 5-11.

[1952]

213. «*Conclusiones de Metaphysica* sustentadas no Colégio Franciscano do Recife». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 2.º, n.º 4 (Abr. 1952), p. 75-83. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 115-116.

214. «*In memoriam* Teixeira de Pascoais (1878-1952)». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 2, n.º 6 (Dez. 1952), p. 183-184. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 69.

[1953]

215. «[Teixeira de Pascoaes]». *Cadernos de Poesia*. (1953). Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 123.

[1955]

216. «*In memoriam* Egas Moniz (1874-1955)». *Revista Filosófica*. Coimbra. Ano 5, n.º 15 (Dez. 1955), p. 205-206. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 207-208.
217. «Discurso do Dr. Joaquim de Carvalho: São Paulo e o Brasil que se constrói». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 117 (1955), p. 234-242. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 231-239.

[1957]

218. *Divagações dum louco: poemas*. Castelo Branco: ed. aut., 1957. 97 p.

[1958]

219. «Ricardo Jorge na historiografia cultural portuguesa». *Ocidente*. Lisboa. Vol. 54, n.º 241 (Mai. 1958), p. 186-189. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 209-213.

[1976]

220. «[Carta a Armando Cortesão]». In *Arquivo de História e Bibliografia 1923-1926*. Lisboa: IN-CM, 1976. Vol. 1, p. LXII-LXIII.
221. «[Carta a Carlos Alberto da Costa Soares]». In AZEVEDO, José Pires Lopes de – *Roteiro da Exposição-homenagem ao Professor Doutor Joaquim de Carvalho*. Figueira da Foz: Câmara Municipal, 1976. p. 35-37. Também pub. com o título «Uma lição de comportamento cívico. Carta a Carlos Alberto da Costa Soares». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 149-150.
222. «[Carta ao Dr. J. Lopes Dias]». In AZEVEDO, José Pires Lopes de – *Roteiro da Exposição-homenagem ao Professor Doutor Joaquim de Carvalho*. Figueira da Foz: Câmara Municipal, 1976. p. 20. Também pub. in CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 147-148.

[1987]

223. «Agostinho de Campos e Vergílio Correia». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 5, p. 185-196.

[1989]

224. «Com a razão nas mãos». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 6, p. 261-282.
225. «Liberalismo e democracia ou glosa de um juízo de Herculano». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 6, p. 257-259.
226. «Reflexão sobre a Universidade». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 6, p. 291-294.

227. «Sobre a ideia de Estado Total». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 6, p. 283-290.

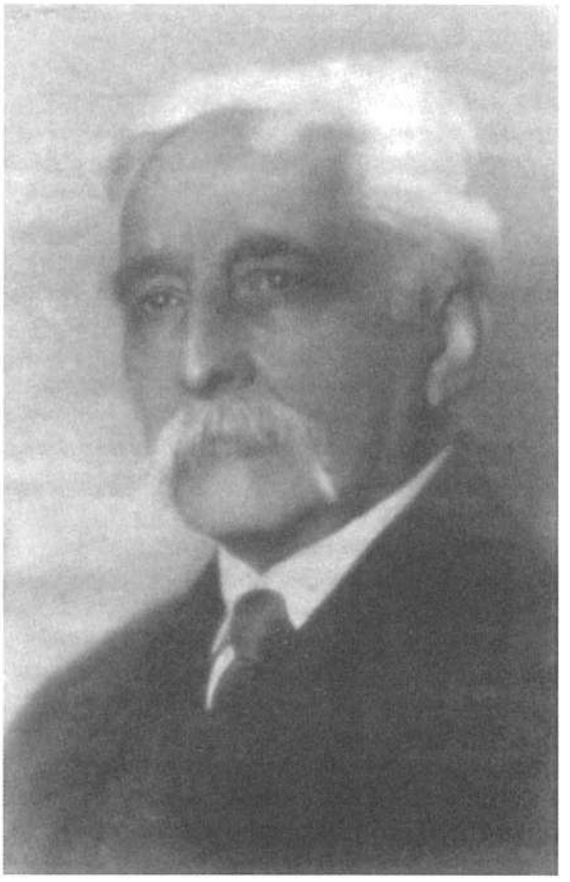
[1996]

228. «Cartas a João de Barros». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 133-140. Pub. inicialmente por Livros do Brasil [s.d.].
229. «A conquista do direito. A propósito da 'Conquista do direito na sociedade romana' do Dr. Artur Montenegro, Coimbra, 1934». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 321-325.
230. «Dr. Alves dos Santos». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 83-86.
231. «Física recreativa: moeda furada com agulha». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 394.
232. «Memórias dum ferro-velho». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 157. Pub. inicialmente por Portugália Editora [s.d.].
233. «Os meus 'Elementos de História de Portugal' e a crítica, por Alfredo Pimenta». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 141-142.
234. «As minhas férias». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 394.
235. «No centenário de Anselmo Braamcamp Freire. Reflexão breve de um seu editor». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 109-112.
236. «Pombal, ou a contradição na política». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 87-90.
237. «Rui de Azevedo, historiador. Breves palavras». In CARVALHO, Joaquim de – *Obra completa*. Vol. 8, p. 91-93.

II — O Engenheiro-Historiador Joaquim Bensaúde

Por Azevedo e Silva

(Página deixada propositadamente em branco)



Joaquim Bensaúde

(Página deixada propositadamente em branco)

1. Breves notas biográficas

Joaquim Bensaúde nasceu na cidade de Ponta Delgada (Açores), em 27 de Março de 1859, e faleceu em Lisboa, em 7 de Janeiro de 1952. Era filho do empresário José Bensaúde, dinâmico continuador e gestor da grande casa empresarial da família hebraica Bensaúde, originária de Marrocos e radicada nos Açores desde 1818[1].

Em 1874, com apenas 15 anos de idade, foi enviado por seu pai para a Alemanha, onde veio a realizar os seus estudos preparatórios e superiores na Escola Técnica Superior de Clausthal, em Hanover, pela qual viria a diplomar-se em engenharia civil. Exerceu a sua actividade profissional na «Queen's Dock», de Londres, nas docas de Cette, em França, e na doca do porto de Lisboa. Colaborou nas unidades industriais que, em Coimbra e no Algarve, pertenciam a parentes seus. Em 1919, pelo falecimento de D. Emília Bensaúde, tornou-se sócio da Casa Empresarial Bensaúde.

Como ele próprio esclarece numa das suas 35 cartas a Joaquim de Carvalho, viveu na Alemanha entre 1874 e 1884 e aí voltará depois para proceder às suas investigações históricas[2]. As suas obrigações comerciais e as suas paixões históricas levaram-no a estanciar em várias cidades de

---

[1] Fátima Sequeira Dias, *Uma estratégia de sucesso numa economia periférica. A Casa Bensaúde e os Açores (1800-1870)*, Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana, 1999, p. 17 e 78.

[2] *Correspondência de Joaquim Bensaúde para Joaquim de Carvalho*, conjunto de 35 cartas (34 autógrafas e a última dactilografada), publicado no final deste estudo, *Carta 13*. Doravante, faremos a referência apenas ao número da respectiva carta.

outros países europeus, nomeadamente a Suíça, a França, a Inglaterra e a Espanha, como nos mostram as cartas endereçadas a Joaquim de Carvalho e a Cândido Nazaré, entre 1924 e 1931[3]. No domínio das artes, cultivou o canto, o violoncelo, a pintura e a cerâmica.

Foi membro da Academia das Ciências de Lisboa, admitido em 29 de Abril de 1915, e da Academia Portuguesa de História, desde 22 de Dezembro de 1937.

A sua sucessora na ocupação da cadeira n.º 17 desta última Academia, Virgínia Rau, no elogio que, pela praxe académica, lhe coube fazer na sessão solene de 9 de Março de 1956, definiu-lhe assim o seu temperamento e os seus traços de carácter: «Joaquim Bensaúde foi um apaixonado, um emotivo e um incompreendido. De estatura mediana, nervoso, olhos negros e vivos, de feições marcadamente semitas, tinha uma índole reservada e um estranho pudor dos seus sentimentos e das suas emoções. Desde bem novo revelou as múltiplas facetas dum génio exaltado, de simpatias violentas, que procurava na criação artística uma evasão da realidade quotidiana e da vida prática. A um entusiasmo confiante, seguiam-se, por vezes, atitudes íntimas de hesitação, que matizavam o seu trato familiar de agruras e prepotências, ou o seu trato social de ondulações de encanto e de recalcamento»[4].

---

[3] Jorge Peixoto, *Correspondência de Joaquim Bensaúde para Cândido Nazaré*, Chefe das Oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1980.

Veja-se também a correspondência de Joaquim Bensaúde para Joaquim de Carvalho, adiante publicada.

Cf. ainda Luís M. Arruda (Introdução, levantamento e estudo de), *Correspondência Científica de Francisco de Arruda Furtado* (Prefácio de José Guilherme Reis Leite), Ponta Delgada, Instituto Cultural, 2002. Aqui temos um bom exemplo (mais um) a reforçar a opinião que a seguir se expressa: - «Cada vez mais nos convencemos que a publicação e o estudo da correspondência particular trocada entre os grandes vultos da ciência e da cultura, a nível nacional e internacional (hábito que hoje se perdeu), constitui um dos mais ricos filões documentais a explorar pelos investigadores».

[4] Virgínia Rau, *Elogio do Engº Joaquim Bensaúde*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1956, p. 20. Presidiu à sessão o Doutor José Caeiro da Mata, secretariado pelo Doutor Damião Peres e traçou a biografia da oradora o académico Dr. Gastão de Melo de Matos.

2. As teses de Humboldt e a pronta reacção do visconde de Santarém

O naturalista e historiador das ciências geográficas Alexandre Humboldt (1769-1859), um infatigável e insigne cientista alemão do século XIX, é considerado o fundador da *geografia científica,* pelo estabelecimento do princípio da causalidade e da distribuição (causas dos fenómenos naturais da superfície do Globo em relação com a sua distribuição no espaço). Desenvolveu o estudo específico de *climatologia, fitologia, vulcanismo, magnetismo* e *oceanografia*[5].

Em 1836, começou a ser publicada a sua obra em 5 volumes, *Exame Crítico da História da Geografia do Novo Mundo e dos Progressos da Astronomia Náutica nos Séculos XV e XVI* (geralmente conhecida pelos dois primeiros termos) a que juntará mais tarde a monumental obra intitulada *Cosmos.*

A elaboração destas obras conduziu naturalmente Humboldt às grandes descobertas marítimas dos séculos XV e XVI, tempos de aurora da geografia moderna. Foi nessas obras que o cientista procurou tenazmente demonstrar, por um lado, a ignorância dos marinheiros portugueses e, por outro, a origem alemã da ciência náutica dos descobrimentos marítimos, na sua opinião bem patente nas *Ephemerides* (1474) e nas *Tabulae directionem* (1475) de Regiomontano (1436-1507), obras estas que terão sido trazidas para Portugal por Martinho da Boémia (c. 1460-1507), chegado ao nosso país por volta de 1484, o qual se vangloriava de ter sido discípulo daquele célebre cosmógrafo.

Voltaremos à questão da prioridade da origem da ciência náutica dos descobrimentos geográficos, quando tratarmos da obra meritória de Joaquim Bensaúde, mas ressalve-se, desde já, que, no momento da chegada de Martinho da Boémia ao nosso país, já os portugueses navegavam há mais de 10 anos no Atlântico Sul e preparavam-se para entrar no Índico. Tal significa que, antes da vinda do dito alemão, o movimento colectivo das descobertas marítimas portuguesas era já um processo irreversível.

Segundo a interpretação de Bensaúde, podem resumir-se a quatro as teses com que Humboldt procurou espoliar as glórias nacionais da história dos descobrimentos marítimos: as dúvidas lançadas sobre a prioridade dos

---

(5) *Enciclopédia Focus,* «Humboldt, Alexander von».

descobrimentos do Infante na costa ocidental africana; a defesa da origem alemã da ciência náutica; a eliminação da obra marítima de D. João II; as infindáveis fantasias sobre Cristóvão Colombo[6].

Como nos diz Bensaúde, «os tiros de canhão de Humboldt, as suas fantasias, toda a obra de devastação que inaugurou e que fere o que os portugueses têm de mais sagrado na sua história, tudo isso era conhecido pelo nosso grande defensor, o visconde de Santarém»[7]. Sabendo que não podia atacar ao mesmo tempo toda a obra do prestigiado Humboldt, o visconde de Santarém (1791-1855) reagiu de imediato ao seu plano espoliador e decidiu desmontar a primeira das quatro teses referidas. Mercê de uma actividade febril, o visconde de Santarém publicou, com o apoio do governo, entre 1841 e 1853, as seguintes obras: *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as diversas Potências do Mundo,* 10 volumes, entre 1842 e 1853; *Corpo Diplomático Português Contendo Todos os Tratados de Paz, de Aliança, de Neutralidade, etc.* (1846); *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné, de Azurara,* edição anotada (1841); *Memória sobre a Prioridade dos Descobrimentos na Costa da África Ocidental* (1841), tendo sido feita no ano seguinte uma edição francesa, com o texto ampliado; *Essai sur l'histoire des progrès de la Géographie après les grandes découvertes du siècle XV,* 3 tomos (1849-1852); os seus três célebres *Atlas* (1841-1849)[8].

Com a publicação destes memoráveis trabalhos e respectiva divulgação por toda a Europa, onde tiveram enorme sucesso, o visconde de Santarém iniciou em Portugal a nobre tarefa de resgate das glórias nacionais, relativamente à prioridade portuguesa das descobertas marítimas e à acção do infante D. Henrique no arranque desse processo. No dizer de Joaquim Bensaúde, referindo-se às insidiosas investidas de Humboldt contra a nossa história marítima, «foi assim a terra o primeiro castelo e com êle tôdas as insinuações e injustiças feitas à obra do Infante»[9].

---

(6) Joaquim Bensaúde, *Luciano Pereira da Silva e a sua obra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 12.

(7) *Ibidem,* p. 13.

(8) Luís de Albuquerque, «Santarém, visconde de», in *Dicionário de História de Portugal,* Porto, Livraria Figueirinhas, 1079, vol. V, p. 470 e 471.

(9) Joaquim Bensaúde, *ob. cit.,* p. 13.

A retumbância dos estudos históricos do visconde de Santarém no país e no estrangeiro conduziu à realização de uma série de conferências suas em vários areópagos europeus, no sentido de desmontar as espoliações de Humboldt. A este propósito, assevera Bensaúde que «a luta foi longa e renhida e terminou numa memorável sessão do Instituto de França. O que se passou naquela sessão devia ser gravado em letras de ouro na memória dos portugueses». E acrescenta: «Acabou o debate sôbre a prioridade dos descobrimentos do Infante, quando todos os membros do Instituto, de pé e em volta do Visconde de Santarém, com uma ovação ruïdosa faziam calar o célebre d'Avezac, representante do govêrno francês e defensor da tese de Humboldt»[10].

Ao que parece, a participação do ministro da marinha francesa d'Avezac neste debate tinha a ver com a diplomacia colonial daquele país no Senegal, mas o Instituto de França «repudiou e baniu do seu seio interesses alheios e suspeitos, consagrou a vitória ao sabio Visconde porque defendia uma causa mais elevada, o culto sagrado da verdade histórica»[11].

Em carta dirigida ao seu sobrinho, conde da Ponte, diz o visconde ser necessário *«arrancar até ao último cabelinho»* aos detractores dos heróis de *Os Lusíadas*. O ministro dos negócios estrangeiros de então, Rodrigo da Fonseca Magalhães, segundo as palavras de Bensaúde, «escrevia cartas admiráveis a Santarém aprovando os planos, prodigalizando-lhe elogios, animando-o à luta. O govêrno abriu os cofres do Estado pondo à disposição do benemérito português as verbas necessárias para a execução do *Atlas* e para as suas publicações»[12].

Joaquim Bensaúde teve acesso à correspondência *«emocionante* e *comovente»* trocada entre o visconde e o ministro sobre essa *«primeira defesa da causa nacional»*, como se pode ver por esta sua apreciação: «Produz desânimo e desalento ler tôdas aquelas cartas tão nobres, trocadas entre o ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães e o Visconde de Santarém, dois inimigos políticos que se abraçavam no campo das glórias portuguesas». Insiste e esclarece Bensaúde, em Dezembro de 1926, no livro dedicado ao malogrado amigo e companheiro de luta, Luciano Pereira da Silva: «Produz

(10) *Ibidem*, p. 13 e 14.
(11) *Ibidem*, p. 14.
(12) *Ibidem*.

desânimo e desalento porque anda hoje dormente em Portugal aquele sentimento de dignidade nacional, que então impôs ao govêrno o dever de defender a memória dos heróis dos descobrimentos. Hoje, que essa corrente de descrédito se alastrou prodigiosamente, tudo anda ignorado, tudo segue pela estrada da indiferença e do mais doloroso abandono»[13].

Pelos meados do século XIX, fervilhavam em Portugal os entusiasmos pelas glórias nacionais, tanto mais que elas começavam a ser enaltecidas no estrangeiro, graças à acção do visconde de Santarém. Esclarece Bensaúde que «as felicitações que o nosso defensor recebia de vários centros scientificos eram logo remetidas ao ministro, que radiante e em termos dos mais carinhosos, agradecia ao patriota a sua obra admiravel. Alguns dos melhores artigos de revistas estrangeiras, cheios de aplauso e elogios, eram logo traduzidos e textualmente publicados no Diário do Governo»[14].

3. A luta de uma vida por uma causa

Em seis das 35 cartas escritas a Joaquim de Carvalho, cinco das quais durante 1924, refere-se Bensaúde à causa que abraçou, com o propósito de desmascarar as lendas de Humboldt e as espoliações às glórias portuguesas dos descobrimentos em favor da Alemanha. Vale a pena atentar em cada uma dessas cartas.

Na primeira delas, escrita em Lisboa e datada de 24 de Março de 1924, Bensaúde oferece a Joaquim de Carvalho a primeira parte do seu livro *Les Légendes Allemandes sur l'Histoire des Découvertes Maritimes Portugaises* e propõe-lhe a edição, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, da segunda parte dessa obra, na qual diz trabalhar há 7 anos[15]; dias depois, em 10 de Abril, remete-lhe o *Regimento de Évora* e agradece o facto de a Imprensa da Universidade estar aberta à edição de um seu livro em preparação *«sobre Humboldt e D. João 2º»*[16]; numa outra, datada de 8 de Maio, escreve a dado passo: «No ultimo capitulo da Secção *«La science nautique portugaise et les*

(13) *Ibidem*, p. 14 e 15.
(14) *Ibidem*, p. 14.
(15) *Carta 2.*
(16) *Carta 4.*

historiens allemands», capitulo que tem por titulo *«Les Sucesseurs de Humboldt»*, falta 1 ou 2 páginas de texto que eu juntarei ás primeiras provas que receber. Hesitei em publicar esse triste inventário mas com quem fez tanto mal á historia nacional não ha outro caminho senão liquidar o mal pela raiz. Termina assim a tarefa que tantos annos me absorveu»[17]; em carta de 6 de Junho diz ter-se refugiado no *«paraizo de socego»* do Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, para poder avançar com o livro sobre D. João II, cujo título provisório lhe anda a martelar o espírito, o qual poderia ser qualquer coisa como *«L'administration coloniale de D. João 2° et les écrits de Humboldt»*[18]; em 22 de Dezembro desse ano de 1924, ao chegar a Lisboa, vindo de Paris, remete a Joaquim de Carvalho o capítulo *«Les sucesseurs de Humboldt»* e, ao mesmo tempo, o final da segunda parte da obra *«Les Légendes Allemandes»*. Refere-se ainda ao livro sobre D. João II e outros estudos que traz em mãos, nos seguintes termos: «O que agora acabo foi um pesadelo que precisa ser impresso - para que os novos vejam como cousas sagradas da historia patria andaram á revelia. Quero tambem que toda essa metralha fique impressa e reunida para que futuros expoliadores tenham mais escrupulo e mais receio de novas aventuras na historia portuguesa. Infelizmente é este o unico meio de acabar de vez com abusos intoleraveis»[19]. Retenha-se a preocupação de Bensaúde em legar às novas gerações as *«cousas sagradas da historia patria»*.

Na última das cartas dirigidas a Joaquim de Carvalho, escrita em Nice e datada de 6 de Fevereiro de 1931, Bensaúde confessa-se muito preocupado e pessimista com o rumo que as coisas da história pátria estão a tomar no nosso país e desabafa assim: «Vivemos n'uma epoca calamitosa. A obra demolidora de Humboldt enraizou-se em Portugal; domina entre nós a ancia inconsciente e febril de deitar abaixo. A faina destruidora na historia dos descobrimentos (o reflexo do que nos vinha do estrangeiro), tomou em Portugal um aspecto muito grave. Arrasa-se o saber dos nossos navegadores, desprestigiam-se as mais belas figuras nacionaes, atacam-se no estrangeiro os nossos melhores defensores, propagam-se ainda hoje absurdos que amanhã são repetidos por esse mundo fóra. Tal tem sido a onda de

(17) *Carta 5.*
(18) *Carta 6.*
(19) *Carta 10.*

incuria sobre esta materia, e o desastre continua. Ha pouco um zeloso oficial da armada pediu o meu conselho como pôr cobro a este triste estado de cousas: temos um estado maior naval, temos os Ministérios da marinha, das colonias, da guerra para defender os nossos territorios, mas não temos quem defenda em nossa casa, o que ella tem de mais belo e de mais sagrado: a sua maravilhosa historia maritima»[20].

O contacto de Joaquim Bensaúde com a obra de Humboldt é anterior a 1896, uma vez que, nesta data, se impôs a si próprio a tarefa de provar perante a comunidade científica nacional e internacional a falsidade histórica das teses daquele autor alemão e dos seus seguidores, relativamente aos heróis dos descobrimentos marítimos. É ele próprio quem no-lo diz, em 1920, ao esclarecer que a publicação da sua primeira obra histórica *L'Astronomie Nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes,* editada em Berna, em 1912, fora o resultado dos seus estudos e das suas aturadas investigações desde 1896[21]. Numa outra obra, publicada em 1942, referindo-se à astronomia peninsular na idade média e a Abraão Zacuto, confirma esses dados na seguinte passagem: «Foi este o problema obscuro pelo qual comecei em 1896 os meus estudos sobre as origens da ciência náutica»[22]. Aos 37 anos de idade, o engenheiro decidiu tornar-se historiador. Indignado, depressa chegou à conclusão de que o estudo e a divulgação da história pátria era a única arma para combater a apropriação das origens da ciência náutica e da glória das descobertas marítimas a favor da Alemanha, por parte de Humboldt e dos seus apaniguados. Esta foi a causa por que lutou o resto da vida. Esta foi a sua cruzada.

Nos finais do século XIX, as teses de Humboldt foram naturalmente invocadas para fundamentar e legitimar historicamente aos olhos do Mundo a política colonial do imperialismo alemão, reforçada na Conferência de Berlim. Como símbolo da pretensa contribuição alemã nas descobertas marítimas dos séculos XV e XVI, ergueu-se na cidade de Nuremberg um

[20] *Carta 35.*

[21] Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises.* Réponse à M. Hermann Wagner, Professeur à l'Université de Götingue (Communication à l'Académie des Sciences de Lisbonne), Genève, Imprimerie A. Kundig, 1917-1920, p. 5.

[22] Idem, *A Cruzada do Infante D. Henrique,* Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1942, p. 13.

monumento a Martinho da Boémia. A Inglaterra reagiu, através de um plano organizado pela Royal Geographical Society, de Londres, presidida por Sir Clements Markham, subsidiando os excelentes estudos de Ravenstein que punham em causa os conhecimentos de Martinho da Boémia.

Joaquim Bensaúde, ao mesmo tempo que, com satisfação, tomava conhecimento da obra de Ravenstein, constatava com mágoa que, em Portugal, depois da valiosa obra do visconde de Santarém, pouco ou nada se tinha feito para resgatar a glória da nossa história marítima. Tal pensamento aparece-nos claramente expresso nas seguintes palavras: «O prestígio enorme de Humboldt ofuscou e confundiu a consciência nacional. Os nossos historiadores, depois da defesa de Santarém, caíram pouco a pouco no desânimo, na descrença hàbilmente provocada por uma propaganda tenaz da bibliografia alemã contra as glórias portuguesas. Enquanto nós dormíamos o sono da inconsciência, paralizaram-se os nossos esforços, caímos no doloroso silêncio e no abandono da causa nacional. Só por estudos nossos, só pelo nosso trabalho, pela nossa dedicação, poderemos reivindicar e consagrar na história universal tôda a grandeza, tôda a realidade da epopeia portuguesa»[23].

Os mais insignes historiadores portugueses de então vergam-se, segundo Bensaúde, perante o enorme prestígio de Humboldt: Oliveira Martins proclama o eminente papel da ciência náutica alemã nos descobrimentos marítimos portugueses; Rodolfo Guimarães ataca energicamente os trabalhos de Ravenstein, demolidores do saber científico de Behaim; Sousa Viterbo começa os seus excelentes *Trabalhos Náuticos* com um verdadeiro hino ao aventureiro Martinho da Boémia, fazendo crer que a ciência náutica portuguesa fora importada da Alemanha. As honras científicas das descobertas marítimas passam, assim, para Martinho da Boémia e para Regiomontano[24].

É a revolta perante este estado de coisas que levou Bensaúde a uma profunda reconversão na sua vida: deu-lhe sentido nobre e estimulante, definiu com precisão os objectivos e traçou o plano para os atingir. Em suma:

[23] Joaquim Bensaúde, *Luciano Pereira da Silva e a sua obra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 17 e 18.

[24] *Ibidem*, p. 18 e 19.

abraçou uma causa. Uma simples consulta dos títulos das suas obras (veja-se a sua bibliografia que adiante apresentamos, organizada cronologicamente) mostra claramente esse plano e esses objectivos e como, em boa medida, foram alcançados. Era uma missão a cumprir.

A publicação da primeira obra de Joaquim Bensaúde, em 1912, *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, foi, como ele próprio afirma num estudo posterior, o resultado das suas investigações e dos seus estudos realizados desde 1896[25]. Retenha-se, desde já, que, para melhor penetrar na comunidade científica internacional, Bensaúde publicou a maior parte da sua obra em francês, como se pode ver pelos títulos da sua bibliografia, que no final deste estudo se apresenta.

Apoiado na interpretação de documentos descobertos nos arquivos nacionais e estrangeiros, tais como, os regimentos ou guias náuticos, os tratados da esfera, a cartografia, procura demonstrar o pioneirismo da epopeia marítima portuguesa. Na sua opinião, a publicação de estudos desta natureza era a melhor resposta às críticas falaciosas dos seguidores de Humboldt, relativamente à glória portuguesa das descobertas marítimas[26].

Nesta sua obra, Bensaúde demonstra claramente que as tábuas náuticas portuguesas foram colhidas no *Almanach perpetuum*, de Abraão Zacuto, escrito em hebraico entre 1473 e 1478 e traduzido por Mestre José Vizinho (publicado em Leiria em 1496) e não nas *Ephemerides*, de Regiomontano, editadas em 1474. Em primeiro lugar, Bensaúde verifica que nas *Ephemerides* não se encontra qualquer tábua de declinação solar. Constata depois que Regiomontano incluiu essas tábuas numa outra obra, as *Tabulae directionis*, cuja edição é de 1475, e aí adopta uma obliquidade da eclíptica (a declinação máxima do Sol) de 23° 33', ao passo que os regimentos portugueses anteriores a Pedro Nunes incluíam tábuas náuticas com uma obliquidade de 23° 30', à semelhança das constantes no *Almanach perpetuum*, de Zacuto. Ficava assim inquestionavelmente provada a origem ibérica da ciência náutica portuguesa e vigorosamente refutada a tese de Humboldt.

---

[25] Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, Genève, Imprimerie A. Kundig, 1917-1920, p. 5.

[26] Joaquim Bensaúde, *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Bern, Akademische Buchhandlung von Max Drechsel, 1912.

Face à evidência desta demonstração, esta primeira obra do engenheiro-historiador teve grande retumbância na Europa e foi galardoada com o prémio Binoux, atribuído pelo Instituto de França, em 1916[27]. O professor da Universidade de Paris, L. Gallois, fez uma apreciação crítica extremamente favorável ao livro do autor português, publicada nos *Annales Géographique*, nº 130, de 15 de Julho de 1914, na qual se declara favorável às teses de Bensaúde e contrário às de Humboldt. A concluir a referida apreciação crítica, escreve o reputado professor francês: «Le livre de M. Bensaude éclaire parfaitement des questions qui jusqu'à présent étaient restées obscures, et dont la solution intéresse grandement les débuts de l'histoire des découvertes. Il apparaît avec évidence que c'est au Portugal qu'ont été pratiqués, pour la première fois en Occident, les procédés de direction du navire par l'observation des astres, sans lesquels il eût été impossible d'entreprendre des expéditions aussi aventureuse»[28]. Em Portugal, Luciano Pereira da Silva tratou imediatamente de publicar o texto de Gallois com breve mas incisiva introdução de cinco páginas, datada de Outubro de 1914, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, ainda nesse ano.

Além do professor Gallois, outras individualidades eminentes da Europa teceram, de imediato, rasgados elogios à referida obra de Bensaúde: o professor Kretschmer, de Berlim, apreciou favoravelmente o livro do autor português, acabado de sair; o professor Bopp Heidelberg reconheceu o alcance da bibliografia náutica portuguesa aí apresentada e discutida; o professor de Geografia da Universidade de Goettingen, Herman Wagner, escreveu-lhe a manifestar total adesão às suas posições sobre Regiomontano e sobre Behaim, acrescentando que ele próprio tinha chegado às mesmas conclusões, num estudo que até então estava inédito; os escritores franceses Guyou e Mascart deram por liquidada a pretensa influência de Behaim nas origens da náutica portuguesa[29].

---

[27] A. A. Riley da Mota, *Dos notáveis estudos do Eng. Joaquim Bensaúde sobre os Grandes Descobrimentos Marítimos de Portugal - Em defesa das glórias nacionais (Breve resumo)*, Ponta Delgada, Tipografia Insular, Lda. 1958, p. 86.

[28] Luciano Pereira da Silva, *O livro do Sr J. Bensaúde L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes, apreciado pelo Sr. L. Gallois, Professor da Universidade de Paris*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1944. p. 5-9.

[29] *Ibidem*, p. 7 e 8.

Entusiasmado com o sucesso da sua primeira obra, Joaquim Bensaúde preparou um ambicioso plano de publicações fac-similadas em 7 volumes, das fontes de que se tinha servido, para o qual obteve o patrocínio do Ministério da Instrução Pública da República Portuguesa, o qual foi amplamente divulgado por toda a Europa em folha volante, assim estruturado: 1 — *Regimento do Estrolabio - Tratado da Spera* (exemplar de Munique); 2 — *Tratado da Spera - Regimento do Estrolabio* (exemplar de Évora); 3 — *Almanach perpetuum,* de Abraão Zacuto (editado em Leiria, em 1496) - exemplar de Augsburgo); 4 — *Tratado da Esphera y del arte del marear con el Regimento de las alturas,* de Francisco Faleiro (Português), editado em Sevilha, em 1535 (exemplar de Munique); 5 — *Tratado da Esphera,* de Pedro Nunes, editado em Lisboa, em 1537 (exemplar de Wolfenbüttel); 6 — *Reportorio dos tempos,* de Valentim Fernandes, editado em Lisboa, em 1563; 7 — *Introduções* (esclarece que, para não retardar a distribuição destas reproduções, as introduções dos volumes 2 a 6 seriam reunidas neste último)[30].

A grande preocupação de todos os responsáveis pela edição desta grandiosa obra foi, como atrás se viu, dar-lhe a maior divulgação possível. Para além de outras formas de difusão, como nos informa o próprio autor na introdução ao primeiro volume, a obra seria distribuída pelas principais bibliotecas do Mundo, em nome do Governo Português. Aí esclarece ainda o autor ter-se tornado indispensável reproduzir e divulgar estas raridades bibliográficas, para facilitar o estudo e possibilitar o conhecimento das origens e do desenvolvimento da ciência náutica portuguesa aos investigadores da Europa e do Mundo[31].

Ao mesmo tempo que iam sendo preparadas as edições, continuava a publicar em francês (para que tivessem maior divulgação internacional) estudos seus que enviava para as bibliotecas e investigadores do país e do estrangeiro. Em 1917, era editada em Genebra, em resumo, a *Histoire de la science nautique portugaise* e, em 1920, estava concluída e saía a público a primeira parte de *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes*

(30) Folha volante de divulgação que acompanha o primeiro volume deste plano.

(31) Joaquim Bensaúde, *Regimento do estrolabio e do quadrante. Tractado da Spera do Mundo.* Reproduction fac-similé du seul exemplaire connu appartenant à la Bibliothèque Royale de Munich, Munich, Karl Kuhn, 1914, p. 5.

maritimes portugaises (a segunda parte viria a ser editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1927, e a seu respeito encontramos frequentes referências nas cartas endereçadas a Joaquim de Carvalho).

Na origem desta última publicação esteve uma comunicação pronunciada pelo autor na Academia das Ciências de Lisboa, na qual visou explicitar aos investigadores portugueses os trabalhos do professor Herman Wagner, «en défense des marins et savants des découvertes portugaises». Nesta obra, procura clarificar e aprofundar algumas das teses por si elaboradas nos seus trabalhos anteriores[32].

Atento às apreciações críticas, regra geral favoráveis, que no estrangeiro eram feitas aos seus trabalhos históricos, normalmente por parte dos autores e das instituições científicas a que ele próprio os remetera, com o pedido expresso de sobre eles emitirem as suas opiniões, Bensaúde não hesitou em reuni-las e imprimi-las em duas publicações em francês, editadas pela Imprensa Nacional: *Histoire de la Science Nautique des Découvertes Portugaises (Réimpression de critiques étrangères)*, em 1921; *Réimpression de Critiques Étrangères sur l'histoire de la Science Nautique Portugaise*, em 1924.

Trata-se, como os próprios títulos sugerem, da reimpressão de oito estudos de autores estrangeiros, escritos entre 1913 e 1918, sobre trabalhos seus, mais concretamente sobre as suas teses acerca da história dos descobrimentos marítimos. Tal como o fez Bensaúde na segunda das duas publicações citadas, vale a pena enunciar aqui, por ordem cronológica, os referidos estudos, cujos títulos, por si só, são elucidativos: em 1913, *L'astronomie nautique au Portugal.* Notice de K. Kretschmer, Professeur à l'Université de Berlin; em 1914, *Les Portugais et l'astronomie nautique à l'époque des grandes découvertes*, par L Gallois, Professeur à l'Université de Paris; *L'astronomie nautique au Portugal.* Notice du Professeur Jean Mascart, Directeur de l'Observatoire de Lyon; em 1915, *The history of the gradual development of the groundwork of geographical science*, by Sir Clement R. Markham, of the Royal Geographical Society; em 1916, *Informe sobre las obras presentadas por el Señor Bensaúde á la Real Academia de la Historia de Madrid*, por D. Pedro Novo y Colson; *Short account of some works by*

(32) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises. Réponse à M. Herman Wagner, Professeur à l'Université de Göttingue (Communication à la Academie des Sciences de Lisbonne)*, Genève, Imprimerie A. Kundig, 1917-1920, p. 5 e 6.

Bensaude upon the Knowledge of astronomy and navigation in Portugal at the time of the great discoveries in the 15th and 16th centuries, presented to the Royal Academy of Science of Amsterdam, by Prof. H. G. van de Sande Bakhuysen; *Rapport de M. Bigourdan à l'Académie des Sciences sur les travaux de M Joaquim Bensaude*. Institute de France; em 1918, *Die Entewicklung der wissenschaftlischen Nautique Nautik im Beginn des Zeitalters der Entdeckungen*, par le Professeur H. Wagner. Notice de Joaquim Bensaude[33].

Como atrás se disse, para além dos escritores ilustres, Bensaúde enviou também os seus trabalhos a instituições científicas para sobre eles emitirem o seu parecer. É o caso exemplar da Real Academia da História de Madrid, cujo director encarregou o académico D. Pedro de Novo y Colson de analisar as obras do autor português, o qual pronunciou naquela academia, em 25 de Fevereiro de 1916, um relatório intitulado *Informe sobre las obras presentadas por el Señor Bensaude*, começando por dizer o seguinte: «Por encargo del Ministério de Instrucción de Portugal remetió á esta Real Academia el erudito Sr. Bensaúde una colección de obras con la súplica de que se emitiese un informe sobre su mérito, y nuestro Director, accediendo gustoso á lo solicitado, tuvo la bondad de elegirme para que haciera». A apreciação é, sem sombra de dúvida, muito favorável. Diz Novo y Colson: «en mi concepto, pocas veces habrá llegado á la Academia de la Historia desde países estranjeros, un trabajo que tanto le interese y que tan digno sea de su gratitud y alabanza». Mais adiante, emite a seguinte opinião sobre a ideia central em análise: «El propósito que há guiado à los portugueses en la publicación de tan interesante trabajo, ha sido el muy noble y patriótico de poner de manifiesto lo que debe á Portugal la ciencia náutica: demostrar cuán grande fué la base científica que tuvieron los descobrimentos geográficos realizados por dicho país en los síglos XV y XVI el origen genuinamente portugués al menos ibérico de aquellas conquistas astronomicas». E conclui: «El interés de la obra es immenso, pues mide el alcance portentoso de los estudios más elevados en la Peninsula al empezar la Edad Moderna»[34].

[33] Joaquim Bensaúde, *Réimpression de Critiques Etrangères sur l'Histoire de la Science Nautique Portugaise*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1924, p. 8, 23, 38, 50, 55, 57, 58 e 61.

[34] *Ibidem*, p. 38 e 39.

A decisão de Joaquim Bensaúde mandar imprimir as recensões dos autores estrangeiros atrás elencados tem obviamente implícita a estratégia de difundir os seus trabalhos, de fazer vingar as suas teses e de lhes conferir a eficácia pretendida, isto é, desmontar as teses de Humboldt e dos seus discípulos e seguidores. Por outras palavras, foi uma outra forma eficaz de divulgação e de validação das suas obras, não tanto, estamos em crer, por vaidade pessoal, mas mais visando o resgate histórico das glórias nacionais aos olhos do Mundo. Em suma: foi um dos caminhos da sua cruzada e uma das formas que considerou válida para levar por diante a causa que abraçou.

Para atingir os objectivos a que se propôs, havia que lançar mão de todos os meios e não havia tempo a perder. Sente-se na leitura das suas obras e principalmente na da sua correspondência que viveu freneticamente com receio de que não conseguisse realizar o seu plano de trabalho. Várias vezes se referiu a esse seu estado de alma nas cartas que escreveu a Joaquim de Carvalho. Referindo-se à preparação da segunda parte das *«Légendes Allemandes»*, a publicar na Imprensa da Universidade de Coimbra, escreve na sua carta de 24 de Março de 1924: «O meu manuscripto levaria talvez um mez ou mais a acabar, devido a que só á noite ou aos domingos me é possivel dedicar a estas cousas que me enchem a alma e me fazem esquecer os tempos em que vivêmos»[35].

Será, porém, o estudo sobre D. João II aquele que mais o atormentou, no sentido de temer não vir a ter tempo de vida para o concluir, uma vez que tal estudo teve um percurso atribulado e arrastou-se durante vários anos. Esta sua preocupação manifestar-se-á de forma recorrente em várias cartas que endereçou a Joaquim de Carvalho. Em 6 de Junho de 1924, exterioriza assim o seu estado de espírito: «Os ideaes vão crescendo á medida que as forças vão decahindo! Tenho andado aqui em uma verdadeira febre a trabalhar na administração colonial do grande rei a ver se d'esta vez ponho este estudo a salvamento»[36]. Uns dias depois, a 17 desse mês, retoma o mesmo assunto nestes termos: «Vivo n'um verdadeiro martyrio; por um lado com mil cousas a pucharem por mim para fora do campo unico que me dá prazer e vida, por outro o receio de não poder pôr a

[35] *Carta 2.*
[36] *Carta 6.*

salvamento um estudo sobre D. João 2°»[37]. Ainda a este respeito, salienta na sua carta de 22 de Dezembro de 1924: «Espero, contudo, talvez em breve, poder organisar-me para fazer avançar este estudo que ainda me remeche a alma e que dá prazer de viver só para o acabar»[38]. Em 22 de Junho de 1927, declara em carta escrita de Paris: «Vou agora dedicar-me ao meu sonho dourado de ha tantos annos — a obra colonial de D. João 2° — sem duvida a unica mola que ha ainda em mim capaz de me dar vida»[39]. Numa outra carta remetida de Nice e datada de 30 de Novembro de 1929, escreve: «Tenho grande receio de que as forças já me não levem a concluir o trabalho sobre D. João»[40].

Idênticas preocupações exprimiu em algumas das 82 cartas que, entre 1927 e 1931, escreveu a Cândido Nazaré, chefe das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, concretamente nas cartas 33, 74 e 76[41] e possivelmente em muitas outras escritas a outros seus correspondentes, uma vez que os *Estudos sobre D. João II* só viriam a ser publicados em definitivo em 1946 e constituem a sua última obra.

4. O encontro com Luciano Pereira da Silva e as relações científicas e de amizade entre ambos

Em nove das trinta e cinco cartas escritas a Joaquim de Carvalho, Joaquim Bensaúde refere-se ao amigo comum, professor de matemática da Universidade de Coimbra, Luciano Pereira da Silva, sempre em termos cordiais e de muita admiração pessoal e científica (cartas 2, 11, 17, 19, 23, 24, 26, 28 e 35). É o próprio Bensaúde que nos informa como nasceram e como cresceram as intensas relações entre ambos, na sua publicação de homenagem à figura e à obra do ilustre professor de Coimbra, recém-

(37) *Carta 7.*

(38) *Carta 10.*

(39) *Carta 19.*

(40) *Carta 32.*

(41) Jorge Peixoto, *Correspondência de Joaquim Bensaúde para Cândido Nazaré*, Chefe das Oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1980, p. 77, 111, e 112.

-falecido, escrita em Paris e concluída em Dezembro de 1926[42]. Abre com estas expressivas palavras: «Vivia em Berne totalmente entregue aos meus estudos, quando em 1913 começaram as minhas relações com Luciano Pereira. Tenho cuidadosamente arquivada em minha casa em Lisboa tôda a sua interessantíssima correspondência. A colecção preciosa das suas cartas bastaria para mostrar em côres bem vivas a sua dedicação ao estudo, o crescer dos seus entusiasmos pela causa nacional, a que consagrava intensamente as suas fôrças e o seu saber. Actualmente no estrangeiro não me é possível ter à mão as deliciosas cartas repletas de detalhes e de pequenos episódios que tanto honram a sua memória, girando todos em volta da história da sciência náutica portuguesa»[43].

Retenha-se que Bensaúde inicia a escrita deste livro de homenagem a Luciano Pereira da Silva com a sentida referência à preciosa colecção de cartas que dele recebera e ao cuidado com que as arquivara na sua casa de Lisboa. Que manancial de informações sobre a historiografia da ciência náutica portuguesa se adivinha nessa documentação epistolar, se realmente está ainda a salvo!

Cada vez mais nos convencemos de que o espólio epistolar que, particularmente no século XIX e primeira metade ou mesmo primeiros dois terços do século XX, circulou entre os historiadores e entre estes e as mais altas figuras da ciência e mesmo da sociedade em geral, portuguesa e estrangeira, será um dos grandes filões documentais a explorar, por parte de todos aqueles que quiserem penetrar nos segredos das grandes discussões científicas desse tempo e, talvez por essa via, renovar os caminhos da história e de outras ciências. No fino dizer de Maria José Azevedo Santos, a propósito da correspondência que trocara e das cartas que recebera do saudoso Professor Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa, as quais guarda com manifesta estima no seu arquivo pessoal, este tipo de documentos são «papéis que falam»[44]. Recorde-se, a propósito, que

---

[42] Joaquim Bensàúde, *Luciano Pereira da Silva e a sua obra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927.

[43] *Ibidem*, p. 5.

[44] Maria José Azevedo Santos, in *Vida e Obra do Prof. Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa. Catálogo da Exposição*, Coimbra, Instituto de Peleografia e Diplomática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001, p. 67.

Cândido Nazaré, chefe das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, recebeu de 801 correspondentes seus o impressionante número de 8.133 cartas que estão actualmente arquivadas em 24 caixas na Biblioteca Municipal de Coimbra, 82 das quais, já publicadas, são de Joaquim Bensaúde[45].

Voltemos ao encontro e ao aprofundamento das relações pessoais e científicas entre Joaquim Bensaúde e Luciano Pereira da Silva. Esclarece aquele, na já referida obra de homenagem a este, que, em 1913, pouco antes de concluir a impressão do seu livro *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, iniciava Luciano Pereira da Silva a série de artigos na *Revista da Universidade de Coimbra* sobre a *«Astronomia dos Lusíadas»*. «Começou então a nossa correspondência» - afirma Bensaúde, que se apressa a dilucidar o tipo de informações trocadas, juntamente com as cartas: «O Dr. Luciano enviava-me os seus artigos e eu remetia-lhe os textos finais, ou as provas dos meus trabalhos»[46]. Prossegue no esclarecimento dos primeiros contactos entre ambos, do seguinte modo: «Pelos esplêndidos comentários do Dr. Luciano ao Regimento do Astrolábio, realizei com enorme prazer ter nêle um colaborador ideal». Continuando a referir-se à figura de Luciano Pereira da Silva, escreve: «Profundo conhecedor da matéria astronómica, português, embebido de enthusiasmos patrióticos e de dedicação pela grande causa, era uma deliciosa surpresa, e de-certo a que eu menos esperava. Nasceu assim a nossa colaboração e, ouso dizer, a nossa camaradagem»[47]. Objectivos idênticos e uma causa comum aproximou-os naturalmente e forjou uma sólida amizade, como faz questão de salientar Joaquim Bensaúde: «Não éramos oficiais do mesmo ofício; Luciano Pereira da Silva entrava para a sciência náutica com todo o seu saber; eu entrava como historiador e com a solução do problema que me absorvera muitos anos. A minha admiração pelo Dr. Luciano cedo se transformou na mais sincera e leal simpatia e amizade, a que êle correspondia com inalterável dedicação»[48].

---

[45] Jorge Peixoto, *Correspondência de Joaquim Bensaúde para Cândido Nazaré, Chefe das Oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1980, p. 5-34.

[46] Joaquim Bensaúde, *Luciano Pereira da Silva e a sua obra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 6.

[47] *Ibidem*, p. 7.

[48] *Ibidem*.

Cabe aqui esclarecer que o insigne professor de matemática da Universidade de Coimbra, depois da regência da disciplina de *Cálculo Diferencial e Integral,* transitou, em 1904, para a de *Mecânica Celeste.* Temos aqui um bom exemplo de como, na vida de um professor universitário digno desse nome, a docência e a investigação se interpenetram e se influenciam de forma dialéctica, uma vez que, durante 13 anos, entre 1913 e 1926 (ano da sua morte) Luciano Pereira da Silva publicou 27 trabalhos sobre astronomia e ciência náutica[49].

Quando, em 1919, Bensaúde regressou da Suiça, as relações entre os dois homens de ciência estreitaram-se ainda mais, porque passaram a fazer-se de forma presencial, dando lugar a longas conversas sobre as preocupações e os objectivos comuns: as espoliações estrangeiras (especialmente por parte de Humboldt e dos seus seguidores) à história nacional e a necessidade de lhes pôr cobro, através de um plano concertado e sistemático. Para tal, era indispensável organização, investigação e divulgação, sem esquecer o ensino universitário, por forma a preparar as novas gerações; era preciso o esforço conjugado de todos e o apoio das entidades oficiais «para desfazer no estrangeiro todas as tentativas de descrédito da nossa história». A este respeito e nesse sentido, sublinha, em 1927, Joaquim Bensaúde: «Precisamos uma entidade à altura da grande tarefa que se impõe, precisamos uma organização superior modelar que prepare, que guie a obra de defesa que nos tem faltado. Precisamos produzir muito, e isso que se realizar levá-lo em todos os paizes aos centros aonde estes estudos são necessários. Precisamos uma longa série de monografias, tôdas sólidas, documentadas e profundas sôbre problemas ainda tenebrosos, muitos deles de sensação — todos destinados a revolucionar a história dos descobrimentos portugueses, como ela hoje circula»[50].

Uma das provas evidentes da relação íntima e do entusiasmo com que ambos abraçaram esta causa é-nos dada por Bensaúde na seguinte passagem: «Pedi um dia, aí por 1920, ao Dr. Luciano para percorrer com atenção as obras de Humboldt e de ir notando aqui e ali as frases curtas, incisivas, entre as quais algumas há que ferem a memória dos navegadores portugueses como tiros de grossa artilharia. Tempos depois voltou o Dr. Luciano a Lisboa,

[49] *Ibidem,* p. 8-10.
[50] *Ibidem,* p. 21-32.

apenas entrava em minha casa preguntou-me cheio de indignação: Conhece a passagem do nosso amigo Humboldt sôbre a ignorância dos conquistadores?»[51].

Após o falecimento do ilustre professor de Coimbra e seu indefectível amigo, Joaquim Bensaúde apressou-se a elaborar um texto de homenagem, concluído em Dezembro de 1926, intitulado *Luciano Pereira da Silva e a sua obra*, que temos vindo a seguir, publicado em *O Instituto*, vol. 74, n.º 3, e logo reeditado em opúsculo autónomo, como separata, pela Imprensa da Universidade. Vejamos o que, a este respeito, se colhe na correspondência de Joaquim Bensaúde para Joaquim de Carvalho.

Em carta escrita em Paris, datada de 2 de Dezembro de 1926, escreve Bensaúde: «Aqui lhe remetto o meu artigo em memoria do nosso malogrado Dr. Luciano. Em poucos dias seguirá o final que falta — umas 10 paginas do manuscrito». E continua, procurando justificar, em certa medida, o tom intimista a que não conseguiu resistir na redacção do referido texto de homenagem: «Por mais que me custasse fallar de mim — não me foi possivel evital-o. No interesse da causa nacional que o Dr. Luciano e eu tinhamos a peito foi preciso fazel-o. Fazendo o elogio do querido amigo — ficou tambem feito o meu testamento sobre a historia das glorias nacionais»[52].

Numa outra carta, com timbre do Hotel de France, de Pau, datada de 16 de Abril de 1927, manifesta o seu agrado e a sua gratidão a Joaquim de Carvalho pelo tratamento editorial que tinha sido dado ao seu texto em memória de Luciano Pereira da Silva, nos seguintes termos: «Agradeço-lhe do fundo d'alma o desvelo e o carinho com que VExª mandou attender á impressão d'esse meu pobre artigo relativo ao nosso querido Dr. Luciano». E aproveita a mesma carta para, a propósito e em termos vigorosos, tecer certas considerações sobre a consciência colectiva do povo português: «Há sem duvida outros gritos d'alarme que deviam ser escutados porque tocam

[51] A célebre passagem de Humboldt que tanto indignou Luciano Pereira da Silva é a seguinte: -«*Ce n'est pas à la foule guerrière et peu civilisée des 'conquistadores' que l'on doit faire honneur des progrès scientifiques qui ont incontestablement leur principe dans la découverte du nouveau continent*». Por *conquistadores* entenda-se aqui os *navegadores portugueses*. *Cosmos*, t. 2, p. 332. citado por Joaquim Bensaúde, p. 12 e 13.

[52] *Carta 15.*

mais na consciencia do povo portuguez, e se esses que dizem respeito ao futuro da patria não são ouvidos, é natural que o meu aviso relativo a passadas glorias fique desapercebido. Conto com isso, seria milagre se não fosse assim»[53].

Falecido o Dr. Luciano, as questões do foro pessoal e familiar de Bensaúde, tais como, a bronquite asmática que o apoquentava, especialmente no Inverno, a doença da mulher, ou os estados de alma, de alegria ou de angústia, passaram a ser mais partilhados com o Doutor Joaquim de Carvalho. Em carta de 27 de Janeiro de 1927, remetida de Paris, desabafa: «Vejo que estou fazendo confissões a VExª como as que fazia ao nosso querido Dr. Luciano»[54].

Joaquim Bensaúde e Luciano Pereira da Silva tinham estabelecido informalmente entre si uma divisão de tarefas e ambos consideravam que as universidades, com destaque para a Universidade de Coimbra, deveriam assumir a responsabilidade de ensinar aos seus estudantes e, através deles, às sucessivas gerações a história das glórias marítimas portuguesas, como parece sugerir a seguinte passagem da última carta de Bensaúde a Joaquim de Carvalho, datada de Nice, de 6 de Fevereiro de 1931: «Ambicionava ver a Universidade no seu posto d'honra a pugnar pela continuação dos estudos a que o saudoso Dr. Luciano déra tanto brilho. Tinhamos ambos tacitamente tomado a nosso cargo cada qual a sua tarefa: elle a nossa causa em Portugal; eu a defeza das glorias patrias no estrangeiro. Morreu Luciano, as minhas vistas voltaram-se para Portugal»[55].

Em virtude das violentas críticas que, como veremos a seguir, tinha recebido no ano anterior às suas últimas obras publicadas, Bensaúde é agora um homem amargurado e desiludido, mas que, apesar de tudo, se recusa a deixar de sonhar e a perder a esperança. Esse sentimento, em certa medida contraditório, vislumbra-se por entre o desfibrar das seguintes palavras da referida carta de 6 de Fevereiro de 1931: «Fartas vezes preguntei a mim mesmo qual a causa das minhas loucas correrias para defender as glorias nacionaes. Uma frase do Marechal Foch citada por M. Poincaré em

(53) *Carta 20.*
(54) *Carta 19.*
(55) *Carta 35.*

um discurso que tem por titulo «L'héritage Nacional» veio explicar-me a origem da doença patriotica que me empolgou»[56]. E remata assim a aludida carta: «Estas palavras encerram o diagnostico d'um mal nacional que me aflige já vae em mais de 30 anos»[57].

5. As críticas ferozes de Reparaz

O ano de 1930 foi fatídico para Joaquim Bensaúde. Os dias de euforia e de glória começaram a ensombrar-se, face às críticas cerradas que recaíram sobre as suas últimas publicações, particularmente por parte do jovem historiador catalão Gonçalo de Reparaz Júnior (que também critica a primeira obra do autor português, *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes)* e do veterano matemático-historiador e embaixador português no Rio de Janeiro, Duarte Leite.

Passemos, de imediato, às mordazes críticas de Reparaz aos estudos de Bensaúde, num artigo sobre *Mestre Jaime de Maiorca,* publicado na revista *Biblos,* em 1930[58]. Neste artigo, Reparaz acusa Jules Mees e Joaquim Bensaúde de nada saberem sobre os «trabalhos dos seus predecessores nesta questão: nem o primeiro conhece o estudo de Kayserling, nem o segundo o de Mees e o de Kayserling»[59]. Critica violentamente Bensaúde, a quem acusa de superficialidade de análise, de não usar *«o método estrictamente scientifico»* e de possuir um conhecimento incompleto das fontes e dos trabalhos dos seus predecessores, concretamente quando trata do cartógrafo catalão do infante D. Henrique[60].

O historiador catalão procura demonstrar até à exaustão que o erro capital de Bensaúde nesta matéria reside no facto de ter pensado que existiu

(56) A frase do marechal Foch, citada por Poincaré, é a seguinte: - *«Les peuples ne cessent de vivre que lorsqu'ils cessent de se souvenir».* Publicado em *Le Temps,* de 18 de Agosto de 1930.

(57) *Carta 35.*

(58) Gonçalo de Reparaz Júnior, "Mestre Jacome de Malhorca, cartógrafo do Infante. Contribuição para o estudo da origem da cartografia portuguesa", in *Biblos,* Coimbra, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1930, vol. VI, p. 163-186 e 289-317.

(59) *Ibidem,* p. 177.

(60) *Ibidem,* passim.

um só cartógrafo catalão Cresques, quando na realidade foram dois: Abraão Cresques, autor do célebre *Atlas*, de 1375, e seu filho Jafuda Cresques (Mestre Jaime de Maiorca, o cartógrafo do infante D. Henrique)[61]. A concluir o artigo, Reparaz resume a ideia central nele desenvolvida, do seguinte modo: «nas páginas precedentes parece-nos ter deixado demonstrado à evidência ser Mestre Jácome de Malhorca, cartógrafo do Infante, a mesma pessoa que o célebre cartógrafo malhorquino Jafuda Cresques, converso sob o nome de Jaime Ribes; e que a data da sua vinda a Portugal se pode fixar com verosimilhança entre 1420 e 1427»[62].

Claro que este artigo caiu como uma bomba na comunidade científica, particularmente no seio universitário de Coimbra, onde, sem ser posto em causa o aspecto científico da questão, se considerou uma afronta à grata figura de Joaquim Bensaúde, dado o tom e os termos excessivamente violentos utilizados na crítica. Joaquim de Carvalho, amigo do crítico e do criticado, ficou numa situação embaraçosa. Apressou-se a escrever, em 9 de Novembro de 1930, uma carta a Reparaz[63], dando-lhe conhecimento da situação delicada em que se encontrava e do mal-estar que se sentia entre os colegas de Coimbra. Ao mesmo tempo, sugeriu-lhe que escrevesse a Bensaúde a pedir-lhe desculpas pela incorrecção da referência ao desconhecimento de Kayserling por parte do historiador português e pela dureza dos termos utilizados nas críticas. Pedia-lhe ainda para redigir uma nota de esclarecimento a enviar à redacção da *Biblos*, por forma a reparar a incorrecção e os excessos de linguagem do referido artigo.

Como se pode ver pela data da carta remetida de Barcelona, a resposta de Reparaz a Joaquim de Carvalho não se fez esperar. Nela prometia redigir a nota de correcção pedida, mas recusava-se a escrever a Joaquim Bensaúde, justificando porquê, como adiante teremos a oportunidade de ilustrar. No que toca à dureza da linguagem, como diz o rifão, *«a emenda foi pior que o soneto»*. Vale a pena ilustrar com o que é escrito na própria carta.

(61) *Ibidem*, passim.

(62) *Ibidem*, p. 307.

(63) Não possuímos a referida carta de Joaquim de Carvalho, mas o seu conteúdo ressalta ou presume-se do teor da resposta de Reparaz, a qual se publica em anexo ao conjunto das cartas de Joaquim Bensaúde, datada de Barcelona, de 16 de Novembro de 1930.

Depois de um breve agradecimento da «amável carta» de Joaquim de Carvalho e da referência ao seu envio do segundo volume da *Geographia de Segui*, procura desculpar-se com a falta de informação por parte da direcção da *Biblos*, o que poderia ter evitado a desagradável situação criada pelo seu artigo. Escreve Reparaz: «Lamento o que me diz a respeito do caso Bensaúde. Ignorava os favores que, por intermédio do meu Exmo. amigo, lhe deve a Universidade de Coimbra. N'este caso teria bastado uma indicação da Direcção da «Biblos» para eu amortiguar a vivacidade da minha linguagem nas referências a elle, comprehendendo as razões que a isso impulsavam a Faculdade. Mas ninguém me disse nada»(64).

Na referida carta a Joaquim de Carvalho, Reparaz reconheceu a sua incorrecção quanto à acusação do desconhecimento do estudo de Kayserling por parte de Bensaúde e diz estar disposto, neste particular, a redigir a nota de correcção que o Director da Imprensa da Universidade de Coimbra lhe pedira, como se pode ver na seguinte passagem: «Sei que me posso enganar, como toda a gente — embora faça sempre o possivel porque isso não aconteça. Gosto tambem do «fair play». E por tal motivo não tenho razão nenhuma nem falso orgulho que me impeça rectificar quando o caso se apresenta. Assim, não tenho inconveniente nenhum em rectificar, reconhecendo que o Bensaude conhecia o estudo de Kayserling. E até, por signal, poderia o meu Exmo. amigo emprestar-me um exemplar da «Astronomie nautique au Portugal»? Eu devolver-lh'o-hia logo. O que eu consultei era da Biblioteca Nacional de Paris, e aqui não posso dispôr d'elle. Convir-me-hia tel-o presente para eu redigir a nota que me pede»(65).

Nas restantes acusações feitas a Joaquim Bensaúde no seu artigo da *Biblos*, Reparaz reafirma-as integralmente em termos bastante duros. Embora confessando reconhecer a importância da obra de Bensaúde para o conhecimento da história da náutica portuguesa, lamenta o facto de ter de ser desagradável para com um amigo do seu amigo Joaquim de Carvalho, mas era óbvio que não podia calar as suas críticas e dar a impressão de que não sabia do que falava quando escreveu *«aquilo tudo»*. Por isso, reitera e reforça assim a sua posição: «Fica de pé que no texto do Bensaúde, por

(64) Veja-se a carta de Gonçalo Reparaz Junior para Joaquim de Carvalho, publicada a seguir às cartas de Bensaúde.

(65) *Ibidem.*

mim citado, este senhor, estudando precisamente a astronomia nautica em Portugal, examina uma das figuras essenciais d'ella — o fundador da cartographia portuguesa e o que ensinou a construir os instrumentos, segundo sabemos e segundo affirma D. Pacheco — identifica-o com um cartographo catalão Cresques, como anteriormente o fez Llabrés, e embora quando escreve o seu livro já existiam numerosos documentos publicados a respeito dos dois Cresques, ignora esses documentos, confunde constantemente o pae, Abraão, com o filho, Jafuda, e, assim, não chega a individualizar correctamente a pessoa a quem elle mesmo chama de «éminent collaborateur de l'Infant»!»[66]. Insistindo ficar de pé aquilo que ele considera ser a mais grave objecção que fizera ao autor de *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, mantém firme o dedo acusador: «Creio sinceramente que o Snr. Bensaude, dedicando um estudo á astronomia nautica em Portugal, e n'esse estudo varias paginas a um dos vultos essenciaes d'essa astronomia nautica, a um «eminente collaborador do Infante», tinha a imprescindivel obrigação de se informar devidamente, de conhecer as fontes essenciaes do problema»[67].

Demonstrando ou pretendendo demonstrar que conhece toda a obra de Bensaúde, Reparaz faz questão de emitir a sua opinião acerca da validade do trabalho historiográfico do autor português e dos seus pontos fracos, não deixando mesmo de identificar qual era o seu grande «calcanhar de Aquiles», quando escreve: «aqui chego ao grande defeito dos trabalhos do Snr. Bensaude. Quando o Snr. Bensaude sahe da publicação de textos — utilissima e preciosa aportação que elle trouxe á historia das navegações dos portugueses — demonstra, infelizmente, pretendendo fazer trabalhos de syntese, que tem um conhecimento muito escasso da bibliographia do assunto que tracta»[68]. Em suma: na opinião de Reparaz, Joaquim Bensaúde é um aplicado investigador e um abnegado organizador da edição de documentos históricos, mas não sabe fazer história.

Passando à crítica de dois livros de Bensaúde que Joaquim de Carvalho lhe enviara (tudo indica tratar-se dos dois últimos trabalhos do seu amigo: *Les Légendes Allemandes* ... e *Origines du Plan des Indes*), Reparaz coloca sérias

(66) *Ibidem.*
(67) *Ibidem.*
(68) *Ibidem.*

reservas à sua validade e insiste no insuficiente conhecimento da bibliografia por parte do autor sobre os assuntos de que trata. Retenha-se o tom mordaz dessas críticas: «demonstra-se esse desconhecimento da bibliografia da materia que tracta nos dois trabalhos que o meu Exmo. amigo teve a bondade de me dar. Desculpe-me que lhe diga que me produziram um effeito não muito favorável. Em resumo, n'elles pretende demonstrar que foi o espírito de Cruzada, de guerra contra o mussulmano, que principalmente impulsionou os portuguezes. É claro que fazendo bailar os documentos como a gente quizer, e estudando só um ponto de vista do problema, a gente pode demonstrar quanto entender apparentemente. Mas o Snr. Bensaude desconhece a bibliographia das obras que estudaram o espirito da reconquista (limito-me a este ponto, porque se tivesse que fallar nos outros, nunca mais acabaria). Ignora por exemplo os estudos do meu pae nas *«Paginas Turbias de Historia de España que ahora se ponen en claro» (1927)*, como ignora *«Der Kreuzzugsgedanke in Portugal»*, de C. Erdmann, na *«Historische Zeitschrift» (1929)*, que o meu Exmo. amigo achará citados na minha *«Catalunya a les Mars»*, nas notas das p. 137 e 199»[69]. A leitura da última parte desta passagem do autor catalão ajuda-nos a compreender muito do que escreveu no artigo da *Biblos* e principalmente nesta carta a Joaquim de Carvalho, acerca do desconhecimento de Bensaúde relativamente à bibliografia atinente às matérias de que trata. Pressente-se nas suas palavras o azedume e o despeito de não se ver citado a si e ao seu pai, por parte de Bensaúde nos seus trabalhos.

Num crescendo de críticas, remata do seguinte modo: «agora quero explicar ao meu Exmo. amigo a razão porque não cumpri o seu pedido de escrever ao Snr. Bensaude a respeito das «Lacunes» e do «Plan des Indes». Estive a luctar entre o desejo de dar satisfação ao pedido do meu amigo e a difficuldade de dizer ao Snr. Bensaude uma phrase amavel e favoravel a respeito d'estes trabalhos - dos quaes, se um dia me occupo, será com certeza em forma totalmente contraria a elles»[70].

Se nos alongámos na escalpelização desta carta de Gonçalo Reparaz Júnior (que na altura preparava o seu doutoramento sob a orientação do professor Gallois, curiosamente o mesmo que, em 1914, fizera uma crítica

(69) *Ibidem.*

(70) *Ibidem.*

a todos os títulos favorável ao primeiro livro de Joaquim Bensaúde), foi porque nos pareceu importante para a compreensão das grandes questões e discussões históricas das primeiras décadas do século XX, ligadas às descobertas marítimas dos séculos XV e XVI.

Temos de convir que Joaquim de Carvalho se viu colocado perante uma situação delicada. O filósofo procurou naturalmente gerir da melhor maneira possível uma acesa discussão científica entre dois historiadores seus amigos. Quantas dúvidas e hesitações não terão perpassado pelo seu espírito! Certamente depois de muito ponderar, decidiu remeter a carta de Reparaz a Joaquim Bensaúde. Este agradeceu e devolveu-lha juntamente com a sua carta de 6 de Fevereiro de 1931, emitida de Nice[71].

Nesta longa carta, Bensaúde desabafa com o seu interlocutor, disserta sobre vários assuntos que o inquietavam e procura desvalorizar as críticas de Reparaz, nos seguintes termos: «Aqui tem V. Exª o que me preocupa muito mais do que isso que o Sr. Reparaz já escreveu, ou escreverá ainda sobre a minha pessoa. Aprendeu a trabalhar, mas precisa aprender ainda a dominar os seus fogosos impulsos para manter a austeridade, a modestia e o bom senso. Faz uso de processos incorrectos, por isso não me interessa a sua crítica»[72].

Adivinha-se que Bensaúde, logo após a saída do volume da *Biblos* com o artigo de Reparaz, terá manifestado a Joaquim de Carvalho a sua indignação e procura explicar do seguinte modo as verdadeiras razões do seu agastamento: «Se eu dei pezo ao incidente Reparaz não foi por elle afirmar que eu ignorava Mees e Kayserling, ambos citados na Astronomia Nautica (p. 42, 63, 99 e 107). Com Kayserling já eu correspondia antes do Snr. Reparaz ter nascido». E remata assim: «O que muito senti foi encontrar os excessos do Sr. Reparaz em uma revista da Universidade de Coimbra e nada mais»[73].

Claro que ninguém é indiferente às críticas, venham elas donde vierem. A própria atitude de alguém dizer que tal crítica não lhe interessa ou lhe passa ao lado não é mais do que uma tentativa de dissimular o que realmente sente. É um auto-convencimento que raramente convence alguém. Recorde-se que Bensaúde não rejeitou nenhuma das críticas elogiosas que

(71) *Carta 35.*
(72) *Ibidem.*
(73) *Ibidem.*

lhe foram feitas ao seu primeiro livro e até se permitiu publicá-las. Do mesmo modo, não pode pura e simplesmente fingir que ignora as críticas desfavoráveis, sejam elas de quem forem.

O que em geral se pode é atribuir mais ou menos importância às críticas (positivas ou negativas), em função do prestígio do crítico e da fundamentação, da seriedade e do rigor com que são feitas. Repare-se que Bensaúde, logo após ter dito não lhe interessar a crítica do jovem historiador catalão, admite ter dado *«pezo ao incidente Reparaz»*, esforçando-se depois por explicar que o que o incomodou não foram as críticas em si mesmas, mas o facto de terem sido acolhidas por uma revista e por uma instituição de prestígio, como a *Biblos* e a Universidade de Coimbra.

6. A controvérsia com Duarte Leite

O ano de 1930 foi de uma intensidade alucinante para Joaquim Bensaúde. Em termos editoriais, na sequência de *Origines du Plan des Indes. Conférence,* publicada no ano anterior pela Librairie Aillaud, de Paris, saíam do prelo, em 1930, três obras (as duas primeiras editadas pela Imprensa da Universidade de Coimbra e a última por aquela editora francesa): *Lacunes et Surprises de l'Histoire des Découvertes Maritimes; Origines du Plan des Indes. Études sur l'Histoire des Découvertes Maritimes; As origens do plano das Índias. Resposta ao artigo do Excelentíssimo Sr. Dr. Duarte Leite.*

A par desta intensa actividade editorial, rejubilou igualmente com a forma entusiástica como foram aplaudidas pelos círculos científicos da Europa as suas conferências sobre as *Origens do Plano das Índias,* proferidas em Sevilha e em Londres. Mas foi também nesse ano de 1930 que se viu confrontado com as duras críticas de Reparaz, no artigo da *Biblos,* a que já aludimos, e com as acutilantes discordâncias de Duarte Leite, de que trataremos a seguir. Estas alegrias e estas amarguras são partilhadas com Joaquim de Carvalho, nomeadamente, nas cartas 25, 28, 29 e 30.

Os objectivos das conferências e das obras a que acabámos de nos referir integram-se no cerne da cruzada do autor: demonstrar a falsidade das teses espoliadoras de Humboldt e seus seguidores, relativamente à germanização da origem da ciência náutica portuguesa, através do estudo e divulgação da história dos descobrimentos marítimos, particularmente das figuras simbólicas do infante D. Henrique e de D. João II.

As reacções favoráveis às suas conferências e aos seus últimos livros entusiasmaram Bensaúde. Cada vez estava mais seguro das posições históricas aí defendidas. Em carta remetida de França a Cândido Nazaré, datada de 15 de Junho de 1930, confessa: «A tarefa que me impuz no fim da vida - é grande de mais para as minhas forças e como sei que ella representa a revolução da patria não ha nada que me faça arrear a carga. As *«Origens»* foram uma tarefa nova e muito grande. A tese está cada vez mais solida e segura, não obstante um ou outro dos nossos repontar. Entre os de cá tenho apoio geral portanto nem a tiro vou abaixo»[74]. Um mês depois, a 14 de Julho, retoma a ideia da sua cruzada, numa outra carta ao chefe das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, nos seguintes termos: «Creio que foi o Dr. Joaquim de Carvalho que em uma carta me fallava da Santa Cruzada em que ando empenhado. E com effeito é assim eu durmo pensando sempre na grande tarefa — e sobretudo desde que me veio ás mãos metralha grossa que me prova a incontestável certeza da minha tese sobre o Infante. Vivo n'uma febre ideal, quando não é febre de bronquite asmática. De um ou outro lado lá vem ainda um desgosto, mas pararei quando soar a hora. Até lá sonho só em sacar as nossas glorias da Rua da Amargura por onde teem andado tempo demasiado. Se o conseguir mereço descanço — e esse tel-o-hei farto no outro mundo»[75].

A tese de Joaquim Bensaúde assenta fundamentalmente no seguinte: o carácter político-religioso da cruzada do infante D. Henrique, continuada por D. João II, visava a expansão da cristandade pelo aniquilamento do islão, daí a sua obsessão guerreira em Marrocos e a concepção do plano da chegada por mar à Índia para aí combater os inimigos da fé católica.

O ilustre matemático, professor universitário, político, diplomata e historiador Duarte Leite Pereira da Silva (1864-1950) reagiu de pronto, de forma negativa, à tese de Bensaúde, num artigo que sugestivamente intitulou *Talent de bien faire*[76].

---

[74] Jorge Peixoto, *ob. cit.*, p. 111.

[75] *Ibidem*, p. 112.

[76] Publicado na *Revista Portuguesa de São Paulo*, tomo 1°, 1930, pp. 89-99 e reeditado conjuntamente com outros estudos do autor, reunidos em Duarte Leite, *História dos Descobrimentos. Colectânea de esparsos*, organização, notas e estudo final de V. Magalhães Godinho, Lisboa, Edições Cosmos, 1958, 2 vols. Seguimos esta publicação.

Reconhecendo a importância da obra de Bensaúde, quanto ao meritório trabalho da publicação de fontes e à segurança com que elaborou o «estudo do nosso saber náutico», acusa-o de fantasias, contradições e erros históricos e de não provar documentalmente a tese que pretende defender, limitando-se a afirmar que «a bula de Nicolau V claramente a anuncia»[77].

Depois de tornar claro que «o fulcro, sobre que gira a tese em debate, é a atribuição a D. Henrique da traça de descobrir a rota da Índia», Duarte Leite discorda e manifesta a sua convicção de que as motivações do Infante tinham um pendor vincadamente materialista e que os seus objectivos se centraram, não só na guerra marroquina, mas também e principalmente na descoberta da costa africana, nas riquezas da Guiné e no povoamento e colonização das ilhas atlânticas. Pretendendo vincar estas vertentes, argumenta Duarte Leite: «Em dilatar a fé e o império condensou Camões as ambições dos reis de Avis, que também foram as de D. Henrique, mas o segundo objectivo não lhe mereceu menos atenção que o primeiro; se lhe assistiu sempre o desejo de guerrear mouros ou converter incréus, com igual e direi até com maior solicitude lhe acudiram fecundos propósitos utilitários, que aliás não contendiam com os interesses da fé. Seuta, Tânger e Alcácer Ceguer são de evocar, mas esmoreceram perante Sagres, as Ilhas atlânticas e a Guiné, gloriosos padrões que não foram cimentados com sangue sarraceno; e neles é que o infante conseguiu esculpir, em letras resplendentes, sua significativa divisa «Talent de bien faire»»[78].

Retenha-se que esta crítica frontal de Duarte Leite é já uma réplica às discordâncias de Bensaúde, relativamente às suas opiniões sobre estas questões, como se pode ver pela seguinte passagem: «Acusa-me Bensaúde de proclamar como móvel de D. Henrique sua avidez comercial, o que é inexacto, pois apenas fiz ver que, ao lado do seu aspecto político-religioso, também havia a considerar o utilitário, nem sempre aliás relacionado com o comércio»[79]. Reconhece, aliás, que o retrato que traça do infante D. Henrique «é tão diverso do de Bensaúde que os diríamos inspirados em conceitos opostos, este idealista em extremo, aquele francamente materialista».

(77) Duarte Leite, *ob. cit.*, p. 85, 94 e 95.

(78) *Ibidem*, p. 69.

(79) *Ibidem*, p. 93.

Conciliador e defensor da ideia de que a ciência é inimiga de posições dogmáticas e de que a sua antítese à tese de Bensaúde não visa mais que a busca de uma nova síntese, adverte Duarte Leite: «Desculpo-me da profunda divergência com o desejo de vincar traços de carácter de D. Henrique, aos quais o ilustre escritor não ligou apreço sensível. A verdade está porventura num medio termo»[80].

Mais que os fogosos reparos de Reparaz, as críticas de Duarte Leite abalaram profundamente Joaquim Bensaúde. Em carta endereçada a Cândido Nazaré, datada de 28 de Setembro de 1930, desabafa o autor da tese henriquina do plano da Índia: «Desde Maio que ando quase inutilisado. Só ha cerca de um mez voltaram um pouco as forças — e dediquei-me desde então á resposta d'um artigo do Dr. Duarte Leite que me trouxe uma nota discordante sobre o problema das Origens. O caso preocupou-me por vir de quem vem»[81].

Apesar dos problemas de saúde, Joaquim Bensaúde não demorou a reagir. Durante os últimos oito meses de 1930, preparou cuidadosa e afincadamente a resposta às críticas de Duarte Leite, em duas cartas que lhe dirigiu pessoalmente, uma datada de Outubro e remetida de Paris, e outra de Dezembro e de Nice, ambas imediatamente publicadas em jornais e editadas em livro em Paris e em Coimbra[82]. Para melhor compreensão dos leitores, particularmente daqueles que porventura não tivessem tido conhecimento do artigo de Duarte Leite, a edição de Coimbra acoplou o texto deste, como se depreende da última carta endereçada ao Director da Imprensa da Universidade, Joaquim de Carvalho, remetida de Nice e datada de 6 de Fevereiro de 1931: «Em poucos dias espero expedir-lhe pelo correio 30 exemplares das duas cartas ao Dr. Duarte Leite: uma que VExª conhece e outra complementar. Agradeço-lhe profundamente a projectada publicação do artigo do Dr. Duarte Leite reunido á minha resposta»[83].

(80) *Ibidem*, p. 79.

(81) Jorge Peixoto, *ob. cit.*, p. 113.

(82) Joaquim Bensaúde, *As origens do plano das Indias. Resposta ao artigo do Excelentíssimo Sr. Dr. Duarte Leite*, Paris, Librairie Aillaud, 1930; *Études sur l'Histoire des Découvertes Maritimes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

(83) *Carta 35*.

Nas duas referidas cartas dadas à estampa e amplamente divulgadas, Joaquim Bensaúde esforça-se por defender e explicar a sua tese e por refutar a do seu opositor. Num texto bem elaborado, e encorajado pela leitura ou releitura das obras de Beazley, cujas posições se aproximavam das suas e se afastavam das de Duarte Leite, assevera que, em termos de recursos, ao Infante «tudo era pouco para levar a bom fim a empresa a que metera ombros e é esta a origem da sua ânsia comercial, que não impediu, porém, não obstante a sua grande fortuna, que D. Henrique morresse endividado e na penúria». E continua, na primeira das duas cartas a Duarte Leite: «Este ponto de VExª foi o que mais me impressionou, por ser o fulcro em torno do qual gira a argumentação tendente a refutar a minha tese, procurando provar que o lucro era a mola real dos esforços marítimos de D. Henrique. Ora, a verdade é que as suas navegações, consideradas como especulação comercial, eram simplesmente ruinosas e a tenacidade com que D. Henrique nelas persistiu até morrer prova, ao contrário, que outra aspiração, outro intuito o animava e não apenas o de enriquecer-se ou o de enriquecer o reino»[84].

Em suma: as críticas de Duarte Leite atormentaram Joaquim Bensaúde, obrigaram-no a um enorme esforço na elaboração da defesa das suas posições, mas parece ter ficado aliviado e satisfeito com a resposta dada nas duas aludidas cartas, como parece ressaltar da missiva remetida de França a Cândido Nazaré, datada de 30 de Março de 1931: «o que não está ainda á altura é as forças de trabalho. Não faço nada por grande fadiga cerebral. Impressionou-me tanto o artigo do Dr. Duarte Leite que deitei as livrarias abaixo para salvar a tese tão honrosa para a nossa história. Como VExª terá visto pela resposta ao Dr. Duarte Leite creio que poderei dormir descançado tanto mais que tenho o apoio completo dos grandes que por cá tenho consultado sobre a matéria»[85].

Embora Bensaúde pareça estar refeito do enorme choque sofrido, o facto é que as críticas de Duarte Leite (na sequência, aliás, das de Reparaz que,

---

[84] O texto das duas cartas foi republicado em *A Cruzada do Infante D. Henrique*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1942, e na 2ª edição desta obra, comemorativa do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1959, que aqui seguimos. Ver pp. 79 a 105 e, concretamente neste ponto, p. 92.

[85] Jorge Peixoto, *ob. cit.*, p. 117.

em certa medida, apontam no mesmo sentido) puseram praticamente fim às suas investigações e à sua produção científica. Com efeito, durante mais de vinte anos, até à sua morte, em 1952, limitou-se a republicar textos ou a concluir estudos que tinha em mãos, traduzidos nas suas duas últimas obras: *A Cruzada do Infante D. Henrique,* em 1942, onde, além de outros textos, retoma as duas cartas de resposta às críticas de Duarte Leite, e *Estudos sobre D. João II,* em 1946, em cujo projecto já trabalhava desde 1924, como se pode ver pela sua correspondência para Joaquim de Carvalho[86].

7. As críticas e os contributos de Vitorino Magalhães Godinho

A questão central da controvérsia entre Joaquim Bensaúde e Duarte Leite foi retomada por Vitorino Magalhães Godinho em algumas das suas obras, pela leitura das quais se vê que discordou da tese do primeiro tal como foi formulada e propendeu claramente para a posição do segundo. Não se limitou, porém, a dirimir a questão do mentor e das motivações do plano das Índias. Pelo recurso a metodologias novas, alargou e aprofundou a discussão e o estudo da história dos descobrimentos e da expansão portuguesa. À mesquinhez da mera questão do plano das Índias, contrapôs um plano ambicioso, servido por uma teia explicativa ampla e global, por forma a captar, não só o complexo problema das origens, mas também as linhas evolutivas do processo expansionista português[87].

Em *A Expansão Quatrocentista Portuguesa,* publicada em 1944, Magalhães Godinho começou por fazer um balanço-síntese do que até então tinha

---

[86] Vejam-se as cartas 4, 5, 6, 9, 14, 18, 19, 23, 32, 33 e 34.

[87] Entre a vastíssima obra de Vitorino Magalhães Godinho neste domínio, vejam-se particularmente as que se seguem: *A Expansão Quatrocentista Portuguesa. Problemas das Origens e da Linha de Evolução,* Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, Lda., 1944; *Documentos sobre a Expansão Portuguesa,* 2 vols., Lisboa, Editorial «Globo», 1943-1956; *O mediterrêneo saariano e as caravanas do ouro,* São Paulo, Colecção da "Revista de História", sob a direcção de E. Simões de Paula, VIII, 1956; *A economia dos descobrimentos henriquinos,* Lisboa,, Livraria Sá da Costa, Editora, 1962; *Ensaios II. Sobre História de Portugal,* Lisboa, Sá da Costa Editora, 2ª edição, 1978 (1ª edição, 1968); *Os descobrimentos e a economia mundial,* 4 vols., 2ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 1981-1983 (1ª edição, 2 vols., Lisboa, 1963-1971); *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar (séculos XIII-XVIII),* Lisboa, Difel, 1990.

sido escrito pelos historiadores portugueses sobre esta matéria, expressando de forma clara e objectiva as diferentes posições de cada um deles[88]. Vejamos, de modo sumário, cada uma dessas posições, seguindo a interpretação de Vitorino Magalhães Godinho.

Procurando responder às atoardas de Humboldt, o visconde de Santarém «acentuou a carácter metódico das navegações e pôs em relêvo os motivos científicos que teriam norteado o Infante D. Henrique»[89]. Mais que a razão vital-emocional decorrente do «estuar de vida mal contida nos limites nacionais», ou o misticismo e o fervor religioso da expansão da fé cristã, a ideia central da explicação dada por Oliveira Martins é *económico-científica*[90]. António Sérgio pôs a tónica nas *razões económicas*. No seu entender, o proveito foi a mola real dos esforços dos descobridores[91]. Como tivemos oportunidade de ver no que nos pontos anteriores se disse, Joaquim Bensaúde, na linha de Beazley, insistiu na tese de que foram essencialmente razões *político-religiosas* que moveram o Infante a apoiar a guerra em Marrocos e o levaram à arrancada dos descobrimentos marítimos. Defendeu de forma obsessiva a ideia de que D. Henrique foi um cruzado e os descobrimentos as cruzadas do Ocidente, com Portugal à cabeça. Não negou a componente económica, mas insistiu que o proveito não visava mais que custear as pesadas despesas das navegações. Prova disso é que o infante D. Henrique morreu endividado[92]. Duarte Leite, como vimos atrás, rebateu a tese henriquina do plano das Índias de Bensaúde e procurou pôr em evidência o *aspecto utilitário* dos descobrimentos portugueses[93]. Jaime Cortesão defendeu, numa primeira fase, o carácter *político-geográfico* dos descobrimentos marítimos, mas depois modificou o equilíbrio das causas no sentido das posições de Joaquim Bensaúde, ou seja, «os objectivos económicos dos descobrimentos constituíam acima de tudo um meio ao

(88) Vitorino Magalhães Godinho, *A Expansão Quatrocentista Portuguesa. Problemas das Origens e da Linha de Evolução*, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, Lda. 1944, pp. 7-18.

(89) *Ibidem*, p. 7.

(90) *Ibidem*, p. 8 e 9.

(91) *Ibidem*, p. 9 e 10.

(92) *Ibidem*, p. 10-12.

(93) Duarte Leite, *História dos Descobrimentos. Colectênea de esparsos*, Organização, notas e estudo final de V. Magalhães Godinho, e vols., Lisboa, Edições Cosmos, 1958, vol. I, p. 93.

serviço de um fim político-religioso (a destruïção do Islame e a defesa da Cristandade)»[94].

Depois deste balanço sumário, Vitorino Magalhães Godinho parte para a sua visão do problema e para uma construção explicativa assente em sólidos fundamentos históricos e em novas metodologias. Faz a análise da crise económica e social da Europa nos séculos XIV e XV; mostra que os projectos de expansão europeia, as primeiras navegações e as tentativas de penetração em África são anteriores à expansão turca e que esta «não cortou as rotas comerciais entre a Ásia e a Europa», visto que «o Islame não formou um bloco em face da Cristandade», nem vice-versa; constata que a burguesia europeia e portuguesa foi atraída pelas riquezas de Marrocos: cereais, gado, couros, mel, cera, pescado, têxteis e, acima de tudo, o ouro do Sudão; penetra no complexo problema das políticas, das ideologias e das repercussões da expansão portuguesa[95].

Estamos entre os muitos que consideram *A Expansão Quatrocentista Portuguesa* uma obra modelar a vários títulos. Concretamente, para melhor incutir no leitor as ideias-chave a reter, Godinho sintetiza-as e sistematiza-as em tópicos, estratégia pedagógico-didáctica que retomará em outras obras suas. É a postura do Mestre que se preocupa em fazer Escola!

Nesta como nas obras que se lhe seguiram, pressente-se que a linha de pensamento de Godinho, relativamente aos descobrimentos e à expansão portuguesa, é suscitada e tem como pano de fundo a desmontagem de certas teses de Joaquim Bensaúde e a construção de novas teias explicativas. Tomemos alguns exemplos ilustrativos.

No seu «estudo final» que acompanha a publicação da *História dos Descobrimentos*, de Duarte Leite, em 1958, depois de realçar a importância de um conjunto assinalável de fontes publicadas em edições fac-similadas pelo autor de *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, avança o seguinte comentário: «Na obra de Bensaúde há um outro aspecto completamente diferente a considerar. Ou melhor, dois outros aspectos. Um dos temas a que insistentemente voltou foi o do papel decisivo desempenhado por D. João II na expansão — e neste caso pode ter contribuído para certas posições de Duarte Leite e ainda hoje contribui

[94] Vitorino Magalhães Godinho, *ob. cit.*, p. 12-14.

[95] Vitorino Magalhães Godinho, *ob., cit.*, passim.

para a orientação de certos estudos de Teixeira da Mota. Outro dos temas repisadamente glosado foi o de espírito de cruzada como principal mola dos descobrimentos e conquistas e o do retrato de D. Henrique como puro cruzado que ao seu sonho abrazador tudo e todos sacrifica; esta concepção retoma certas ideias de Oliveira Martins, desequilibrando-as por as tirar do contexto explicativo complexo em que no historiador oitocentista se situavam. Este segundo tema e esta interpretação, sugeridas repetidas vezes mas nunca apoiadas em provas documentais, é que exerceram maior influência nos domínios de uma vulgarização propagandística e, em alguns dos seus pontos, chegaram a exercer sedução sobre um autêntico historiador como Jaime Cortesão. Contra elas pugnou mais de uma vez Duarte Leite, e isso explica a hostilidade que a sua obra crítica encontrou em certos meios não científicos»[96].

Em *A economia dos descobrimentos henriquinos*, trilhando novos rumos de pesquisa e apontando novas metodologias para refazer em bases sólidas a história dos descobrimentos e da expansão portuguesa, Godinho desferiu uma crítica demolidora aos textos publicados por Joaquim Bensaúde desde 1930 e reunidos em *A Cruzada do Infante D. Henrique*, em 1942. Tal crítica subjaz a toda a obra e está presente de forma mais ou menos explícita em muitas das suas passagens. Concretamente, vemo-la numa acutilante nota infrapaginal do capítulo terceiro, sobre o problema das origens dos descobrimentos na historiografia portuguesa, a qual não resistimos em tomar na íntegra: «Esta obra de Bensaúde foge às mais elementares exigências da fundamentação histórica. Bibliografia extremamente desigual: ao lado de obras como as de La Roncière e Bovill cita-se compêndio liceal (e nem sequer na última edição corrigida ...); e além disso extraordinàriamente deficiente: não se utilizam as grandes colecções de história geral, nem as obras fundamentais de René Grousset e F. Grenard sobre a Ásia; não se apresenta nenhuma história económica — uma, ao menos; passa-se inteiramente em claro sobre os ensaios de Sérgio e os estudos de Veiga Simões, e não se tiveram na devida conta os trabalhos de Duarte Leite, David Lopes, Jaime Cortesão. Mas o mais grave ainda está em que nenhuma das afirmações é fundamentada por referência directa às fontes. Em que

[96] Duarte Leite, *História dos Descobrimentos. Colectânea de esparsos*, Organização, notas e estudo final de V. Magalhães Godinho, 2 vols., Lisboa, Edições Cosmos, 1958, p. 535 e 536.

se baseia Bensaúde para afirmar que D. Henrique era um cruzado, que D. João I e D. Duarte não pensaram em conquistar Marrocos, que a tomada de Ceuta é da iniciativa de D. João I apoiado pelo Condestável, que em 1453 Ceuta e a própria Península se sentem em perigo, que os marinheiros e soldados eram todos almas generosas, cheios de abnegação e sacrifício, com fé de cruzados? Como não há uma única citação de passagem precisa de crónica, diploma ou relato, o mais que podemos conceder é tratar-se de hipóteses para futuras pesquisas mas por ora inteiramente inverificadas; a verdade, porém, é que, como tais, se afiguram gratuitas e sem fecundidade. Espanta tanto mais quanto, estrénuo paladino dos esplendores da tradição portuguesa contra os que pretendem denegri-los, Bensaúde destes exigia a estrita observância de métodos rigorosos de investigação»[97]. Como vemos, as críticas são apontadas ao cerne do ofício do historiador: a fundamentação documentada e a metodologia científica.

Nos seus *Ensaios,* particularmente ao tratar das «dúvidas e problemas àcerca de algumas teses da historiografia da expansão», Godinho ataca uma vez mais a tese de Bensaúde sobre o infante D. Henrique, em termos que a seguinte passagem ilustra de forma eloquente: «torna-se completamente inaceitável a posição de Joaquim Bensaúde na recente colectânea de trabalhos seus, A cruzada do Infante D. Henrique (Lisboa, 1943). Embora repise que a história da expansão deve elaborar-se com o rigor dum método de investigação dos mais modernos, vinca contraditoriamente que o objectivo básico reside na urgente reconstrução histórica das glórias marítimas nacionais. Todo o livro ficou deformado por tal objectivo extra--histórico»[98].

Em síntese e concluindo: a historiografia dos descobrimentos e da expansão portuguesa, iniciada com o visconde de Santarém e rematada, até hoje, com Vitorino Magalhães Godinho, teve em Joaquim Bensaúde um cultor devotado. Durante mais de século e meio, cada historiador caiu na tentação de explicar, por uma razão única, o complexo fenómeno histórico das Descobertas Marítimas, a que o padre António Vieira qualificou como *«a*

[97] Vitorino Magalhães Godinho, *A economia dos descobrimentos henriquinos,* Lisboa, Livraria Sá da Costa, Editora, 1962, pp. 41 e 42.

[98] Idem, *Ensaios II. Sobre História de Portugal,* Lisboa, Sá da Costa Editora, 1968, pp. 65-96.

maior obra de Deus depois da Creação»[99]. Alguns deles, admitindo embora a existência de razões várias, acabaram por eleger uma delas como determinante, como mola real do processo. Todos esses contributos permitem-nos ter hoje uma visão mais ampla do problema.

O movimento colectivo dos descobrimentos e da expansão portuguesa foi, pois, um *processus* complexo que envolveu a nação lusíada no seu todo e, como tal, as motivações foram de vária ordem: económicas, sociais, geográficas, científicas, políticas, religiosas, ideológicas. Já Zurara deixou expressas as *cinco razões do Infante,* às quais ele acrescentou mais uma.

Claro que o peso específico de cada uma delas é muito diferente, mas é extremamente difícil, se não mesmo impossível, ponderar qual delas é a mais importante ou que arrasta todas as outras. Por outro lado — Vitorino Magalhães Godinho mostrou-o bem — há que não confundir a génese com o desenvolvimento do processo, uma vez que as motivações se foram alterando à medida que o mesmo se foi desenrolando.

[99] Em 1664, na sua *História do Futuro,* escreve Vieira: - *«não houve obra de Deus, depois do princípio e creação do Mundo, que mais assombrasse e fizesse pasmar os homens, que o descobrimento do mesmo mundo que tantos mil anos tinha estado incógnito».* Já López de Gómara, em 1552, na *História General de las Indias,* dissera que «à descoberta das rotas marítimas para as Índias de Castela (Novo Mundo) e Índias Orientais, só considerava que sobrelevavam a Creação e a Incarnação». Opinião idêntica será expressa, em 1776, por Adam Smith, o qual considera que *«o descobrimento da América e o da passagem para as Índias Orientais pelo Cabo da Boa Esperança constituem os dois acontecimentos maiores e mais importantes da história da Humanidade».* Citados por Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar,* Lisboa, Difel, 990, p. 24.

8. Bibliografia de Joaquim Bensaúde (1859-1952)

I – Livros e artigos

[1912]

1. *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*. Bern: Akademische Buchhandlung von Max Drechsel, 1912. 290 p. Republicado em Amsterdam: N. Israel/ Meridian, 1967. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 1, p. [149-436].

[1917]

2. *Histoire de la science nautique portugaise: résumé*. Genève: Imprimerie A. Kundig, 1917. 110 p. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 1, p. [473-582].

[1917-1920]

3. *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises: réponse à M. Hermann Wagner, Professeur à l'Université de Göttingue*. Genève: Imprimerie A Kundig, 1917-1920. 122, 14 p. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 2, p. [7-148].

[1918]

4. *Un cycle de légendes allemandes sur la science nautique portugaise*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1918. 32 p. Extracto do «Jornal de Sciências Matemáticas, Físicas e Naturais». Lisboa. 3ª Série, n.º 4.

[1927]

5. *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises: deuxième partie*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 2, p. [149-282].
6. «Luciano Pereira da Silva e a sua obra». *O Instituto*. Coimbra. Vol. 74, n.º 3 (1927), p. 377-408. Existe sep. Também pub. in SILVA, Luciano Pereira da – *Obras completas*. Ed. preparada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1943. Vol. 1, p. XV-LV; in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [181-214].

[1929]

7. *Origines du plan des Indes: conférence*. Paris: Librairie Aillaud, 1929. 32 p. Publicado em versão portuguesa com o título «O plano das Índias». *Boletim da Agência Geral*

das Colónias. Lisboa. N.º 59 (Mai. 1930). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *A cruzada do Infante D. Henrique*. p. 45-70; in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [349-378].

8. *Origines du plan des Indes: études sur l'histoire des découvertes maritimes [1.e partie (XVe siècle)]*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929. 148 p.

[1930]

9. *Lacunes et surprises de l'Histoire des Découvertes Maritimes: 1.e partie*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930. 448 p. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [283-478].
10. *As origens do plano das Índias: resposta ao artigo do Excelentíssimo Sr. Dr. Duarte Leite*. Paris: Livraria Aillaud, 1930. 24 p. Também pub. com o título «Resposta ao artigo do Dr. Duarte Leite: 'Talent de bien faire' (2 cartas 1930)». In BENSAÚDE, Joaquim – *A cruzada do Infante D. Henrique*. p. 73-99.

[1938]

11. «Les débuts de la grande époque». In: PORTUGAL, MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS – *Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 1.º Publicações: 1.ª Secção: Descobrimentos*. Lisboa: Ministério das Colónias, 1938. p. 115-135. Existe sep. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [7-30].

[1942]

12. «Comunicação do Sr. Joaquim Bensaúde». *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. Nova Série. Vol. 14 (Jun.-Jul. 1942), p. 160-199. Existe sep. com título *A cruzada do Infante D. Henrique*. Lisboa: [s.n.], 1942. 46 p. Também pub. como «[Introdução]». In BENSAÚDE, Joaquim – *A cruzada do Infante D. Henrique*. p. 5-41.
13. *A cruzada do Infante D. Henrique*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1942. 133 p. Republicado em Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1959 e 1960. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [217-345].
14. «As dificuldades financeiras dos descobrimentos do Infante: Agôsto 1942». In BENSAÚDE, Joaquim – *A cruzada do Infante D. Henrique*. p. 130-133.

[1944]

15. «O roteiro de Flandres e D. João II». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 62.ª Série. N.º 5-6 (Mai.-Jun. 1944), p. 343-367.

[1946]

16. «Estudos sobre D. João II». *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 2ª Série. Vol. 1 (1946), p. 173-259. Existe sep. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [381-463].

[1950]

17. *Les attaques contre l'Histoire Maritime Portugaise*. Lisbonne: [s.n.], 1950. Também pub. em língua inglesa com o título *The attacks against portuguese history*. [S.l.: s.n.], 1950. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [99-178].

[1995]

18. «O Museu dos descobrimentos». In BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [467-479].
19. *Opera Omnia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1995. 5 vols.
20. «A prioridade da caravela latina na História dos Descobrimentos.» In BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [489-496].
21. «A reconstrução histórica e o enigma das construções navais portuguesas dos séculos XV e XVI.» In BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [481-488].
22. «Tópicos para trabalhos futuros.» In BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [497-499].

[s.d.]

23. *On the projected Lisbon harbour work*. [S.l.: s.n., s.d.].

II – Edição de textos e documentos

[1914]

24. *Regimento do estrolabio e do quadrante: tractado da spera do mundo*. [Introd. Joaquim Bensaúde.] Munich: Carl Kuhn, 1914. VIII, 31, 64 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 1). Também publicado, na mesma data, com introdução em língua alemã, integrando a colecção Seltenheiten aus Süddeutschen Bibliotheken, band 5. Republicado em Lisboa: Imprensa Nacional, 1924. Edição de 1924 também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [6-108].

25. SACROBOSCO, Joannes de – *Tractado da spera do mundo: regimento da declinação do Sol*. Genève: Société Sadag, [1914]. 72 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 2). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [110-184].

[1915]

26. ZACUTO, Abraão – *Almanach Perpetuum Celestium Motuum (Radix, 1473)*. Munich, J. B. Obernetter, 1915. 335 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 3). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [186-523].
27. FALEIRO, Francisco – *Tratado del esphera y del arte del marear*. Berne-Munich: J. B. Obernetter, 1915. 102 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 4). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 5, p. [7-110].
28. NUNES, Pedro – *Tratado da sphera com a theorica do Sol e da Lua e ho primeiro livro da Geographia de Claudio Ptolomeu*. Munich: J. B. Obernetter, 1915. 180 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 5). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 5, p. [112-294].

[1917]

29. ZACUTO, Abraão – *Almanach perpetuum celestium motuum (Radix 1473)*. Genève: Société Sadag, [1917]. 37 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 6). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 5, p. [296-333].
30. *Reportorio dos tempos. Trasladado do castelhano em portuguez per Valentim Fernandez com o Regimento da declinação do Sol: A qual declinação foy tirada pontualmente do Zacuto pelo honrado Gaspar Nicolas mestre sufficiente nesta Arte*. Genève: Société Sadag, [1917]. 146 p. (Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes; 7). Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 5, p. [336-482].

III – Prefácios

[1946]

31. «Prefácio». In REIS, Pedro Batalha – *Um retrato d'el-rei Dom João II*. Lisboa: [s.n.], 1946. p. 9-12. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – «Estudos sobre D. João II.» p. 255-259.

IV – Vária

[1917]

32. *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes: index des noms*. Genève: A. Kundig, 1917. 11 p. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 1, p. [437-449].

[1931]

'33. *Études sur l'Histoire des Découvertes Maritimes portugaises: tables des matières, index des noms*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. 30 p. Também pub. in BENSAÚDE, Joaquim – *Opera omnia*. Vol. 3, p. [479-518].

[1980]

34. «[Correspondência]». In PEIXOTO, Jorge – *Correspondência de Joaquim Bensaúde para Cândido Nazaré chefe das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra*. Paris: Centro Cultural Português, 1980. p. 43-120.

III – O astrónomo-historiador Duarte Leite

Por Marinho dos Santos

(Página deixada propositadamente em branco)

Duarte Leite Pereira da Silva
Carvão de Abel Salazar

(Página deixada propositadamente em branco)

1. Sobre a sua vida e o ofício da História

Num escorço biográfico e bibliográfico inserido no *Dicionário de História de Portugal,* Vitorino Magalhães Godinho refere que Duarte Leite Pereira da Silva nasceu no Porto em 1864 e aí veio a morrer em 1950. Formado em Matemática na Universidade de Coimbra, onde foi discípulo de José Falcão, em 1885 conquistará, por concurso, o lugar de professor da Academia Politécnica do Porto, exercendo a docência durante 25 anos. Em missiva, datada de 22 de Maio de 1942, para Joaquim de Carvalho, Leite afirma, de facto, ter passado cinco anos (de 1880 a 1885) em Coimbra[1]. Godinho completará estes dados biográficos com outros publicados no vol. II da *História dos Descobrimentos. Colectânea de esparsos,* de Duarte Leite[2].

Neto, pelo lado materno, do cônsul inglês Johnson (o que poderá ter proporcionado a Duarte Leite um certo temperamento fleumático), o pai foi capitão da marinha mercante, viajando com frequência para o Brasil. Certa vez, levou o filho e internou-o num colégio carioca (onde fez os estudos primários), nascendo assim uma relação profissional e afectiva com o grande «País-irmão». Matriculado, como se disse em Coimbra, no curso de Matemática, frequentou, também, a cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito (onde teve Luciano Pereira da Silva como condiscípulo) e, no último ano das Matemáticas, aprendeu Mecânica Celeste com José Joaquim Pereira Falcão e Zoologia e Agricultura na Faculdade de Filosofia.

---

(1) *Carta 11* (cf. Anexo Documental).

(2) Organização, notas e estudo final de Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa, Edições Cosmos, 1960, p. 345 e segs.

Assinale-se, pois, a sua formação académica muito diversificada.

A correspondência do «Professor do Porto» para Joaquim de Carvalho tem como limites temporais 6 de Novembro de 1933 e 2 de Janeiro de 1944, desenrolando-se portanto (intermitentemente) durante os últimos anos de vida do «Astrónomo-historiador». Concretamente, em carta, datada de 29 de Setembro de 1942, Duarte Leite fará questão de lembrar ao «Professor de Coimbra» que «[...] li em geometria descritiva, geodesia, topografia, astronomia e mecânica racional, a primeira destas matérias durante poucos anos e as outras no resto de 28 anos de magistério, mas no Prefácio [de Joaquim de Carvalho para a tradução do *De Crepusculis* de Pedro Nunes] creio que convém destacar apenas a astronomia, por dela me vir qualquer autoridade na apreciação do escrito de Pedro Nunes». E, na mesma carta, reitera a sua decisão de oferecer à Faculdade de Ciências do Porto os livros da sua «pequena biblioteca matemática». Enfim, sabia que o fim da sua vida não tardaria.

As 29 missivas, que o Senhor Doutor João Montezuma de Carvalho recolheu no espólio epistolar de seu pai e que têm a assinatura de Duarte Leite, estão datadas da Casa de Vila Pouca — Meinedo — Lousada (Linha do Douro), excepto a última: da Rua Rodrigo da Fonseca, 83-1° Esq^{do} — Lisboa. Ora, na primeira, ou seja, em 1933, já se considerará estar «muito velho, de corpo e de espírito, o que é pior» e, em 1942 (30 de Agosto), queixar-se-á do enfraquecimento da vista[3]. Voltando, porém, a socorrer-nos de Magalhães Godinho, a actividade política de Duarte Leite foi marcada, além do mais: pela colaboração com Basílio Teles no Grupo Republicano de Estudos Sociais; pela entrada, em 1897, para o Directório do Partido Republicano; pela participação em comícios no Porto contra o descalabro a que a Monarquia conduzia a Nação; pela eleição, em 1907, na lista republicana como vereador da Câmara do Porto; pela nomeação, em 1911, de Ministro das Finanças e, posteriormente, de Ministro do Interior; pelo desempenho do cargo de embaixador no Brasil (com cessão de funções em 1931).

Já então se iniciara nas lides historiográficas, uma vez que datam de 1921 e 1923 os seus primeiros trabalhos: *Os falsos precursores de Cabral; O mais antigo mapa do Brasil; A exploração do litoral do Brasil na cartografia da 1.ª década do século XVI.* Mas, como observa, igualmente, Vitorino Magalhães

(3) *Carta 13.*

DR. DUARTE LEITE

Américo Vespucio, Pinzon, Hojeda, Diego de Lepe, foram destroçados pela pena acutilante e erudita do Dr. Duarte Leite. Clareza, logica, sciencia, no seu novo livro "Os descobridores do Brazil"

Pedro Alvares Cabral encarrega-nos de saudar o grande investigador.

In *Sempre fixe*, 14-4-1932

Godinho, «veio pois tardiamente à história...». Vinha tarde, mas cientificamente preparado e aparelhado de apurado sentido crítico e inigualável preocupação de rigor. Demonstra-os, exuberantemente, nas cartas que ora divulgamos.

Com efeito, os vocábulos «apurei», «verifiquei», «procurei», «comparei», «estou curioso»... são recorrentes na correspondência de Duarte Leite para Joaquim de Carvalho. Por outro lado, aplica à análise histórica o cabedal científico de que melhor está apetrechado, como se exemplifica: «Não duvido de que ele [o Infante D. Henrique] a melhorasse [à Universidade] em qualquer sentido, menos no que respeita às três artes liberais dependentes da matemática. [...] Não pode haver testemunho mais claro do pouco em que o suposto príncipe cosmógrafo tinha a astronomia e até a aritmética e a geografia, sem fundamentos»(4).

Cientificamente humilde (embora fosse acusado, por outros, do contrário), vemo-lo: a confessar pouco ou nada saber sobre certas matérias/disciplinas («Como sou ignorante em heráldica...»(5)); a reconhecer que a «verdadeira erudição é lenta de adquirir»(6); a solicitar a crítica de trabalhos seus por quem era competente: («Aguardo o juízo de V. Exª sobre esse livro *[Acerca da Crónica dos feitos de Guineé]*, como duma das pessoas mais competentes para o pronunciar com saber e rectidão»(7)); ou a declarar que «não pretendo ter sempre acertado [cientificamente]»(8).

Contudo, para ele reverência não era sinónimo de subserviência científica e ei-lo: a «divergir», quando se impõe, até mesmo do «mestre de *sua* grande consideração», como era Joaquim de Carvalho(9); a reconhecer ser minucioso em questões de conteúdos e até de forma(10); ou a ter que «ficar na dúvida», porque as autoridades consultadas não o satisfaziam(11). Enfim, insiste, por método, na dúvida e na inquirição com base em hipóteses, admitindo sempre poder estar «enganado»(12).

(4) *Carta 1.*
(5) *Carta 10.*
(6) *Carta 1.*
(7) *Carta 6.*
(8) *Carta 9.*
(9) *Carta 1.*
(10) *Carta 13.*
(11) *Carta 27.*
(12) *Ibidem.*

Exigente consigo próprio, sentia-se no direito, em nome da *verdade histórica,* de criticar o trabalho dos outros, o que, naturalmente, lhe criava dissabores, traduzidos, por vezes, em «insolências e remoques depreciativos» e em acusações «de passar a vida inteira em arrojadas afirmações, sem de modo algum as provar»[13]. Esclareça-se, no entanto, que a origem de tais críticas residia, no fundo, na luta entre círculos culturais que tinham da história concepções muito distintas e até adversas. Concretamente, Duarte Leite será considerado «lídimo representante da nefasta escola, que se compraz na *especifica questão pessoal* (!) com as grandes figuras da História, na convicção apriorística de que nada de grande se pode ter feito em Portugal, no ódio à nossa História só por não ser possível louvá-la sem louvar os Monarcas e a Igreja, na consumição com que pretende transferir das aristocracias para o povo, do singular para o colectivo, a iniciativa dos grandes feitos»[14].

Duarte Leite responderá a estas e outras críticas com a *postura* própria de um verdadeiro historiador, ou seja, com a necessidade de aplicar ao objecto da investigação (qualquer que ele seja) o instrumento da crítica das fontes, para não se (re)criarem autênticas «falsidades». É que, esclarecerá Leite, não bastava citar um documento, um cronista ou qualquer autoridade, porque ao invocar o seu conteúdo, ao reproduzi-lo sem hesitação, o pretenso historiador o toma como *seu,* «faltando assim ao dever elementar de pesar o grau de confiança que merecem aquelas fontes»[15]. E exemplificava que havia considerado falsas certas verdades sobre os Infantes D. Henrique e D. Pedro, sobre a «escola de Sagres», sobre D. João I, sobre a lenda do mar tenebroso..., porque, pura e simplesmente, não eram fundamentadas em fontes ou na sua correcta leitura.

Uma das facetas ou *imagens de marca* (como ora se diz) do trabalho historiográfico de Leite, segundo Magalhães Godinho, foi, de facto, o regresso à utilização directa das fontes, procurando vê-las «em si próprias e não através dos filtros das interpretações sedimentadas, geralmente derivadas umas das outras»[16].

---

[13] Cf. por ex. *Réplica final a um integro luminar da História* [Costa Brochado], in *História dos Descobrimentos. Colectânea de esparsos,* de Duarte Leite, vol. I, p. 249-257.

[14] Idem, *Ibidem.*

[15] *Ibidem,* p. 250.

[16] *Balanço de uma obra,* in *História dos Descobrimentos,* de Duarte Leite, vol. II, p. 538.

Ora, da aturada crítica das fontes teria que brotar (brota), necessariamente, o reequacionamento ou a formulação de antigos e novos problemas/questões históricas. Documenta este nexo quase espontâneo nas suas missivas, quando exemplifica: «É muito justa a observação de V. Exª a respeito da provável influência da França na nossa ciência náutica, mas creio que ela só foi directa no século XVI. É ponto a estudar»[17]. Ou este outro propósito: «É necessária uma revisão integral de tudo quanto se tem escrito nos últimos anos sobre este grande vulto [Infante D. Henrique]»[18]. E ele próprio deitou mãos à obra, iniciando a tal «revisão integral» do que até então se escrevera sobre o *Infante*, confrontando-se, entre outros, com a versão de Joaquim de Bensaúde. Vamos recordar alguns passos dessa polémica.

2. A conquista de Ceuta ou as «Causas da Expansão Portuguesa no Mundo»

Numa abordagem às *Causas da Expansão Portuguesa no mundo*, Duarte Leite observará que Joaquim Bensaúde «retomou a tese de Oliveira Martins, discriminando nela a parte dos factores económicos e exagerando a da combatividade religiosa»[19]. Mais criticará, na interpretação do «insigne historiador da nossa antiga ciência náutica», o postulado de considerar o Infante D. Henrique o principal fautor da conquista de Ceuta e do nosso espargimento no Mundo, ao descrevê-lo como isento de ambições materiais e com um ideal de vida próprio de um cruzado medieval, «ao serviço da cristandade ameaçada pelo poder dos Turcos».

O plano do Infante, segundo Bensaúde, tinha um objectivo duplo: apoderar-se de Ceuta, como chave do Mediterrâneo e da via das Índias pelo Levante, erguendo deste modo uma muralha contra ataques aos cristãos da Península Ibérica; e tentar a circum-navegação da África Negra para atacar o Islame na sua retaguarda, ou seja, no Oriente. Ora, Duarte Leite, muito esclarecidamente, considerará que «esta concepção padece de vícios,

(17) *Carta 1.*

(18) *Ibidem.*

(19) In *História dos Descobrimentos*, de Duarte Leite, vol. 1, p. 17-22.

cronológicos e outros», explicitando alguns: em 1415, ainda não se pensava em Descobrimentos, um rumo independente das conquistas e não inspirado em crenças religiosas; as primeiras viagens ao longo do litoral africano não visavam a Índia Oriental, pois não havia a certeza «de ser navegável a zona tórrida nas proximidades da equinocial»; o perigo turco só se acentuou 38 anos depois da conquista de Ceuta, ou seja, após 1453.

Recordemos que, para Leite, a matriz de algumas teses erróneas e de outras com pontos vulneráveis, quanto à empresa de Ceuta e ao período inicial da expansão portuguesa, deveria ser atribuída a Oliveira Martins, já que fora ele que, para além do empolamento da figura do «Infante», estruturara uma explicação assente na exaltação da fé cristã, no exercício das armas, no enriquecimento do Reino e na cobiça do comércio do Oriente. Ora, o «Astrónomo-historiador» da Universidade do Porto admitirá que a guerra aos infiéis «era benvinda aos cavaleiros portugueses», mas chacinar mouros era um objectivo secundário perante outras vantagens que podiam advir, como ganhar terras em Marrocos, tributos, saques, mercês régias... E, a propósito, lembrará que, sendo embora rica, Ceuta, após a conquista portuguesa, ficou privada do afluxo de riquezas, designadamente «continuou fechado o acesso ao ouro e a outras mercês do Sudão». Por isso mesmo, lembraremos nós, é que a descoberta e a colonização das ilhas atlânticas e da costa ocidental africana se perfilaram como via alternativa para o «proveito» que Ceuta não proporcionava aos portugueses, ao «quase estancar — retomamos Leite — a fonte septense de riquezas levantivas e sudanesas».

E é aqui que Duarte Leite se mostra contrário ao parecer de Vitorino Magalhães Godinho, muito embora reconheça que recentemente ele «analisou com penetração, à luz do ambiente político e religioso do Portugal de então, e do estado social e económico da Europa do século XIV e na primeira metade do seguinte» as razões da tomada de Ceuta. Assim, contra as largas potencialidades económicas (enunciadas por Godinho), Duarte Leite defenderá «que a única vantagem apreciável que Ceuta poderia trazer à economia portuguesa era reprimir a guerra de corso dos Mouros, e facilitar a portuguesa, praticada com não menor assiduidade que a paralela». É que Ceuta, segundo ele, não era centro exportador de trigo.

Considerando um outro ponto da interpretação de Joaquim Bensaúde, relativamente ao plano político da Índia, da autoria de D. Henrique, perguntará o «Engenheiro-historiador»: «Que vantagem poderia ter D. Henrique em tornar conhecido o seu projecto, só realisavel n'um futuro

longiquo, quando nada fazia prever a organisação marítima criada por D. João que facultou a rapidez do successo. A prudencia impunha o segredo e o silencio...»[20]. Eis afirmada a política do segredo/sigilo, levada a extremos tais que, segundo Bensaúde, chegou «a adormecer o interesse europeu pela obra marítima portuguesa». A cruzada de Bensaúde era, enfim, fazer cessar, nos meios científicos e diplomáticos, as consequências dessa «política do segredo». Curioso é, porém, que o próprio Bensaúde não encontra explicação para a dilatação do segredo no plano henriquino, mesmo que os seus esforços náuticos tivessem por objectivo atingir a Mina, de que teria alguma notícia. Mas como, se o «Infante» era insensível ao fim principal do enriquecimento, segundo Bensaúde?

Será a vez de Jaime Cortesão lhe prestar auxílio, como mais adiante explicitaremos.

Em relação, porém, à conquista de Ceuta, recordemos que, já em 1925, Cortesão dará a lume um pequeno estudo em que tinha como principal curiosidade que «necessidades vitais nos levaram ao noroeste de África, e se o acto de conquista obedecia a um *plano* [sublinhado nosso] previamente traçado»[21]. Depois de rememorar que, em sua opinião, «[...] o mérito essencial do estudo de António Sérgio está em pôr no devido relêvo a intervenção de João Afonso, vedor da fazenda de el-rei, o qual propôs a empresa (facto já frisado, todavia, por P. de Azevedo); o de Teixeira de Sampaio em apontar ao empreendimento algumas raízes profundas no espaço e no tempo (o que P. de Azevedo esboçara também) ; e o de David Lopes em reduzir a certa realidade a importância comercial de Ceuta, até aqui exagerada», resumirá deste modo a sua interpretação: Ceuta, para além da sua importância comercial e geoestratégica, «[...] era o primeiro passo na política de monopólio mercantil, de *mare clausum,* genialmente iniciada pelo Infante D. Henrique e que havia de, no futuro, assegurar-nos o caminho marítimo da Índia»[22]. Estava já Cortesão no vestíbulo do «Plano henriquino da Índia»?

---

[20] Joaquim Bensaúde, *As Origens do Plano das Indias. Resposta ao Artigo do Excelentíssimo Sr. Dr. Duarte Leite,* Paris, Livraria Aillaud, 1930, p. 18.

[21] *A tomada e ocupação de Ceuta,* Lisboa, Imprensa Limitada, 1925 (separata do n.º 5 do «Boletim da Agência Geral das Colónias»), p. 7.

[22] *Ibidem,* p. 9 e 28.

3. Contra o «Plano das Índias» de Bensaúde

Em artigo, publicado na «Revista Portugueza» e intitulado *Talent de Bien Faire*[23], para comentar a conferência de Joaquim Bensaúde sobre *Origines du plan des Indes*[24], Duarte Leite, reconhecendo embora ao «douto investigador» o mérito de ter conseguido demonstrar, perante «a severa crítica alemã», que a «sciência náutica portuguesa no Renascimento [...] não dimanou da Alemanha, como sustentaram Humbolt e na sua esteira todos os autores, mas exclusivamente de astrónomos ibéricos e de marítimos portugueses», fará incidir algumas críticas sobre o referido estudo. Que defendia, em síntese, Bensaúde? Que «as directrizes mestras do infante [D. Henrique] foram conservar e dilatar os domínios arrancados em Marrocos a muçulmanos, e assenhoriar-se dos mares orientais, para neles esmagar sua força económica»[25]. E inferia que, «apresentado desta maneira, D. Henrique encarna, não a figura de um príncipe polido e político do Renascimento, mas a dum cavaleiro medieval, inflamado de incoercivel zelo religioso»[26]. E acrescentava o «Astrónomo-historiador», ao tentar *completar* a imagem da figura do «Infante»: «[...] se lhe assistiu sempre o desejo de guerrear mouros ou converter incréus, com igual e direi até com maior solicitude lhe acudiam fecundos propósitos utilitários, que aliás não contendiam com os interesses da fé»[27]. Ou seja, explicitamos nós, Leite criticava Bensaúde por haver empolado, no comportamento político-social do «Infante», a participação do valor da «honra» (para utilizarmos conceitos-modelos de Quatrocentos e Quinhentos), despojando-o da atracção pelo «proveito», quando este, em seu entender, fora tão importante (ou mesmo superior) na actuação do filho de D. João I. Por tal, Bensaúde deformava, em sua opinião, a realidade histórica, ao relevar uma das vertentes da sua individualidade e actividade e escamoteando outras.

(23) Tomo I, Fasc. II, S. Paulo, 1930, 11 p. e também in *História dos Descobrimentos. Colectânea de esparsos*, vol. I, p. 67-79.

(24) Paris, Librairie Aillaud, 1929, 32 p.

(25) *O Infante D. Henrique. Talent de bien faire, in História dos Descobrimentos*, de Duarte Leite, vol. I, p. 68.

(26) *Ibidem*, p.68.

(27) *Ibidem*, p.69.

Leite não se ficava pela crítica infundamentada. Lembrava que a conquista de Ceuta e outras que se seguiram, «isoladas num meio hostil à penetração cristã, consumiam homens e dinheiro sem compensação bastante», pelo que fora, politicamente, necessário abrir os rumos das «explorações marítimas», da «colonização das ilhas redescobertas dos Açores e Madeira» e dos «reconhecimentos na África, com feitorias e resgates profícuos». A todos estes «passos» presidia o Infante D. Henrique, segundo ele. Mais: o mesmo «Infante» desenvolveu, contra a rival Castela, uma importante acção diplomática, no âmbito da política externa, e «teimou longamente pela aquisição das Canárias», não apenas por meios pacíficos, mas também militares, através de armadas. E concluía: «Em tudo isto revelou o príncipe pertinácia e sagacidade política, mas não obcecação religiosa; nem a enxergamos noutros actos seus de grande vulto, que atestam singular tino administrativo e intuição comercial».

No que concerne ao «plano da Índia», proposto por Joaquim Bensaúde como programa político do «Infante», Leite defenderá que, apesar da tradição o sugerir, havia que «apurar preliminarmente se na realidade D. Henrique se propoz, desde logo ou na sequência dos descobrimentos, circum-navegar a África até ás regiões da especiaria». E acabará por responder pela negativa, lembrando que havia, no tempo do «Infante», duas Índias (a Gangética ou Maior e a Etiópica ou Menor) e que a orientação da política ultramarina portuguesa para as terras da especiaria ou Índia Gangética só começou a desenhar-se no reinado de D. João II. Admitindo embora a possibilidade do «Infante» ter pensado, «na ultima fase da sua vida», em mandar caravelas até à Índia, tê-lo-ia feito, não «pela agressividade» a sarracenos, «movel único que vê Bensaúde», mas, sobretudo, por «compensações materiais».

E, com *honestidade científica* (que nos poupa qualquer comentário), Duarte Leite termina deste modo o seu artigo: «O retrato atrás esboçado do glorioso infante de Sagres é tão diverso de Bensaúde que os diríamos inspirados em conceitos opostos, este idealista em extremo, aquele francamente materialista. Desculpo-me da profunda divergência com o desejo de vincar traços de carácter de D. Henrique, aos quais o ilustre escritor não ligou apreço sensivel. A verdade está porventura num médio termo»[28].

[28] *Ibidem*, p. 79.

Bensaúde reagiu às críticas de Duarte Leite e, em 1930, a Livraria Aillaud editará um opúsculo com o mesmo título do de 1929, mas em português, e tendo por sub-título *Resposta ao artigo do Excelentíssimo Sr. Dr. Duarte Leite*[29]. Nele, explicitava o investigador açoriano que formulara «por assim dizer intuitivamente» a sua tese de que o projecto do Infante D. Henrique — o descobrimento e a conquista da Índia — tinha sido «profundamente influenciado pelo anceio [sic] de destruir no Oriente o poderio islamita...»[30]. Posteriormente, «verificara-a melhor», tendo também carreado factos novos para esclarecer «o mistério ainda não explicado da vida do Infante D. Henrique: a sua obsessão guerreira em Marrocos».

Refira-se que esta hipótese ou equação dos problemas não dimana das fontes, confessando, a propósito, Bensaúde: «Ficava-me a convicção de que as últimas provas se encontrariam um dia na grande fonte: nos arquivos do Vaticano»[31]. Eis mais um exemplo do que, historiograficamente, Duarte Leite verberava. Mas, que caminho seguira o «Engenheiro-historiador»?

Em *A Cruzada do Infante D. Henrique,* Bensaúde dirá sobre a génese do Plano das Índias: «Percorrendo um dia umas páginas de Oliveira Martins sobre D. Henrique, perguntei a mim mesmo como explicar a *misteriosa* [sublinhado nosso] obsessão guerreira do Infante que provocara as imprudências e o desastre de Tânger em 1437»[32]. Considerando-o um «verdadeiro cruzado iluminado pela ideia religiosa, dominado por indomáveis aspirações de grandeza moral incutidas à nação nos campos de Aljubarrota», D. Henrique, logo a seguir à «brilhante» conquista de Ceuta, ardia em novos planos guerreiros, mas, subitamente, o desastre de Tânger ameaçou «o plano religioso do Infante». Terá sido preciso esperar até 1451, altura em que entra «em cena o terrível sultão Maomet II que dentro de dois anos realiza a ruína do império bizantino». Oito meses depois da queda de Constantinopla, «aparece, na bula de Janeiro de 1454, [...] o plano das Índias, do Infante»[33].

(29) *Cf. supra.*
(30) *Ob. cit.*, p. 1.
(31) *Ibidem.*, p. 1.
(32) *Ob. cit.*, Agência Geral do Ultramar, [1960], p. 16 e segs.
(33) *Ibidem.*

Entre as achegas para a formulação da sua tese sobre *As origens do Plano das Índias*, Joaquim Bensaúde destacará a chamada de atenção do «nosso bom amigo o Dr. Joaquim de Carvalho [...] para os planos guerreiros de Lulo e de Marino Sanuto contra o poderio comercial do Islam» e os notáveis trabalhos de Beazley que o levaram a deduzir que «o pensamento de arruinar o Islam no Oriente existia vivo e intenso desde o meado do seculo XIII em França, na Catalunha, na Santa Sé, nas poderosas republicas de Genova e de Veneza, e até na Mongolia»(34). Em começos do século XIV, este movimento europeu intensificara-se e reconhecia-se então (certamente, por ele, Joaquim Bensaúde — acrescentamos nós) que o plano do «Infante» fora a última fase da evolução secular do mesmo projecto, com o mesmo propósito: destruir o poderio mahometano no Oriente.

A abonar a tese «politico-religiosa» do plano do Infante, acabou por se perfilar o próprio Beazley, já que, ao tomar conhecimento dela, escrevera a Bensaúde «uma carta cheia de entusiastico apoio».

Mais: embora já trabalhasse então pouco, Bensaúde esperava publicar em breve um estudo «que faz muita falta: *Os misterios na historia dos descobrimentos portuguezes*». E, entre tais «mistérios», enunciava estes: a origem da ciência náutica portuguesa, a política colonial de D. João II, as obsessões guerreiras do «Infante», o Tratado de Tordesilhas, as falsas informações sobre as relações com a Abissínia...(35)

No que concerne ao mistério das «obsessões guerreiras do Infante», Bensaúde achava inadmissível aceitar «a suposta avidez mercantil» de D. Henrique, como defendia Leite, ao considerar que o seu principal intuito era enriquecer-se e enriquecer o Reino. Mas, na argumentação de que «se julgue o Infante segundo o critério do tempo em que viveu e não como se ele fosse nosso contemporaneo», tinha Bensaúde plena razão, alertando portanto para o grave *pecado do anacronismo*(36). Caía, porém, na deformação histórica, ao defender que o plano de vida do Infante se resumira «em guerrear o Islam que, no seu tempo e sob a forma da invasão turca, aspirava novamente a dominar a Europa e a impor o Alcorão aos povos cristãos»(37).

(34) *Ob. cit.* p. 2-5.
(35) *Ibidem*, p. 8 e 17.
(36) *Ibidem*, p. 13.
(37) *Ibidem*, p. 13.

Quanto ao valor estratégico de Ceuta, Bensaúde não deixava de ter, também, alguma razão, quanto a nós, ao afirmar que o «Infante» considerou «Ceuta como pertença da Divindade, mais preciosa do que a vida de seu irmão D. Fernando que deixa morrer em Fez no cativeiro»[38]. Contudo, já não era rigoroso ao identificar o centro decisor da política nacional com o «Infante», porque, como é sabido, o Regente era o Infante D. Pedro e foi durante o seu governo (1439-1449) que D. Fernando padeceu e morreu no cativeiro (1443), apesar das diligências para o salvar!

Sobre a atitude guerreira do «Infante», principalmente em Marrocos, para salvaguardar a Península, e sobre o seu objectivo de «conquistar os mares», para esmagar no Oriente o poderio comercial do Islão, invocaremos como crítico *imparcial* David Lopes. Este pronunciar-se-á no sentido daquelas interpretações de Joaquim Bensaúde lhe parecerem «excessivas e sem base segura, antes meras conjecturas; não foram provadas e por isso não nos merecem consideração»[39].

Relembre-se que a figura do Infante D. Henrique, pela carga simbólica que a historiografia lhe fez apegar, tem sido amplamente anatematizada e interpretada, sabendo-se que o objecto da crítica não é a personagem ou o agente em si (apesar da sua grande importância política), mas todo o processo dos Descobrimentos e da Expansão, desde a sua génese à sua concretização e seus resultados. Claro está que a esta diversidade e variabilidade interpretativas não são alheios os interesses de cada época ou as modas historiográficas em que se plasma o sujeito-historiador. A propósito, refira-se que Maria Isabel João redigiu um estudo, com largo anexo documental, a que deu o título *O Infante D. Henrique na Historiografia,* com o objectivo de desvendar «como foi sendo construída a imagem mítica do Infante D. Henrique, mas também com a intenção de compreender as várias imagens que foram surgindo em alternativa àquela e as razões de ser de todas elas...»[40].

---

[38] *Ibidem*, p. 14.

[39] David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, Lisboa, Teorema/O Jornal, [s. d.], p. 11-12.

[40] Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p. 3.

4. Críticas à «Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses» de Jaime Cortesão

Em 1940, Jaime Cortesão publicava um ensaio a que deu o título *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses* e em que confessava, logo a abrir, que o escrevera «na consciência perfeita de que a sua concepção e conclusões, tão contrárias à versão clássica, vão levantar duma parte das pessoas que, em Portugal, se ocupam destes problemas, cepticismo e impugnação hostil»[41]. Uma dessas pessoas foi Duarte Leite, que em carta, de 2 de Julho de 1941 para Joaquim de Carvalho, razoava a propósito: «Muito me lisonjeia o juízo, que a Vª Exª merece o meu opúsculo, e em especial a parte em que refuto a teoria dos descobrimentos portugueses, recentemente apresentada por Jaime Cortesão. Lembrou-me fazê-lo, porque este historiador adquiriu autoridade, e a sua fantástica teoria arriscava-se a ser aceita pela maioria dos leitores, como por falta de critica tem sido aceitas várias afirmações suas destituidas de fundamento»[42]. Aliás, já em 1934 (16 de Outubro), Leite confessava, fugazmente, ao mesmo correspondente: «As considerações de Jaime Cortesão não me satisfazem»[43]. Não era o único a pronunciar-se contra a referida teoria. Por exemplo, Carlos Coimbra, em conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa (com publicação em Lisboa, 1933), já afirmara que ela não era «verosímil», porque não era «útil da política de então», uma vez que era sempre possível que «qualquer outro país fosse encontrar a mesma terra que nós próprios [portugueses] tivéssemos visitado anteriormente e de cujo facto guardássemos sigilo»[44].

Recordaríamos nós que Cortesão, no referido ensaio, tendo em conta «o carácter muito particular da história dos descobrimentos», foi levado a aplicar duas teorias: uma económica e outra geográfica, «completadas por uma concepção geral da história». Assim, para ele, no âmbito da causalidade de qualquer fenómeno expansionista, os factores económicos eram determinantes, mas não exclusivos, já que às relações gerais de produção

(41) Lisboa, *Seara Nova*, 1940, p. 1.
(42) *Carta 4.*
(43) *Carta 3.*
(44) *Ob. cit.*, p. 20.

havia que associar «uma concepção espiritual da vida, de tendência mais ou menos variável»[45]. No caso concreto dos Descobrimentos Portugueses, quer nos seus aspectos económicos, quer espirituais (que não apenas religiosos), as causas só eram explicáveis com a plena integração de Portugal na Cristandade, «ameaçada progressivamente pelos Turcos, desde os começos do século XV»[46]. E explicitava que, sobretudo depois da estada do Infante D. Pedro na corte de Segismundo da Hungria, os governantes portugueses tomaram consciência política do «desastroso alcance da invasão otomana sobre a economia e a civilização europeia». Ou seja, aceitava a tese de Joaquim Bensaúde, «que peca apenas por unilateral, de que o plano henriquino das Índias alvejava destruir o Islam no Oriente e se fêz em acôrdo tácito ou expresso com a política da Igreja»[47]. Assim, a genialidade de tal plano estava na consociação da finalidade católica ou ecumémica de destruir o Islão nas fontes do seu poderio e do objectivo nacional português de o substituir nesse monopólio do tráfico oriental. Ora, tudo isto deveria ser feito no maior dos segredos.

Em nosso entender, Jaime Cortesão, para além de antecipar em quase meio século a ameaça turca sobre a Europa, confunde «política» com «estratégia operacional» ou «táctica» e «sigilo/segredo» com «concorrência», *inventando* (independentemente dos pretensos fundamentos históricos) uma «política de segredo»[48]. Segundo ele, uma tal *política* começa com a tomada de Ceuta e prolonga-se por D. João II (genialmente conduzida na última fase da sua governação) e seus sucessores. Insistirá que a «política de segredo» não se prende com o descobrimento geográfico, mas com o «descobrimento económico», para além de esclarecer que tal política, nos Descobrimentos, era, mais que tudo, um problema de método «para aquilatar o valor das fontes informativas sobre este grande momento da História nacional e universal». E, nesta altura (1960), citará novos aspectos do objecto da política do segredo (que abordará), mas reconhecerá que lhes faltava um «sistema

(45) *Ob. cit.*, p. 15.

(46) *Ibidem.*, p. 16.

(47) *Ibidem*, p. 16.

(48) Cf. Jaime Cortesão, *A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos tempos do Infante D. Henrique e de D. João II*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

suficiente de provas e referências [...] indispensável à fundamentação do facto histórico». Mais: para ele não houvera, sempre e com a mesma intensidade, política de sigilo, antes se impôs «ao sabor de circunstâncias mais ou menos prementes e variou conforme a capacidade organizadora dos dirigentes»[49]. Entre os colaboradores dos decisores, ter-se-ia contado Duarte Pacheco Pereira, cujo *Esmeraldo de situ orbis* teria um cunho criptográfico, ou seja, algumas das premissas presentes no espírito do seu autor seriam «adrede escondidas ao leitor». Conveniências de Estado teriam impedido o «sábio» Duarte Pacheco de expor um sistema de factos e razões, próprios de um processo de conhecimento racional. Mas, era apenas um exemplo.

Um outro prendia-se com as cartas de marear portuguesas, opinando que, «[...] quanto mais secretas, mais foram objecto da curiosidade interessada dos estranhos; por isso a quase totalidade das cartas pertencem hoje a bibliotecas e arquivos estrangeiros»[50]. Não admitia outras vias? Contudo, em *As Edições Fac-similadas do Sr. J. Bensaúde,* Luciano Pereira da Silva esclarece que as investigações do «Engenheiro-historiador» levaram ao seguinte resultado sobre o percurso de *O Regimento do astrolábio.* Este regulamento, existente na Biblioteca de Munich (1509 ?), pertenceu ao humanista Conrado Peutinger, secretário da cidade de Augsburgo e grande amigo do imperador Maximiliano, o qual era primo co-irmão de D. João II, e sempre manteve cordiais relações com a Corte Portuguesa. Assim, o interesse do bibliófilo e humanista alemão em adquirir documentos relativos às nossas Descobertas poderia ter sido satisfeito por esta via, para além de se corresponder directamente com o impressor alemão, Valentim Fernandes, estabelecido em Lisboa antes de 1494. Dele deve ter recebido Peutinger o incunábulo. Onde está a política de sigilo?

Em 1715, o valioso espólio bibliográfico de Conrado foi legado ao Colégio dos Jesuítas de Augsburgo e, em 1807, por ocasião da partilha da livraria dos Jesuítas entre a Biblioteca da Cidade de Augsburgo e a Biblioteca Real de Munich, veio o *Regulamento* para esta instituição[51].

[49] *Ob. cit.*, p. 9.

[50] *Ob. cit.* p. 42.

[51] In *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva,* vol. II, Lisboa, Agência Geral das Colónias, [1945], p. 168.

Mais: reparamos nós que são os próprios defensores da «política de sigilo» que se surpreendem com certos *enigmas* ou «mistérios». Com efeito, continuando a seguir Cortesão, é Joaquim Bensaúde, adepto da referida política (como se disse), que pergunta se, em Portugal, «o conhecimento das terras americanas era por tal forma seguro desde o tempo de D. Henrique, que motivos levaram a retardar, durante 46 anos (1452-98) o descobrimento do continente da América?»[52]. É que (recordemos), em 1452, Diogo de Teive, escudeiro do «Infante», e um piloto andaluz, Pêro Vasquez de la Frontera, levaram a cabo a primeira tentativa, segundo cria Jaime Cortesão, de alcançar a Gronelândia, identificada com a ilha das Sete Cidades. Pelo menos, Teive ter-se-ia aproximado da Terra Nova. Só que a tentativa de alcançar os mares da Gronelândia representava a violação de um monopólio (dos reis da Noruega) e só podia fazer-se clandestinamente[53]. Logo, as crónicas, em obediência à mesma «política de segredo», teriam calado este e outros factos de importância igual ou maior.

Reconhecer que a história (como ciência) não se pode *fazer* com meras conjecturas é óbvio e repetitivo. Contudo, não deixa de ser interessante verificar, agora (à distância e depois de múltiplos estudos historiográficos), que à designada «política da dissimulação e sigilo» não deixou de aderir, igualmente, Duarte Leite, na esteira de Jaime Cortesão. Este propusera a sua interpretação em 1924 e, nos começos dos anos trinta, Leite ainda a adopta. Efectivamente, escreve ele, no artigo intitulado *Talent de Bien Faire:* «Este silêncio impressionante [o dos documentos sobre os descobrimentos portugueses] é sem dúvida proposital, e provém da política da dissimulação e sigilo adotada pelos reis de Portugal quanto à Índia, para se furtar às rivalidades e intromissões cobiçosas de Castela ou das repúblicas italianas». Mais: o Infante D. Henrique, D. Afonso V, D. João II e outros não se limitavam a excluir estrangeiros ou a exigir «severos juramentos» a nacionais empenhados nas descobertas; eliminavam, também, das crónicas «tudo quanto se referia a seus descobrimentos e propósitos»[54]. Terá sido assim? Onde estavam as provas tão do agrado e da preocupação de Duarte Leite? Não se cansava ele de repetir que, em história só admitia «factos absoluta-

(52) *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses*, p. 36.

(53) *Ibidem*, p. 38-39.

(54) *Sobre a descoberta da Terra Nova*, in *História dos Descobrimentos*, vol. I, p. 371.

mente comprovados»? E, numa profissão de fé, recusava-se a seguir ou a ter seguido, alguma vez, o critério das *conjecturas por meio de ilações e deduções lógicas,* porquanto, sobre elas, «por plausíveis que sejam, só podem assentar proposições conjecturais, nunca verdades históricas, e este é que convém apurar»[55] .

Mais tarde, no estudo *O Sigilo,* Leite haverá de declarar que não divisava «rasto de tal segredo nas crónicas e noutros documentos históricos, se bem os interpreto»[56]. Mas, o perigo residia em que a pretensa teoria da política do sigilo estava não só a ganhar aderentes, como estava a justificar certas «deficiências em livros antigos de história», bem como alguma «penúria de documentos» e até «obscuridade em volta de factos de algum vulto». Enfim, acabara por verificar que a referida teoria estava construída «sobre textos indevidamente invocados ou interpretados tendenciosamente, sobre factos de diverso significado, e por vezes sobre conjecturas fantasiosas»[57]. Claro está que documentará e justificará, analiticamente, esta sua nova posição.

Um dos que, nesta matéria, esteve do mesmo lado (o definitivo) de Duarte Leite foi o docente da Universidade de Coimbra, Álvaro Júlio da Costa Pimpão, designadamente através de uma comunicação apresentada, em 1938, no *I.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo,* realizado em Lisboa, e sob o título *A historiografia oficial e o sigilo sôbre os descobrimentos.* Será crítico da tese de Jaime Cortesão, porque «quando, mais serenamente, se avalia o escasso pecúlio de dados em que o Autor [Cortesão] se apoiou não podemos deixar de impressionar-nos com o efeito alcançado, o qual deverá considerar-se mais em relação à subtil mestria com que se houve no aproveitamento de alguns indícios do que ao valor dêstes mesmos indícios»[58]. Em suma: não aceitava a tese de que «as nossas Crónicas do período dos descobrimentos foram submetidas a *sigilo oficial,* não representando a sua forma actual senão uma redução das que anteriormente haviam sido escritas, por delas haverem sido eliminados os factos respeitantes aos mesmos descobrimentos»[59].

---

[55] Idem, *Ibidem,* p. 371.
[56] Idem, *Ibidem,* p. 411-449.
[57] *Ibidem,* p. 417.
[58] *Ob. cit.,* p. 5.
[59] *Ibidem,* p. 27.

Voltará a reiterar a opinião de que Zurara não foi um cronista dos Descobrimentos (a não ser, talvez, na perdida *Crónica do Infante*) e, por tal, a tese de sigilo historiográfico neste domínio, ao estribar-se em factos contidos na *Crónica da Guiné,* mostra a sua fragilidade, já que a utilização da obra exige as maiores cautelas, além de que não estava pronta em 1453 para ser presente, então, em qualquer pleito com Castela. Enfim, concretamente, tanto Zurara como Rui de Pina, não sendo «homens de ciência», não investigaram as *causas* dos acontecimentos, registaram apenas os *efeitos* e, se não encontramos nos seus registos «uma multidão de factos que nos interessam, não nos dá o direito de supôr que foram obrigados a omiti-los»[60]. Em todo o caso, Pimpão não confunde a questão do sigilo dos Descobrimentos com o *sigilo oficial* a que teriam sido submetidas as Crónicas desse período, limitando-se, portanto, a fazer uma crítica (negativa) parcial.

5. Sobre «A erudição de Gomes Eanes de Zurara» e a «Crónica da Guiné»

A 6 de Novembro de 1933, Duarte Leite apreciará dois trabalhos do «Professor de Coimbra» *(Excerpta bibliographica* e *A erudição de G. E. de Zurara),* declarando estar «inteiramente de acordo» com o parecer do autor quando afirmava que «Zurara quasi nunca teve conhecimento directo dos escritores a que se reporta»[61]. E explicitava que, quando, havia dois anos, principiara a estudar a *Crónica da Guiné,* logo suspeitara de que muitas das citações do «Cronista» eram «de segunda ou terceira mão». Mais: apurara que o Visconde de Santarém se enganara quando atribuíu a Zurara «vasta erudição geográfica» e quando identificou alguns dos autores em que se apoiara. Concretizando: o «Cronista» desconhecera Plínio, muito embora tivesse descrito o curso do Nilo segundo este autor romano; ignorava «a Cosmographia de Plotomeu, e creio que também o Monogesto», pormenor em que divergia do parecer de Joaquim de Carvalho. É que, entre outras considerações, o «Professor de Coimbra» asseverava, no seu estudo *A Erudição de Gomes Eanes de Zurara — Notas em torno de alguns plágios*

(60) *Ibidem,* p. 28.
(61) *Carta 1.*

dêste Cronista (publicado no «Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra», VI, 1919-21, p. 190-201 e VII, p. 114-140), que, «se Zurara nada lera da obra platónica, como demonstramos, o mesmo se não pode dizer de alguns escritos de Aristóteles» e que de Ptolomeu colheu citações, mas provavelmente de forma indirecta.

Mais: para Duarte Leite, Zurara era um plagiador, porque, na *General História de Afonso o Sábio,* fora encontrar todo o cap. LXI e o seguinte da *Crónica da Guiné,* sem esquecer as respectivas notas. E rematava: «É um belo plágio, a acrescentar aos do cap. I, tecido com trechos do Livro V da *Virtuosa benfeitoria,* sem falar dos outros»(62). A este respeito, vinha-lhe mesmo de feição o resultado do cotejo que Carvalho estabelecera entre as obras de Zurara e o Trauctado da *Virtuosa Benfeytoria,* ao apurar que «eram transcrição (sem citação), numerosas passagens daquele interessante livro».

Posteriormente, a 2 de Julho de 1941, Leite voltará a frisar a atitude plagiadora do cronista Gomes Eanes de Zurara nestes termos: «Estou a imprimir em Lisboa um livro intitulado *Àcêrca da Cronica dos feitos de Guinee,* uma análise da obra de Zurara em que tento decifrar alguns enigmas da sua composição, e demonstrar que o autor, longe de escrupuloso, mostra um estranho descaso na averiguação das coisas narradas»(63). Ou seja, enquanto o exame de Joaquim de Carvalho incidira mais em saber, conforme confessa em *A Erudição de Gomes Eanes de Zurara,* que conhecimento o «Cronista» tivera «das literaturas grega, latina, patrística, árabe, hebraica, e das obras filosóficas, históricas e literarias e não tanto da sua concepção histórica», Leite propôs-se inquirir, além do «acêrto de tão alto conceito» em que eram tidas a erudição e a informação de Zurara na referida Crónica, o conteúdo da mesma, para concluir que eram, essencialmente, «narrativas de incursões armadas dos portugueses na Guiné, e suas consequências»(64). Mas, este será já um dos pontos que Duarte Leite e Álvaro da Costa Pimpão dirimirão em acesa crítica historiográfica, como passamos a analisar.

A 29 de Novembro de 1941, Duarte Leite comunicará a Joaquim de Carvalho estar-lhe muito reconhecido por ele lhe abrir a «Revista da

(62) *Carta 1.*

(63) *Carta 4.*

(64) *Nota Preambular* do seu estudo *Àcerca da «Crónica dos feitos de Guinee»,* Lisboa, Livraria Bertrand, 1941.

Universidade», para uma resposta «que mereça a crítica do dr. Álvaro Pimpão ao meu recente Livro *[Àcerca da «Crónica dos feitos de Guinee»]:* mas como não sei se ele a publicou avulso ou numa revista, peço a Vª Exª me informe»[65].

Sairá, de facto, publicada com o título A *«Crónica dos feitos de Guinee» — As minhas «teses» e as «teses» de Duarte Leite*, afirmando Pimpão, logo no início, que o trabalho do seu opositor «traz ao estudo das fontes literárias de Zurara e da sua interpretação para narrador dos descobrimentos, uma contribuição real, e cremos que segura»[66]. Em que é que divergiam, então, os dois investigadores?

Em primeiro lugar, Pimpão queixava-se de que Leite reconhecia o seu contributo para o esclarecimento da autoria e do pensamento de Zurara, mas que o fazia «de uma maneira tão genérica, tão vaga» na parte que considerava positiva do trabalho dele, Pimpão, e «de uma maneira tão minuciosa, tão circunstanciada na parte que considerava negativa» que se podia pensar que os argumentos positivos eram do seu opositor e os negativos seus.

Historiando, porém, a sua interpretação da edição primeira da *Crónica* (descoberta em 1837 por Ferdinand Denis e editada em 1841 pela Aillaud, com introdução e notas do Visconde de Santarém), Álvaro Pimpão lembrava que afirmara, em 1926, que Zurara escrevera não uma, mas duas obras: uma *Crónica* ou *Livro dos feitos do Infante* [D. Henrique] e uma *Crónica dos feitos de Guiné.*

É certo que a referência constitui uma nota de fim de página do estudo *Àcerca da «Crónica dos feitos de Guinee»*, mas exige a verdade que se transcreva (acrescentamos nós) o que Duarte Leite deixou exarado a propósito: «Foi êste escritor [Álvaro Júlio da Costa Pimpão] quem primeiro acusou a distinção da crónica e do panegírico [do «Infante»] na revista coimbrã *Biblos* de 1926, num artigo intitulado *A crónica da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara, e tornou a fazê-lo no livro *A Crónica dos feitos de Guinee...*[67]». Reconheceu-lhe, portanto, a referida primazia.

---

(65) *Carta 6.*

(66) «Biblos», vol. XVII, t. II, Coimbra, 1941, 36 p.

(67) *Ob. cit.*, p. 37.

E, depois de citar outras referências de Pimpão sobre a *Crónica,* alude assim à polémica entre ele [Leite] e Bensaúde a respeito do «Infante»: «[...] declara Álvaro Pimpão discordar da minha *tese comercialista* àcêrca do infante D. Henrique, brilhantemente refutada por Joaquim Bensaúde. Se por essas duas palavras se entende que eu descrevi o grande Infante movido apenas ou sobretudo por propósitos mercantis, a arguição é infundada, nem J. Bensaúde se propôs pròpriamente refutar semelhante parecer»[68].

Deixemos, por ora, a interpretação que cada um destes investigadores fazia da *Crónica* e relembremos as datações que lhes atribuíam quanto à redacção. Defendia Pimpão que fora escrita entre 1464 e 1468, embora por argumentos de crítica interna se inclinasse, como mais provável, para a primeira baliza[69]. Quanto à *Crónica* ou *Livro dos feitos do Infante,* pela crítica interna e externa, defendia que «tinha sido escrita entre 1452 e 1453»[70].

Por sua vez, Duarte Leite, na *Nota Preambular* do seu estudo, resumia deste modo as conclusões a que, a tal respeito, chegara: «[...] julgo ter provado que o códice é posterior ao primeiro trimestre de 1474, e que o manuscrito da crónica foi feito entre este e o terceiro de 1485; que esta obra, começada em vida do infante D. Henrique, foi acabada depois de sua morte em 1460, e não em 1453, como está no seu termo de encerramento; que a carta do cronista a D. Afonso V, inserta à entrada do códice, foi escrita depois de 1460, e não em 1453, como consta do seu fecho; e por fim que o escrito em louvor do infante D. Henrique, mencionado nessa carta, é distinto da crónica, conquanto nesta estejam transcritos trechos ou capítulos seus».

Inerente à ambiência do processo da polémica, não faltam as farpas pessoais como esta que respigamos do artigo de Costa Pimpão: «Duarte Leite segue, a este respeito, a seguinte tática, talvez muito eficaz em política internacional, mas absolutamente falível em matéria crítica: vai isolando os adversários, para os abater mais fàcilmente, e enfranquecer ao mesmo tempo os adversários restantes; e assim sucessivamente, até o último»[71]. *Era uma indirecta* ao passado político-diplomático do adversário investigador.

---

[68] *Ob. cit.,* p. 29-30.
[69] *Ibidem,* p. 10.
[70] *Ibidem,* p. 10.
[71] *Ibidem,* p. 17.

Mas, a polémica entre Pimpão e Leite esteve, também, longe de se circunscrever a meras questões de datação. O que os dividia era a interpretação do pensamento de Zurara, expresso na *Crónica* e no *Panegírico* do «Infante», e que, em última instância, se traduzia em divergências ideológicas inerentes a correntes historiográficas então em conflito. Explicitemos: transcrevendo as conclusões de uma lição proferida ao *Curso de Cultura* do Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra, em Agosto de 1941, e intitulada *Um «primitivo» dos Descobrimentos — Gomes Eanes de Zurara,* Costa Pimpão opinava: «Seuta era a segurança da navegação atlântica; por isso, obtida a sua posse, os cavaleiros de Cristo podiam lançar-se à busca do Oriente e do Preste João, e dissipar o mistério denso do Mar das Trevas»[72]. Era, obviamente, uma nítida adesão às teses de Bensaúde, sobre o tema. Divergirá, porém, deste ao estabelecer como limite geográfico do *plano do Infante* o próprio rio Senegal (tido como braço ocidental do Nilo). Afirma Pimpão: «A chegada ao Nilo, não é, na perspectiva de Zurara, uma etapa dos descobrimentos, mas o próprio fim da empresa, visto que, uma vez chegados a um braço do Nilo, os portugueses não podiam deixar de estar próximos do Egipto e, portanto, dos *etiópicos* e dos *índios*»[73]. E, interpretativo, assevera: «Seuta e o Nilo (Senegal) são para Zurara o *alfa* e o *omega* da empresa henriquina: foi uma *conquista,* uma *cruzada* contra o Mouro, que se inicia e leva a bom têrmo»[74]. Mais afinidades de interpretação com as de Bensaúde a respeito da prevalência da «conquista» ou da «cruzada», esquecendo o «proveito» que advinha, sobretudo, da mercancia. Eis o que Duarte Leite, de todo, não podia aceitar por ser uma visão sectorial, logo deformada.

6. A curiosidade sobre o «Secreto de los Secretos de Astrologia»

Na primeira carta para Joaquim de Carvalho, Duarte Leite confessa não ter adiantado «ao quasi nada que sabia do Secreto de los Secretos de astrologia, assacado a D. Henrique, a não ser que talvez existisse desta obra desconhecida segundo exemplar». Que (putativa) obra era essa?

---

[72] *Ob. cit.* p. 24.
[73] *Ibidem,* p. 24-25.
[74] *Ibidem,* p. 27.

Joaquim de Carvalho publicara, de facto, um estudo sob o título *A propósito da atribuição do «Secreto de los Secretos de Astrologia» ao Infante D. Henrique*[75]. Partindo da premissa de que os «coetâneos não lhe atribuem [ao «Infante»] qualquer escrito literário ou científico e os grandes historiadores do século XVI que se ocuparam da sua personalidade também são silenciosos a tal respeito», o próprio «Professor de Coimbra» e outros estudiosos não deixaram de se surpreender com a notícia de que Fernando Colombo possuíra um manuscrito intitulado *Secreto de los Secretos de Astrologia,* composto pelo infante D. Henrique de Portugal.

Considerando «indubitável» a existência do livro e a identificação do autor, uma dificuldade persistia, no entanto, para correlacionar objecto — sujeito: dispor-se do texto ou do respectivo manuscrito. Na *Secção Columbina* da «Biblioteca Capitular da Catedral de Sevilha», encontrou Joaquim de Carvalho o registo de um manuscrito em castelhano, sob a designação e a autoria já citadas. Mais: o historiador e poeta sevilhano, Gonzalo Argote de Molina (n. 1549) possuíra um manuscrito intitulado *Secreto de Astrologia por el infante Don Enrique de Portugal,* «que é a mesma obra referida por Fernando Colon, apesar da ligeira variante do título» — esclarece Joaquim de Carvalho[76]. Então, como explicar o enigma? O objecto do *Secreto de los Secretos de Astrologia* seria, presumivelmente, a mesma astrologia ou um saber que, no tempo do «Infante», seria «o mais prezado dos vários saberes», cujo conhecimento a obra de Afonso o Sábio proporcionava.

A certo passo do seu estudo, diz, porém, o «Professor de Coimbra»: «Não partilha da substância destas opiniões [as expendidas por ele, J. de Carvalho] o Dr. Duarte Leite, que, como ninguém, submeteu grande parte dos problemas henriquinos à fieira da mais severa critica interna e de fontes». E logo a seguir: «A seu juízo, o *Secreto de los Secretos de Astrologia* não seria da pena do Infante D. Henrique», citando, como argumento de Leite, o facto de, a escrever sobre astrologia, aquele tê-lo-ia feito em português e, portanto, o manuscrito da *Columbina* seria apócrifo ou traduzido duma obra que devia ser conhecida nos meios portugueses[77]. Mas, apesar de considerar «dignos de ponderação» os argumentos de Duarte Leite, «como

(75) In *Obras Completas,* vol., p. 135-184.
(76) *Ibidem,* p. 138.
(77) *Ibidem,* p. 159-162.

aliás tudo o que sai da pena de uma mentalidade tão afeita ao discurso lógico», Joaquim de Carvalho não se rendia e retorquia que:

«Nos primeiros decénios do século XV, a língua castelhana não parece ter tido muitos cultores entre nós, mas no segundo terço, isto é, pela época da plena maturidade do infante D. Henrique, a literatura espanhola começou a ser prezada [e dá exemplos]», avançando, como conjectura coerente, que o *Secreto* seria uma compilação de extractos e notas, a que o «Infante» teria dado o nome, sugestionado pela obra apócrifa de Aristóteles — *Secretum secretorum,* a que teria acrescentado a designação mais adequada à natureza dos assuntos. Quanto à opção pelo castelhano, ela explicar-se-ia «porque fora de livros escritos neste idioma que fizera total ou parcialmente os extractos»[78].

Com que esteios se erguia a coerência daquela conjectura avançada por Joaquim de Carvalho? Citemos, em síntese, aquilo que, analiticamente, desenvolverá: «Cultivando o estudo da Esfera, escrevendo ou compilando o *Secreto de los Secretos de Astrologia,* criando e instalando na Universidade as *artes reales* [Aritmética, Geometria, Astronomia e Música] do Quadrívio, o infante D. Henrique obedecia coerentemente ao impulso da sua predilecção pelos conhecimentos de índole científica e, ao mesmo tempo, correspondia a apetências intelectuais da sua época e, embora despercebidamente, dava alento aos primeiros tentames da cultura secular, isto é, a uma cultura que já se não moveria exclusivamente no âmbito da cultura concernente à formação eclesiástica»[79].

Efectivamente, entre 17 de Maio e 6 de Junho de 1924, Joaquim de Carvalho fizera pesquisas, em Sevilha, na *Secção Columbina* e num conjunto de mais de 15000 volumes de impressos e manuscritos, organizado por Fernando Colombo, filho natural de Cristóvão Colombo e de Beatriz Enriques, nascido em 1488 e falecido em 1539[80]. Trata-se de um precioso fundo bibliográfico, catalogado pelo próprio Fernando Colombo, com uma organização por inventários («Registra») e por reportórios alfabéticos («Abecedaria»). Mas, o putativo *Secreto*... do nosso «Infante» desaparecera.

---

[78] *Ibidem,* p. 161.

[79] *Ibidem,* p. 182.

[80] Cf. *Excerpta Bibliographica ex Bibliotheca Columbina,* in *Arquivo de História e Bibliografia,* 1923-1926, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1976, p. 511-576.

Também desaparecido, ainda que com registo na *Columbina,* andava um outro manuscrito que o «Professor de Coimbra» considerou dever constituir «uma apreciável fonte histórica da conquista e colonização portuguesa na Índia», redigido em 1524 e designado *Libro de la declaracion de los reynos y señorios de la Índia cõpuesto en lengua portoguesa por Juan de Acosta y buelto en castellano por el mismo autor.* Seria português o seu autor? No *Abecedário* da *Columbina,* encontrou Joaquim de Carvalho exarado o seguinte registo: *Fernandi magallanes relacion de la india de portugal, en español de mano,* recordando o investigador português que Magalhães partiu para a Índia na armada de D. Francisco de Almeida (Março de 1505), tendo acompanhado Nuno Vaz Pereira numa expedição à costa oriental africana, e, em 1508, integrou a armada de Diogo Lopes de Sequeira. Admitia, porém, Joaquim de Carvalho que o mais plausível era esta obra ser a tradução espanhola do *Livro* de Duarte Barbosa, aparecendo nela, erradamente, como autor o navegador Fernão de Magalhães.

Nos impressos da *Columbina* e ainda com interesse para a História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, deparou-se, também, Joaquim de Carvalho com o registo e até com exemplares de algumas epístolas do nosso rei D. Manuel I para vários dignitários estrangeiros. A propósito, o «Professor de Coimbra» louvará o esforço de Eugénio do Canto no sentido de ter formado uma colectânea com cartas do rei «Venturoso».

A importância conferida, por Joaquim de Carvalho, a Diogo Lopes Rebelo, capelão e mestre de D. Manuel I no movimento das ideias políticas da corte manuelina, se é exacta a notícia da *Biblioteca Lusitana,* levou-o a procurar o *Liber de republica* [...], atribuído a Rebelo. Na *Columbina* encontrou, ainda, outras obras do capelão de D. Manuel I.

A propósito dos trabalhos originais e de compilação, da autoria de Diogo Lopes Rebelo, Joaquim de Carvalho chamava a atenção para o facto de a conquista de Marrocos ter dado azo ao aparecimento de narrativas, não apenas heróicas, mas também de edificação religiosa, que aguarda(va)m por estudos.

As orações «de obedientia» de D. João II e D. Manuel aos Papas merecem, da parte de Joaquim de Carvalho, referência especial nos *Excerpta Bibliographica ex Bibliotheca Columbina,* quer pelo seu interesse «para a história política, quer literária». Com base nos registos colombinos, ordenou-as cronologicamente do seguinte modo:

- *Oratio habita Romae coram Sixto papa IV, anno 1481, pridie calendas Sptembris.* Foi reproduzida, como apêndice, na *Corografia de alguns logares* [...], de Gaspar Barreiros (1561), e «não foi recitada por delegação régia e em testemunho de obediência do monarca, mas como panegírico da acção de D. Afonso V em África e incitamento à cruzada contra o turco»[81].

- *Valasci Ferdinandi utriusque jurisconsulti Illustrissimi Regis Portugallie oratoris ad Innocentium octavum pontificem maxi mu de obedientia oratio.* Joaquim de Carvalho refere que o *Jornal de Coimbra* (n.º 16, Abril de 1813, p. 312 e segs.) publicou esta oração proferida por Vasco Lucena, em 1485, perante Inocêncio VIII e os membros do consistório, mas decidiu (re)publicá-la, em latim, nos *Excerpta,* devido a dificuldades de consulta. Voltaremos a esta questão.

- *Ad Alexandrum VI Pont. Max. Ferd. De Almeida electi Ecclesie. Septiñ: et Sereniss. Io. II. Regis Portugallie oratoris Oratio.* Foi proferida por D. Fernando de Almeida, bispo de Ceuta, em 1493, perante o Papa Alexandre VI, elevado ao sólio pontifício em Agosto de 1492. Joaquim de Carvalho também a reproduziu, em latim, e do mesmo modo será objecto de comentário mais adiante.

- *Obedientia Potentissimi Emanuelis Lusitaniae Regis zc+per clarissimum Iuris. V. cõsultum Dieghum Pacettum Oratorem ad Julium II Pontificem Maximum. Anno Domini M.D.V. Pridie No Junii.* Foi reproduzida por Eugénio do Canto em 1906 e o Marquês Mac Swiney de Moshbanaglass fez sobre ela um estudo, traduzido com o título: *Portugal e a Santa Sé. Uma embaixada portuguesa a Roma no pontificado de Júlio II.*

- *Obedientia Emanuelis Regis Portugallie ad Leonem X per Diegum Pacecchum.* Existem cópias manuscritas em Évora e na Biblioteca Vaticana e a desta foi publicada por S. de Ciutis sob o título *Une Ambassade portugaise à Rome au XVIe siècle,* Nápoles, 1899.

(81) *Excerpta,* in *Ob. cit.,* p. 561.

7. A tradução e as anotações do «De crepusculis»

Com a colaboração de uma Comissão Académica, constituída inicialmente por Abel Fontoura da Costa (falecido, entretanto, a 7 de Dezembro de 1940), Aureliano de Mira Fernandes, Joaquim de Carvalho, Manuel António Peres Júnior, Pedro José da Cunha e Victor Hugo Duarte de Lemos, a Academia de Ciências de Lisboa publicou, entre os anos de 1940 e 1960, quatro volumes das *Obras* de Pedro Nunes. O vol. I, intitulado *Tratado da Sphera e Astronomici Introductorii de Spaera Epitome* (Imprensa Nacional de Lisboa, MCMXC) teve como colaboradores Joaquim de Carvalho (que anotou o *Tratado...* e os *Astronomici...*), Manuel António Peres Júnior (autor da *Anotação* às «Tavoas» e do *Apêndice*) e Pedro José da Cunha (que redigiu o *Prefácio*). O vol. II sob o título *De Crepusculis* (Imprensa Nacional de Lisboa, MCMXLIII) contou com os contributos de Joaquim de Carvalho (redigindo as Anotações ao *De Crepusculis* de Pedro Nunes e as do *De Crepusculis* de Allacen) e de Manuel António Peres Júnior (com Notas à tradução, às figuras, aos cálculos e ao texto). Nas notas preliminares deste volume, os anotadores agradecem «ao Sr. Dr. Duarte Leite, antigo Lente de Astronomia na Faculdade de Ciências do Pôrto, as advertências e observações com que acompanhou a revisão das provas que lhe submetemos, aos académicos Srs. F. A. Rebêlo Gonçalves e Moses B. Amzalak as traduções, respectivamente, do *Carme* de António Pinheiro e do texto hebraico de Joseph del Médigo, e ao Licenciado em Filologia Clássica Sr. Miguel A. Pinto de Meneses, revisor-auxiliar da Comissão, a solicitude com que se desempenhou dos seus deveres, especialmente na revisão do texto latino e no rascunho da tradução»[82].

A 14 de Abril de 1942, Duarte Leite comunicava, com efeito, a Joaquim de Carvalho: «Aguardo as provas do *De crepusculis* com interesse, não só pelo texto em português, mas pelas anotações que a V.ª Ex.ª e ao dr. Manuel Peres sugeriu esta obra capital de Pedro Nunes, da qual possuo um exemplar da edição de 1542» [1.ª edição] [83].

A partir de então, o *De Crepusculis* tornar-se-á tema central do epistolário trocado entre os dois investigadores, o que denuncia bem o interesse

---

[82] *Ob. cit.*, p. 292.

[83] *Carta 8.*

científico que eles (e o Dr. Manuel Peres) conferiam à obra, devendo relevar-se (em nosso entender) o trabalho feito em equipa e com exigente espírito científico. Se não, atente-se em mais esta passagem de uma outra missiva de Leite, datada do 1.º de Maio de 1942: «Igualmente vão em separado as provas da tradução do *De Crespusculis* [feita por J. Carvalho], e com esta os reparos que ela me suscitou. Na carta com que ma mandou, pedia-me V. Ex.ª que a censurasse *implacavelmente*, e assim fiz, descendo até a minúcias de pontuação; mas não pretendo ter sempre acertado [...]. Não tardarei a responder completamente ás questões formuladas por Manuel Peres, e já o fiz a algumas no decurso dos meus reparos á tradução»(84).

Em anexo à mesma carta, Leite opinará que a tradução, «cingida ao original, é perfeita, mas por vezes é inutilmente literal». Quanto a observações de conteúdo, registe-se que o «Astrónomo-historiador», em vez de discordar frontalmente, delicadamente opta por sugerir, sobretudo em matérias de índole matemática e astronómica, chegando ao ponto de considerar, como «fastidiosas», as suas «minúcias» sobre a tradução dos *Crepúsculos*(85). Não enfastiariam, por certo, já que Joaquim de Carvalho não só submeteu ao parecer de Duarte Leite a tradução e as anotações, como o próprio *Prefácio*.

Extravasando o estrito âmbito da matéria dos *Crepúsculos*, ambos os interlocutores darão mostras, à semelhança de outros investigadores portugueses de então, de pretenderem defender a notoriedade científica de Pedro Nunes, quer em termos de originalidade, quer de conhecimentos adquiridos. Veja-se, por exemplo, o que Duarte Leite diz nas *cartas 16* e *17* a respeito dos conhecimentos do «seno-verso» e, na última, sobre os crepúsculos e a subdivisão das escalas rectas, por parte do «Inventor do Nónio». Contudo, tal defesa é feita, desapaixonadamente, ou seja, com a maior isenção possível, sem ter em conta o objectivo principal do enaltecimento das glórias nacionais, como se prova, ainda, com as reflexões de Duarte Leite sobre o valor do *De Crepusculis*, de Nunes, vazadas na p. 014, lin. 8 asc. e seguintes da *carta 17*, e com a seguinte conclusão: «Para me confessar, creio que o *De Crepusculis* por muito que eu o admire, não me parece capital na história da astronomia, o que já não sucede ao *De revolutionibus* de Copérnico, publicado um ano depois do livro português».

84) *Carta 9.*

(85) *Carta 13.*

O aparato científico-cultural que, como anexo, poderia valorizar a tradução do *De Crepusculis* preocupou Joaquim de Carvalho, a ponto de se *aconselhar* com o seu interlocutor do Porto e a resposta deste, datada de 11 de Novembro de 1942, parece ser esclarecedora: «Se é intenção de V. Exª juntar ao seu trabalho tudo quanto interessa à história da obra de P. Nunes, a resposta deve ser afirmativa....»[86]. Ou seja, Leite tem em consideração a importância da *contextualização* da obra (em sentido genérico) ou da sua *ecologização cultural,* conforme se poderá dizer em linguagem actual. Aliás, naquela data, o «Astrónomo-historiador» «aguardava com muito interesse» as notas de Joaquim de Carvalho a respeito do «nónio», dando portanto continuidade à troca de anotações sobre o *De Crepusculis,* com as respectivas revisões das provas.

Desconhecendo se, entre ambos, houve correspondência escrita de finais de Dezembro de 1942 a meados de Junho do ano seguinte, o que é certo é que, ainda a 16 deste mês, Duarte Leite escrevia o seguinte para o seu amigo de Coimbra: «Remeto a V. Exª as três folhas das anotações ao *De Crepusculis* e à tradução de Allacen [a integrar/como apêndice], e com elas alguns reparos que sua leitura me sugeriu. Nelas ouso divergir de opiniões de V. Exª»[87]. Que divergências? Relevaremos estas: as que se prendiam com a (ainda) mal esboçada biografia de Pedro Nunes e que talvez valha a pena transcrever mais adiante, até porque volta a estar na ordem do dia a (re)publicação das obras completas de Pedro Nunes; e com datações referentes à publicação do *De Crepusculis,* tomando, designadamente, como referência a redacção do *Tratado da Sphaera,* de D. João de Castro[88].

[86] *Carta 20.*

[87] *Carta 26.*

[88] *Vide* capítulo seguinte.

8. Bibliografia de Duarte Leite (1864-1950) (*)

I – Livros e artigos

[1886]

1. *Integração das differenciaes algébricas*. Porto: [s.n.], 1886. Dissertação para concurso à 4.ª cadeira da Academia Polytechnica do Porto.

[1896]

2. *Argumento sobre o quadro da Misericordia do Porto e discussão entre Duarte Leite e Moreira Freire em Agosto de 1896*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro, 1896. 48 p.; 1 estamp.

[1897]

3. *Rodrigues de Freitas: homenagem do Atheneu Commercial do Porto*. Porto: Typ. A Vapor de Arthur J. de Sousa & Irmão, 1897, p. 15-36 (Precedido do discurso lido pelo Dr. Luiz de Magalhães.)

[1912]

4. *O Testamento de Rodrigues de Freitas: como foi cumprido pelos 4.º e 5.º testamenteiros, Francisco Carqueja e Bento Carqueja*. Em colab. Porto: Typographia da Empreza Guedes, 1912.

[1914]

5. *Pour l'histoire de la détermination des orbites cometaires*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915. 9 p. Sep. de «Annaes da Academia Polytechnica do Porto.» Porto. Tomo 9 (1914).

(*) Esta Bibliografia foi organizada a partir da «Lista dos seus trabalhos» que Vitorino Magalhães Godinho incluiu na obra *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*, vol. 2., Lisboa: Ed. Cosmos, 1960, p. 359-362. Foi, depois, completada por outras pesquisas, nomeadamente nos catálogos em fichas e em linha da Universidade de Coimbra e no catálogo em linha da Biblioteca Nacional.

[1921]

6. «Os falsos precursores de Álvares Cabral». In DIAS, Carlos Malheiros [et al.], ed. lit. – *História da Colonização Portuguesa do Brasil: edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1921. Vol. 1, p. 105-228.

[1923]

7. «A exploração do litoral do Brasil na cartografia da primeira década do século XVI». In DIAS, Carlos Malheiros [et al.], ed. lit. – *História da Colonização Portuguesa do Brasil: edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1923. Vol. 2, p. 391-440. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 159-258.
8. «O mais antigo mapa do Brasil». In DIAS, Carlos Malheiros [et al.], ed. lit. – *História da Colonização Portuguesa do Brasil: edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1923 Vol. 2, p. 223-281. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 11-124.

[1925]

9. *Los Descubrimentos portugueses en el Brasil y en el Rio de La Plata: memoria apresentada por la delegácion de Portugal al Congreso Internacional de Historia y Geografía de América*. Buenos Aires: [s.n.], 1925, 23 p. Sep. de «Revista Argentina de Ciencias Politicas». Buenos Aires. Tomo 29.

[1930]

10. *Talent de bien faire: a propósito da conferência de Joaquim Bensaude – 'Origines du plan des Indes' – Paris – Librairie Aillaud – 1929 – 32 pag.* São Paulo: [s.n.], 1930. 11 p. Sep. de «Revista Portuguesa». S. Paulo. Tomo 1, fasc. 2, (1930). Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 67-79.

[1931]

11. «Americo Vespucio e o Brasil». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 47ª série. N.º 9-10 (Set.-Out. 1929), p. 351-358; n.º 10-11 (Nov.-Dez. 1929), p. 392-398; 48.ª série, n.º 1-2 (Jan.-Fev. 1930), p. 25-28; n.º3-4 (Mar.-Abr. 1930), p. 62-69; n.º 5-6 (Mai.-Jun. 1930), p. 116-126; n.º 7-8 (Jul.-Ago. 1930), p. 172-182; n.º 9-10 (Set.-Out. 1930), p. 245-251;49.ª série, n.º 1-2 (Jan.-Fev. 1931), p. 27-33.
12. Descobridores do Brasil. *Porto: Livraria Lello, 1931. 225 p.*

[1940]

13. «A divisória de Tordesilhas, segundo Duarte Pacheco». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 58.ª série. N.º 9-10 (Set.-Out. 1940), p. 337-350. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 473-486.

[1941]

14. *Àcerca da «Cronica dos feitos da Guinee»*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1941. 271 p.

15. «O açúcar até fins da Idade Média». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 212-217. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 452-455.
16. «A canonização de Cristóvão Colombo». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 198-204.
17. *Coisas de vária história*. [Lisboa]: Seara Nova, 1941. 230, [2] p.
18. Cristóvão Colombo português?». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 189-197.
19. «A lenda de Machim e Ana de Arfet». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 120-125. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 274-277.
20. «Portugueses na América Boreal antes de Colombo». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 139-146. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 360-364.
21. «Portugueses no Brasil antes de Álvares Cabral». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 147-155.
22. «O Preste João das Índias». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 173-180. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 23-27.
23. «O primeiro périplo africano». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 156-163. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 313-318.
24. «Os primeiros açúcares portugueses». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 218-223. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 455-459.
25. «Quem descobriu a Austrália?». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 164-170.
26. «Quem descobriu as ilhas de Cabo Verde?». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 132-138. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 281-285.
27. «Quem descobriu o arquipélago da Madeira?». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 109-113. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 267-270.
28. «Quem descobriu o arquipélago dos Açores?». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 126-131. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 277-281.
29. «A redescoberta do arquipélago da Madeira». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 114-119. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 270-274.
30. «O surto do açúcar na Madeira». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 224-230. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 459-464.
31. «Uma teoria romantizada dos descobrimentos portugueses.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 19, n.º 705 (15 Fev. 1941), p. 139-144; n.º 706 (22 Fev. 1941), p. 159-163; n.º 708 (8 Mar. 1941), p. 191-196; n.º 709 (15 Mar. 1941), p. 211-215; n.º 710 (22 Mar. 1941), p. 227-230. Também pub. in LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 1-105.

32. «O Tratado de Tordesilhas». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 181-170.
33. «A virgindade do Infante D. Henrique». In LEITE, Duarte – *Coisas de vária História*. p. 205-211.

[1942]

34. «O plano henriquino da Índia e os nossos escritores.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 21, n.º 754 (24 Jan. 1942), p. 275-277; n.º 755 (31 Jan. 1942), p. 291-294; n.º 756 (7 Fev. 1942), p. 310-314. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 96-122.

[1944]

35. «De quando data em Portugal a astronomia náutica?» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 892 (16 Set. 1944), p. 45-47. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 375-387.

[1945]

36. «Ainda a descoberta da Terra Nova.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 24, N.º 946 (29 Set. 1945), p. 65-66.
37. «A ciência terá falido?» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 24, n.º 936 (21 Jul. 1945), p. 189-190.
38. «Um crítico da Crónica da Guiné». *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. 15 (1945), p. 1-32. Existe sep.
39. *A posição dos domínios ultramarinos no Estado português*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945.
40. «Sôbre a descoberta da Terra Nova.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 24, n.º 930 (9 Jun. 1945), p. 81-83. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 364-373.
41. «O termo meridional da terceira navegação de Américo Vespúcio.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 24, n.º 917 (10 Mar. 1945), p. 163-167. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 619-630.

[1946]

42. *Contra o espiritismo: comentários à sua defesa por um espírita graduado*. Porto: imp. Of. Gráfica «O Primeiro de Janeiro», 1946. 63 p.

[1947-1948]

43. «Uma ilha enigmática.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 27, n.º 1065-1067 (27 Dez. 1947-10 Jan. 1948), p. 257-259. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 340-345.

[1949]

44. «Sobre arcos duma cónica cujos comprimentos têm um cociente constante». *Gazeta de Matemática*. Lisboa. Ano 10, n.º 41-42 (Dez. 1949), p. 19-22.
45. «Um vespucista da última hora.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 28, n.º 1138-1839 (29 Out. -5 Nov. 1949), p. 214-216. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 630-638.

[1950]

46. «Ecce iterum Crispinus.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 28, n.º 1170-1171 (10-17 Jun. 1950), p. 177-181, 190. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 638-650.
47. «Lendas na história da navegação astronómica em Portugal». *Biblos*. Coimbra. Vol. 26 (1950), p. 413-430. Existe sep. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 387-410.

[1958]

48. «Américo Vespúcio». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 549-519.
49. «As armadas da Índia e o Brasil». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 696.
50. «A carta de Pero Vaz de Caminha». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 539-547.
51. «O conhecimento pré-colombiano por portugueses de terras americanas». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 345-349.
52. «Causas da expansão portuguesa no mundo». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 17-22.
53. «Duarte Pacheco». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 487-505.
54. «A escola de Sagres». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 160-184.
55. «Os falsos precursores espanhóis de Cabral». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 507-536.
56. «A famigerada escola de Sagres». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 184-213.
57. «A Guiné». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 285-322.
58. «Intencionalidade da derrota de Cabral». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 537-538.
59. «Os limites primitivos do Brasil». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 697-712.
60. «A sabedoria do Infante D. Henrique». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 122-160.
61. «O sigilo». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 411-449.
62. «As supostas explorações henriquinas do Golfo da Guiné». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 323-332.
63. «O suposto descobrimento henriquino no Sudoeste africano». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 333-337.
64. «O suposto ensaio henriquino da passagem do Noroeste». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 349-364.
65. «O surto do açúcar na Madeira». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 459-464.

66. «Uma tentativa de regresso às teses tradicionais». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 650-680.
67. «A vila do Infante». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 188-213.

[1958-1960]

68. *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Org., notas e estudo final de Vitorino Magalhães Godinho. Lisboa: Edições Cosmos, 1958-1960. 2 vol.

[1960]

69. «O Brasil no planisfério de Juan de la Cosa». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 125-158.
70. «O chá». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 335-342.
71. «A colónia do Sacramento». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 307-311.
72. «A descoberta e a conquista da Florida». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 273-278.
73. «O descobrimento da Austrália». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 329-334.
74. «Fernão Mendes Pinto». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 319-328.
75. «A França antárctica». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 301-306.
76. «As ilhas Falkland». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 291-294.
77. «A passagem do Nordeste». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 259-265.
78. «A passagem do Noroeste». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 267-272.
79. «A passagem do Sudoeste». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 295-299.
80. «Quem descobriu as ilhas de Fernando Noronha?». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 279-283.
81. «Quem descobriu o rio da Prata?». In LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 2, p. 285-289.

[s.d.]

82. *Os falsos precursores de Álvares Cabral*. 2ª ed. melhorada. Lisboa: Portugália, [s.d.]. 305 p.

II – Prefácios

[1906]

83. «[Introdução]». In FREITAS, José Joaquim Rodrigues de – *Páginas avulsas*. Preâmbulo de Carolina Michaëlis Vasconcelos. Porto: Liv. Chardron, 1906. p. V-IX.

III – Recensões

[1943]

84. «[Recensão] 'A cruzada do Infante D Henrique', por Joaquim Bensaúde. Lisboa, 1943». *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 849 (20 Nov. 1943), p. 203-207.
85. «[Recensão] 'Documentos sobre a expansão portuguesa', por Magalhães Godinho. Lisboa, 1943». *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 852 (11 Dez. 1943), p. 259-261. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 258-265.

[1944]

86. «[Recensão] BIBLIOGRAFIA HENRIQUINA – E. Sanceau, 'D. Henrique, o Navegador', Porto, 1942; Costa Brochado, 'Infante D. Henrique', Lisboa, 1942; Mendes de Brito, 'O Infante D. Henrique (1394-1460)', Lisboa, 1942». *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 878 (10 Jun. 1944), p. 82, 92-93, 121-124; n.º 880 (24 Jun. 1944), n.º 881 (1 Jul. 1944), p. 135-136. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 224-248.
87. «[Recensão] JAIME CORTESÃO, 'A carta de Pero Vaz de Caminha'. S. Paulo, 1943». *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 854 (4 Mar. 1944), p. 119-121.
88. «Réplica final a um íntegro lumiar da História.» *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 886 (5 Ago. 1944), p. 232-234. Também pub. in LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos: colectânea de esparsos*. Vol. 1, p. 249-257.
89. «[Recensão] Resposta de Costa Brochado ao Dr. Duarte Leite». *Seara Nova*. Lisboa. Ano 23, n.º 883 (15 Jul. 1944), p. 176-179.

[1946]

90. «[Recensão] 'O V Centenário do descobrimento da Guiné portuguesa à luz da crítica histórica' por António J. Dias, O.F.M. (1946, Braga).» *Seara Nova*. Lisboa. N.º 1000-7 (26 Out. 1946), p. 122-130.

[1948]

91. «[Recensão] Robert Levillier, America la bien llamada [...] Societé anonyme Guillaume Kraft, Buenos-Ayres 1948. 150 pesos.» *Archives Internationales d'Histoire des Sciences*. Paris. Ano 3, n.º 12 (Jul. 1950), p. 748-759.

IV – Vária

[1934]

92. «Prof. Dr. F. Gomes Teixeira: elogio proferido em sessão de homenagem de 8 de Fevereiro de 1834 na Universidade do Porto». *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. Vol. 18, n.º 4 (1934), p. 193-207. Existe sep.

(Página deixada propositadamente em branco)

IV – O Marinheiro-Historiador Abel Fontoura da Costa

Por Marinho dos Santos

(Página deixada propositadamente em branco)

Abel Fontoura da Costa

(Página deixada propositadamente em branco)

1. Sobre a individualidade e o seu percurso de vida

A 13 de Dezembro de 1972, o Contra-almirante Ramos Ferreira proferiu, no Centro de Estudos da Marinha, uma comunicação intitulada: *Fontoura da Costa, professor insigne, matemático categorizado, marinheiro brioso, mas inconformado, que muito dignificou a Marinha e honrou a Pátria*[1].

Seu discípulo, no curso de Marinha da Escola Naval de 1921-1923, Ramos Ferreira caracterizá-lo-á como sendo de «rara vivacidade, a que aliava apurada inteligência» e uma fina ironia. E recordará um dos seus primeiros trabalhos científicos, publicado nos *Anais do Clube Militar Naval*, sob o título *Aplicação das Tábuas de Estrada e logaritmos de subtracção ao método de Saint Hilaire*, por ter como finalidade prática divulgar, na Marinha Portuguesa, os novos e revolucionários métodos das *Tablas para facilitar dos Calculos Nauticos*, do espanhol Estrada, e os logaritmos de subtracção de Gauss ao método de Saint Hilaire. É que Fontoura da Costa documentava a teoria com um esclarecedor exemplo prático.

Estava-se em 1889 e, três anos depois, Fontoura publicava outros trabalhos sobre temas de navegação. Concretamente, em 1901, como revelador da sua propensão para as matemáticas, divulgará um singular trabalho sob o título *Pinhas de Anel de Um só Cordão*, mais tarde aperfeiçoado e publicado como *Les Bonnets Turcs et son équation d'ourdissage*[2]. Preparará,

---

[1] In «Memórias do Centro de Estudos da Marinha», Lisboa, 1973, p. 240-253. Foi publicado no Jornal "República", de 27 de Janeiro de 1973, sob o título *Fontoura da Costa – matemático e marinheiro*, com algumas alterações.

[2] In «Anais do Clube Militar Naval», 1939.

também, entretanto, um «verdadeiro compêndio de navegação astronómica», ainda segundo Ramos Ferreira, designado *Tábuas para o ponto no mar* e, tirando partido das suas viagens em missões ao serviço da Marinha Portuguesa, redigirá *Subsídios para um roteiro das Costas Portuguesas — Fundadouros da canhoeira Mandovi nos principais portos de Cabo Verde.*

Assim, «o imenso prestígio em que já eram tidos os seus conhecimentos profissionais, a sua personalidade e a vasta cultura de que dispunha influíram decisivamente na sua nomeação, em 1902, para o desempenho do importante cargo de lente das 4.ª e 5.ª cadeiras da Escola Naval», até 1913 (continuamos a seguir Ramos Ferreira). Como traço característico da sua actividade científica e profissional, mantinha, entretanto, a preocupação em acompanhar e divulgar o que de novo ia aparecendo lá por fora, de modo a noticiá-lo entre os camaradas de profissão, de que são outro exemplo as *Tábuas Náuticas*, pela simplificação e rapidez que trouxeram à execução dos cálculos de bordo. Estava-se em 1907 e, neste ano, Fontoura da Costa assumia as funções de reitor do Liceu Central de Lisboa.

Posteriormente, irá para Cabo Verde, como Governador, de onde regressará em 1918 e ei-lo, de novo, professor da Escola Naval e a continuar as suas investigações. Em *Fórmulas do triângulo de posição*, considera Ramos Pereira que Fontoura mostra «todo o poder do seu notável espírito de matemático, dom por ele atribuído aos excelentes e saudosos mestres que teve — Couceiro da Costa no Colégio Militar, e Gomes Teixeira na Politécnica portuense».

Em 1921, edita o livro *Elementos de Navegação Astronómica Moderna*, um excelente compêndio de ensino, demonstrando que não parava de estudar, investigar e publicar, sempre com grande sentido prático. Concretamente, numa notável palestra que proferirá, em 1930, no Clube Militar Naval, sob o título *O Actual e o Futuro Ponto no Mar*, referir-se-á à «onda hertziana» como uma «grande e misteriosa maravilha humanitária», destinada a destronar a navegação astronómica e os pontos do navio dela derivados. Assim como preverá a extraordinária importância do «radiotelémetro», ou seja, do radar, para obter a posição de um navio sem cronómetros, nem sextantes, nem astros, quase sem cálculos e em quaisquer circunstâncias de tempo.

Ainda, em 1930, será nomeado membro da Comissão Nacional para o estudo da Reforma do Calendário, em estreita ligação com a «Comissão Especial da Sociedade das Nações» que se propunha realizar essa reforma

e proferirá como oração de sapiência *A Evolução da Pilotagem em Portugal*, último acto da sua actividade de docência na Escola Naval.

Na curta referência que lhe é dedicada no *Dicionário da História de Portugal*, Luís de Albuquerque diz que Abel Fontoura da Costa nasceu em 1869 e morreu em 1940[3]. Ou seja, viu o mundo dez e cinco anos depois, respectivamente, de Joaquim Bensaúde e Duarte Leite, mas antecedeu-os na morte, sensivelmente, uma década. Viveu, portanto, menos tempo e, por vezes, sujeito a graves enfermidades, como a que, em finais de 1934, o obrigou a internamento no Hospital da Marinha de Lisboa e numa clínica do Instituto do Rádio (Fundation Curie) em Paris[4].

Abel Fontoura da Costa nasceu em Alpiarça, foi aluno do Colégio Militar e ingressou na Escola Naval a 15 de Outubro de 1887. Exerceu os cargos de Ministro da Marinha e da Agricultura, de comandante das Escolas da Marinha (1923) e de director da Escola Naval, da Escola da Educação Física da Armada (1932) e da Escola Náutica (1936 e 1939). Em 1935, foi eleito sócio da Academia Portuguesa de Ciências e da História e, em 1936, foi eleito membro da Academia Francesa da Marinha. Em 1937, foi representante nacional ao Congresso de Ciência Histórica de Zurique. O seu último grande trabalho foi o contributo para a Exposição do Mundo Português. De qualquer modo, aquelas três individualidades, além de contemporâneas, integraram, em boa parte, o círculo cultural centrado em Joaquim de Carvalho.

São, ao todo, 12 as missivas para o seu «Ex.mo Presadíssimo Amigo», Dr. Joaquim de Carvalho, em que Abel Fontoura da Costa fala de actividades em curso e de projectos sobre a arte náutica dos Descobrimentos. Concretamente, em 1933, por três cartas: refere um possível Congresso de História, a realizar no ano seguinte, sobre *a «A Arte Nautica dos Descobrimentos»*; sugere «uma exposição bibliográfica dos livros e manuscritos da Marinharia (Arte de Navegar) até o século XVI e talvez todo o XVII»; informa estar patente, no Museu Naval de Madrid, «uma bela exposição cartográfica espanhola» dos séculos XVI e XVII, sendo quase certo ir vê-la à capital do País Vizinho; e disponibiliza-se para, em nome do Director da Secção

(3) Vol. II, Iniciativas Editoriais, 1979, p. 206-207.

(4) Cf. *carta* 8, em anexo.

Portuguesa do Congresso de História, falar com o subdirector do Museu «que causa a admiração de todos»[5].

Noutra missiva, datada de S. Pedro do Estoril (22-X-33), Fontoura, depois de tecer algumas considerações sobre os «Livros de rotear», aborda, mais desenvolvidamente, a «Oração de 1485», proferida perante o Papa por Vasco Fernandes de Lucena, propondo-se, em suma, publicá-la com a tradução portuguesa e pedindo autorização para reproduzir o «notavel trabalho» de Joaquim de Carvalho sobre o tema[6].

No primeiro mês de 1934, o «Comandante-historiador» solicita ao seu «Ex.mo Amigo», Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, que lhe ceda, a título de empréstimo, duas ou três folhas de um livro, em impressão, de Armando Cortesão (ausente do País) sobre «os nomes dos cartografos portugueses, conhecidos e desconhecidos, desde Pedro Reinel ate principios do século XVIII» e de que faria um extracto para publicar no capítulo «Cartas de Marear» da *Marinharia dos Descobrimentos*[7]. Relembre-se, a propósito, que Luís de Albuquerque classificará este trabalho (com três edições em 1933, 1939 e 1960) como «uma das mais importantes obras de conjunto até hoje publicadas sobre a arte de navegar dos pilotos portugueses dos séculos XV e XVI; Fontoura da Costa fez nela uma exposição sistemática, com desenvolvidos comentários, de todos os recursos e métodos postos em prática pela marinharia daquela época (instrumentos de astronomia náutica, regimentos para a determinação de latitudes, cartas de marear, roteiros, etc.), acompanhando o texto de exaustivas referências bibliográficas, com um valor informativo ainda hoje relevante»[8].

Efectivamente (acrescentamos nós), a referida obra, objecto do «Prémio Almirante Augusto Osório» de 1934 (atribuído pelo Club Militar Naval), apresenta um plano ambicioso, a saber: 1 — Instrumentos náuticos de observação; 2 — Regimentos da Estrela do Norte; 3 — Regimento da altura do pólo pelo sol; 4 — Regimentos do Cruzeiro do Sul e de diversas estrelas; 5 — Altura de leste-oeste; 6 — Agulha de marear. Variação da agulha. Desvio e atracção local; 7 — Cartas de marear; 8 — Marés; 9 — Roteiros portu-

(5) Cf. *carta* 2, em particular.

(6) Cf. *carta* 3 e o que é dito *supra*.

(7) *Carta* 4.

(8) In *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, p. 206-207.

gueses até 1700; 10 – Precursores da Tábua do ponto; 11 – Pilotagem; 12 – Conclusões, com um Apêndice da Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700.

Das *Conclusões* (da edição de 1939) citamos: «Evidenciamos nos capítulos anteriores a forma, teórica e prática, porque os astrólogos e mareantes portugueses criaram a *Marinharia*, elevando-a seguidamente a uma incipiente Ciência, que os estrangeiros *somente depois* desenvolveram até atingir a ultra-perfeição actual»[9]. Passará, em seguida, a resumir o que, em concreto, se devia aos portugueses no domínio da Marinharia, principalmente quanto aos instrumentos de observação, cartas de marear, roteiros e pilotagem.

Assinale-se, entre outras características, o âmbito global desta obra (relativamente aos estudos que, sectorialmente, Fontoura ia desenvolvendo), a sua finalidade prática (documentada em numerosas *Figuras*, *Tabelas* e outros tipos de representação) associada a uma exposição teórica bem sistematizada e a um desejo, inegável, de contribuir (de acordo com a conjuntura) para a glorificação dos valores nacionais.

Na mesma missiva de Janeiro de 1934, Fontoura diz ter obtido uma cópia do *Roteiro* manuscrito de Manuel Álvares, tencionando publicá-lo mais tarde. Sairá, efectivamente, em 1940 (cf. *Bibliografia*).

A 13 de Março daquele ano, solicita a Joaquim de Carvalho que lhe indique quem possa dar-lhe informações sobre a «Ilha Anganjo ou D. João de Castro», avançando com a hipótese de esta ser uma das quatro Comoro, mais propriamente, a «Anjouan ou Johana»[10].

Do historiador inglês e lusófilo C. R. Boxer dirá, a 4 de Agosto de 1934, que lhe remeteu folha de um antigo catálogo de Maggs, de cerca de 1929, sobre um manuscrito intitulado *Navigation in the Sixteeth Century* [1560] e atribuído a Pedro Nunes e Pedro Fraguoso Vaz[11]. Informará, ainda, Joaquim de Carvalho da existência, no Observatório da Universidade de Coimbra, de uma cópia francesa da *Arte de Navegar*, mas não sabia «de que é traducção». Aliás, das 46 obras publicadas sobre Náutica até 1700 obtivera 44 rostos.

Em 1935, depois de recuperar de grave doença, como se disse, ocupá-lo-ão, particularmente, as traduções das *Orações* de Vasco Fernandes de Lucena e de D. Fernando de Almeida, lastimando não haver «em parte

(9) *Ob. cit.*, p. 405.

(10) *Carta* 5.

(11) Cf. anexo da *carta* 6.

alguma a *Oração* de D. Fernando Coutinho! [...] Que pena, pois seria bom conhecer-se se trata dos Descobrimentos»[12]. E, ainda na mesma carta, não deixará de colocar «um problema importante» a Joaquim de Carvalho: a possível ida a Roma, por três vezes, de D. Fernando de Almeida como legado de D. João II, mas a «carta de crença não fala dele»[13].

Em 1938 (17 de Setembro), procura esclarecer, junto do «Professor de Coimbra», a identidade de um Vasco de Lucena, autor de um manuscrito de 1470 e existente na Biblioteca Nacional de Paris, não crendo ser Vasco Fernandes de Lucena[14].

As duas últimas missivas (de 1939 e 1940) têm menos interesse biográfico e bibliográfico.

Selecionámos, por sugestão da leitura da correspondência de Fontoura da Costa e pela sua importância para a História dos Descobrimentos Portugueses, alguns temas a que iremos dar algum desenvolvimento. Quais e porquê?

A primeira carta de Abel Fontoura da Costa para Joaquim de Carvalho, datada de 25/1/33, ou seja, do mesmo ano da primeira missiva (das que publicamos) de Duarte Leite, dá conta de que, devido à *crise económica*, Joaquim Bensaúde não podia fornecer o papel para a impressão do *Manuscrito Valentim Fernandes*, informando, ainda, o Director da Imprensa da Universidade de Coimbra de ter devolvido, no mesmo dia, as provas do referido *Manuscrito* ao Senhor Nazaré. Elegemos a questão da publicação do designado «Manuscrito Valentim Fernandes», cuja importância foi assim percepcionada por Joaquim Bensaúde: «[...] e estou pensando n'uma publicação de alto interesse a impressão do manuscrito precioso de Valentim Fernandes, tão pouco conhecido e tão necessario p. a historia dos descobrimentos»[15]. Quanto ao interesse de Fontoura pelos «*Roteiros*», ele, além de ser um coleccionador, era um conhecedor emérito da sua importância na história da *Marinharia Portuguesa*.

Faremos, igualmente, algumas considerações à «*Oração de 1485*», objecto dos comentários de Fontoura em carta de 22-X-33 e em outras com datas

---

(12) *Carta* 9.

(13) Cf. *infra*.

(14) *Carta* 10.

(15) *Carta* 20, datada de 16 de Abril de 1927.

posteriores. E, uma vez mais, Joaquim Bensaúde é invocado, nomeadamente por se lembrar de «ter visto a oração em folheto, em Lisboa ou em Coimbra».

Pedro Nunes teria que captar, naturalmente, a curiosidade de um historiador interessado pela náutica, como o era Abel Fontoura da Costa. Sobre aspectos relativos à obra científica do nosso «Matemático» se ocupam, particularmente, as cartas 6 e 7, pelo que, a propósito, teceremos alguns comentários e forneceremos informação atinente que talvez seja longa, mas que a celebração do quinto centenário do nascimento de Pedro Nunes justifica.

2. O Manuscrito «Valentim Fernandes» e o interesse pelos «Roteiros»

Numa carta, de 16 de Abril de 1927, Joaquim Bensaúde afirma haver já escrito para Munique, «a pedir a photografia do celebre documento [o manuscrito Valentim Fernandes] e não seria impossivel que dentro de 1 ou 2 mezes o sr. [Pedro de] Azevedo tenha já parte do manuscrito copiado a enviar a V. Ex.ª» [Joaquim de Carvalho], naturalmente para impressão[16].

E, a 10 de Julho de 1928, escrevia a respeito do «manuscrito precioso»: «Espero a cada momento as 700 paginas photographicas do manuscrito. As photographias são em tamanho natural pª facilitar a leitura. A primeira dificuldade que se me apresenta são 38 paginas de cartas geographicas rudimentares e toscas — ilhas do oceano etc. que se não podem reproduzir bem por zincographia. Estou à espera das photographias para examinar o caso para reproduzir em facsimile essas 38 paginas. Hoje o caso é bicudo — porque o custo é elevado. A seguir tenho a difficuldade da copia [...]. Outro ponto é a parte em latim. Já ca tenho a traducção de Gabriel Pereira da parte Diogo Gomes. Preciso confrontal-a com o original a ver se há mais texto em latim ainda não traduzido. Se ha é nova difficuldade»[17].

Posteriormente, a 16 de Agosto de 1928, Bensaúde informará Joaquim de Carvalho ter já na sua posse as fotografias do «Ms. Valentim Fernandes», parecendo-lhe muito mais simples do que ele pensava o problema da cópia, sendo contudo «muito mais complexa» a reprodução das 38 pequenas

(16) *Carta* 20 de J. B.

(17) *Carta* 26.

cartas geográficas, pois eram necessários facsimiles talvez em várias cores[18]. E, em missiva datada de Paris, a 25 Outubro de 1929, informará o seu correspondente de Coimbra: «Puz hoje mão no vol. da Miscelanea que cá tenho aonde está encadernado um trabalho de Sophus Ruga contendo indicações das publicações feitas em Portugal baseadas na Copia do Ms. Valentim Fernandes existente na Bibl. Nacional de Lisboa»[19].

Pouco tempo depois (Novembro de 1929), o «Engenheiro-historiador» enunciava, igualmente de Paris, os elementos de que dispunha sobre o «Ms. Valentim Fernandes» e que eram, no essencial: uma lista verificada em Munique da paginação do manuscrito; fotografias das cartas geográficas e apontamentos sobre as suas escalas; e um facsimile da assinatura de Valentim Fernandes encontrada na Torre do Tombo. Enfim, preparava, tecnicamente, com o seu amigo Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, a publicação da referida fonte histórica, concedendo-lhe alguma capacidade de decisão quanto ao formato do livro, mas não mandava os documentos que tinha consigo. Que dificuldades terão entravado este projecto editorial de Bensaúde?

Sob o patrocínio da Agência Geral das Colónias, Abel Fontoura da Costa publicará, em 1939, um pequeno estudo com abundante material facsimilado, a que deu o título *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes (1506-1508)*.

No *Preâmbulo* respectivo, esclarecerá que, pouco depois da descoberta das Ilhas de Cabo Verde, os navegadores portugueses começaram a desenhar nas suas *Cartas* a configuração das ilhas e que esses desenhos, aperfeiçoados por cartógrafos régios, eram lançados na *Carta protótipo oficial*. «Os melhoramentos ulteriores, obtidos pouco a pouco, deram as *Cartas* das ilhas, que Valentim Fernandes pôde aumentar daquela em 1506-1508».

E, numas *Notas Biográficas de Valentim Fernandes*, insertas no mesmo estudo, refere Fontoura que o «Alemão» veio para Lisboa (antes de 1495), tendo-se fixado como tipógrafo impressor. Aprendeu português e espanhol, sabia latim e era muito instruído. Nas obras que imprimiu, no século XV, assinava Valentim de Morávia, mas, a partir de 1501, começou a usar o patronímico *Fernandez*.

[18] *Carta* 27.
[19] *Carta* 29.

Grande admirador «da activa expansão mundial dos portugueses», destacam-se as suas *Relações* e *Cartas* reunidas em volume por Conrado Pentinger, o qual acabou por constituir um precioso *Códice* da Biblioteca do Estado, em Munique. Em 1932, Fontoura «examinou», *in loco*, o códice e constatou que ele tinha 336 fólios e mais 14 soltos.

Sobre as *cartas* das ilhas de Cabo Verde, da Madeira, dos Açores, das Canárias, do Golfo de Biafra, de Santa Helena e da Ascensão dirá: «Estas cartas são as únicas conhecidas até além de meados do século XVI, na grande escala que Fernandes empregou».

Quanto ao grande interesse de Abel Fontoura da Costa por «*Roteiros*», colhemos, no «Preâmbulo» à *Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700*, (Lisboa, [1940], por A. Fontoura da Costa), que, em Janeiro de 1934, se realizara, na antiga Biblioteca da Escola Naval, uma «Exposição dos Roteiros portugueses até 1700», tendo sido anexados a esses exemplares outros obtidos em arquivos nacionais e estrangeiros. Com efeito, a 2 de Janeiro de 1934, proferira na Biblioteca da Marinha, no acto da inauguração da referida exposição, uma conferência intitulada «*Este livro he de rotear...*», entretanto publicado[20]. Não terá sido difícil a Fontoura fazer passar, então, a sua mensagem de cariz histórico perante os marinheiros que o escutavam e, sobretudo, perante aqueles que alguma vez haviam embarcado, apesar de ser necessária muita imaginação «para ajuizar do que seria a vida, a bordo dum navio da época dos Descobrimentos»[21]. E, num assomo da invocação das glórias nacionais, proclamará: «Fomos os primeiros no *rotear* para novas terras, fomos naturalmente os primeiros a escrever os respectivos *Livros*; e durante muitos quartéis por êles se regularam todas as marinhas do mundo que foram a essas terras».

Classificará os roteiros em duas grandes categorias: A — Roteiros portugueses, até D. João de Castro; B — Roteiros portugueses, depois de D. João de Castro até 1700. A escolha de D. João de Castro como referência temporal devia-se aos seus «notabilíssimos trabalhos».

Não foi, obviamente, só a publicação dos roteiros que projectou Fontoura da Costa na historiografia nacional. Designadamente, na correspondência de Duarte Leite para Joaquim de Carvalho, há as seguintes referências a

---

[20] Lisboa, Imprensa da Armada, 1933.

[21] *Ob. cit.*, p. 5.

trabalhos de Fontoura da Costa: «[...] *Tratado da sphaera*, editado por Fontoura da Costa»[22]; «[...] reimpressão da *Arte de navegar* do Padre Borro, ou Bruno...»[23]; «[...] prefacio ao *Tratado da sphera* de D. João de Castro [...]»[24]. Quanto a interpretações, Leite refere: «Pode-se afirmar que Pedro Nunes visitou Salamanca [...], hipótese admitida por Fontoura da Costa...»[25] ou «Entende V. Ex.ª, que o *Tratado da sphera* de D. João de Castro[...], deve ser posterior a 1542, de harmonia com o parecer de Fontoura da Costa»[26].

De acordo com as referências contidas na correspondência ora publicada e tendo em conta o que foi a actividade de Fontoura como investigador e as imagens que dele mais ficaram no círculo sócio-cultural em que se integrou (o que não deixa, obviamente, de marcar a sua memória), comentaremos os seus trabalhos: «Às Portas da Índia em 1484» e «Pedro Nunes (1502-1578)»[27].

3. «Às Portas da Índia em 1484»

A 17 de Junho de 1924, Joaquim Bensaúde enviará, a Joaquim de Carvalho, «uns verbetes que tinha relativos ás orações de obediencia de Vasco Fernandes de Lucena e D. Fernando de Almeida»[28].

Em sua opinião, a deste último tinha «grande valor histórico por se ligar ás negociações do tratado de Tordesilhas». Contudo, como declara em carta datada de Paris a 26 de Outubro de 1929, só conhecia pelos títulos as três *Orações* que Joaquim de Carvalho lhe indicava, adiantando, uma vez mais, que a de D. Fernando de Almeida (1493) «deve ser m.to interessante e preciosa p.ª o estudo do Tratado de Tordesilhas (1494) então na berlinda»[29].

(22) *Carta* 4.
(23) *Carta* 10.
(24) *Carta* 26.
(25) *Carta* 26.
(26) *Carta* 27.
(27) Lisboa, Imprensa da Armada, 1936 e Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1938, respectivamente.
(28) *Carta* 7.
(29) *Carta* 30.

E perguntava, imbuído do forte espírito de mecenato que o animava, se não haveria em Coimbra quem se entusiasmasse com a tradução das três *Orações* feitas a Sixto IV, Inocêncio VIII e Alexandre VI, devido ao seu alto valor histórico.

Em *carta*, de 22 de Outubro de 1933, para o «Professor de Coimbra», Fontoura da Costa mostrará interesse em publicar, com a tradução portuguesa, a *Oração de obediencia* de D. João II, proferida em Roma, em 1485, por Vasco Fernandes de Lucena[30]. Fornece e solicita, a propósito, certos informes como: ter sido publicada no *Diário de Coimbra* de 1813; ter mandado copiar «o notavel trabalho do meu Ex.mo Amigo [Doutor Joaquim de Carvalho]»; ter sido apresentada no Congresso de Varsóvia uma comunicação de Deprez sobre a referida *Oração*; e não concordar com a identificação da localização do «Passum Promontório» nas proximidades de Lourenço Marques, como pretendia, Joaquim Bensaúde, opinando ele ser ao norte da ilha Moçambique .

Esclareça-se que, de facto, os redactores do «Jornal de Coimbra» (n.º 16, Abril de 1813, p. 312 e segs.) publicaram a Oração de Lucena, «servindo-se do texto impresso e duma transcrição da cópia que A. Pereira de Figueiredo fizera em 1749», adiantando Joaquim de Carvalho (que estamos a citar) ter decidido reproduzi-la nos seus *Excerpta* (p. 563-571) devido à raridade do original[31].

E, precisamente, dois anos depois, ou seja, a 22 de Outubro de 1935, Abel Fontoura comunicará, ao seu amigo Doutor Joaquim de Carvalho, estar a publicar um artigo (já saíra o corpo do texto, faltando só os documentos) sobre a *Oração* de Lucena, «que o Dr. Basilio traduziu magistralmente». Informava, ainda, haver no estrangeiro muitos exemplares dela, lastimando, contudo, ainda, não encontrar a *Oração* de D. Fernando Coutinho. Apenas, a Biblioteca de Évora dispunha do respectivo preâmbulo, muito embora a referida instituição já houvesse possuído um exemplar completo[32].

Em 1936 (Lisboa, Imprensa da Armada), A. Fontoura da Costa publica *Às portas da Índia em 1484*, título absolutamente falso ou ilusório e em que procura responder à *curiosidade* historiográfica: «Qual o ano em que foram

---

(30) *Carta* 3.

(31) *Excerpta Bibliographica ex Bibliotheca Columbina*, Coimbra, Arquivo de História e Bibliografia, 1923, vol. I, p. 562.

(32) *Carta* 9.

abertas as portas da Índia à armada do Gama?» ou quando é que os Portugueses terão dobrado o Cabo da Boa Esperança?

Com base na *Oração de Obediência*, pronunciada por Vasco Fernandes de Lucena, em Roma, no dia 11 de Dezembro de 1485, Fontoura analisa a hipótese de o ano anterior ser o da *primeira circum-navegação da África do Sul* ou o da chegada dos «nossos» às proximidades do «Promontório Prasso, onde começa o golfo Arábico», acidente situado, segundo Ptolomeu, cerca de Moçambique. Coube, pois, ao «Comandante-historiador» explorar a *Oração* do ponto de vista da História dos Descobrimentos, já que dela se haviam ocupado outros historiadores, mas, apenas, para tentarem responder a curiosidades como o milagre da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques antes da batalha de Ourique ou a origem do escudo nacional. Agora, a hipótese levantada por Fontoura era a de ter havido outro que «tivesse já dobrado o célebre *cabo*, chegando ao Índico antes do ilustre navegador» Bartolomeu Dias, em 1487-1488.

Antes de rememorarmos a sua resposta, façamos um parêntesis sobre o que, a este respeito, se decantava quanto à tão propalada «política de sigilo». Segundo ele, a *Oração* de Lucena, pronunciada publicamente, perante a mais selecta assistência, em 11 de Dezembro de 1485, e impressa no mesmo ano, mostra que «o sigilo não existia nêste caso da mais elevada política colonial de D. João II».

Avançando, porém, nas suas *conjecturas* e certezas, o «Comandante-historiador» colocará a hipótese de se ter podido realizar, em 1484-1485, após a chegada de Diogo Cão, uma outra viagem exploratória, já que «não escasseava o tempo, nem faltavam os navios e os homens». Mais: poderia ter sido uma viagem sem tocar em terra, nem talvez divisá-la, mas que não mereceria que Lucena se lhe referisse tão concretamente, a ponto de informar que nela haviam sido percorridas 4500 milhas. E conclui: esta distância ajusta-se à percorrida por Diogo Cão na sua primeira viagem, só que a *Oração* transmite, igualmente, a ilusão de que o navegador e os companheiros se apoderaram do território, ao deixar colocado no Cabo do Lobo o padrão de S.to Agostinho, ou seja, que haviam atingido as terras do sul de África, estando portanto prestes a engolfarem-se na «Índia».(33)

(33) *Ob. cit.*, p. 49-50.

A parte documental de *Às portas da Índia em 1484* é, a todos os títulos, valiosíssima. Principia (Doc. I) por algumas «notas marginais» atribuídas, por uns, a Bartolomeu Colombo e, por outros, ao próprio Cristóvão, com excertos da *Imago Mundi* de Pedro de Ailly e da *Historia rerum ubique gestarum* de Pio II, com a indicação de que «as traduções são do meu ilustre amigo professor dr. Joaquim de Carvalho». O Doc. II reproduz passos do *Esmeraldo de Situ Orbis* e o III da *Chronica del Rey Dom Ioam segundo*. O IV é constituído por *notas biográficas* de Vasco Fernandes de Lucena e por referências à sua acção como diplomata, orador, autor e tradutor, bem como às *orações de obediência* a D. João II (12 de Novembro de 1481, em Évora) e a Inocêncio VIII (11 de Dezembro de 1485, em Roma). O *fac-símile* da 1.ª edição da *Oração de obediência* de D. João II a Inocêncio VIII é designado Doc. IV-A, sendo o B, o *fac-símile* da primeira página da 2.ª edição da mesma Oração e o C a transcrição em latim e a tradução em português da 1.ª edição, com as respectivas notas. No Doc. V, Fontoura enquadra, historicamente, as embaixadas de obediência de D. João II ao Papa Alexandre VI, em 1493, e as respectivas *Orações*. Da primeira embaixada (que não alcançou o destino) era orador oficial o bispo de Lamego, D. Fernando Coutinho, que, obviamente, não chegou a discursar perante o Papa em 1493, mas a sua *Oração* foi impressa em Roma naquele ano. Malograda, também, uma segunda embaixada, realizou-se uma terceira, ainda em 1493, tendo sido orador D. Fernando de Almeida, bispo de Ceuta. O Doc V-A é o *fac-símile* de uma carta de D. Fernando para D. João II e da sua *Oração de obediência*, constituindo o V-B as transcrições em latim e as traduções em português, com as respectivas notas. Extractos da comunicação de Eugéne Déprez ao Congresso de Ciências Históricas de Varsóvia, em Setembro de 1933, perfazem o Doc. VI.

4. Sobre «Pedro Nunes (1502-1578)»

Em finais de 1938, Abel Fontoura da Costa publicava *Pedro Nunes (1502-1578)*, com «dados biográficos» e «obra científica» do «Matemático português». Em anexo, integrava uma «bibliografia das obras de Pedro Nunes» e uma lista de «Navios da Marinha de Guerra, com o nome Pedro Nunes». Em curta nota do seu trabalho, Fontoura da Costa afirma ter-se apoiado em estudos de Stockler, Ribeiro dos Santos, Rodolfo Guimarães,

Teixeira de Carvalho, Luciano Pereira da Silva, António Baião e Gomes Teixeira.

4.1. Sobre a Vida de Pedro Nunes

Os anos do nascimento e do falecimento do nosso «Matemático» oferecem dúvidas a Fontoura, bem como a data do seu casamento (1523) e a identidade da esposa, afirmando terem nascido do casal seis filhos. Reconhece, ainda, o biógrafo não existir «qualquer indicação a respeito dos estudos de Pedro Nunes até ir para Salamanca aí por 1521 ou 1522», assim como não estar documentada a sua frequência na célebre universidade. «Não *leu* ali *cadeira* como professor» e também nada se sabe sobre a sua estada na Universidade de Alcalá de Henares.

A propósito destes últimos informes sobre a vida do «Matemático» português, observará Duarte Leite, em nota adjunta à *carta* 26: «Pode-se afirmar que Pedro Nunes visitou Salamanca, sede duma universidade célebre, por ter casado com uma descendente de Arias, lente dessa universidade: mas não ha documento algum donde deduzir que a frequentou, quer como aluno, quer como ouvinte, hipótese admitida por Fontoura da Costa (in *Pedro Nunes*, Lisboa, 1938), quer como substituto eventual dum lente, fantasia de Rodolfo Guimarães. Ha mais de cincoenta anos me convenci disto lendo a obra de Vidal y Dias, *Memoria historica de la Universidad de Salamanca* (citada por Teófilo Braga na sua *História da Universidade de Coimbra*, o qual todavia não a leu com atenção), onde não encontrei referência alguma ao sábio português».

E em outra nota: «Será certo que Pedro Nunes esteve em Alcalá de Henares? Crê-o V. Ex.ª [Joaquim de Carvalho], e eu durante muito tempo o cri, mas a passagem citada, única em que se baseia a crença, apenas mostra que os *Libros del saber* existiam na biblioteca complutense, e não que o astrónomo português os tivesse compulsado».

Documentado está que Nunes já era bacharel em medicina, pela Universidade de Lisboa, quando a 16 de Novembro de 1529 foi nomeado cosmógrafo do Reino, inferindo Fontoura da Costa que deve ter aprendido astronomia ao cursar medicina. Para poder desenvolver a primeira teve de estudar «a fundo» a matemática, opinará, também, Fontoura.

A 4 de Dezembro de 1529, o «Inventor do nónio» é encarregado da regência de Filosofia Moral, na Universidade de Lisboa e, a 15 de Janeiro

do ano seguinte, da cadeira de Lógica. Entre 1531 e 1532, rege Metafísica e terá sido, também, por esta altura que D. João de Castro passou a frequentar as lições do «Matemático e Cosmógrafo». Com efeito, Fontoura da Costa não tem dúvidas: os três Roteiros que D. João de Castro elaborou (*De Lisboa a Goa* [1538], *De Goa a Diu* [1538-1539] e *Do Mar Roxo* [1541]) evidenciam uma grande cultura, recebida de Pedro Nunes, além da observação prática do mar e da respectiva investigação científica.

A propósito, transcreveremos, na íntegra, esta nota à tradução do *De Crepusculis* registada em anexo à carta [26], de 16 de Junho de 1943, de Duarte Leite para Joaquim de Carvalho: «Fontoura da Costa, no prefácio ao *Tratado de sphera* de D. João de Castro, afirma que o livro fôra escrito entre 1545 e 1548, quando ele governara a Índia; e V. Exª entende que deve ter sido escrito antes de 1542, pois o autor do *Tratado* aceita o valor tolomaico de 18° para a depressão crepuscular do Sol, ao passo que seu mestre Pedro Nunes a fixara em 16° 2'' no livro *De Crepusculis*, publicado em 1542. A objecção supõe que D. João de Castro conheceu o *De Crepusculis*, entre 1542 e 1548, ano da sua morte, o que é contestável. No citado prefácio escreveu Fontoura da Costa estas palavras: «[...] a sua colossal actividade marítima, de 1538 a 1541, de Lisboa ao Oriente e nos três anos — pouco mais — que permaneceu em águas orientais. Segunda vez voltou ao Oriente, em 1545, governando a Índia até ao seu falecimento». O seu *Tratado* inspirou-se no de Pedro Nunes, publicado em 1537, mas é inverosímil que fôsse redigido no período da sua intensa actividade marítima até 1541: deve portanto ser posterior a este ano. O autor esteve no Oriente desde então até já adiantado o ano de 1544, e não é provável que lá chegasse o *De Crepusculis* de 1542. Teria D. João de Castro ocasião de ler esta obra no curto intervalo em que esteve no reino, de 1544 a 1545, ocupado como se achava em prestar contas da sua estadia no Oriente, em promover a sua nomeação de Vice-Rei da Índia, e preparar-se para ir preencher o cargo? Não o julgo provavel, sobretudo se ao tempo ainda não começara a compor o *Tratado*. Inclino-me portanto para o parecer de Fontoura da Costa, mas o mais seguro é deixar a questão indecisa».

Mas, não vacilemos nós na tarefa de gizar uma resenha da biografia (e da bibliografia) de Pedro Nunes, com os dados ao dispor de Fontoura da Costa. Diz este que, a 16 de Outubro de 1544, lhe foi passada provisão para *ler a cadeira* de Matemática na Universidade de Coimbra, transferida, em 1537, como é sabido, de Lisboa para a Cidade do Mondego. Aqui, terá

ocupado a cátedra até que se jubilou a 4 de Fevereiro de 1562, ainda que com deslocações várias e dilatadas à Capital do Reino.

António Ribeiro dos Santos foi, como já se disse, um dos autores em que o «Comandante-historiador» se apoiou para o seu estudo *sobre Pedro Nunes*, tendo escrito, nomeadamente, uma *Memória da Vida e escritos de Pedro Nunes*[34]. Considera que «o Mathematico de maior nome que teve Portugal, e toda a Hespanha no Seculo XVI» nasceu em Alcácer do Sal, estudou e recebeu o grau de Doutor na Universidade de Lisboa; passou depois à [de] Salamanca, «por ventura a conversar os Sábios que alli havia»... Certo foi ter sido chamado para o Reino (assevera Ribeiro dos Santos) por D. João III tendo lido um curso de Artes, na Universidade de Lisboa, entre 1530-32, e passado depois, com a transferência da Universidade, a Coimbra. Cita, em seguida, alguns «bons Discípulos» da sua escola.

Rodolfo Guimarães (outro dos apoios de Fontoura) escreveu, também, um «excelente trabalho», na opinião da *Redacção* do «Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa», sob o título *Vida e descendência de Pedro Nunes* e, em 1915, dará a lume um estudo *Sur la vie et l'oeuvre de Pedro Nunes*[35]. Declarará, logo a abrir, ter sido *instigado* pela leitura do estudo do Dr. António Baião intitulado «*O matemático Pedro Nunes e sua família á luz de documentos inéditos*», considerando-o Rodolfo «como um programa de investigações a efectuar para tirar a limpo certos pontos duvidosos que ainda envolvem e confundem o pouco que se conhece da vida do nosso grande Pedro Nunes...».

Efectivamente, no mesmo «Boletim» publicara Baião *O Matemático Pedro Nunes e sua Família à luz de documentos inéditos. Estado da questão — Três Doutores Pedro Nunes contemporâneos. Documentos conhecidos e inéditos a eles referentes*. Basicamente, recenseia a *Memória da Vida e escritos de Pedro Nunes* por António Ribeiro dos Santos, afirmando que este «se refere a todos os documentos extractados por Stokler excepto à primitiva nomeação de Pedro Nunes para cosmógrafo do reino», mas que Santos cita muitos outros documentos desconhecidos de Francisco de Borja Garção Stokler,

(34) In *Memorias da Literatura Portuguesa*, Tomo VII, (1806), p. 250-283.

(35) Coïmbre, Imprimerie de l'Université, 1915, separata dos «Anaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto», vol. IX, n.°s 1-4 e vol. X, n.° 1.

o qual, na companhia do abade Correia da Serra, «visitara», por 1794, as salas da Torre do Tombo (de que resultou, em 1819, o *Ensaio Histórico sobre a origem das mathematicas em Portugal*).

Acrescenta, ainda, Baião que, em 1898, Sousa Viterbo integrou, nos seus *Trabalhos Náuticos dos Portuguezes*, um extenso artigo sobre Pedro Nunes, mas que não consultou a *Memoria*, de Ribeiro dos Santos. Resultado: não publicou dois documentos nela extratados, mas divulgou mais cinco desconhecidos de Santos e Stokler.

Em anexo ao seu estudo, António Baião confessa ter acabado de ler «o principio dum trabalho na *Revista da Universidade de Coimbra*, do sr. J. I. de Brito Rebelo intitulado *Pedro Nunes, cosmógrafo*» e constatará que este, «percorrendo as *Doações de D. Sebastião*, encontrou os três documentos que publica e que, sem sabermos um do outro, eu igualmente tinha encontrado, além doutros que publico».

Persistia, pois, a curiosidade sobre Pedro Nunes, como prova o Decreto publicado no *Diário do Governo* (n.º 56, II série, de 10 de Março de 1915 e com data de 6) e sobre o qual Rodolfo Guimarães escrevera um pequeno artigo intitulado *Decreto ordenando a reimpressão das obras de Pedro Nunes*, divulgado na revista «O Instituto»[36].

4. 2. Sobre a produção científica de Pedro Nunes

Entre as obras de Pedro Nunes, constantes de uma relação anexa ao Decreto de 6 de Março de 1915 e a reimprimir então na Imprensa Nacional (em tomo único ou, no máximo, em dois, em número de 2500 exemplares, na língua e ortografia originais e com reprodução do frontispício de cada obra), vinha logo à cabeça: *Tratado da sphera com a theorica do sol e da lua, etc. Item, Dous tratados sobre a carta de marear, etc.* Lisboa, Gusmão Galhardo, 1537.

Como curiosidade (compreensível no âmbito deste estudo), registe-se que o *De Crepusculis liber unus*, Olyssippone, Luis Rodericus, 1542, figurava em 4.º lugar, encerrando a lista de 7 o *Libro de álgebra en arithmetica y geometria*, Anvers, por Stelsius e Arnoldo Birkman, 1567.

(36) N.º 62, (1915), p. 347-352.

Explicitava Rodolfo Guimarães haver «duas coisas perfeitamente distintas a efectuar» e aprovadas pela Academia das Ciências de Lisboa: a reimpressão das obras e a tradução das mesmas para as tornar «compreensíveis do maior número de leitores em todos os países». Alertava, ainda, que «a par da tradução em latim, espanhol e português do século XVI, já de si difícil, ha que interpretar a obra de Nunes, o que deverá exigir grandes cuidados...».

A lista das obras para reimpressão não integrava toda a produção científica de Pedro Nunes e havia, pois, quem defendesse uma publicação das *Obras Completas*. Estaria, sequer, feito o inventário completo? A resposta é negativa.

Por exemplo, em finais de 1916, Rodolfo Guimarães, sob o título *Um Opúsculo Raríssimo de Pedro Nunes* (in «Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra», n.º 3) refere ter conhecimento da existência, na Biblioteca do Palácio da Ajuda, de um pequeno opúsculo, apenas com 12 páginas, sem data e com o título *Astronomica introductorii de spaera epitome per Petrum Nonium Salaciensem*. Seria exemplar único de um resumo do *Tratado da Sphera*, com mais algumas outras indicações, para a formação de pilotos. Mas, há mais casos de descobertas quanto à obra do «Matemático Português».

Assinado por A. de S. será publicada, com efeito, nos «Anais do Club Militar Naval», *Uma opinião acerca da publicação das obras de Pedro Nunes*, na altura, conforme se reconhece no próprio texto, em que se continuava a pensar na reimpressão da obra completa de Nunes[37]. Dará conta o subscritor da *opinião* que se descobrira, no espólio de um amigo (D. Carlos de Sousa Coutinho), uma *Notícia crítica das várias edições das Obras Matemáticas de Pedro Nunes*, de autor e época desconhecidos, mas que ele conjecturava ser D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho, irmão mais novo do Conde de Linhares e governador do Pará em finais do século XVIII (fora nomeado por *Aviso* de 4 de Maio de 1790 e regressara ao Reino em 1803 ou 1804).

Preconizava o Anónimo da *Notícia* que se fizesse «uma edição correcta de todas as obras do nosso Geómetra, a qual seja acompanhada de uma projecção composta no gosto critico e simples que se admira em alguns

[37] Tomo. LIV, n.os 4-6, Lisboa, Maio-Junho, 1923.

Proemios das primeiras edições dos Geómetras Antigos». Para tal, procurava dar o seu contributo, elaborando, inclusive, uma pequena notícia biográfica. Quanto às obras, designa cada uma por inteiro, indica (quando sabe) o local, a data da edição *princeps* (e das seguintes), o ano de publicação, o fólio e a livraria onde se acha, para além de acrescentar, ainda, uma notícia explicativa. Por exemplo: «*Tratado da Sphera com a theorica do Sol e da Lua, e o 1.º Livro da Geografia de Claudio Ptolomeu Alexandrino.* Lisboa, 1537. fol. de 54 pag. — Acha-se na Livaria do Abb. Garnier. Este Tratado contem trez traduções feitas por Pedro Nunes sem se declararem os originais á excepção da Geografia de Ptolomeu. O Tratado da Sphera é a tradução do celebre Livro de Sphera de João de Sacrobosco, addicionada com 16 notas marginais, figuras novas e uma anotação sobre as derradeiras palavras do Capitulo dos Climas do mesmo Sacrobosco. A Theorica do Sol e da Lua é a tradução dos trez primeiro [sic] artigos das Theoricas dos Planetas de Jorge Perbachio, a que o nosso traductor ajuntou 17 notas á margem. A tradução do primeiro Livro de Geografia de Ptolomeu tem 3 notas marginais».

O autor da *Noticia* enuncia 10 obras de Pedro Nunes, considerando o *De Crepusculis Liber unus cum libello Allacen Arabis vetustissimi de causis crepusculorum* como a obra prima do «Matemático», explicitando que: «Nela resolve o Autor com muita sagacidade o problema do menor crepusculo em cuja solução sem embargo da descoberta dos novos cálculos, se ocupou muitos anos o celebre Bernoulli, como êle mesmo confessa nas suas obras [...]. A primeira edição de 1542 [Olisipone] é tão rara que o Beneficiado Leitão não a poude descobrir».

Fontoura da Costa, em *Apêndice* ao seu *Pedro Nunes (1502-1578)* também apresenta uma *Bibliografia das obras de Pedro Nunes*, distinguindo entre *Obras impressas* e *Obras manuscritas*.

Dos estudiosos que se ocuparam das obras impressas do nosso «Matemático» sugere que se veja: Rodolfo Guimarães — *Sur la vie et l'oeuvre de Pedro Nunes*, Coimbra, 1915; Luciano Pereira da Silva — *As obras de Pedro Nunes, sua cronologia bibliográfica*, Coimbra, 1925; António Joaquim Anselmo — *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926; A. Fontoura da Costa — *Quarto Centenário da Publicação do Tratado da Sphera*, de Pedro Nunes, in *Petrus Nonius*, vol. I, n.º 4, Lisboa, 1938.

Terão sido 10 as obras impressas de Pedro Nunes? O anónimo da *Notícia critica das varias edições das Obras Matemáticas de Pedro Nunes* enumera

10, tantas quantas as ordenadas por A. Fontoura da Costa no seu *Pedro Nunes (1502-1578)*, mas os critérios são diferentes. Assim:

Ambos inventariam o *Tratado da Sphera*, mas, enquanto Fontoura diz que «tem juntos dois tratados originais: *a*) *Tratado sôbre certas duvidas da navegação*; *b*) *Tratado em defensam da carta de marear*, o Anónimo classifica-os como 2.º e 3.º das obras de Nunes.

O *Petri Nonii Salaciensis, De Crepusculis liber unus [...]. Item Allacen Arabis[...]* é o n.º 2 da lista de Fontoura e o 4.º do Anónimo.

O pequeno opúsculo, sem local nem data, e que é um resumo, em latim, do *Tratado da Sphera*, mas que aparece depois de 1542 sob o título *Astronomici introductorii de Spaera epitome per Petrum Nonium Salaciensen* não entra na ordenação bibliográfica do Anónimo.

O *De erratis Orontii Finoei [...]* é o 5.º deste e o 4 da lista de Fontoura.

Os dois Tratados ou Livros a) *De duobus problematis circa navigandi artem Liber unus* e *b*) *De regulis et instrumentis[...], Liber II* estão contidos, segundo Fontoura, no *Petri Nonii Salanciensis Opera, quae complectuntur, primum, duos libros[...]*, Basileae, Ex. Officina Henric Petrina, 1566 e é o 5.º para Fontoura, sendo o 6.º do Anónimo sob o título genérico *De Arte atque ratione navigandi libri duo[...]*, Basileae, 1566.

O último capítulo de *b*) ou Liber II, denominado *In problema mechanicum Aristotelis de motu navigii ex remis, Annotatio una* constitui o 7.º título do Anónimo e o 8.º é o *In Theoricas planetarum Georgii Purbachii*. Fontoura continua a integrá-los no *Petri Nonii Salanciensis Opera*, da edição de Basileia, 1566.

O *Libro de Álgebra en Arithmetica y Geometria. Compuesto por el Doctor Pedro Nunes*, en Anvers, en casa de la Biuda y herederos de Iuam Stelsio, 1567 é o n.º 6 da lista de Fontoura e o 10.º do Anónimo.

O *Petri Nonii Salanciensis, De Crepusculis [...]*, Conimbricae, Antonius a Marijs, Anno 1571 é a 2.ª edição do n.º 2 do rol de Fontoura e que vai sob o n.º 7. O Anónimo refere esta edição de Coimbra e outras, mas não as numera.

Do mesmo modo, a 2.ª edição do *De erratis Orontii Finoei [...]*, também de Coimbra, do mesmo editor e ano do anterior, é o n.º 8 em Fontoura.

O 9 é uma outra segunda edição (Coimbra, Antonio Maris, 1573) do *Petri Nonii Salaciensis De Arte atque ratione navigandi Libri duo[...]*, enquanto o 9.º para o Anónimo é um opúsculo intitulado *Annotatio in extrema verba de Climatibus[...]*, Lutetiae, 1557.

O 10 de Fontoura é a 3.º edição do 5, com mais dois opúsculos em 2.ª edição.

Entre as *Obras manuscritas*, anunciadas por Pedro Nunes no final do *De Crepusculis*, Abel Fontoura da Costa integra os *Tratado da Geometria dos triângulos sphericos, Tratado sobre o astrolábio, Tratado do planispherio geométrico, Tratado sôbre as proporções e medidas* e *Tratado da maneira de delinear o globo para uso da navegação*. Por volta de 1560, Pedro Nunes e Pedro Vaz Fraguoso terão publicado vários roteiros do Oriente e outros elementos de navegação. Este assunto é objecto da carta de Fontoura, datada de 4-VIII-34, com um anexo — a folha de um antigo catálogo de Maggs, de cerca de 1929 e enviada àquele por Charles Ralph Boxer[38]. Tratar-se-ia de um manuscrito português, extremamente importante sobre cosmografia e navegação, *circa* 1560, vendido para a Índia e comprado por alguém desconhecido. A folha tem sublinhados, na margem, certamente pela mão de Fontoura, os principais conteúdos do manuscrito atribuído a Pedro Nunes e Pedro Vaz Fraguoso, a saber: descrições geográficas de ilhas, estreitos e portos; roteiros, como os de Cochim até Martavão e de Cochim até à Costa do Coromandel ou de Satagam até Ceilão; regimentos de pilotos; regras para tomar a altura do sol ou como navegar sem agulha; lista das armadas saídas de Lisboa para a Índia, desde 1498 a 1556; alguns dados sobre o *curriculum* de Pedro Vaz Fraguoso...

Também o Anónimo da *Notícia* reparou nas promessas que Pedro Nunes faz no fim do *De Crepusculis* em publicar as obras já referidas, acrescentando, no entanto: «É provavel que as suas meditações sobre a maior parte destes objectos se incorporasse no livro *de erratis Orontii* e na obra *de ratione navigandi*, porque nestes Tratados vem capitulos com titulos semilhantes». Reconhece, no entanto, que nada aparece sobre trigonometria esférica, embora se saiba que Pedro Nunes versou estas matérias.

O interesse de Abel Fontoura da Costa pela bibliografia de Pedro Nunes confirma-se, também, pelo seu epistolário. Concretamente, em carta de 13-III-34, pede a Joaquim de Carvalho que diga ao Dr. Pacheco de Amorim que havia em Madrid uma tradução em espanhol da *Arte de Navegar* (?) de Pedro Nunes (Ms. Da Biblioteca Nacional) e, na missiva de 4-VIII-34, informa haver no Observatório da Universidade de Coimbra uma cópia

(38) *Carta* 6.

francesa da *Arte de* Navegar, «que não sei de que é tradução»[39]. Procurará esclarecer este assunto no seu *Pedro Nunes (1502-1578)*, ao afirmar que o *Tratado sobre certas dúvidas da navegação* e o *Tratado em defensam da carta de marear* (anexos ao *Tratado da Sphera*, Lisboa, 1537) foram traduzidos para francês, ignorando-se por quem e em data anterior a 6 de Janeiro de 1562, respectivamente sob os títulos: *Traité que le doucteur Pedro Nunes fit sur certains doutes de la navigation [...]* e *Traité que le doucteur Pierre Nunès, cosmographe du Roy notre sire, a faict pour la defference de la carte de naviguer [...]*. Compunham o códice 1338 (antigo fundo francês) da Biblioteca Nacional de Paris e existia dele uma cópia moderna no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. Outra cópia, mas sem as *Tábuas Solares*, integrava o códice 183 da Biblioteca de Soissons (França).
O códice de Paris começa, precisamente, pelas *Tábuas Solares*, que H. Brocard diz serem para 1533-1536, mas que Fontoura interpreta como engano do copista, já que as do *Tratado da Sphera* eram para 1537-1540[40].

Luciano Pereira da Silva é outro investigador que procura fazer o inventário das obras do «Matemático», prestando, sobretudo, atenção às primeiras edições ou edições *princeps*. Para tal, elabora uma relação por anos e divulga-a no artigo *As Obras de Pedro Nunes — Sua cronologia bibliográfica*[41].

Já dois anos antes, Luciano Pereira da Silva procedera ao exame crítico do conteúdo e da publicação da *Arte de Navegar*, de Pedro Nunes, num artigo com o título *A primeira edição dos tratados latinos sôbre a Arte de Navegar, de Pedro Nunes*[42].

Esclarece Pereira da Silva que a resposta às dúvidas de Martim Afonso de Sousa, regressado do Brasil em 1533, fora objecto do *Tratado que ho doutor Pedro Nunes fez sobre certas duvidas de navegação* e encontra-se no *Tratado da Sphera*, publicado em Lisboa em 1537, tendo originado o estudo da curva loxodrómica, muito importante na cartografia marítima. O mesmo

(39) *Cartas* 5 e 6.

(40) *Vide* H. Brocard – *Description et usage d'un nouvel anneau astronomique d'après un manuscrit inédit*, Paris, s.d. [c. 1905].

(41) In «Arquivo de História e Bibliografia», vol. I, Coimbra, 1923 e Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1976, p. 181-190.

(42) Sep. de «Anais das Bibliotecas e Arquivos», vol. II (1921), in *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, p. 209-217.

tratado foi traduzido para latim (língua mais universal) sob o título *De Duobus problematis circa navigandi artem [...]*, Basileae, 1566.

O *Tratado da Spera* contém outro: *Tratado em defensam da carta de marear* e foi vertido para latim (muito ampliado), aparecendo na edição de Basileae 1566 com o título: *De regalis et instrumentis, ad varias rerum tam maritimarum.*

Os dois livros em latim foram depois impressos em Coimbra por António de Mariz, em 1573, com o título: *De arte atque ratione navigandi libri duo.*

Não existe uma edição de 1546 conclui Luciano. E peremptório: «O estabelecimento da verdade nesta questão é importante para quem se ocupe da história da arte de navegar dos portugueses»[43].

Aliás, para Luciano Pereira, o «amor da verdade» deveria ser sempre um princípio sagrado, sobrepondo-se, inclusive, ao «gôsto de louvar a gente da nossa terra»[44]. E, para justificar que não tinha dúvidas «em fazer reivindicações de sentido inverso» ao das glórias portuguesas, propunha que os peninsulares se auxiliassem mutuamente, «inspirando-se no estudo dos documentos existentes nos dois países, [de que] resultará farta glória para ambos os povos, tanto maior quanto melhor fundamentada»[45]. De qualquer modo, pelo seu *cruzadismo nacional*, não deixa de enaltecer Joaquim Bensaúde, «o benemérito, e nunca assaz louvado investigador da nossa história náutica».

Se pelas suas obras se poderá conhecer (melhor) qualquer autor, no caso de Pedro Nunes, isto mesmo parece justificar-se, tendo sido reconhecido por Fontoura da Costa como «eminente cosmógrafo, físico, cosmólogo, geómetra e algebrista», além de o considerar genial, quer nas traduções que anotava ou comentava, quer nos trabalhos originais que concebia. Assim, segundo ele:

— No âmbito da cosmografia, deviam ser referidos: o *Tratado da Sphera [...]*, Lisboa, 1537 (o único trabalho seu em português); *Astronomici introductorii de Sphaera epitome* (s.l. e s. d., mas posterior a 1542) ; e *Opera*

(43) *Ob. cit.*, p. 217.

(44) *Pedro Nunes espoliado por Alonso de Santa Cruz* in «Lusitânia», vol. III, 1925 e in *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, vol. III, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1946, p. 163-184.

(45) *Ob cit.*, p. 184.

quae complectuntur, primum, duos libros [...], Basileae, 1566. O primeiro integra: traduções anotadas de obras de Sacrobosco, Purbáquio e Ptolomeu; tratados originais sobre certas dúvidas da navegação e em defesa da carta de marear, com tábuas do movimento do sol e sua declinação; e um epigrama em latim, dedicado a Pedro Nunes e composto por Jorge Coelho. O opúsculo *Astronomici introductorii* é um resumo, em latim, do *Tratado da Esfera*. As *Opera*, de 1566, compõem-se de 4 partes, a saber: a tradução latina e desenvolvida dos dois *Tratados*, que Pedro Nunes publicou com o seu *Tratado da Sphera*, sob os nomes *De duobus problematis circa navigandi artem Liber unus* e *De regulis et instrumentis [...] Liber II*; um capítulo intitulado *In problema mechanicum Aristotelis de motu navigii ex-remis, Annotatio una*; e um estudo sob a designação *In Theoricas planetarum Georgii Purbachii annotationes aliquot.*

— Com particular interesse para a náutica, o cosmógrafo Pedro Nunes explicita, no *Tratado sobre certas dúvidas da navegação* (as de Martim Afonso de Sousa, capitão da armada que foi ao Brasil em 1530-1533), depois traduzido para latim sob *De duobus problematis circa navigandi artem Liber unus*, a navegação pela «linha curva irregular» e por *círculo maior (máximo)*. Ou seja, Nunes diz não haver coincidência entre a trajectória do navio no mar («loxodrómia») e a «ortodrómia ou por círculos maiores». Para a navegação por linhas curvas irregulares servia a *carta de marear* quadrada, «com alguma pequena mudança que se faça»; para a segunda, era necessário que o globo terrestre («poma») fosse representado com as linhas dos rumos traçados («poma rumada»). Como traçar então as «pomas rumadas»? Em 1541, Mercator constrói o *globo terrestre loxodrómico*, o que levará Fontoura da Costa a destacar, no seu *Pedro Nunes (1502-1578)*, que foi ele «[...] quem imaginou, primeiramente estudou e fez construir as linhas curvas irregulares (linhas dos rumos, loxodrómias) de 1534-1537 [...]; a Mercator [coube a glória] de uma execução modelar». A *Carta de Mercator* foi, portanto, a base das *cartas marítimas* — reduzidas ou mercatorianas e em uso, até há bem pouco tempo.

Coube, também, a Pedro Nunes abordar a determinação da latitude pela altura do sol (importante, a partir do momento em que se perdia a «tramontana» ou polar), apresentando soluções que, na prática, não resultaram. O mesmo aconteceu no que concerne às suas *tábuas* do movimento do sol e sua declinação, não dando imediatamente a declinação solar como os pilotos, na prática, estavam acostumados.

Como instrumentos de navegação, Nunes inventou um para determinar a *variação da agulha*, um *anel graduado* (derivado do astrolábio) e um processo teórico, para num astrolábio se poderem medir fracções do grau. Foi a origem do célebre *nónio*, instrumento concebido e aperfeiçoado por Clávio e Vernier.

Prosseguindo com a sua sistematização, Fontoura da Costa considera que Pedro Nunes apenas se ocupa de um problema físico no seu tratado *De regulis et instrumentis* das *Opera*, ou seja, do movimento dos barcos a remos, ao comentar a doutrina de Aristóteles. E, a propósito, cita o parecer de Gomes Teixeira, ao dizer que «não se trata dum trabalho de mecânica no sentido moderno, mas da geometria do movimento; não se pretende determinar o lugar que o barco vai ocupando em cada instante, impelido pelos remos, mas de comparar, em diversas circunstâncias, o deslocamento do barco ao dos remos».

— O «Pedro Nunes cosmólogo» sobressai, segundo Abel Fontoura da Costa: ao traduzir para português e ao comentar a *Teórica do Sol e da Lua*, de Purbáquio; ao criticar, em latim, as *Teóricas dos Planetas*, também de Purbáquio; e ao determinar a duração *dos Crepúsculos* com grande originalidade e engenho, tendo em conta os movimentos dos astros.

— O «geómetra e algebrista Pedro Nunes» é enaltecido por Fontoura por ter abordado a geometria pura na sua obra *De erratis Orontii Finaei* (Coimbra, 1546) e a álgebra e a geometria aplicada no seu estudo *Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria* (composto, talvez, em 1534 e publicado em Antuérpia, 1567), terminando com aplicações de álgebra a vários exemplos da geometria.

Em carta de 2 de Julho de 1941, para Joaquim de Carvalho, Duarte Leite mostra-se agradecido pela oferta do 1.º Volume das *Obras* de Pedro Nunes, «onde se transcrevem passos deste matemático e de D. João de Castro, o segundo dos quais já lêra no *Tratado da sphera*, editado por Fontoura da Costa»[46]. E, a 4 de Outubro de 1942, acrescentava os comentários seguintes: «O *Tratado da sphera* termina com estas frases: «Posto que eu toda via escrevi a Geometria dos triangulos Spheraes largamente antes que de Alemanha nos mandassem a Espanha os liuros de Gebre e Monteregio

[46] *Carta* 4.

que na mesma materia fallam: e depois de lidos nam rompi o que tinha escripto». Nunes já conhecia pois em 1537 a obra de Monteregio *De triangulis omnimodis libri quinque*, publicado em 1533, em cujo livro V se faz uso de seno-verso; mas já devia conhecer então esta função trigonométrica, porque ela foi introduzida na matemática por Plato Triburtino ao mesmo tempo que o seno recto, e seria impossivel a Nunes tratar de triangulos sferaes sem o seno, e portanto sem o seno-verso, isto antes de 1537. Não sei se Nunes conheceu a tradução de Triburtino [da obra de Albaténio] na edição de Norimberga em 1537, como parece da carta de V.Ex.ª, mas creio poder afirmar que a conheceu em manuscrito anterior»[47]. E, a 14 de Outubro do mesmo ano: «Vou ver se topo, no volume que contém o *Tratado da sfera*, com o seno verso, tarefa que me parece destinada a insucesso: mas ainda que o não seja, não é lícito concluir que Nunes só depois de 1537 travou conhecimento com essa função trigonométrica, pois sua introdução sua linguagem matemática foi simultânea com a do seno recto»[48].

Com investigação aturada e sentido crítico profundo (pelo menos, da parte de alguns), assim se ia forjando a verdade histórica, sendo considerada esta a melhor via para enaltecer as glórias nacionais, entre as quais se contava, obviamente, Pedro Nunes. Duarte Leite e Abel Fontoura da Costa (cujo epistolário para Joaquim de Carvalho tentamos comentar) são exemplos da *nova* historiografia portuguesa, não estando, naturalmente, sós. Tiveram, no entanto, que pagar tributo, lembrando, designadamente, o primeiro: «[...] ha de haver uns cincoenta anos, quando na Biblioteca Municipal do Porto esgravatava esquírolas [fragmentos ou lascas de coisas duras] acerca de Nunes: e realmente algumas encontrei, cuja descoberta outros depois anunciaram»[49].

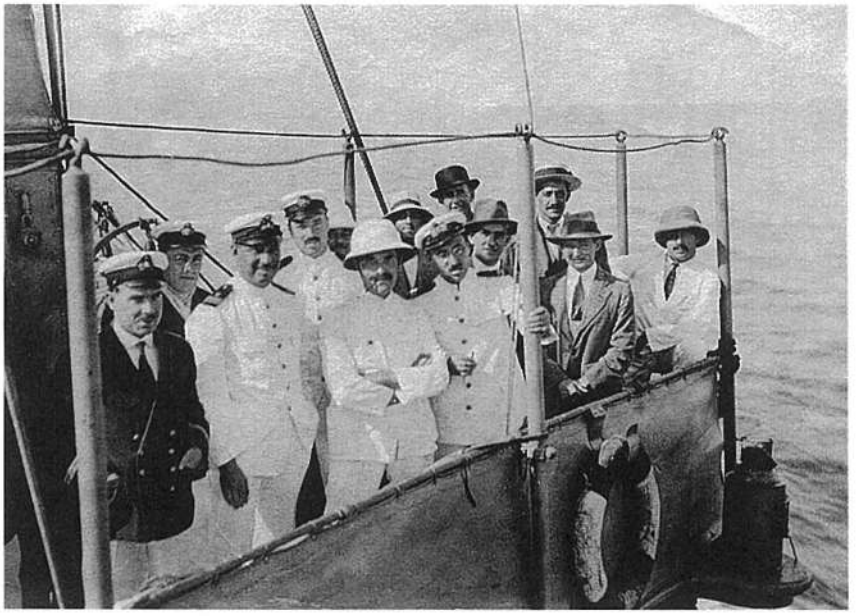
---

[47] *Carta* 16.

[48] *Carta* 17.

[49] *Carta* 17, de 14 de Outubro de 1942.

Abel Fontoura da Costa (Colégio Militar, 1886)



Fontoura da Costa, na Ponte da Canhoeira "Beira"
a caminho do Porto dos Carvoeiros de S.to Antão (24-6-1916)

Abel Fontoura da Costa • Caricatura

Abel Fontoura da Costa a presidir à sessão inaugural do
3.º Congresso do Mundo Português (Lisboa, 1942)

5. Bibliografia de Abel Fontoura da Costa (1869-1940)*

I – Livros e artigos

[1889]

1. «Applicação das taboas de Estrada e logarithmos de subtracção ao methodo de S. Hilaire». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 19 (1889), p. 405-407.

[1892]

2. «Latitude por circummeridianas». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 22 (1892), p. 273-276.
3. «Observações ao pôr apparente do sol». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 22 (1892), p. 225-237.
4. «Taboas de Johnson por circummeridianas». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 22 (1892), p. 238-239.

[1898]

5. *Tabuas do ponto do mar: calculo abreviado do horario, coefficiente Pagel e azimuth, circummeridianas, etc.*. Lisboa, 1898.

[1901]

6. «Pinhas d'annel de um só cordão». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 31, n.º 3 (Mar. 1901), p. 109-139.

[1902]

7. «Subsidios para um roteiro das costas portuguezas: fundeadouros da Canhoeira 'Mandovy' nos principais portos de Cabo Verde». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa.

(*) Esta bibliografia foi organizada a partir da lista de trabalhos incluída na notícia do falecimento do «Capitão de Mar e Guerra Abel Fontoura da Costa» em *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. (1941), p. 581-584. Foi depois completada com outras pesquisas, nomeadamente nos catálogos em fichas e em linha da Universidade de Coimbra e no catálogo em linha da Biblioteca Nacional.

Tomo 32, n.º 2 (Fev. 1902), p. 83-98; n.º 3 (Mar. 1902), p. 344-355; n.º 4 (Abr. 1902), p. 414-420; n.º 11 (Nov. 1902), p. 690-701, n.º 12 (Dez. 1902), p. 747-762.

[1903]

8. «Sobre a marcha dos chronometros». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 33, n.º 12 (Dez. 1903), p. 569-576.
9. «Viagens nas regiões antarcticas: o encontro da expedição de Nordenskiold pelo navio Argentino 'Uruguay'». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 33, n.º 12 (Dez. 1903), p. 633-638.

[1903-1904]

10. «Sobre as tábuas nauticas de Martelli e similares». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 33, n.º 311 (Nov. 1903), p. 650-656; tomo 34, n.º 3 (Mar. 1904), p. 143-153.

[1904]

11. «Pinhas d'annel de um só cordão». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 31, n.º 3 (Mar. 1901), p. 109-139.
12. *Tábuas náuticas*. Em colab. com José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho. Lisboa: Cooperativa Militar, 1904. 2ª ed. Lisboa: Cooperativa Militar, 1921; 3ª ed. Lisboa: Cooperativa Militar, 1945. 4ª ed. Cooperativa Militar, 1954; 5ª ed. Cooperativa Militar, 1962. 173, [13] p.

[1905]

13. «Sôbre deflectores». *Revista Portugueza Colonial e Marítima*. Lisboa. (1905).

[1906]

14. «Sobre deflectores». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 37, n.º 1 (Fev. 1906), p. 59-66; n.º 3 (Mar. 1906), p. 127-140; n.º 4 (Abr. 1906), p. 176-180.

[1920-1922]

15. «Formulas do triangulo de posição». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 51, n.º 1-2 (Jan.-Fev. 1920), p. ?-39[50]; tomo 53, n.º 7-9 (Jul.-Set. 1922), p. 273-279.

[1921]

16. *Elementos de navegação astronomica moderna*. Lisboa: Cooperativa Militar, 1921.
17. «Uma recta de altura historica». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 52, n.º 4-6 (Abr.-Jun. 1921), p. 97-100.

[1924]

18. «Observações simultaneas de 3 ou 4 astros. Influencia do ponto estimado e da ARm». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 55, n.º 7-9 (Jul.-Set. 1924), p. 242-245.

[50] Não nos foi possível confirmar a totalidade de páginas do artigo, dada a inexistência de alguns números dos *Anais* na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

[1926]

19. «Traçado das curvas de altura». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 52, n.º 7-9 (Jul.-Set. 1926), p. 184-201; n.º 10-12 (Out.-Dez. 1926), p. 292-319. Existe sep.

[1927]

20. *Navegação radiogoniométrica: curvas e rectas do azimute*. Lisboa: Imprensa da Armada, 1927. 50, [8] .

[1929]

21. *Instruções sôbre os deveres do encarregado de pilotagem*. Em colab. 1929.
22. «Hora do relógio de bordo (Hora legal) ao meio dia verdadeiro, sendo o observador móvel. (A propósito das tábuas americanas dos «Noon Interval»)». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 60, n.º 1-2 (Jan.-Fev. 1929), p. 3-10.

[1930]

23. «O actual e o futuro ponto no mar». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 61, n.º 3-4 (Mar.-Abr. 1930), p. 73-115.
24. *Desvios da agulha magnética* (Folhas da 5ª cadeira da Escola Naval.)
25. *Memória sobre a Reforma do Calendário: apresentada pela «Comissão Nacional de Estudo» nomeada por portarias de 4 e 19 de Novembro de 1930* / Comandante Abel Fontoura da Costa...[et al.]. [s. l.: s. n., 1930].
26. *Moderna navegação astronómica* (Folhas da 5ª cadeira da Escola Naval.)

[1931]

27. «A evolução da pilotagem em Portugal». *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa. Tomo 62, n.º 1-2 (Jan.-Fev., 1931), p. 93-105.
28. *Normas relativas a operações sobre logaritmos adoptadas nas Escolas de Marinha*. Em colab. com R. M. Serra Guedes e Francisco Penteado. Lisboa: Imprensa da Armada, 1931. 17, [5] p.
29. «A reforma do calendário». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 62, n.º 3-4 (Mar-Abr. 1931), p. 3-61. Existe sep.

[1932]

30. «Atribulações dum marinheiro em terras de além-mar: Cabinda – Timor – Cabo Verde – S. Tomé». *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa. Tomo 62, n.º 3-4 (Mar.-Abr., 1932), p. 113-140. Existe sep.
31. «Compensação estável do desvio quadrantal das agulhas líquidas de forte momento magnético». *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa. Tomo 62, n.º 5-6 (Mai.-Jun., 1932), p. 3-16.
32. *Instruções para o uso das principais Tábuas do «Ponto Auxiliar»*. Em colab. com Francisco Penteado, 1932.

[1933]

33. «Um dos 5 regimentos da altura do polo ao meio dia, do 'Livro da Marinharia' de João de Lisboa». *Arquivo Histórico da Marinha*. Lisboa. Vol. 1, n.º 2 (1933), p. 107-110.

34. *«Este livro he de rotear...» (conferência) e Bibliografia dos roteiros portugueses até ao ano de 1700*. Lisboa: Arquivo Histórico da Marinha, 1933.

[1933-1934]

35. «A marinharia dos descobrimentos». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 63, n.º 3-4 (Mar. Abr. 1933), p. 3-34; n.º 5-6 (Mai.-Jun. 1933), p. 3-41; n.º 7-8 (Jul.-Ago. 1933), p. 3-43; n.º 9-10 (Set.-Out. 1933), p. 3-45; n.º 11-12 (Nov.-Dez. 1933), p. 3-36. Tomo 64, n.º 1-2 (Jan.-Fev. 1934), p. 3-63; n.º 3-4 (Mar.-Abr. 1934), 291-388; n.º 5-6 (Mai.-Jun. 1934), 563-618; n.º 7-8 (Jul.-Ago. 1934), 817-927. Publicado em volume autonómo em Lisboa: Imprensa da Armada, 1933. 511+IX p. il.
36. «Vila do Infante, antes Terça Nabal e Sagres depois». *Arquivo Histórico da Marinha*. Lisboa. Vol. 1, n.º 1-2 (1933), p. 25-56, 163-182; n.º 3 (1934), p. 251-258.

[1934]

37. *Bibliographia náutica portuguesa até 1700*. Lisboa: Imprensa da Armada, 1934. 101 p. Sep. de «A marinharia dos Descobrimentos» publicado nos *Anais do Club Militar Naval*.

[1935]

38. «Às portas da Índia em 1484». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 66, n.º 3-4 (Mar.-Abr. 1935), p. 327-374; n.º 7-8 (Jul. Ago. 1935), p. 3-62. Existe sep. de Imprensa da Armada, 1935. Tb. pub. em facsimile por Ed. Culturais da Marinha, 1990.
39. «La science nautique des portugais à l'époque des Découvertes». *Anais do Club Militar Naval*. Tomo 66, n. 1-2 (Jan.-Fev. 1935), p. 3-38. Existe sep. Também pub. in *Congrès International d'Histoire des Sciences, 3º: tenu au Portugal du 30 septembre au 6 octobre 1934 [...]: actes, conférences et communications*. Lisboa: [Comissão Organizadora do Congresso], 1936. p. 68-92; in BROCHADO, Idalino Ferreira da Costa – *Henri le Navigateur*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do 5º Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960. p. 159-220. Republicado em volume autónomo por Agência Geral das Colónias, 1941.

[1936]

40. «L'Almanach Perpetuum de Abraham Zacut: Leiria, 1496». In *Congrès International d'Histoire des Sciences, 3º: tenu au Portugal du 30 septembre au 6 octobre 1934 [...]: actes, conférences et communications*. Lisboa: [Comissão Organizadora do Congresso], 1936. p. 137-146. Existe sep.
41. «Sócios fundadores do Club Militar Naval». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 66, n.º 10-12 (Out.-Dez. 1936), p. 9-63. Existe sep.
42. *Tábuas de altura e azímute. Comemorando o 70º Aniversário do Club Militar Naval*. Em colaboração com Francisco Penteado. Lisboa: Imprensa da Armada, 1936. [25] p. Suplemento aos *Anais do Club Militar Naval*. Tomo 66, n.º 11-12.

[1937]

43. «A actividade dos descobrimentos desde a morte de D. Henrique até ao advento de D. João II: Pero de Sintra, Diogo Afonso, Fernão Gomes, Soeiro da Costa, João de Santarém, Pero Escobar, Fernando Pó e Rui Sequeira.» In BAIÃO, António; CIDADE, Hernâni; MÚRIAS, Manuel, dir. – *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Ed. Ática, 1937. Vol. 1, p. 357-362.

44. «A arrojada viagem de Pedro Álvares Cabral e da sua armada (1500-1501)». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 67, n.º 1-6 (Jan.-Jun. 1937), p. 233-246.
45. «Bartolomeu Dias e a passagem do Sueste.» In BAIÃO, António; CIDADE, Hernâni; MÚRIAS, Manuel, dir. – *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Ed. Ática, 1937. Vol. I, p. 375-380.
46. «Deambulações da ganda de Modafar, rei de Cambaia, de 1514 a 1516.» *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa. Tomo 2 (1937), p. 355-356.
47. *Deambulações da ganda de Modafar, rei de Cambaia, de 1514 a 1516*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1937. 1 folha; 49, [3] p.; 6 est. Também publicado em língua francesa e em língua inglesa com o título *Deambulations of the Rhioceros (Ganda) of Muzafar, king of Cambaia, from 1514 to 1516*.
48. «A intrigante penúltima página do 'Regimento de Munich'». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 67, n.º 7-8 (Jul.-Ago. 1937), p. 523-546. Também pub. in: PORTUGAL, MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS – *Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 1º. Publicações: 1ª Secção: Descobrimentos*. Lisboa: Ministério das Colónias, 1938. p. 79-102. Existe sep.
49. «As orações de obediência de D. João II aos Papas Inocêncio VIII, em 1485, e Alexandre VI, em 1493». *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa. Tomo 2 (1937), p. 19-31.
50. *Point astronomique par des azimuts. Point astronomique par la hauteur et l'azimut simultanés du soleil. Point radiogoniométrique pour des distances raprochées*. [S.n.: s.l., 1937]. 24 p. Sep. de «Revue Hydrographique». Nov. (1937). Também pub. em língua inglesa com o título *Astronomical fixes by azimuth; Astronomical fixes by simultaneous altitude and azimuth of the sun. Radiogoniometric fixes for distances nearer the station.*

[1938]

51. «L'Astronomie au Portugal à l'Époque des Grandes Découvertes» – Couptes Rendus du Congrè Internacional de Géographie d'Amsterdam, 1938, Leiden, 1938, t. II, p. 13-24.
52. «Les Bonnets turcs et son équation d'odissag». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 68, n.º 7-9 (Jul.-Set. 1938), p. 295-342.
53. «Cartas portuguesas dos séculos XV e XVI, de paradeiro conhecido». *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Ano 14, n.º 157 (Jul. 1938), p. 31-52.
54. «La découverte du Brésil en 1500, 22 Avril, date historique; 3 Mai, date conventionelle». In PORTUGAL, MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS – *Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 1º. Publicações: 1ª Secção: Descobrimentos*. Lisboa: Ministério das Colónias, 1938. p. 103-114. Existe sep.
55. «Descobrimentos marítimos africanos dos portugueses com D. Henrique, D. Afonso V e D. João II». In PORTUGAL, MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS – *Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 1º: Publicações: 1ª Secção: Descobrimentos*. Lisboa: Ministério das Colónias, 1938. p. 3-78. Existe sep.
56. «Fernão Gomes e o monopólio do resgate da Guiné». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 56.ª série. N.º 5-6 (Mai.-Jun. 1938), p. 189-194.
57. «As Ilhas Mascarenhas: Reünião e Mauricia». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 56.ª série. N.º 11-12 (Nov.-Dez. 1938), p. 496-471.

58. «La lieue marine des Portugais aux XV^e-XVI^e siècles». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 56.ª série. N.º 9-10 (Set.-Out. 1938), p. 370-379.
59. *Pedro Nunes (1502-1578)*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1938. 51, [3] p. (Colecção pelo Império; n.º 47). 2ª ed de Lisboa: A.GU., 1969. (Figuras e feitos do Além Mar; 1)
60. «Quarto Centenário da Publicação do 'Tratado da Sphera' de Pedro Nunes». *Petrus Nonius*. Lisboa. Vol. 1, fasc. 4 (1938), p. 337-356.

[1939]

61. «L'art nautique des Découvertes». *Revue d'Histoire Modern*. Paris. Tomo 14, n.º 39 (aout-sep. 1939), p. 392-416.
62. *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes: 1506-1508*. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1939. 110, [16] p.
63. «O descobrimento do Brasil.» In BAIÃO, António; CIDADE, Hernâni; MÚRIAS, Manuel, dir. – *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Ed. Ática, 1939. Vol. 2, p. 359-368.
64. *A marinharia dos Descobrimentos*. 2ª ed. correcta e levemente aumentada. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1939. 532 p. 3ª ed. de Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960. Republicado em Ed. Culturais da Marinha, 1983.
65. *Descobrimento de Lourenço Marques*, sep. do n.º 18 do documentário trimestral «Moçambique», de Junho de 1939, p. 9-14.

[1940]

66. *Bibliographia náutica portuguesa até 1700*. 2ª ed. modificada e ampliada. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1940. 157, [7] p.
67. *Uma carta náutica portuguesa, anónima, de «circa» 1471*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940. 61 p. Ed. trilingue em português, francês e inglês.
68. «Ciência náutica Portuguesa: cartografia e cartógrafos». In *Congresso do Mundo Português: publicações*. Lisboa: Comissão Executiva dos Congressos, 1940. Vol. 3, p. 537-577.
69. «Descobrimentos portugueses no Atlântico e na costa ocidental africana, do Bojador ao Cabo de Catarina». In *Congresso do Mundo Português: publicações*. Lisboa: Comissão Executiva dos Congressos, 1940. Vol. 3, p. 243-286.
70. «S. Greório em False Island, como afirmei em 1935». *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa. Tomo 3 (1940), p. 83-93.
71. «Sôbre uma nova versão do descobrimento da Ilha de Santiago de Cabo Verde». *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. Lisboa. Tomo 3 (1940), p. 175-177.

[1945]

72. «Para a história de Lourenço Marques». *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Vol. 9 (1945), p. 93-97.

[1958]

73. *A ciência náutica dos portugueses na época dos descobrimentos*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do 5º Centenário da Morte do Infante D. Henrique,

1958. 74 p. (Henriquina; 4). Tradução portuguesa do texto em francês publicado originalmente em 1935.

II – Edição de textos e documentos

[1939]

74. PERESTRELO, Manuel de Mesquita – *Roteiro da África do Sul e Sueste desde o Cabo da Boa Esperança até ao das Correntes (1576)*. Anotado por A. Fontoura da Costa. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1939. XLVII, 95 p. Ed. bilingue em português e inglês. Republicado em 1940.
75. REIMÃO, Gaspar Ferreira – *Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos, & derrotas, sinais & aguageis & diferenças da agulha: tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antigos agora novamente acrescentado a viagem de Goa por dentro de São Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & advertências.* Prefaciado por A. Fontoura da Costa. 2ª ed. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1939. XVI, 78, [5] p.

[1940]

76. BRUNO, Cristóvão – *Arte de Navegar: 1628*. Pref. por A. Fontoura da Costa. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1940. X, 148 p.
77. CASTRO, João de – *Tratado da Sphaera, da geografia, notação famosa, informação sobre Maluco*. Pref. e notas por A. Fontoura da Costa. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1940. XIV, 128[4] p.
78. CASTRO, João de – *Roteiros de D. João de Castro*. 2ª ed. Pref. e anot. por A. Fontoura da Costa. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1939-1940. 3 vol. (4 tomos).
79. FERNANDES, Bernardo – *Livro de Marinharia: cêrca de 1548*. Pref. e notas por A. Fontoura da Costa. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1940. XI, 242 p.
80. PIMENTEL, Luíz Serrão – *Prática da arte de navegar*. Pref. por A. Fontoura da Costa. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1940. XI, 194 p. 2ª ed. de Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1960.
81. *Roteiros portugueses inéditos da carreira da Índia do século XVI*. Pref. e anot. por A. Fontoura da Costa. [Lisboa]: Agência Geral das Colónias, 1940. 189 p.
82. *Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral*. [Pub. por] A. Fontoura da Costa. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940. 110, [6] p.
83. VELHO, Álvaro – *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)*. Prefácio, notas e anexos por A. Fontoura da Costa. [Lisboa]. Agência Geral das Colónias, 1940. XXII, 219, [18] p. 2.ª ed. Agência Geral do Ultramar, 1960; 3ª ed. 1969.

III – Recensões

[1935]

84. «[Recensão] 'Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI' do D.or Armando Cortesão.» *Ethnos. Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e*

etnografia. Lisboa. Vol. I (1935), p. 291-301. Também pub. *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 65, n.º 7-8 (Jul.-Ago. 1935), p. 265-277.

IV – Vária

[1900]

85. «Nomeações para serviço de estação». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 30, n.º 4 (Abr. 1900), p. 221-231.
86. «Vencimentos dos officiaes, alumnos e praças da armada e seus descontos legaes». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 30, n.º 8 (Ago. 1900), p. 621-625.

[1902]

87. «Instrução dos artilheiros e torpedeiros». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 32, n.º 6 (Jun. 1902), p. 368-369.
88. «A instrução pratica dos aspirantes e guardas-marinhas». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 32, n.º 11 (Nov. 1902), p. 671-678.
89. «A sciencia nautica dos pilotos portuguezes». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 32, n.º 10 (Out. 1902), p. 617-621.

[1904]

90. «Despezas no Arsenal da Marinha». *Anais do Club Militar Naval*. Lisboa. Tomo 34, n.º 1 (Jan. 1904), p. 41-44.

[1931]

91. «[Prólogo]». In MORNA, Álvaro de Freitas – *Transporte de Guerra «Pêro de Alenquer»: relatório da viagem ao Extremo Oriente, 1927-1928*. Lisboa: Imprensa da Armada, 1931. p. [11-12].

[1935]

92. *O Canário encarnado: conferencia realizada no Salão de 'O Seculo' ao inaugurar-se a I.ª exposição e feira de pássaros de iniciativa de 'O Seculo'*. Lisboa: Editorial Seculo, 1935. 19 p.
93. «A unificação das anotações, especialmente bibliográficas, nos trabalhos históricos». *Ethnos. Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e etnografia*. Lisboa. Vol. I (1935), p. 37-39.

[1940]

94. «Catálogo da exposição de cartografia». In *Congresso do Mundo Português: publicações*. Lisboa: Comissão Executiva dos Congressos, 1940. Vol. 4, p. 387-459.
95. Catálogo do navio hidrográfico «D. João de Castro». Lisboa: Editorial Ática, Ld.ª, 1940.

V – Rememorando: da História Tradicional à História Científica

Por Marinho dos Santos

(Página deixada propositadamente em branco)

A(s) historiografia(s) (re)visitada(s), parcialmente, por este estudo focalizam um «período histórico» — o das Grandes Descobertas e da Expansão Portuguesa, nos séculos XV e XVI. Sabido como é que a história é *virtualmente* acontecimental e *virtualmente* estrutural, reconhecido está, também, que, sob este ponto de vista, se geraram e continuam a gerar profundas divergências quanto ao modo de *fazer a história*, perfilando-se como grande *pomo de discórdia* a questão da objectividade e da subjectividade na ciência e, em partricular, nas ciências humanas e sociais.

Considerando a objectividade histórica distinta da imparcialidade (esta insere-se na subjectividade), convirá, no entanto, ter em conta que aquela não é pura submissão aos factos, como pretendia a história positivista ou tradicional, sobretudo a *factos* não comprovados pelas fontes históricas, por ausência de suficiente crítica, o que origina(va) falsas *verdades*. Mas, há mais: sabendo-se que o que é próprio da cientificidade histórica não é tanto tentar reconstituir ou representar o *real* (passado), mas traduzi-lo em teorias mutáveis e refutáveis, é inegável que, sob esta perspectiva, Duarte Leite (e colateralmente, nesta nossa focalização, Jaime Cortesão) se destacaram.

Cabe, com efeito, às teorias científicas dar forma, ordem e organização aos dados verificados ou aplicar-lhes adequadas construções do espírito (modelos), pelo que, com frequência, a atenção prestada ao *real* re-constituído através de novas operatórias fazem surgir outras inter-relações, outras interpretações. Sendo assim, não é (igualmente) difícil descortinar quem, entre os *nossos* três historiadores, assumiu uma mais notória atitude científica.

Foi em 1894 que Paul Lacombe introduziu na interpretação dos factos humanos a distinção entre factos singulares e factos de repetição, permitindo

fazer a história acontecimental e a história conjuntural-estrutural, ainda que, hoje, a visão global/sistémica rejeite esta dicotomia. Por outro lado, em começos do século XX, como se sabe, operou-se uma autêntica revolução ao nível da epistemologia das ciências humanas e sociais, com a história a assumir posições de dominância alargada e a surgirem *novas* disciplinas. Sobre esta *competitividade*, recordará Fernand Braudel (na que será tida como a sua «última entrevista») que, no tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre, se assistiu a «um imperialismo evidente, a um projecto de colonização das ciências humanas» (economia, geografia, sociologia...), mas que ele não partilhava dessas ideias[1].

Concretamente, no que à historia dizia respeito, não só se alargou o seu *terreno* de estudo (afinal, todos os grupos humanos tinham memória colectiva, tinham um passado), como tudo o que era cultura ou criação humana interessava, com implicações, necessariamente, na natureza das fontes e nos métodos (o modo de estudo, no dizer de Marcel Mauss, deveria ser o *facto social total*). Enfim, ao nível do objecto passava-se a abarcar todas as maneiras de agir, pensar e sentir de todos os grupos de uma comunidade humana, convindo, sobretudo, quanto ao método de estudo, problematizar, esboçar hipóteses (já, por si, uma forma de resposta) e responder cientificamente.

O renovado interesse pelos Descobrimentos, Conquistas e Colonização, que eclodirá em finais de Oitocentos, segundo Vitorino Magalhães Godinho manifestar-se-á, principalmente, em edições de fontes e estudos monográficos eruditos, podendo dar-se como exemplos: Andrade Corvo, *O Roteiro de Lisboa a Goa* de D. João de Castro, Lisboa, por ordem e na tipographia da Academia Real das Sciencias 1882, Manuel Pinheiro Chagas, *Os Descobrimentos portugueses e os de Colombo*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1892; Ramos Coelho, *Alguns documentos da Torre do Tombo relativos às conquistas e navegações, [...]*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; Rafael Basto, *Esmeraldo de situ orbis*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; Henrique Lopes de Mendonça, *Estudos sobre navios portugueses dos séculos XV e XVI*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892[2].

[1] Publicada sob o título «Nunca trabalhei com cimento armado...», exclusivo, «JL»/«Nouvel Observateur».

[2] In *História dos Descobrimentos*, de Duarte Leite, vol II, p. 534.

Data de 1912 a publicação de *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, tendo como autor Joaquim Bensaúde e cuja finalidade era demonstrar a existência de uma longa tradição científica na Península Ibérica que dispensava certos contributos estrangeiros, designadamente a cultura cosmográfico-astronómica alemã do século XV. Entre 1912 e 1924, tendo como pano de fundo a participação de Portugal na 1.ª Grande Guerra para preservar os territórios ultramarinos, decorre um período de reivindicação de prioridades e de exaltação das glórias nacionais em que se insere a *campanha* de Bensaúde, sem esquecer o seu apreciável esforço na publicação de importantes fontes históricas, como foi vincado neste trabalho. Recordado foi, também, que, nesta nova *cruzada*, Bensaúde não esteve só, nem sequer lhe coube a primazia. Em trabalhos vários de referência, são citados, além do dele, os nomes do Visconde de Santarém, Sousa Viterbo ou Luciano Pereira da Silva[3]. Enfim, numa atitude de empertigamento de nacionalismo, defendíamos não só o que, legitimamente, era a nossa glória, como lembrávamos a outras nações o que nos *deviam*.

Vitorino Magalhães Godinho releva, como publicações surgidas nos anos vinte de Novecentos: a *História da Colonização do Brasil* (Porto, Litografia Nacional, 1921-1924); *A arte de navegar dos portugueses desde o Infante até D. João de Castro* (Porto, Litografia Nacional, 1922) de Luciano Pereira da Silva; *A expedição de Cabral e o descobrimento do Brasil* (Paris/Lisboa, Aillaud Bertrand, 1922) de Jaime Cortesão; o 4.º volume da *História da Administração pública em Portugal* (Lisboa, Typographia Castro Irmãos, 1922) de Gama Barros. Isto sem falar, já, do ensaio de António Sérgio intitulado *A conquista de Ceuta* (1920) e do tríptico dos estudos históricos de Duarte Leite inseridos na *História da Colonização do Brasil*, o qual, apoiando-se na análise objectiva das fontes, veio demonstrar a prioridade portuguesa na descoberta do Brasil. Aliás (acrescentamos nós), o problema da «descoberta» do Brasil e a sua atribuição a Pedro Álvares Cabral fica esclarecido (em nosso entender) com a explicitação do sentido daquele conceito, tal como Vignaud

(3) Cf., por exemplo, António Barbosa, *A defesa das glórias nacionais no estrangeiro*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929 ou Manuel Heleno, *Colaboração portuguesa nos descobrimentos náuticos de outras nações*, Lisboa, 1932 (Tese apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências).

defendeu e Magalhães Godinho reforçou em a *Ideia de descobrimento* e os *Descobrimentos* e *Expansão*[4].

Ora, tomando a *deixa*, relembre-se que, durante os anos trinta e quarenta do século XX, se equacionaram problemas e hipóteses de curiosidade alargada ou comum, no âmbito da história dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, que suscitaram acesas polémicas. Entretanto, prosseguia o labor dos cultores da história acontecimental, preocupados apenas com os nomes dos navegadores, com as datas das suas viagens ou com as rotas por eles seguidas.

Este esforço de reconstituição foi tido em desprimor pelos historiadores de vanguarda. Citando, mais uma vez, o grande mestre Fernand Braudel, na sua «última entrevista», é verdade que a escola dos «Annales» se instituiu como adversária da história tradicional, sobretudo no que dizia respeito à história politizante, feita pelos *grandes homens*, mas tal não poderá ser interpretado como um acto de renúncia ao factual, ao acontecimental. Partindo do princípio de que só existe ciência numa perspectiva global, é óbvio que interessa *tudo* o que diga respeito à história. Ou seja, para além do objecto como um *todo*, é o método sistémico que se preconiza como o mais adequado.

Entre nós, Joaquim Bensaúde, Duarte Leite, Fontoura da Costa, Jaime Cortesão, António Sérgio, Luciano Pereira da Silva, ou Gago Coutinho (para falar só nos principais de uma certa geração) felizmente que iam agitando as águas estagnadas da pesquisa histórica que se ia fazendo e, por modos mais ou menos correctos embora com intenções/finalidades diferentes, problematizavam, discutiam, criticavam...

No que se refere à actividade dos três historiadores do círculo cultural centrado em Joaquim de Carvalho, o tom polémico que Duarte Leite e até Joaquim Bensaúde emprestam aos respectivos discursos historiográficos não nos pode chocar, porque nada tinha, então, de surpreendente ou extraordinário. Com efeito, até aos anos trinta de Novecentos, a polémica assumiu, na cultura portuguesa, um papel proeminente, persistindo sob diversas formas e sobre vários temas[5].

---

(4) In «Anais do Clube Militar Naval», vol. CXX, Out-Dez, 1990, p. 627-642.

(5) Cf., por ex., Jorge Borges de Macedo, *Significado e evolução das polémicas de António Sérgio – A ideologia da razão*, «Revista de História das Ideias», 5, vol. I, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1983, p. 471-531.

Joaquim Bensaúde, apesar do estorvo da sua cruzada, confessará «ter um culto enorme pela verdade histórica»[6]. E poder-se-á dizer que não foge à crítica do que cientificamente produz, antes a proporciona, como se depreende deste excerto de uma carta, de 11 de Abril de 1930: «Convinha muito distribuir os 2 fasciculos entre mãos para provocar os críticos antes da impressão da 2.ª parte (Idade Média)» do seu *Plano da Índia*[7].

Aliás, até o próprio Duarte Leite reconhece duas fases no trabalho historiográfico de Joaquim Bensaúde: «[...] tão anuviado agora e cheio de ilusões como lúcido outrora e seguro no estudo das origens do nosso saber náutico»[8].

À discutida e, até, polémica actividade historiográfica de Joaquim Bensaúde não se pode negar, contudo, este mérito: o seu papel de incansável reprodutor de obras raras, escudado num generoso mecenato e no apoio financeiro do Estado Português. Luciano Pereira da Silva, em 1920, publicará, a propósito, no «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», umas *notas bibliográficas*, «para chamar a atenção para o relevante serviço prestado pelo Sr. Joaquim Bensaúde com as suas edições fac-similadas que formam os sete volumes já indicados anteriormente»[9]. A utilidade prática destas reproduções era óbvia e, segundo Pereira da Silva, em alguns casos atingia níveis de «arte admirável», como sucedia, por exemplo, com os documentos I e IV, atrás citados. Outras reproduções de mérito, por iniciativa de Bensaúde, se seguiram.

Interessa-nos, igualmente, relembrar o *parecer* de Luciano sobre a actividade científica de Duarte Leite. Ora, num artigo publicado em 1923, e reunido no vol. III das *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, sob o título *O Professor Doutor Duarte Leite*, aquele investigador faz, até então, uma «apreciação da obra científica [...] do catedrático da Universidade do Pôrto e embaixador de Portugal no Brasil», começando por enaltecer «os altos dotes intelectuais que já revelara quando estudante da Universidade de

---

(6) *Carta* 33.

(7) *Carta* 34.

(8) *A Cruzada*, in *História dos Descobrimentos. Colectânea de esparsos*, vol. I, p. 85.

(9) *As Edições fac-similadas do Sr. J. Bensaúde*, «Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra»; sep. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1920 e in *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, vol. II, p. 163 e segs.

Coimbra que lhe conferira as maiores honras e prémios académicos»[10]. Em termos bibliográficos, citará alguns dos seus «importantes trabalhos originais» no campo das ciências matemáticas, designadamente: *Integração das diferenciais algébricas* (Porto, 1886, dissertação de concurso para Professor); vários artigos publicados, entre 1882-1891, no «Jornal de Sciencias matematicas e astronómicas»; *Pour l'histoire de la determination des orbites cométaires* («Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto», vol. X, 1915); e *Movimento dum ponto material sôbre uma cónica tendo logar a segunda lei de Kepler* («Revista Didatica da Escola Polytechnica», Rio de Janeiro, 1918).

«O seu trabalho mais notável», porém, segundo Luciano Pereira da Silva, era *Os falsos precursores de Alvares Cabral*, inserto no vol. I da *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, e em que, «aplicando as suas poderosas faculdades de análise e o seu grande saber matemático», Duarte Leite demonstra que nenhum dos quatro precursores espanhóis (Hojeda, Pinzon, Lepe e Mendoza) esteve no Brasil antes de Cabral. Esta primazia do navegador português (acrescentamos nós) servia, plenamente, a *cruzada* em que Luciano e Bensaúde se haviam empenhado.

E o referido artigo de Luciano Pereira termina afirmando que «o leitor que seguiu com atenção o extenso capítulo [*Os falsos precursores...*], não deixará de apreciar a sagacidade e critério com que é conduzido êste estudo, fruto de um intenso e fecundo trabalho»[11].

Na generalidade, os estudos de Duarte Leite sobre *Os falsos precursores de Cabral* e sobre Américo Vespúcio (e voltamos a apoiar-nos na apreciação de Vitorino Magalhães Godinho sobre Leite, inserta na *Historia dos Descobrimentos*) deixaram indiferentes espanhóis e italianos. Ou seja, continuaram a comprazer-se nas respectivas glórias nacionais, o que, para o «Professor do Porto», pouco ou nenhum significado tinha, já que o que o motivava, nas suas pesquisas históricas, era o «amor à verdade».

Quanto a outros estudos pioneiros de actividade historiográfica de Duarte Leite, como *O mais antigo mapa do Brasil* e *A exploração do litoral do Brasil na cartographia da primeira década do século XVI*, Magalhães Godinho

---

[10] *Ob. cit.*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, [1946], p.379.

[11] *Ibidem*, p. 391.

releva o interesse da aplicação da matemática à investigação histórica. E citará, entre outros, os testemunhos do cartógrafo Armando Cortesão (por ele [Leite] ter estudado «de forma magistral» a cartografia histórica do litoral brasileiro em começos de Quinhentos) e de Jaime Cortesão (ao reconhecer que «o mais consciencioso estudo sobre este mapa [o de Cantino, de 1502] é devido à pena de Duarte Leite»)[12].

Enfim, chegara tarde ao estudo da história, mas demarcava-se, rápida e claramente, dos interesses e dos métodos dos cultores da *história tradicional*, criticando-os: pela visão sectorial/parcelar da realidade (exemplo: «Demais, Bensaúde encara sua personagem [o «Infante»] sob um único aspecto, e com isto a apouca»); por substituírem o que era *conjectura/tradição* por *certeza/verdade*, omitindo ou deformando, portanto, as fontes históricas (ex: «No tocante ao plano da Índia, há que apurar preliminarmente [...]; A tradição portuguesa assim o quer, mas as tradições quase nunca se ajustam à verdade...»); pela conversão em *prova / tese* o que, sem justificação, deveria persistir como *hipótese* (ex: «Em meu fraco parecer, não está provado, conquanto seja possível, que o infante tivesse em mente enviar caravelas até à Índia...»); pela falta de crítica (interna e externa) das fontes, para determinar a exacta confiança histórica que merecem (ex: «Desde já observo que não merece grande confiança o texto da crónica [*Cronica dos feitos da Guinee*], em boa parte decalcada sobre uma obra perdida de Afonso Cerveira, de cujo valor historial nada sabemos»).

E é altura de focarmos a validade historiográfica de um outro investigador com formação matemática — Abel Fontoura da Costa. Em 1973 (Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar), na «série separatas» das *Publicações do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga*, Teixeira da Mota dava a conhecer o seu estudo bio-bibliográfico sobre *O Comandante Abel Fontoura da Costa, Historiador da Marinharia dos Descobrimentos*. Confessando não ter tido o privilégio de o conhecer pessoalmente, era sua intenção não tanto elogiar a obra do «Marinheiro-historiador», mas sobretudo situá-la na historiografia da náutica dos Descobrimentos. Assim, Teixeira da Mota considerará *A evolução da Pilotagem em Portugal* (1931) como sendo o primeiro escrito

(12) *Apud* V. Magalhães Godinho, *Balanço de uma Obra*, in *História dos Descobrimentos*, de Duarte Leite, vol. II, p. 517.

de Fontoura sobre a história da ciência náutica no nosso País, seguindo-se *A Marinharia dos Descobrimentos*, publicada originariamente, em 1933-34, nos «Anais do Clube Militar Naval». Também ele a classificará como a obra-prima do «Comandante-historiador», a ponto de marcar um período de ressurgimento, entre nós, dos estudos desta natureza, a par dos trabalhos de Gago Coutinho, do primeiro volume de *Subsídios para a história militar marítima da Índia [1585-1669]* de Alfredo Botelho de Sousa, do *Arquivo Histórico da Marinha* (1933-1936), de *A Caravela Portuguesa* (1934) de Quirino da Fonseca e de *Cartografia* e *Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV* e *XVI* (1935) de Armando Cortesão. Noutros domínios, lembrará a produção historiográfica de Jaime Cortesão, Jordão de Freitas, Sousa Gomes, Edgar Prestage, C. R. Boxer, César Ferreira, Frazão de Vasconcelos, Cordeiro de Sousa, Ferreira de Serpa, Mariano Saldanha, A. C. Rocha Madahil...

Entretanto, alguns bem mais novos iam entrando na liça, como era o caso de Vitorino Magalhães Godinho, ao publicar, em 1943, um estudo com o título bem expressivo: *Dúvidas e problemas àcêrca de algumas teses da história da Expansão*[13].

Começava o jovem historiador por situar a questão das «glórias nacionais» e lembrava que o «Visconde de Santarém no século passado, e Joaquim Bensaúde no nosso século, representam os dois marcos dêsse esfôrço de reivindicação do património nacional, o primeiro refutando as pretensas navegações francesas pré-henriquinas à Guiné e demonstrando a prioridade das nossas viagens de descobrimento, o segundo eliminando a possibilidade da influência de Regiomontanus, através de Martim Behaim, na génese da náutica astronómica e assentando que a navegação por alturas brotou do ambiente científico peninsular»[14]. Mas, Godinho alertava que, para se conferir carácter científico à história, havia que excluir os «motivos extrínsecos», como a finalidade de Bensaúde em publicar, nesse ano de 1943, *A Cruzada do Infante D. Henrique*, com o propósito de utilizar um método de investigação rigoroso e, na prática, ficar pela relevância da urgente reconstrução histórica das glórias marítimas nacionais[15]. E passava a explanar a sua concepção de história, a qual já privilegiava: a *construção* das fontes

(13) Lisboa, Gazeta de Filosofia, 1943.

(14) *Ob. cit.* p. 1.

(15) *Ibidem*, p. 3.

em concordância com as curiosidades e os problemas postos; a interpretação dos factos assente na fundamentação das fontes; a importância das conjunturas e das estruturas e não tanto a dos acontecimentos; a necessária *inventiva* para *ler* com originalidade os documentos... É que, insistia Magalhães Godinho, «O trabalho do historiador não termina com a leitura e transcrição da fonte, começa então (o que de modo algum significa que o trabalho de ler e transcrever seja menos meritório)»[16]. E, num esforço de originalidade, exemplificava falsas reconstituições históricas, como a do perigo turco constituir já uma forte ameaça em 1415 ou o deformado círculo sócio-cultural em que vivera e se integrara o Infante D. Henrique.

Quanto à ameaça turca, dizemos nós, ela só foi efectiva, para a Cristandade, a partir de meados do século XV. Quanto ao círculo sócio-cultural do «Infante», estamos de acordo com Braudel que «é visível que o século XVI já não fabrica santos, mas heróis»[17]. Mas, obviamente, o mesmo não se poderá dizer do século XV; talvez, então, se fabricassem, ainda, santos e heróis. Ora, os cultores da *história tradicional* e, sobretudo, os que se iam mostrando preocupados, sobretudo, com as glórias nacionais, nem sempre reconsti-tuiriam os grandes vultos do passado na sua ambiência sócio-cultural própria e no seu *todo* individualizado ou na sua plena humanidade e dimensão. Foi assim com D. Henrique (e tantos outros), pelo que a deformação da figura do «Infante» não deixou de suscitar reacções de crítica histórica, quer da parte de um Duarte Leite, quer de um Veiga Simões ou mesmo de outros. Contudo, também os cultores do «espírito crítico» e da aplicação da cientificidade à história não fugiam ao libelo de deformarem, igualmente, a realidade (a objectividade) histórica. Sirva de exemplo a reacção (vazada num *artigo* publicado na Revista «Cidade Nova», n.º 5-6) de Afonso Botelho a propósito de uma *nota* de Magalhães Godinho apensa à compilação de *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*[18].

A certa altura, acusa Botelho: «Quase sempre, como aliás é natural, os defensores dos argumentos predominantemente económicos deturpam a natureza, social, psicológica e moral dos navegadores das descobertas.

(16) *Ob. cit.*, p. 4.

(17) Braudel, na sua última entrevista: «Nunca trabalhei com cimento armado...».

(18) Afonso Botelho, *O Espírito Crítico e a História dos Descobrimentos*, Coimbra, 1950.

Habituados como estão a elaborar hipóteses a partir do *verbo ter*, esquecem-se e não reparam mesmo na existência do *verbo ser*»[19]. O reparo não era *novo* (vimo-lo surgir), mas o que, fundamentalmente, o crítico queria atingir era o «Idealismo e o Criticismo», que pareciam ser «as duas cores da bandeira filosófica» de António Sérgio, apesar de não estarem «hoje na raiz das nossas preocupações, fazem antes parte da genealogia do pensamento e por isso mesmo são inexpressivas quando apresentadas programáticamente como soluções novas»[20]. Ora, o «pedagogo pagão» (Sérgio) ia arrastando outros e isso é que seria grave, não estando de todo, nesse leque (a avaliar pela dedicatória do exemplar oferecido a Joaquim de Carvalho), o «Professor de Coimbra».

Aliás, sabe-se quão difícil é debuxar o carácter e até os traços físicos de uma individualidade. Assim, faltam e continuam a faltar, entre nós, «boas biografias» de individualidades, de grupos e até de micro-sociedades, conforme lembrará Vitorino Magalhães Godinho em entrevista ao jornal «Expresso», de 12 de Dezembro de 1987, a propósito da melhor forma de comemorar os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa. Mas, passemos a rememorar um outro testemunho (importante) sobre a historiografia de então.

Na *Introduction* à sua obra *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e siècle (1570--1670) — Étude économique* (S.E.V.P.E.N., 1960), Fréderic Mauro fará o ponto da situação da historiografia portuguesa, sem deixar de lançar olhares para o passado. E começará por lamentar o largo abandono a que haviam sido votados os arquivos portugueses, «malgré quelques bonnes volontés et quelques compétences»[21]. Por sua vez, quanto aos nossos historiadores, não esquecerá Oliveira Martins, por ter levantado alguns problemas da história e haver compreendido que esta não pode conceber-se isoladamente das outras ciências, bem como António Sérgio, Queirós Veloso (grande especialista, no seu dizer, da história diplomática portuguesa), David Lopes (representante consciencioso dos estudos muçulmanos em Portugal)...

A história económica era então, nos anos sessenta de Novecentos, uma disciplina recente entre nós, distinguindo Mauro: a obra clássica (mas já ultrapassada) de Lúcio de Azevedo; a historiografia de Jaime Cortesão, o

(19) *Ob. cit.*, p. 7.
(20) *Ibidem*, p. 11.
(21) *Ob. cit*, p. 1.

mestre que iluminara algumas áreas entre a geografia e a arte náutica; a produção inovadora de Vitorino Magalhães Godinho e de alguns dos seus discípulos. Contudo, a visibilidade internacional desta historiografia era reduzida, até pela língua em que era veiculada.

O mesmo Frédéric Mauro publicará, na «Révue Historique» (n.º 466 Paris, Abril-Junho, 1963, p. 433-442), um artigo intitulado *L'orientation actuelle des études historiques — L'histoire au Portugal*. Nele, recordará ter sido acertada a decisão de separar, em 1957, a História da Filosofia, passando aquela, no ensino superior, a ser cursada durante 5 anos e com uma orgânica de docência e investigação centrada em «Institutos» (que ainda hoje vigoram), distintos dos «Centros de Investigação». Não eram, então, escassas (para a investigação que se fazia) as «publicações periódicas» e, entre as «não periódicas», distinguia: as colecções das Universidades e da *Agência Geral do Ultramar*, os estudos e memórias da *Junta de Investigações do Ultramar* e as produções do *Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*. Assim como não faltavam, no seu entender, os guias e os instrumentos de trabalho, mantendo-se o gosto pelos congressos e colóquios, na linha do «Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo» (Lisboa, 1938), do «Congresso do Mundo Português» (Lisboa, 1940), do «Congresso luso-espanhol para o progresso das Ciências» (Coimbra, 1956) ou do «Congresso do Quinto Centenário do Infante D. Henrique» (Lisboa, 1960).

Contudo, ainda segundo Mauro, a ciência histórica que se fazia em Portugal era do tipo tradicional: por ignorar a bibliografia estrangeira; por mostrar um interesse quase exclusivo pelos problemas nacionais; por revelar um desconhecimento quase absoluto das outras ciências sociais; e por patentear um gosto exagerado da «erudição pela erudição». Depositava grande esperança no pequeno grupo de jovens historiadores portugueses, formados sobretudo em Paris (como Magalhães Godinho ou Gentil da Silva), e que se poderia apelidar de grupo da história económica, enquanto a história demográfica dava também os seus primeiros passos. Isto sem prejuízo, igualmente, de alguns trabalhos de valor nos domínios da história social, da história geográfica, da história religiosa ou da história da arte náutica.

Em hora de evocação de balanços historiográficos, não poderemos obliterar o Capítulo I da excelente obra, de Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar — séculos XIII-XVIII*, intitulado «Redescobrir os Descobrimentos e a expansão ultramarina». Nele, recorda o notável historiador que «durante decénios a autêntica história dos desco-

brimentos e da expansão ultramarina desenvolvera-se sobretudo à margem das instituições e realizações oficiais, e até por elas coarctadas»[22]. É que os poderes instituídos haviam procurado *branquear* os aspectos mais *negativos* das nossas expansão e colonização, tendo valido, ao progresso da investigação histórica, algumas visões inovadoras surgidas aquando da «Exposição do Mundo Português em 1940» e das «Comemorações Henriquinas em 1960». Enfim, sob o pretexto de evitar a infiltração do «materialismo histórico», era a própria historiografia moderna que se rejeitava.

E, no entanto, continuando a citar Magalhães Godinho, «os anos de 1960--1962 representaram um marco decisivo: porque balisaram o termo de um dos quatro decénios de trabalhos e porque deram o sinal de partida para explorar novos rumos»[23]. Quanto ao primeiro ciclo, destacava, como bandeira, a *História dos Descobrimentos* de Duarte Leite e os *Descobrimentos Portugueses* de Jaime Cortesão, lembrando, ainda, «três obras de menor ambição e dimensão»: *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, de Orlando Ribeiro; *Introdução à História dos Descobrimentos*, de Luís de Albuquerque; e *Economia dos Descobrimentos Henriquinos*, dele próprio. Entretanto, surgiriam, também, os trabalhos de Teixeira da Mota.

Chamando a atenção para a necessidade de se formarem novos historiadores no domínio dos Descobrimentos e da Expansão Ultramarina, sob pena de sermos ultrapassados pela investigação dos estrangeiros, Godinho evocava, como património dos nacionais, o «riquíssimo cabedal de que nós dispomos, de erudição e construção histórica acumulados desde o *Archivo Historico Portuguez*, e a *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (1921-1924), até aos grandes conjuntos de Duarte Leite e Jaime Cortesão, graças a essa plêiade composta por Pedro de Azevedo, Braamcamp Freire, Esteves Pereira, Sousa Viterbo, Jordão de Freitas, António Baião, Gomes de Brito, Paulo Mereia, Henrique Lopes de Mendonça, Luciano Pereira da Silva, Fontoura da Costa, David Lopes e tantos mais»[24].

O que se poderá reter do labor historiográfico destes e de outros *notáveis*, desenvolvido, em boa parte, no âmbito de círculos científico-culturais que reputamos de imprescendíveis?

---

[22] Lisboa, Difel, 1990, p.13.

[23] *Ob. cit*, p. 14.

[24] *Ibidem*, p. 14.

Em primeiro lugar, fica-nos a impressão de que, na generalidade, a produção era grande e, antes de ser divulgada, passava já pela fieira da crítica. Eis, portanto, já enunciada uma grande vantagem do funcionamento desses círculos. Mas, havia outras, como, sumariamente, passamos a considerar.

Todo o agente científico-cultural é portador de um projecto de comunicação, já que se dispõe a comunicar através das suas obras, qualquer que seja a sua validade. Assim, as fases de criação, de crítica, de divulgação, de formação, de conservação e de consumo dos bens culturais reflectem uma dinâmica que envolve sempre a comunicação. A que escalas?

Conhecemos bem, hoje, as tendências para a microcomunicação (com uma tecnologia cada vez mais acomodada ao espaço doméstico) e para a megacomunicação (para a mundialização da informação, embora correndo o risco da homogeneização). Ora, num passado não muito distante, o acesso ao sistema de informação e de comunicação transnacional e nacional estava, obviamente, muito mais dificultado, mesmo para os agentes científico-culturais com um estatuto sócio-profissional elevado e radicados em lugares centrais.

Prevalecia, pois, um tipo de comunicação assente nas relações inter-pessoais e de grupos, com carácter informal ou efectivo, com uma duração mínima ou dilatada e com um raio de acção curto ou extenso. Neste contexto, ganhavam importância, como meios de informação e de comunicação, a oralidade espontânea ou a mensagem escrita mais elaborada. Acabavam, em muitos casos, por se definirem e animarem círculos culturais, sobretudo quando emergiam detentores de saberes e poderes. Mas, acabavam, também, por se formarem e solidificarem relações de amizade indestrutível. Em qualquer das dimensões, as vantagens de tais círculos eram inegáveis.

Documentaremos com as relações que Joaquim Bensaúde e Luciano Pereira da Silva entreteceram ao longo de anos e em projectos comuns. Dirá o primeiro: «Tenho cuidadosamente arquivada em minha casa em Lisboa tôda a sua [de Luciano] interessantíssima correspondência». E o que indiciava? «A colecção preciosa das suas cartas bastaria para mostrar em cores bem vivas a sua dedicação ao estudo, o crescer dos seus entusiasmos pela causa nacional, a que consagrava intensamente as suas forças e o seu saber»[25].

---

[25] Joaquim Bensaúde, *Luciano Pereira da Silva e a sua Obra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 5 (Separata de «O Instituto», vol. 74, n.º 3).

A finalizar, diremos que a correspondência trocada entre os grandes vultos da cultura científica (salutar hábito que tende a desaparecer) constitui um importante manancial informativo a investigar e a interpretar para melhor conhecermos as teias das obras que nos deixaram. No que toca à historiografia dos Descobrimentos, na primeira metade do século XX, é essa a ideia que se colhe da leitura das cartas de Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Abel Fontoura da Costa para Joaquim de Carvalho (ver Anexo Documental), as quais estiveram na origem e constituíram o suporte ideário do presente estudo.

VI — Anexo Documental

Na transcrição das cartas, observou-se rigorosamente a ortografia dos autores. Os erros ou lapsos manifestos assinalaram-se com [sic].

(Página deixada propositadamente em branco)

1. Cartas de Joaquim Bensaúde

(Página deixada propositadamente em branco)

I

76 Rua do Possolo
11 Março 1924

Ex.mo Snr.

Agradeço m.to penhorado a carta de VEx. de 4 do crt assim como aquella opulentissima collecção de obras primorosamente impressas, um verdadeiro regalo que me surprehendeu e me veio mostrar a grandeza da obra patriotica que VEx. tomou a seu cargo. Agradeço tambem a amabilissima offerta do precioso Discours, livro que tive um dia por umas horas na mão. M.to me interessa o plano de VEx. de continuar o *Archivo historico* de Braamcamp e rogo-lhe o especial favor de me mandar inscrever como assignante d'essa publicação assim como da Revista da *Universidade* que não recebi regularmente.

Por estes dias vou remetter a VEx. os 4 facsimilés juntando-lhes os meus estudos (3 volumes). Falta um folheto das criticas actualmente em reimpressão na Imprensa Nacional de que mais tarde enviarei um exemplar.

Tenho tido tantos contratempos com expedição dos facsimilés pelo correio que m.to preferia entregal-os a VEx. quando viesse a Lisboa ou entregal-os a pessoa de confiança de VEx. aqui. D'uma só vez perdi 40 volumes do Pedro Nunes, confiscados e levados ao auto de fé pela censura franceza durante a guerra por terem sido impressos na Allemanha!

Subcrevo-me com a mais alta consideração

de VEx.
m.to admirador e grato
Joaquim Bensaude

Ex. Sr. Dr. Joaquim de Carvalho
Coimbra

2

Rua do Possolo
24 de Março 1924

Ex.mo Snr.

Demorei a expedição dos livros p. VEx. para lhe mandar a 1ª parte do meu livro Les Legendes allemandes que só tinha em folhas soltas. No pacote que expedi registado e seguro encontra VEx. 5 facsimilé – faltam-lhe só 2 – o Regimento de Munich e o Almanach Zacuto. São os 2 volumes de cuja reproducção me occupo. Veja VEx. se os obtem do Dr. Luciano, não os obtendo eu não lhe faltarei, mas haverá alguma demora.

A 2ª parte do livro «Les Legendes» é um estudo sobre «Humboldt et les decouvertes maritimes» assumpto que creio de bastante alcance e em que trabalho ha 7 annos. O começo d'esta 2ª parte foi impresso em Genève em 1918 ou 19 o resto está em manuscripto creio que occupará umas 60 ou 70 paginas impressas do mesmo formato das Legendes.

Já tenho o papel, resta-me saber aonde fazer a impressão. Seria possivel fazel-a na imprensa a cargo de VEx.? Tratar-se-hia n'esse caso de escolher um typo o mais parecido possivel com a 1ª parte do livro.

Tenho uns trabalhos na Imprensa Nacional ha mais de 1 anno e para este não queria esperar tanto pois pode ser que antes d'isso tenha de fazer a *grande* viagem ! Ponho este problema nas mãos de VEx. pidindo-lhe [sic] o seu conselho que antecipadamente agradeço e m.to. O meu manuscripto levaria talvez 1 mez ou mais a acabar, devido a que só á noite ou aos domingos me é possivel dedicar a estas cousas que me enchem a alma e me fazem esquecer os tempos em que vivêmos.

de VEx.
mt. att. V.or e mt. grato
Joaquim Bensaude

3

76 Rua do Possolo
27 de Março. 924

Ex^mo Sr.

Para quem vive como eu uma vida intensa em epocas longiquas do passado, tem sido uma surpreza e um prazer ver a orientação nova e fecunda que nos ultimos tempos tem produzido entre nós um grande numero de benemeritos trabalhadores. É uma esperança n'este chaos politico tragico e lugubre em que vivêmos. Serão as andorinhas annunciadoras de tempos de primavera? Se assim é, bem poderei morrer em paz e contentamento.

Ponho aqui a VEx. as ideas e a impressão de surpreza que tive q.^do recebi o bello livro de VEx. sobre Leão Hebreo.

Passaram-me tantos autores judaicos pelas mãos durante as minhas longas pesquizas da historia da mathematica e astronomia da Peninsula que agora só tenho verdadeiro prazer quando pesco algum mathematico ou astrologo christão desconhecido e ignorado.

As decantadas trevas peninsulares na edade media apregoadas por esse mundo fora por quem quiz expoliar a cultura peninsular, foram uma lenda cujo alcance ainda se não pode medir. Estou hoje profundamente convencido de que as trevas na Peninsula começaram com os desmandos inquisitoriaes – e que nas queimas de livros dos autos de fé, não foi só a sciencia judaica que desappareceu mas tanta ou quasi tanta sciencia christã.

Em mathematica e astronomia, em medicina, e em philosophia ha uma grande obra a fazer para por em evidencia o que foi a herança scientifica dos Arabes na Peninsula e o que foi este grande centro irradiador que assimilava e divulgava pela Europa o que os invasores aqui deixaram.

Agradeço a VEx. o seu primoroso trabalho que como pode fazer idea vou ler com o mais vivo interesse.

De VEx.
mt. admirador e grato
Joaquim Bensaude

4

76 Rua do Possolo
10 d'Abril 1924

Ex.mo Snr.

Cuidados graves com a doença d'uma pessoa de família fizeram-me sahir da engrenagem das minhas occupações predilectas e retardar a resposta a duas amabilissimas cartas de VEx. que muito me penhoram. Vejo que lhe não mandei o Regimento d'Evora – Segue hoje esse volume. Seria favor devolver-me o exemplar do Faleiro (Vol. 4) que VEx. tem hoje a mais – Peço-lhe este favor porque tenho m.to poucos d'esse Volume e não sei se me chegaram forças para o reproduzir tambem.

Aqui junto tomo a liberdade de enviar 2 recibos que lhe pedia o favor de me devolver assignados – Estes recibos em duplicado destino-os a duas collecções em que desejo fiquem consignadas todas as distribuições realisadas.

Estou profundamente reconhecido a VEx. pelo valioso auxilio que me presta aceitando fazer a impressão do meu livro sobre Humboldt e D. João 2° na Imprensa da Universidade. O trabalho ainda não está acabado, estou de volta com elle mas os meus afazer [sic] nas lides praticas da vida, não me dão bastante vagar. Espero acabal-o dentro de 2 mezes e o serviço que VEx me presta é tanto maior que um escriptor estrangeiro de grande nomeada está á espera d'esse trabalho p.a poder fazer uma verdadeira e grandiosa propaganda a obra nacional. Por aqui vê VEx. quanto é grande o meu empenho em acabar este pequeno livro.

De VEx. m.to. att. Vor amigo muito grato
Joaquim Bensaude

5

76 Rua do Possolo
Lisboa 8 de Maio 924

Ex.mo Senhor e Amigo.

A amabilíssima visita de VEx. que de novo agradeço m.to penhorado, levou-me a fugir á escola no dia seguinte para preparar o que tinha, em estado de se irem adeantando os trabalhos d'impressão. Foi isso que remetti hontem registado a VEx e que lhe annunciei por telegrapho. Como VEx. me disse partir brevemente para Sevilha talvez por esta forma lhe tenha sido possivel de pôr esses trabalhos em andamento antes de sahir de Coimbra. Era outro tanto que iamos adiantando. No ultimo capitulo da secção «La science nautique portugaise et les historiens allemands» capitulo que tem por titulo «Les Successeurs de Humboldt» falta 1 ou 2 paginas de texto que eu juntarei ás 1as. provas que receber. Hesitei em publicar esse triste inventario, mas com quem fez tanto mal a historia nacional não ha outro caminho senão liquidar o mal pela raiz. Termina assim a tarefa que tantos annos me absorveu.

Creio que na falha de explicação relativa a impressão dos *textos allemães* vão todas as instrucções necessarias para o impressor. Era bom chamar a attenção para o que digo relativo ao *typo d'esses textos ser menor* do que o typo do meu texto.

A seguir ao que VEx recebeu vem o que diz respeito a D. João 2.° Um capitulo está prompto, dos outros estão-se fazendo as copias – Irei cá reunindo tudo até receber aviso de V.Ex.

Desejando-lhe uma agradavel estada em Sevilha, cheia d'esses bons resultados que são bocados d'alma do investigador logo que vê os seus esforços bem succedidos, agradeço novamente a VExª aquelles deliciosos momentos de palestra e de surpreza que me veio dar com a sua visita.

de VEx. muito admirador e muito grato
Joaquim Bensaude

6

S.ta Luzia
76 Rua do Possolo
Vianna do Castello 6 de Junho 924 [1924]

Ex.mo Amigo e Senhor

Refugiado em S. Luzia n'este paraizo de socego aonde vim passar 10 dias p.ª trabalhar no meu livro sobre D. João 2° recebi o postal de VEx.

Não me foi possivel partir 2 dias mais cedo para ainda encontrar VEx. em Lisboa. É provavel que no domingo já VEx. tenha partido de forma que nos vâmos desencontrar. Amanhã Sabado ás 7 da noite conto estar em Lisboa e ainda deligenciarei no Domingo pela manhã indagar se VEx. por acaso ainda estará em Lisboa, pois desejo m.to ouvir VEx. sobre os assumptos da impressão d'este meu trabalho. Na parte que lhe enviei para Coimbra faltam algumas paginas de notas de comentario aos extractos allemães.

Pouco falta p.ª lh'as poder mandar mas o sitio aonde cada uma d'essas notas tem de figurar isso só se poderá fazer ou com o manuscrito á vista ou na occasião de receber as primeiras provas.

Grande nova me da VEx. de ter encontrado um inedito de Zacuto! E em que lingua é essa interessante preciosidade. Só por isso valeu a pena ter ido a Sevilha e imagino bem quanta cousa preciosa ainda por lá encontrou.

Os ideaes vão crescendo á medida que as forças vão decahindo! Tenho andado aqui em uma verdadeira febre a trabalhar na administração colonial do grande rei a ver se d'esta vez ponho este estudo a salvamento. Oliveira Martins morreu sonhando com o grande homem – Sabugosa quasi que fazia o mesmo – e esses casos dão-me que pensar. O titulo do Livro será.

«L'administration coloniale de D. João 2° et les ecrits de Humboldt». Qualquer cousa n'este genero. Tenciono regressar p.ª Vianna ahi para fins de Junho e cá ficar até primeiros dias de Setembro. Quando vier p.ª o norte sendo conveniente pararia em Coimbra para ter ocasião de conversar com VEx. sobre a impressão e ter o prazer tambem de ouvir de viva voz os resultados das suas pesquizas em Sevilha.

de VEx. mt. att. V.or e m.to. grato
Joaquim Bensaude

7

76 Rua do Possolo
Lisboa, 17 de Junho 924

Ex.mo Senhor e Prezado Amigo

As suas cartas enchem-me o coração, sinto-me mais novo, porque vejo em VExª essa febre e esses enthusiasmos que em mim já não teem a intensidade d'outros tempos mais felizes, em que sonhava de cousas grandes longe d'esta nossa pobre patria.

Aqui lhe envio uns verbetes que tinha relativos ás orações de obediencia de Vasco Fernandes de Lucena e D. Fernando d'Almeida. M.to estimo a publicação d'esses folhetos e sem duvida alguma o de D. Fernando d'Almeida tem g.de valor historico por se ligar ás negociações do tratado de Tordesilhas.

Ha tempos escrevi p.ª Munich por causa d'um ms. que lá ha que m.to desejaria ter, e que se refere a D. João (Relatorio da viagem de Münzer a Portugal 1493). Se o obtiver ponho-o ao dispor de VExª p. o seu archivo.

Sabe que nas obras de Cataldo de que ha originaes na Bibl. do Porto estão umas cartas preciosas do Dr. Mestre Rodrigo, membro da junta dos mathematicos.

Agradeço m.to penhorado as noticias que VExª me dá do andamento da impressão do meu novo livro. Vivo n'um verdadeiro martyrio; por um lado com mil cousas a pucharem por mim p.ª fora do campo unico que me dá prazer e vida, por outro o receio de não poder pôr a salvamento um estudo sobre D. João 2°. Vamos enfim a ver o que dá este verão em Vianna do Castello p.ª aonde tenciono partir a 1 de Julho.

Tenho já parte nova do texto revisto por pessoa competente para por o meu máo francez a modos de se publicar e é essa a difficuldade grande que tenho tido – não é facil encontrar pessoa tão competente como agora tenho mas lá tem a sua vida e as suas occupações.

Antes de partir p.ª o norte avisarei VEx. caso haja conveniencia em eu parar em Coimbra por causa dos trabalhos d'impressão entre mãos fal-o hei com todo o prazer tanto mais que teria ao mesmo tempo o ensejo de ver VEx. e de-lhe [sic] testemuhar mais uma vez o meu profundo reconhecimento.

de V.Ex
mt.° att. V.or e mt.° grato
Joaquim Bensaude

O tratado de astrologia de Zacuto é um verdadeiro acontecimento e que me dá um enorme prazer como bem pode imaginar. Concordo com VExª a sua ida a Salamanca é não só necessaria mas indispensavel. Ha uma obra publicada em Salamanca sobre a Universidade que trata de Zacuto mas não muito. Não tenho aqui o titulo desses 2 volumes sobre a Universidade - estou escrevendo no escriptorio. Tenho esses volumes que estão ás ordens de VExª.

8

76 Rua do Possolo
[Lisboa] Domingo 22 Junho 924

Ex.mo Senhor e Prezado Amigo

Agradeço penhoradíssimo a sua carta as excellentes provas e a passagem de D. Fern. d'Almeida, que conhecia mas de que não tinha copia. Vem em toda ou só parte nos *livros de Harrisse*.

Falta agora enviar a VEx.ª o capitulo *Sucessores de Humboldt* que deve começar umas 2 folhas antes do final das provas.recebidas a pag. *31*. Absorvido com cousas mais difficeis de D. João 2° ainda hoje não me é possível mandar-lhe esse texto. Irá o mais breve possível para se desembaraçar o typo d'estas 32 paginas. Já vejo que em Coimbra se trabalha mais rápido do que eu com as minhas variadíssimas occupações o posso fazer. Mandei a VEx.ª p. adiantar, uma extensa collecção de extractos allemães que vão por em evidencia o que tem sido a propaganda allemã contra as glorias nacionais. Denunciar esta campanha de demolição que hoje figura em mais de 300 obras espalhadas por esse mundo fora em todas as linguas, é o unico meio de liquidar este gravissimo problema. Isso feito volto a D. João 2. N'esta minha ardua empreza ha 2 campos diversos de egual importancia, demolir e reconstruir. Deitar abaixo é a secção desoladora – reconstruir a que me dá prazer e vida.

O meu péssimo francez é ainda uma g.de difficuldade – e infelizmente o nosso excelente Amigo Bataillon lá tem a sua vida, e estou vendo que por este lado terei demoras.

Em Lisboa não encontrei ninguem que purifique o texto sem prejudicar a idea. Bataillon p. isto é excellente.

A 1 do crt. parto p.ª Vianna do Castello – e infelizmente não vejo meio de passar em Coimbra pela seguinte razão. Levo uma porção de livros, meus manuscriptos e papeis p.ª mim de tanto valor que os não quero perder de vista um momento. D'ahi a necessidade de não interromper a viagem.

de V. Exª
m.to att.° V.or e muito grato
Joaquim Bensaude

O Sr. Latone de Sevilha mandou-me algumas das suas publicações mas não a que trata de Diogo Ribeiro.

9

Paris, 19 Nov. 924

Ex.mo Sr. e meu illustre Amigo

Escrevo-lhe estas linhas p.ª lhe dizer que ainda careço um pouco da sua amabilissima benevolencia. Estou aqui e para cá trouxe esses cadernos que necessitam 2 horas só de socego d'espirito e concentração. Mas até hoje não me foi possivel alcançal-as.

Vim d'esta vez tratar d'uma missão delicada do casamento d'uma filha – e cá ando a deitar todas as amarras para ver se esta jovem caravela chega um dia «á la terre promise du bonheur».

Para mim o Paris que nós os viajantes conhecemos nada tem de sympatico e de atrahente – É o paiz das modas, das banalidades, dos esbanjamentos da frivolidade e do snobismo. O outro Paris encantador que conhecemos só dos livros esse poucos o conhecem de perto – é o Paris das mansardas, dos savants luctando na pobreza – dos observadores e contempladores que detestam como eu os encantos da opulencia e da banalidade.

Não me conformo m.to com a idea que venho aqui deixar uma filha – Ainda que medica é jovem – desejaria vel-a em meio menos doido e mais salutar.

Assim que acabar esta tarefa regresso a Lisboa e devo regressar breve - mas lá tambem me espera grossa tempesta [sic] de modo que por mais que suspire por um pouco de socego – não o vejo despontar nem mesmo de longe. Aqui tem a minha vida – este fim de vida terrivel para quem só conhece um vislumbre de felicidade – no trabalho, no estudo e no isolamento.

Não lhe offereço os meus prestimos n'estas paragens porque a sua carta já cá não chegaria a tempo – mas em Dezembro tenho de cá voltar e se então quizer fazer favor de me utilisar p.ª qualquer coisa que deseje dar-me há o maior prazer.

Vim com o plano secreto de me refugiar 3 dias em Biarritz e lá dar ao meu trabalho os remendos que precisa – mas não será possivel pelo menos d'esta vez. Queira VEx.ª fazer-me o favor de dar noticias minhas ao nosso bom amigo dr. Luciano e creia-me com a mais alta estima.

de VEx.ª
m. to amigo e m. to grato
Joaquim Bensaude

Cecil Hotel Rue S. Dedier 30.

10

76 Rua do Possolo
Lisboa 22 Dez. 1924

Ex.mo Amigo e Senhor

Enfim aqui cheguei hontem de Paris trazendo acabado o que hoje envio a VExª o capitulo Les successeurs de Humboldt e ao mesmo tempo o final do livro «Les legendes allemandes».

VExª notará que havia uma parte a seguir com o titulo «Les debuts du Portugal maritime» mas essa parte destino-a ao começo do meu outro trabalho sobre D. João 2°.

Infelizmente por algum tempo ainda tenho carga tão grossa a meu cargo que por vezes já as pernas tremem. Espero contudo, talvez em breve, poder organisar-me p.ª fazer avançar este estudo que ainda me remeche a alma e que dá prazer de viver – só p.ª o acabar.

O que agora acabo foi um pesadelo que precisa ser impresso - para que os novos vejam como cousas sagradas da historia patria andaram á revelia. Quero tambem que toda essa metralha fique impressa e reunida para que futuros expoliadores tenham mais escrupulo e mais receio de novas aventuras na historia portugueza. Infelizmente é este o unico meio de acabar de vez com abusos intoleraveis.

Beijo-lhe as mãos reconhecidissimo pela amabilissima benovolencia com que me tem aturado e chamo a attenção de VExª p.ª as instrucções p. a typographia que dizem respeito a impressão de extractos allemães, titulos de livros, titulos de subdivisões etc. É trabalho um pouco embrulhado mas desejava que este longo inventario ficasse bem claro para ser mais assimilavel.

De VExª amigo admirador e m.to grato
Joaquim Bensaude

II

76 Rua do Possolo
Lisboa 10 Janeiro 925

Meu Ex.mo Amigo

Agradeço mt.° penhorado a carta de VEx.ª de 8 do crt. e a sua attenção de pedir ao nosso Amigo Dr. Luciano de levar p.ª Coimbra o manuscrito. Espero que VEx. já o terá recebido mandei-o registado e seguro ha 3 dias e conto que já ahi estará a salvo em seu poder.

Em conformidade com o pedido do Dr. Luciano vou tambem mandar a VEx. o que por cá tiver sobre a biographia de Zacuto. E preciso ver o artigo da Jewish Encyclopedia. Creio que este precioso livro existe na Bibliotheca Nacional. São 12 vol. Em breve espero ter esta obra.

Mandarei uns folhetos de Berthold Cohn de que tenho copias disponiveis e mandarei mais por emprestimo 1 Vol. de miscellanea contendo uns estudos italianos sobre ms. de Zacuto encontrados em Milão e tambem por emprestimo a photographia da obra em latin de Agustinus Ricius (1513) edição rarissima. Era este autor discipulo de Zacuto e falla m.tas vezes delle e da sua obra.

Creio que nada mais tenho sobre Zacuto. Irei procurando e vendo se me lembra mais alguma cousa e terei immenso prazer em poder ser util a VEx. a quem devo tantos favores e tantas attenções e amabilidades.

de V.Ex.ª
m.to amigo e admirador e grato
Joaquim Bensaude

12

76 RUA DO POSSOLO
Lisboa 23 Fevereiro 925

Ex.mo e presado Amigo.

Aqui devolvo a prova recebida e creio desnecessario mandar-me nova prova pois são poucas as correcções e essas podem ser ahi verificadas antes de se fazer a tiragem de *1300* exemplares.

Alterei o titulo da primeira folha para abranger os capitulos que não tratam da sciencia nautica e incluir um que diz respeito ás novas bases da historia dos descobrimentos. Este ultimo capitulo que ainda cá tenho, foi escripto para Blasco Ibanez e é o resumo do meu livro sobre D. João 2°.

Não há duvida que todo este livro é uma manta de farrapos e afigura-se-me que é tambem o canto do cygne [sic]. Não ha meio de voltarem os tempos que já lá vão.

Preocupa-me a revisão dos textos a seguir. Escrevi para Coimbra ao Sr. Raymond Bernard da Faculdade de Letras a perguntar-lhe se me queria fazer o obsequio de rever as provas do que vae seguir.

Agradeço a VExª mais uma vez a sua amizade e benevolencia e subscrevo-me de VExª

muito amigo e muito grato
Joaquim Bensaude

Ex.mo Sr. Dr. Joaquim de Carvalho
Coimbra

13

76 Rua do Possolo
Lisboa 3 de Março 1925

Meu Ex.mo e Presado Amigo

Agradeço-lhe m.to penhorado a sua carta e a paternal benevolencia para com as minhas publicações emprehendidas em tempos de tormenta. O Sr. Raymond Bernard poz-se á nossa disposição para a revisão das provas e creio que a sua intervenção nos será m.to necessaria na parte manuscrita que agora vae seguir.

Tambem m.to agradeço o amabilissimo convite de VExª para eu participar na Festschsift de D. Carolina Michaelis. Sou um ignorante no campo em que a Sra. D. Carolina é mestra; alguma cousa teria ainda assim a dizer sobre os seus admiraveis trabalhos que me enterneceram pela lealdade, o carinho, a justiça e o amor que transpiram em cada linha das suas obras. Essas manifestações de abnegação e de generosidade tocaram-me no fundo d'alma; foi ella que abrandou em mim esse sentimento de revolta provocado por uma corrente allemã extravagante que segui durante m.tos annos e que tão nociva tem sido á nossa historia. Vivi 10 anos na Allemanha 1874 a 1884. Sonhei lá os sonhos de la jeunesse. Só conheci uma Allemanha generosa, leal, idealista e grande. Surgiu depois d'isso o periodo da amargura negra por ver como tratavam perfidamente as nossas cousas. Devo a Sr. D. Carolina Michaelis o grande favor de ter feito reviver em mim velhas recordações dos tempos em que mestres e amigos todos nós apontavamos como o perigo futuro essa corrente de germanisação á outrance nascida do melitarismo da Prussia. Fui convertido pela Srª. D. Carolina como foi uma illustre senhora minha amiga pelo actual professor Foerster, grande patriota que por lá anda com risco de vida, a prégar as ideas que prevaleciam na Allemanha generosa do meu tempo.

Este Foerster é o filho do astronomo de Potsdam a quem me refiro nos meus trabalhos. Mas estas cousas não se podem dizer, devo manter-me no silencio; eu, o soi disant agressor, não devo figurar em tão bem merecida manifestação que muito honra a faculdade de Coimbra. Esse meu silencio é tambem o que a minha desalmada vida de negócios me impõe.

Desculpe-me VExª estes desabafos e creia-me com a mais alta consideração e estima

Amigo muito grato
Joaquim Bensaude

14

76 Rua do Possolo
Lisboa 16 de Março 925

Ex.mo Senhor e meu Presado amigo

Agradeço muitissimo a VEx.ª e ao Ex. Sr. Dr. Mendes dos Remedios o honroso convite para eu partilhar na tão merecida manifestação de gratidão dos Portuguezes á Snr.ª D. Carolina Michaelis. A leitura dos seus excellentes trabalhos sugeriu-me um thema tentador «O idealismo universitario na Allemanha», o segredo da producção enorme d'aquelle paiz em todos os campos da actividade.

Infelizmente não me é possivel tomar agora mais este pequeno e agradavel encargo. Vivo sobrecarregadíssimo de cuidados e tenho de attender a tempo a necessidade de simplificar a minha vida mais e mais porque a saude já me não acompanha e são numerosos os dias em que me sinto inutilisado.

Vejo-me pois na obrigação de pedir a VEx.as de me dispensarem da collaboração no interessante livro que V.ª Ex.ª teem entre mãos.

Agradecendo mais uma vez a captivante attenção subscrevo-me de VEx.ª

Amigo dedicado Admirador m.to grato

Joaquim Bensaude

15

Paris 2 de Dezembro 1926

Ex.mo e presado Amigo.

Aqui lhe remetto o meu artigo em memoria do nosso malogrado Dr. Luciano. Em poucos dias seguirá o final que falta – umas 10 paginas do manuscrito.

Por mais que me custasse fallar de mim não me foi possivel evital-o. No interesse da causa nacional que o Dr. Luciano e eu tinhamos a peito foi preciso fazel-o.

Fazendo o elogio do querido amigo – ficou tambem feito o meu testamento sobre a historia das glorias nacionaes.

A minha saude tem andado tão arruinada que nem me parecia ter forças para tratar da grande causa como me parece util e necessario.

Parece-me que vou agora ter um pouco de socego - e em poucos dias tenciono ir para Biarritz.

Com a mais alta consideração creia-me

de VEx.ª

Amigo dedicado e muito grato

Joaquim Bensaude
Ao cuidado do
Dr. Raul Bensaude
2 Rue de Panthiène
Paris

16

Paris 5 de Janeiro 927

Ex.mo e Presado Amigo.

Conclui as provas e o resto que faltava no trabalho que VEx.ª tem ahi ha tanto tempo.

Fiz algumas alterações no texto e estou com receio de lhe enviar as provas porque se se perdessem pelo caminho, tinha difficuldade em reconstituir tudo novamente.

Venho pois pedir-lhe o m.to especial obsequio de me mandar enviar uma *nova copia das ultimas provas* (só recebi uma unica). Assim que a receber poderei enviar-lhe o trabalho completo para não haver mais interrupção da minha parte.

Este verão trabalhei em um resumo d'um livro sobre D. João 2°. Imagino que poderá ter umas 100 paginas de texto do mesmo formato. Seria este o trabalho a seguir se é que a Imprensa da Universidade se pode encarregar d'elle. Para não acontecer o que se deu com o outro trabalho, tenciono enviar-lhe tudo d'uma vez e *concluido* – Como tenciono ficar por fora de Portugal ainda algum tempo, creio que não levarei m.to mais tempo a concluir este folheto.

Com a mais alta consideração

de V.Ex.ª
amigo mt.° att.° Vor e grato
Joaquim Bensaude

Eu tenho em minha casa de Lisboa ainda papel de impressão, em certa abundancia será bom indicar-me se lho devo enviar p.ª Coimbra.

aux soins du Dr. Raul Bensaude
2 Rue de Panthiène
Paris

17

7 de Janeiro 927
Hotel Windsor Étoile
14, Rue Beaujon
Paris

Meu Ex.^{mo} e presado Amigo.

Escrevi-lhe ha 2 dias e recebo n'este momento a carta de VEx.^{a} que m.^{to} agradeço e me deu m.^{to} prazer Se bem me lembro nem juntei á minha carta os meus melhores votos p.^{a} um anno novo m.to feliz p.^{a} VEx.^{a} e todos os seus.

Eu vivo continuadamente debaixo de temporal e nestas ultimas semanas tenho tido cuidados em demasia com a saude de minha mulher.

Trabalho p.^{a} me esquecer de tudo – seja esta a minha desculpa pela falta de attenção da minha ultima carta.

As arrelias deste passado annno ter-me hiam dado cabo da vida se não fosse... D. João 2°. Resolvi não morrer antes de acabar um livro sobre o grande rei – Foi D. João que me deu forças de resistência e realisou o milagre!

Não estarei em Paris em fins de Janeiro, qdo VEx^{a} cá vier. Assim que minha mulher estiver em estado de poder fazer viagem tenciono ir p.^{a} Pau, clima mais ameno do que Paris n'este momento. Não é provavel que regresse a Paris antes de fins de março – Se V Ex.^{a} precisar de cá quaesquer informações ou se vir que eu porventura lhe poderia ser da menor utilidade, fará favor de me dizer na certeza que com isso me daria um grande prazer.
de VEx.^{a}

mt.° admirador e mt.° grato
Joaquim Bensaude

18

Paris 14 de Jan. 927

Meu Ex.mo e Presado Amigo.

Recebi as provas que fez favor de me enviar e aqui remetto concluída a primeira parte (n.os 1 a 5). O que falta estará terminado brevemente e conto não ter interrupção que me aparte d'este trabalho.

Nos últimos annos sempre absorvido com cuidados de negocio, tinha horror a esta critica melindrosa que exigia de mim socego d'espirito, clareza e prudência para medir cada palavra.

Estas considerações levaram-me a fazer alterações na ordem do texto e conto com a provada benevolência de VEx. para as desculpar.

Felizmente que já não vem longe o fim d'este desagradablissimo episodio – a parte das minhas investigações que me causam sempre um verdadeiro horror.

Renovo os meus agradecimentos pela paciência infinda e bondade que me tem testemunhado e creia-me de VEx.ª

Admirador e amigo muito grato
Joaquim Bensaude

19

Paris 22 de Jan. 927

Meu Ex.^{mo} e Presado Amigo.

Envio-lhe hoje mais dois numeros do meu trabalho. Sinto-me mais leve de ter chegado ao fim d'este pesadelo. Parto amanhã para Pau e de lá remetterei umas 10 folhas do final que falta.

Há m.^{tos} annos e m.^{to} antes da inferneira de negocios a que fui levado por deveres de consciencia, já eu tinha escrito ao meu Amigo Agostinho de Campos que me era absolutamente necessario estar longe, m.^{to} longe da atmosphera dissolvente da nossa terra para escrever sobre cousas grandes de Portugal.

Bastou-me estar aqui, sem saber nada da nossa politica e dos desmandos da nossa terra, para me esquecer de que estou esgotado e doente, para me voltarem as forças e os enthusiasmos.

Vou agora dedicar-me ao meu sonho dourado de ha tantos annos – a obra colonial de D. João 2° – sem duvida a unica mola que ha ainda em mim capaz de me dar vida.

Tenho a impressão que esta idea me vae manter as forças por algum tempo e que me não será possivel morrer antes de concluir qualquer cousa util sobre o grande Rei.

Vejo que estou fazendo confissões a VEx^{a} como as que fazia ao nosso querido Dr. Luciano.

de V.Ex.^{a} m.^{to} amigo admirador e m.^{to} grato

Joaquim Bensaude

Hotel de France
Pau
(Bas Pyrineés)

20

Hotel de France
Pau
16 d'Abril 927

Meu Ex.mo e Presado Amigo.

Agradeço-lhe do fundo d'alma o desvelo e o carinho com que VExª. mandou attender á impressão d'esse meu pobre artigo relativo ao nosso querido Dr. Luciano.

Ha sem duvida outros gritos d'alarme que deviam ser escutados porque tocam mais na consciencia do povo portuguez, e se esses que dizem respeito ao futuro da patria não são ouvidos, é natural que o meu aviso relativo a passadas glorias fique desapercebido. Conto com isso, seria milagre se não fosse assim.

Estou em divida para com a Imprensa da Universidade pelos trabalhos que ella tem feito por minha conta e venho pedir a VExª o obsequio de dar ordem para me ser enviado nota do que devo até hoje e assim poder satisfazer a respectiva importancia ha tanto tempo em atrazo.

A minha saude continua fraca - mesmo assim vou pensando n'esses meus trabalhos o mais que é possivel e estou pensando n'uma publicação de alto interesse a impressão do manuscrito precioso de Valentim Fernandes, tão pouco conhecido e tão necessario p. a historia dos descobrimentos.

O Sr. Pedro de Azevedo está disposto a fazer a copia destinada á impressão. Já escrevi p.ª Munich a pedir a photographia do celebre documento e não seria impossivel que dentro de 1 ou 2 mezes o Sr. Azevedo tenha já parte do manuscrito copiado a enviar a VExª. Muito estimaria que a Imprensa da Universidade se pudessse encarregar da impressão deste importante documento.

Renovo a expressão de sincera gratidão por tantos obsequios que devo a VExª e subscrevo-me com a maior consideração

m.to amigo admirador e grato
Joaquim Bensaude

21

Le Lys de la Vallée
La Celle – S. Claud.
3 de Julho 1927

Ex.mo Sr. Dr. Joaquim de Carvalho
Coimbra

Meu Ex.mo Amigo.

Recebi hoje a carta de VEx.ª de 29 do passado e juntamente a factura de Esc. 415$53 que já remetti á casa Bensaude & Cª Lª de Lisboa para de lá ser paga directamente esta importancia.

Estou profundamente penhorado com VExª e com o Sr. Candido A. Nazareth pela attenção e cuidado que me teem mostrado pelas minhas publicações.

O livro em francez sobre as glorias nacionais está quasi concluido e penso que VExª deseja esperar até final da impressão para me mandar a conta dos trabalhos realisados. O ultimo capitulo que estou a concluir é sem duvida o mais interessante.

Espero poder remettel-o em poucos dias.

Com a mais alta consideração de VExª.

m.to admirador e grato
Joaquim Bensaude

22

Pau 12 de Dez. 1927
14 Avenue Edouard VII

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Devorei d'um trago e por duas vezes a seguir a sua preciosíssima publicação de inéditos de Zacuto: um grande e valioso serviço que VEx.ª prestou á causa nacional.

Percorri ha annos o Temporal de Regiomontanus (a que me refiro no folheto Histoire de la Science Nautique Resume p. 93) e como é trabalho idêntico, é preciosa a comparação.

Regiomontanus escrevia para o grande publico ignorante, Zacuto visava os médicos. Nos dois ha as patranhas astrológicas do tempo, mas no Zacuto ha a mais assombrosa familiaridade, a extraordinária abundância de problemas que só se resolviam pela observação directa dos astros.

Zacuto autor do Almanach lidava com as tabellas; era mestre no calculo – e o seu trabalho mostra a incrível abundancia de observações directas que a astrologia impunha. Não conheço nada que ponha este facto tanto em evidencia como a sua publicação. Para determinar a posição dos planetas em cada casa, para precisar os graus decorridos por cada um nos signos do Zodíaco, para fallar como elle falla de conjuncções e oposições e de eclipses, para averiguar quando um ou outro estava retrogado, é uma infinda série de observações directas que se impunham. Está aqui a prova evidente e importantíssima do que representa cada prognostico, cada calculo das natividades – N'estes cálculos sobretudo ia-se determinar as posições dos astros com m.tos annos em atrazo.

Outro ponto importante são as citações de autores árabes posteriores a Ptolomeu. Faz nos grande e enorme falta o pobre amigo Dr. Luciano quem podia por a claro, se porventura ha novidades de monta, comparando este livro com a Theorica planetarum de Peurback (m. 1461).

Temos é certo um amigo de alta competência e de dedicação é o Sr. Fred Oom. Talvez elle se quizesse prestar a examinar este ponto confrontando-o com o Livro então clássico de Peurback que Pedro Nunes traduziu e comentou.

A meu pedido fez o Sr. Oom uma preciosa verificação da exactidão do calculo das *longitudes* de Zacuto e por ahi chegou a resultados d'uma exactidão surprehendente p.ª aquella época, sem contudo se conhecerem os processos de calculo de Zacuto.

Encontrei ultimamente os cálculos do Sr. Oom entre papeis que trouxe de Lisboa e como de mim só veio a ideia da verificação d'elle a sciencia e o saber, nunca quiz fazer esta publicação tanto mais que não sou eu, mas elle proprio quem deve expor os processos seguidos p.ª chergar aos resultados surprehendentes a que chegou. É pois minha tenção ou escrever ao Sr. Oom, de lhe enviar o trabalho que fez favor de me confiar e de lhe pedir ao mesmo tempo o favor de juntar esse seu trabalho a critica da preciosa publicação de VEx.ª.

236

É muito provavel que o illustre director do Observatório da Tapada, tinha em vista qualquer estudo sobre os Inéditos de Zacuto. O que convinha, se VEx.ª está em comunicação com elle, era avisal-o do pedido que por estes dias lhe vou fazer, quando lhe remetter os cálculos das longitudes a que me refiro.

A minha saude tem deixado m.to a desejar: d'ahi a lentidão da marcha da publicação que se está prestes a concluir em Coimbra. O meu grande desejo é que me não faltem as forças para esboçar a grandiosa obra colonial de D. João 2.º

Com a mais alta consideração de VEx.ª

Amigo admirador e muito grato
Joaquim Bensaude

23

[1 de Janeiro de 1928]

Meu Ex.mo Amigo.

Recebi ha dias uns trabalhos do Dr. Berthold Cohn cujo endereço ha mt.° procurei debalde. Venho pedir a VEx.ª o obsequio de lhe enviar uma copia do seu primoroso trabalho. O Dr. Cohn sabe hebraico a fundo e vou ver se o animo a emprehender novo estudo sobre Zacuto relativo a um manuscrito ainda desconhecido existente em Lyon. Aproveito esta occasião para enviar a VEx.ª com os meus cumprimentos os melhores desejos de saude e prosperidade no anno que vae começar. Eu não gosto m.to destas mudanças d'era. Sei o que se passou mas não sei o que me espera.

Em todo o caso dou-me por feliz por ainda cá estar e de estar adiantado este esboço sobre D. João 2° cujos resultados se me afiguram importantes p.ª a historia das descobertas e para a nossa patria.

de VEx.ª
m.to amigo admirador e grato
Joaquim Bensaude

Pau. 1 Jan. 28.
14 Avenue Edouard VII

24

Pau 12 de Março 1928
14 Avenue Edouard VII
Basses Pyrénées
France

Ex.^{mo} e prezado Amigo

Agradeço-lhe m.^{to} a remessa do livro de Herman Wagner que recebi ha dias.

Os meus enthusiasmos pela causa nacional deram em resultado que cahi doente por ter puchado de mais pelas minhas debeis forças. Ha 15 dias que tenho estado totalmente inutilisado e mesmo forçado a abandonar tudo. Hoje comecei a occupar-me um pouco d'estas cousas mas m.^{to} desconfiado de mim mesmo – Vamos a ver se as forças voltam como espero.

Agora mesmo escrevi ao nosso amigo Dr. Frederico Oom depois de por a mão em certos papeis sobre Zacuto que lhe queria enviar. A carta foi hoje. É possivel que o Sr. Oom escreva a VEx^{a} sobre a obra *Rubio y Lluches* – documentos per la historia Catalan Megi-Eval. 2 Vol.

Eu tenho essa obra mas não lhe poderei por a mão em cima. Se o Sr. Oom a quizer consultar sobre *instrumentos astrológicos* disse-lhe p.^{a} se dirigir a VEx.^{a} pois os 2 volumes existem na livraria do nosso querido Dr. Luciano.

Mandei ao Sr. Oom uma longa serie de elementos interessantissimos sobre astrologia retirada d'esse livro caso elle a queira utilizar n'uma sua publicação.

Sinto m.^{to} o transtorno de saude que pos o meu trabalho em perigo de vida. Vamos a ver se em breve levanto cabeça. São resultados das tragedias da minha existencia.

de V.Ex^{a}
m.^{to} amigo e m.^{to} grato
Joaquim Bensaude

25

Pau 18 d'Abril 28
14 Avenue Edouard VII
Basses Pyrénées

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Tive hoje de escrever ao prof. Gottheil de New York um dos fundadores e redactores da Jewish Encyclopedia com quem vivi varios mezes nos arredores de Paris. Fallei-lhe na sua recente e preciosa publicação sobre Zacuto. Pedi-lhe p.ª elle diligenciar provocar algum estudo astronomico sobre o alto valor scientifico dos «dois ineditos» tanto mais que elle conhece m.ta gente apropriada. Venho por isso pedir a VExª o favor de enviar 2 ou 3 exemplares do seu trabalho a este meu amigo.

Dr. Richard Gottheil Esg.ro
Professor of the Columbia University
New York City
U.S.A.

Gottheil está velho e doente mas sempre infatigavel trabalhador cheio d'esse fogo sagrado de que eu tive uns vislumbres e que as tempestades da vida arrasaram. Os alarmes que por cá tive ultimamente deixaram-me em tal estado que olho com medo p.ª os meus estudos historicos isto pela 1ª vez na minha vida. Levará tempo a fazer voltar as forças depois do ultimo temporal.

Escrevi ha dias ao Sr. Nazareth pedindo-lhe p.ª combinar com VEx.ª de me fazerem o grande obsequio de regularisarmos as nossas contas até hoje. Por esta forma fico aliviado e tranquilo p.ª ir trabalhando lentamente no que falta. D'outra forma estou sempre com o pesadelo da urgencia que me atormenta. Não será impossivel que eu tenha de ir proximamente a Lisboa por causa de negocios da nossa casa.

de V.E.ª
Admirador mt. amigo e mt. grato
Joaquim Bensaude

26

Versailles 10 de Julho 28

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Venho enfim responder e agradecer a carta de VExª de 8 de Maio. Deu-me um grande prazer a noticia que me dá - sobre o ms. de João Gil em portuguez. VExª vae prestar um novo e grande serviço conseguindo por a claro mais este ponto da cultura scientifica da nossa terra na epocha do Infante. Está aqui em Paris, mas m.to em baixo de saude o prof. Gottheil de New York. Nada fez como lhe pedi relativo ao livro de Zacuto que VExª lhe mandou a meu pedido. Trabalhou de mais e dou já pouco por elle o que m.to sinto.

A minha publicação em Coimbra teve interrupção devido entre outras cousas a assumptos novos e de monta sobre a origem do plano das descobertas do Infante. Não me arrependo da interrupção e demora por haver no caso m.ta novidade.

Valentim Fernandes. Espero a cada momento as 700 paginas photographicas do manuscrito. As photographias são em tamanho natural p.ª facilitar a leitura. A primeira difficuldade que se me apresenta são 38 paginas de cartas geographicas rudimentares e toscas – ilhas do oceano etc. que se não podem reproduzir bem por zincographia. Estou á espera das photographias para examinar o caso para reproduzir em facsimile essas 38 paginas. Hoje o caso é bicudo – porque o custo é elevado. A seguir tenho a difficuldade da copia. Nunca tive sorte com uma ou outra cousa planeada com o Dr. A. Baião. Tem a sua vida e uma copia tão longa seria obra p.ª muitos annos. É o que eu m.to desejaria evitar. Quer-me VEx.ª fazer o favor de propor o caso ao Sr. Laranjo Coelho que eu não conheço pessoalmente. Fazia-me com isto um grande serviço. Mas é preciso por os pontos nos ii. O caso vae levar tempo e portanto tem de ser convenientemente pago. D'outra forma não irá avante. Tenciono mandar por mão própria, sendo possível, as photographias p.ª Lisboa. De lá seguirão ou p. Coimbra a VEx.ª ou serão entregues ao Sr. Laranjo Coelho se VEx.ª assim o ordenar. Tenho receio de as mandar pelo correio.

Outro ponto é a parte em latim. Já ca tenho a traducção de Gabriel Pereira da parte Diogo Gomes. Preciso confrontal-a com o original a ver se ha mais texto em latim ainda não traduzido. Se ha é nova difficuldade. Não havendo era meu desejo publicar os 2 textos – o latim e a traducção portugueza.

Papel. Não faço idea o que restará do papel que ahi tenho depois de concluido o meu trabalho. Desejaria que fosse o mesmo da fabrica Abelheira (Lisboa) e talvez seja necessario encommendar mais se é que não houvesse ahi bastante.

240

Recebi uma carta do Sr. Ant. Barbosa e vejo com interesse que se aguenta firme no caminho que lhe deixou traçado o nosso querido Dr. Luciano.

Tenho tido um pouco de socego pelo lado de saude de minha mulher e aproveito a bonança dia e noite tanto quanto as forças o consentem. Nada me arreda d'este campo – aonde encontro a paz, o socego d'espirito – os presagios do outro mundo.

de VE.ª

mt. amº admirador e mt. grato

Joaquim Bensaude

27

chez le Bason de Boguerde
chêne Moreau
Pruniers (Levi et cher)
16 d'Agosto 28

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Já cá tenho enfim as photographias do Ms. Valentim Fernandes. Mandei-as fazer grandes, o que facilita m.to a leitura. O problema da copia parece-me pois m.to mais simples do que eu pensava. Ha annos o pobre Pedro d'Azevedo indicou-me um copista que fez a copia de varios roteiros ainda ineditos, e essa copia foi verificada pelo Sr Azevedo. É o caminho que vou seguir e que vae tornar abordavel o favor que haja a pedir aos Srs Antonio Baião ou Laranjo Coelho. D'elles só seria necessario uma simples verificação. Vou escrever p. Lisboa sobre o caso – que me parece resolvido.

Muito mais complexa é a reproducção de 38 pequenas cartas geographicas. É este o assumpto que me vae agora preoccupar – e que tenho de resolver por meio de facsimilés, com a casa allemã de Munich. Serão necessarios facsimilés e talvez mesmo em varias cores o que complica o caso.

Faço-o a estas horas gosando um pouco de bem merecido repouso das suas ferias. Eu por cá tenho sempre ferias, mas é tal a necessidade de me destrahir com cousas da alma, que por vezes vou até já não poder mais. Longe da inferneira de Lisboa, sempre cá me chegam tambem massadas commerciaes e n'essas só manda o dever e não o coração.

Deu-me muitissimo prazer a excellente investigação do Sr. Antonio Barbosa sobre Zacuto. Temos homem para desbravar o campo aonde ha tanta cousa util a produzir.

Não lhe agradeço novamente a attenção e o carinho que me tem dispensado a Imprensa da Universidade. É assumpto que me penhora tanto, que me levará a Coimbra para testemunhar a VEx.ª e ao caro amigo sr. Nazareth pessoalmente, todo o meu reconhecimento. Não sera impossivel que venha para esses lados em Outubro proximo.

Com a mais alta consideração de VEx.ª

amigo admirador e m.to grato
Joaquim Bensaude

28

76 Rua do Possolo
31 d'Out. 28

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Estou em Lisboa mas infelizmente a saude melindrosa de minha mulher não me permitte largal-a por um momento. Se não fosse isso, já me teria visto em Coimbra aonde queria abraçal-o e agradecer-lhe tantos favores que devo a VEx.ª e ao Sr. Nazareth.

Vi aqui e fiquei encantado com as varias visitas que tive do nosso amigo Dr. Antonio Barboza cujo ultimo trabalho me deu um enorme prazer. Temos homem esperançoso e confio que continuará a campanha patriotica que o Dr. Luciano e eu começamos. No fundo, não se trata só de sciencia nautica nem da campanha de descredito feita no estrangeiro – O mal está mais fundo, é dentro da nossa propria casa. São as consequencias do descredito inconsciente que entre nós lavrou devido aos fatalistas e germanophilos como Oliveira Martins, Anthero e Guerra Junqueiro. A grande obra portugueza teve a sua origem, e os seus fundamentos na *força moral das nossas grandes gerações*. D'ahi sahiu o patriotismo e o heroismo que maravilhou o mundo. É na consciência e no *culto d'essa força moral* que a patria portugueza se pode regenerar e purificar a atmosphera social que anda envenenada pela politica. É na escola e nas universidades que esse culto se pode intensificar. São as escolas que devem preparar o saneamento da nação. Fallo em tudo isto por ficar desanimado com a difficuldade de se encontrar um poiso p.ª o Dr. Barbosa!

Soube d'elle que o governo recusou a verba de 40 contos p. a compra da bibliotheca do Dr. Luciano. Ora era ao lado della que eu queria que estivessem um dia os meus livros, esses velhos amigos para os quaes tenho estado horas a olhar com infinda saudade! Não tenho tido tempo para lhes tocar – só pude escolher um ou outro para levar p. o meu retiro de Pau. Eu não sou rico; ainda não ha m.tos annos que nem tinha o necessario p. educar os meus filhos. Contudo vivendo com economia já posso por alguma cousa de lado e se o caso do Luciano se não resolve, com prazer ponho ao dispor de VEx.ª p.ª a compra dos livros do Luciano uns 20 contos este anno. No proximo anno encontraria os outros 20 pelo menos assim o espero e assim ficava este assumpto encaminhado ou pelo menos iniciado. Digo isto sobretudo pelo perigo dos livros se poderem estraviar.

Um dia que tenha vagar escreva-me umas linhas sobre estas cousas. Em breve devo seguir p.ª Pau.

(Villa Monique – Avenue Edouard VII)

242

Com m.ta estima e mais alta consideração de VEx.ª

admirador e mt. grato

Joaquim Bensaude

29

Paris 25 Out. 29
5 Sq. du Trocadéro (Rue Scheffer)

Meu Ex.mo Amigo.

Puz hoje mão no vol. de Miscelanea que cá tenho aonde está encadernado um trabalho de Sophus Ruge contendo indicações das publicações feitas em Portugal baseadas na Copia do Ms. Valentim Fernandes existente na Bibl. Nacional de Lisboa.

É provavel que este folheto não exista em Coimbra por isso lhe escrevi que lhe enviaria as referencias que lá encontrasse sobre publicações de parte do Ms. feitas em Portugal.

Estou actualmente preparando as caixas de livros que levarei comigo para Nice aonde provavelm.te vamos passar o inverno já que Pau deu tão máo resultado. Não sei quando de cá partimos.

A quadra invernosa já por cá começou e tanto minha mulher como eu damo-nos mal. Esteve agora 8 dias de cama e sahi hoje pela 1ª vez.

Com a mais alta estima e amisade de VEx.ª

m.to amigo admirador e grato
Joaquim Bensaude

Bibliographia sobre Valentim Fernandes citada em
Sophus Ruge. Valentin Ferdinand's Beschreibung der Azoren.
(separata do 27 lahresberecht des Vereins fur Erdkunde zu Dresden 1901.)

Ms. fl. 3-14. ver Bol. Soc. Geog. Lisboa – 17 serie nº 6-7-1901.

Ms. fl. 15-35. Não diz claramente parece que se trata isto tambem no mesmo Bol. Soc. Geg. Lisboa.

Ms. fl. 141-214. As ilhas do mar Oceano. (Gabriel Pereira) na Revista portug. Colonial e maritima. Lisboa nº 32-36

Ms. fl. 270-283 De Prima inven. Guineae. (Gab. Pereira)
Bol. Soc. Geog. Lisboa. 17 Serie serie 5 p. 270 a 286.

Em uma passagem de Diogo Gomes em que trata do uso do quadrante Gabriel Pereira traduziu par carta o que deve ser *costa*. Deve ser erro de copia no exemplar Val. Fernandes existente na Bib. Nacional de Lisboa. 243
Verifiquei isto na photographia.

Ms. fl. 290-291. Ver invent. insularum de Açores ver Ayres de Sá – Gonçalo Velho t. I – 1899 – p CIII e Bol. Soc. geog. Lisboa idem p. 292 – 293.

Ver mais.

Jules Mees Les Açores d'après les Portulans.
Bol. Soc. geog. Lisboa 17 Serie nº 9 – 1901
p. 455 – 477.

30

5 Square. du Trocadéro
Rue Scheffer
Paris 26 d'out. 29

Meu Ex.mo e presado Amigo.

Agradeço-lhe penhoradissimo a sua explendida carta, o seu primoroso estudo e as importantes novidades que n'elle encontro. Eu tocára levemente na pista de Sanudo na Chronologia impressa a pg. 321 – «1321: Sanudo propose d'enlever le commerce des Indes à l'Egypte.» e ahi fiquei.

A sua preciosa nota chegou a tempo – mesmo com o meu forte attaque de bronchite lá fui a Bibliotheca Nacional e os elementos importantes que já tenho irão no fim do trabalho. É o que devo a VEx.ª e que vem consolidar a nossa causa.

Mais elementos decisivos devem encontrar-se nos Archivos do Vaticano. Já fiz um pedido n'este sentido ao Dr. Trindade Coelho e vejo com prazer que elle quer metter as mãos á obra.

Sua Santidade foi director da Ambrosiana de Milão; se o Sr. Trindade Coelho o interessa n'esta materia tão honrosa p.ª a Santa Sé, não seria impossivel que do Vaticano viesse a chave do segredo e sem duvida é la que ella se encontra.

Agradeço m.to a VEx.ª as suas bondosas e carinhosas palavras a meu respeito. Vivo mais e mais d'estas cousas patrias.

Estou como Clemenceau na febre do fim da vida, sonhando com ellas dia e noite a ver se fica o caso arrumado antes da partida.

Conheço só pelos titulos as 3 orações que VEx.ª me indica. A de D. Fernando d'Almeida 1493, deve ser m.to interessante e preciosa p.ª o estudo do tratado de Tordesilhas (1494) então na berlinda.

Não haveria meio de metter ahi em Coimbra algum novo enthusiasta para traduzir as 3 orações de Sixto IV; Inocencio VIII e Alexandre VI todas tres de alto valor historico? O que custariam essas traducções?

Envio hoje a VEx.ª mais 10 exemplares da conferencia para as distribuir entre professores amigos que se interessem pelo assumpto e tambem escrevo p.ª Lisboa para lhe mandarem 10 exemplares de cada um dos 2 fasciculos das «Legendes allemandes» p.ª VEx.ª fazer favor de distribuir como entender.

Nos começos da quadra invernosa tenho sempre um periodo de bronchite asthmatica
244 com altos e baixos mas que me obrigam a sahir pouco de casa. Meu irmão impoz-me não ir a Sevilha. Vamos a ver se em Novembro estarei a modos de ir a Coimbra receber a tão honrosa e penhorante manifestação com que VEx.ªs me querem comover até ao fundo d'alma.

Com a mais alta consideração de VEx.ª

admirador gratissimo
Joaquim Bensaude

5 Square du Trocadéro
Rue Scheffer
Paris 7 de Nov. 29

Meu Ex.mo e prezado Amigo

Agradeço a carta de VEx.ª de 27 do passado a que venho responder. A necessidade absoluta de preparar aqui os elementos de trabalho para os mezes de inverno em Nice tira-me o socego para coordenar as notas que cá tenho sobre Val. Fernandes. Assim que chegar a Nice sera este o primeiro assumpto a liquidar. Eis o que cá tenho:

1° Lista verificada em Munich da paginação do ms. com nota das folhas em branco. O que dá a prova de que nada falta.

2° As photographias das cartas geographicas que fazem parte das varias secções (não tenho cá nenhuma photographia do texto que ahi deve estar completo).

3° Apontamentos do Almirante E. de Vasconcellos e meus sobre as escalas das cartas.

4° Nota do impressor sobre as escalas da execução das folhas facsimiladas.

5° Photographia d'uma carta de V. Deslandes de 1883 enviando p. Munich um facsimilé da asssignatura de Val. Fernandes encontrada na Torre do Tombo. Photo do respectivo facsimilé.

São estes os principaes elementos que cá tenho – e que me parece conveniente só mandar a VEx.ª quando tudo esteja bem posto a claro.

Formato do livro. Eu fixei esse formato pela seguinte disposição – que terá de ser ahi verificada. Tomei por base o tamanho das folhas simples das cartas de 18 ½ ctm. de largo e 25 ctm de comprimento (altura).

N'esta conformidade temos folhas simples (sem dobra) as cartas n° 1, 9, 10, 12, 14 e 16.

Folhas dobradas: no sentido do comprimento (altura do livro) n° 5 e 8.

Folhas dobradas no sentido da largura n° 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13 e 15.

Para fixar definitivamente o formato do livro convem verificar se o tamanho 18 ½ x 25 cm dá realmente o que eu pretendia, isto é, uma só dobra em cada uma das folhas dobradas. Com esta base se devia creio eu determinar o tamanho ou formato do livro.

Attendido este ponto, todo o resto é indifferente e pode VEx.ª determinar isso como achar conveniente ou mesmo alterar o formato 18 1/2 x 25 se achar haver n'isso conveniencia.

M.to desejaria mandar-lhe de cá os documentos que cá tenho mas tenho urgencia em sahir de Paris e de liquidar o que ainda necessito da Bibl. Nacional – D'ahi a demora que espero me desculpará. 245

de V.Ex.ª
m.to amigo admirador gratissimo
Joaquim Bensaude

PS. A revisão da copia foi feita d'accordo com as photographias pelo Sr. Dr. Baião e pelo Sr. Valdez. Concordo porem com VEx.ª em que essa copia seja ahi novamente verificada – havendo ahi bom leitor. Eu fallei a um jovem Lacerda mas com o fim de confrontar o texto da copia com os varios *textos impressos* o que é outro assumpto de alguma importância visto ter encontrado um erro de peso na impressão de Gabriel Pereira.

32

Winter Palace Nice (Cimiez)
30 Novembro 1929

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Chegámos a Nice ha 3 dias e venho emfim agradecer-lhe o primoroso trabalho sobre Anthero que li com palpitante enthusiasmo. VEx.ª prestou um grande serviço estudando as varias phases d'aquella vida tormentosa, soberbo exemplo de sinceridade de elevação moral e de genio. Morreu cedo de mais a grande figura e o que mais afflige é que foi victimado por uma doença hoje bem conhecida e perfeitamente curavel! Assim me disse meu irmão Raul. Se o santo Anthero tivesse vivido até aos nossos dias, aquelle coração impregnado do bem teria porventura representado uma grande missão durante o período angustioso da patria. O «Weltschmerz» a que succumbio teria desvanecido perante o cataclismo europeu: a grande guerra. Creio que teriamos visto outra grande phase da vida de Anthero. Ter-se-hia elevado ao nivel supremo de guia da nação em perigo !

A preciosa nota de VEx.ª sobre Lullo e Sanudo levaram-me a um estudo complementar das Origens do plano da India que creio de m.to alcance. Isto vem retardar os meus projectos sobre D. João 2° Por isso mesmo pedi ha pouco ao Dr. Basílio Leite de Vasconcellos p.ª publicar no Instituto uma interessante traducção de Monetarius que eu destinava ao meu livro de D. João. Entrevista com D. João 2° em Evora em 1494 de que lhe forneci photographias do Ms. em Latim. Se o Dr. Basílio acceitar a idea e se dirigir a VEx.ª sobre isto, fica entendido entre nós, que toda a despeza feita com a impressão já encetada, será lançada na minha conta.

A bronchite não me tem largado nem mesmo com todo o sol d'estas paragens. Tenho grande receio de que as forças já me não levam a concluir o trabalho sobre D. João.

Com os meus renovados agradecimentos pelo seu bello livro creia-me com a mais alta consideração

de VEx.ª
amigo admirador e muito grato
Joaquim Bensaude

33

Winter Palace – Nice Cimiez
Alpes Maritimes
18 Jan. 30

Meu Ex.mo e Prezado Amigo.

Venho pedir-lhe mil desculpas por me ter lançado com tanta ancia ao estudo das Origens do plano na Idade Media, que ainda não liquidei o que cá tenho p.ª o trabalho de Val. Fernandes. Espero que esta demora não tenha feito transtorno a VEx. Se o fez ou faz rogo o favor de me escrever duas linhas.

O estudo da thèse «au Moyen Age» é longo e difficil mas a abundancia de elementos é tanta que seria pezar não levar o caso até ao fim. Quiz fugir a este estudo pela urgencia que ha dos trabalhos sobre D. João, mas não foi possivel. Primeiro a explendida carta de VEx. e depois uma curta noticia sobre a minha Conferencia ao Geographical Journal de Londres, mostraram a necessidade de continuar.

Escrevi hoje ao Sr. Nazareth para assim que concluir a impressão do que lá tem, fazer brochar a Origine du plan e o resto. E m.to conveniente por isso já em circulação p.ª conhecer quaesquer objecções e ainda estar por cá p.ª as responder no trabalho entre mãos que levará mezes. Tres ou quatro amigos estrangeiros autorisados em historia dos descobrimentos, estão inteiramente do meu lado só pelo que viram na «Conferencia». Não convem parar a meio caminho tratando-se d'uma thèse que deita por terra todas as patranhas colombinas.

Em tempos pedi ao Dr. Trindade Coelho para diligenciar fazer pesquisas sobre estes assumptos no Vaticano aonde existem abundantissimas provas da these que eu defendo. Elle tomou o caso a peito – Fallou a Sua Santidade – entregou-lhe o meu folheto; deu isto em resultado a surpreza da benção enviada pelo Santo Padre ao judeu! que tem um culto enorme pela verdade historica.

Desde então tenho colhido tanta metralha que só ella daria um importante trabalho. Farei o mais rapido e mais conciso possivel. A certeza de me encontrar em terra firme e solida deu-me uma febre de trabalho e de actividade, e felizmente que o sol nos ajuda á minha doente e a mim.

Ainda que tarde não deixo de enviar a VExª e á sua Exª familia os meus votos mais sinceros para que o anno novo lhe traga muita saude, m.ta felicidade – e o conserve por muitos annos nas regiões aonde ainda existe um pouco de enthusiasmo pela vida.

de VEx.

Muito amigo, admirador e grato
Joaquim Bensaude

34

5 Square du Trocadero
Rue Schaeffer – Paris. 16.e
11 d'Abril. 1930

Meu Ex.mo e prezado Amigo.

Quiz fugir ao estudo do plano da India durante a Idade Media, pela falta de tempo e sobretudo pela falta de elementos que me facultassem uma vista geral d'um periodo agitadíssimo em que era necessario não me perder n'um labyrintho de minucias. Se insisti foi devido a VEx.a e tive a surpreza de por a mão no principal que me faltava.

O caso é do mais alto interesse e creio que o problema ficará assim radicalmente liquidado. O trabalho avançou em Nice, mas levará mezes antes de começar a impressão.

Convinha muito distribuir os 2 fasciculos entre mãos para provocar as criticas antes da impressão da 2ª parte (Idade Media). Eis o que me leva a escrever a VEx.a pedindo-lhe o grande obsequio de se não demorarem as provas das 9 paginas que faltam para a conclusão do trabalho entre mãos. Sei muito bem que dei grandes maçadas ao carinhoso amigo Sr. Candido Nazareth. A minha vida tormentosa, a falta de saude e sobretudo o perigo que via de não voltar ao estudo sobre D. João 2°, complicaram muitissimo o trabalho da impressão.

Voltei cedo de mais de Nice. Logo que cheguei a Paris fiquei prostrado e quasi inutilisado com a bronchite de que andei livre durante os mezes em Nice.

Conto com a generosidade de VEx.as para me desculparem o pedido d'esta carta e creia-me com a mais alta consideração de VEx.a

m.to amigo e admirador gratíssimo
Joaquim Bensaude

35

Nice 6 de fevereiro 1931

Meu Ex.mo e prezado amigo.

Haverá uns 30 anos visitei Coimbra com os meus filhos; fiz-lhes ahi uma lição de historia patria contando-lhes o que sabia d'esses lendarios conventos, as reliquias, as perolas do grande Portugal. Gravou-se-me então na alma o que nos resta de mais belo dos grandes tempos, a «Coimbra amada» de Alberto d'Oliveira. Muitos anos depois sonhei que devia vir de Coimbra a vaga generosa da reconstituição das glorias nacionaes tão esquecidas e mal tratadas nos nossos dias.

Vivemos n'uma epoca calamitosa. A obra demolidora de Humboldt enraizou-se em Portugal; domina entre nos a ancia inconsciente e febril de deitar abaixo. A faina destruidora na historia dos descobrimentos (o reflexo do que nos vinha do estrangeiro), tomou em Portugal um aspecto muito grave. Arrasa-se o saber dos nossos navegadores, despretigiam-se [sic] as mais belas figuras nacionaes, atacam-se no estrangeiro os nossos melhores defensores, propagam-se ainda hoje absurdos que amanhã são repetidos por esse mundo fóra. Tal tem sido a onda de incuria sobre esta materia, e o desastre continua. Ha pouco um zeleso [sic] oficial da armada pediu o meu conselho como pôr cobro a este triste estado de cousas: Temos um estado maior naval, temos os Ministerios da marinha, das colonias, da guerra para defender os nossos territorios, mas não temos quem defenda em nossa casa, o que ella tem de mais belo e de mais sagrado: a sua maravilhosa historia maritima. De todos os episodios tristes que testemunham a nossa inconsciencia, citarei um que me impressionou profundamente; foi o que ocorreu com o pobre Rodolfo Guimaraes que recebeu os notaveis trabalhos do nosso primeiro defensor Ravenstein literalmente á pedrada. Estas cousas que entre nós passam desapercebidas, são por cá muito bem notádas e julgadas. Aqui tem V.ª Ex.ª o que me preocupa muito mais do que isso que o Sr. Reparaz já escreveu, ou escreverá ainda sobre a minha pessoa. Aprendeu a trabalhar, mas precisa aprender ainda a dominar os seus fogosos impulsos para manter a austeridade, a modestia e o bom senso. Faz uso de processos incorrectos, por isso não me interessa a sua critica.

Se eu dei pezo ao incidente Reparaz não foi por elle afirmar que eu ignorava Mees e Kayserling, ambos citados na Astronomie Nautique (p. 42, 63, 99 e 107). Com Kayserling já eu correspondia antes do Snr. Reparaz ter nascido. Sinto que em 1912 ainda não existisse o seu estudo dando a mestre Jacome o seu verdadeiro nome, mas contento-me com o que escreveu sobre esta materia a Academia de Madrid na critica aos meus trabalhos, (ver Reimpression des critiques étrangères p. 40).

O que muito senti foi encontrar os excessos do Sr. Reparaz em uma revista oficial da Universidade de Coimbra e nada mais.

Ambicionava ver a Universidade no seu posto d'honra a pugnar pela continuação dos estudos a que o saudoso Dr. Luciano déra tanto brilho. Tinhamos ambos tacitamente tomado a nosso cargo cada qual a sua tarefa; elle a nossa causa em Portugal; eu a defeza das glorias patrias no estrangeiro. Morreu Luciano, as minhas vistas voltaram-se para Portugal.

Fartas vezes preguntei a mim mesmo qual a causa das minhas loucas correrias para defender as glorias nacionaes. Uma frase do Marechal Foch citada por M. Poincaré em um discurso que tem por titulo «L'héritage National» (Le Temps de 18 d'agosto 1930) veio explicar-me a origem da doença patriotica que me empolgou.

«Les peuples ne cessent de vivre que lorsqu'ils cessent de se souvenir».

Estas palavras encerram o diagnostico d'um mal nacional que me aflige já vae em mais de 30 anos.

Fui procurado aqui em Nice por um jovem portuguez Dr. F. Leite Pinto que trabalha no observatorio de Meudon por conta do nosso governo há cerca de 1 1/2 anos.

Veio consultar-me sobre as conferencias relativas a sciencia nautica e descobrimentos que vae agora começar na Sorbonne e para que foi oficialmente nomeado. Deu-me muito prazer esta surpresa que anda ligada ao curso de portuguez do professor Le Gentil.

Devolvo com os meus melhores agradecimentos a carta do Sr. Reparaz que V.ª Ex.ª tão obsequiosamente me enviou. Em poucos dias espero expedir-lhe pelo correio 30 exemplares das duas cartas ao Dr. Duarte Leite: uma que V.ª Ex.ª conhece e outra complementar. Agradeço-lhe profundamente a projectada publicação do artigo do Dr. Duarte Leite reunido á minha resposta. Enviei-lhe ha dias um folheto do Dr. Felix Pacheco do Rio de Janeiro que evidenceia o carinho com que a nossa causa é examinada no Brasil.

de V.ª Ex.ª
amigo admirador e muito grato
Joaquim Bensaude

Winter Palace
Nice-Cimiez
[até ao mez de Maio)

APÊNDICE

(Carta de Gonçalo Reparaz Junior para Joaquim de Carvalho)

Barcelona, 16 – XI – 1930

Meu Exmo. amigo:

Muito obrigado pela sua amavel carta de 9 do corrente.

Supponho que terá recebido o volume II da Geographia de Segui, que lhe fiz enviar. Note que não ponho *nunca* em circulação os meus trabalhos de Segui no mundo erudito, e que só lhe mandei fazer a remessa porque sei que isso lhe seria agradavel. Note tambem, que em absoluto não sou responsavel pelas gravuras nem do que ao pé d'ellas se diz, posto que eu para nada intervenho n'isto. E não me atribua portanto as asneiras que verá nas de Portugal!...

Lamento o que me diz a respeito do caso Bensaude. Ignorava os favores que, por intermedio do meu Ex.mo amigo, lhe deve a Universidade de Coimbra. N'este caso teria bastado uma indicação da direcção da «Biblos» para eu amortiguar a vivacidade da minha linguagem nas referencias a elle, comprehendendo as razões que a isso impulsavam a Faculdade. *Mas ninguem me disse nada.*

Sei que me posso enganar, como toda a gente – embora faça sempre o possivel porque isso não aconteça. Gosto tambem do «fair play» E por tal motivo não tenho razão nenhuma nem falso orgulho que me impeça rectificar quando o caso se apresenta. Assim, não tenho inconveniente nenhum em rectificar, reconhecendo que o Bensaude conhecia o estudo de Kayserling. E até, por signal, poderia o meu Ex.mo amigo emprestar-me um exemplar da «Astronomie nautique au Portugal»? Eu devolver-lh'o-hia logo. O que eu consultei era da Biblioteca Nacional de Paris, e aqui não poso dispôr d'elle. Convir-me-hia tel-o presente para eu redigir a nota que me pede.

Não poderei enviar-lh'a até ao mez que vem. Estou com diversos trabalhos urgentes entre mãos – entre elles a traducção d'uma longa geographia de Portugal do Silva Telles para os Manuaes «Labor» e uma geographia de Hespanha em italiano para uma casa de Milão. Creia que não tenho nem um instante livre.

Peço-lhe para me darem uma separata d'essas breves linhas. Aproveitarei a remessa d'alguma nova obra ás pessoas que receberam a separata do meu artigo sobre «Mestre Jacome» para enviar a rectificação a esse ponto do artigo.

Isto assente, e dando plena satisfacção ao meu amigo n'este ponto - e com prazer, visto ser de justiça - vamos a outra coisa.

Fica em pé que no texto do Bensaude, por mim citado, este senhor, estudando precisamente a astronomia nautica em Portugal, examina uma das figuras essenciaes d'ella – o fundador da cartographia portugueza e o que ensinou a construir os instrumentos, segundo sabemos e segundo affirma D. Pacheco – identifica-o com um cartographo catalão Cresques, como anteriormente o fez Llabrés, e embora quando escreve o seu livro já existirem numerosos documentos *publicados* a respeito dos *dois Cresques*, ignora esses documentos, confunde constantemente o pae, Abrahão, com o filho, Jafuda, e, assim, não chega a individualizar correctamente a pessoa a quem elle mesmo chama de «éminent collaborateur de l'Infant»!...

Eu lamento ter de dizer isto tudo ao meu Exmo. amigo: 1° – porque aprecio a importancia da obra do Snr. Bensaude, preciosa para a historia da nautica portugueza, e digna do maior elogio; 2° – porque elle é um amigo seu, e por esta razão desagrada-me ir critical-o perante o meu amigo... mas também o meu amigo, com a sua imparcialidade habitual, deverá reconhecer que não devo deixar subsistir no seu animo a ideia de que eu não sabia o que dizia quando escrevi aquillo tudo...

Continuo.

Fica em pé integralmente a mais grave objecção que faço ao Snr. Bensaude, e que está contida n'estas palavras (p. 21 da separata): «A mais grave [das confusões] é o facto do Sr. Bensaude acreditar que só existiu *um* cartographo chamado Cresques, como repetidamente diz! Isto tudo por se ter baseado exclusivamente em fontes já antiquadas: Llabrés y Duro».

Creio sinceramente que o Snr. Bensaude, dedicando um estudo á astronomia nautica em Portugal, e n'esse estudo varias paginas a um dos vultos essenciaes d'essa astronomia nautica, a um «eminente collaborador do Infante», tinha a imprescindivel obrigação de se informar devidamente, de conhecer as fontes essenciaes do problema...

E aqui chego ao grande defeito dos trabalhos do Snr. Bensaude. Quando o Snr. Bensaude sahe da publicação de textos - utilissima e preciosa aportação que elle trouxe á historia das navegações dos portugueses – demonstra, infelizmente, pretendendo fazer trabalhos de synthese, que *tem um conhecimento muito escasso da bibliographia do assumpto que tracta.*

É o caso do Mestre Jacome - e dada a importancia do vulto e a sua intima relação com a essencia mesma do livro que escrevia, as linhas que escrevesse sobre elle deviam estar devidamente documentadas. Permita-me o meu Ex.mo amigo eu não concordar com que «simplesmente «Jacome de Malhorca» era um ponto incidental no seu trabalho, e que ele não tracta com animo de resolver». Ninguem o obrigava a novas investigações, mas tinha o dever de conhecer o que já havia annos estava publicado em obra tão importante e conhecida como a de Rubió i Lluch. Também «Mestre Jacome» não pode ser um ponto incidental n'um estudo de synthese sobre a náutica portugueza!

Finalmente, demonstra-se esse desconhecimento da bibliographia da materia que tracta nos dois trabalhos que o meu Ex.mo amigo teve a bondade de me dar. Desculpe-me que lhe diga que me produziram um effeito não muito favoravel. Em resumo, n'elles pretende demonstrar que foi o espirito de Cruzada, de guerra contra o mussulmano, que principalmente impulsou os portuguezes. É claro que fazendo bailar os documentos como a gente quizer, e estudando só um ponto de vista do problema, a gente pode demonstrar quanto entender... apparentemente. Mas o Snr. Bensaude desconhece a bibliographia das obras que estudaram o espirito da reconquista (limito-me a este ponto, porque se tivesse que fallar nos outros, nunca mais acabaria). Ignora por exemplo os estudos do meu pae nas «Paginas Turbias de Historia de España que ahora se ponen en claro» (1927), como ignora «Der Kreuzzugsgedanke in Portugal», de C. Erdmann, na «Historische Zeitschrift» (1929), que o meu Ex.mo amigo achará citados na minha «Catalunya a les Mars», nas notas das p. 137 e 199.

Ignora, por tanto, estes e outros trabalhos, cujo conhecimento previo é essencial para o seu estudo, em que da uma interpretação completamente phantastica das luctas peninsulares e das suas consequencias mundiaes!!

E agora quero explicar ao meu Ex.mo amigo a razão porque não cumpri o seu pedido de escrever ao Snr. Bensaude a respeito das «Lacunes» e do «Plan des Indes». Estive a luctar entre o desejo de dar satisfacção ao pedido do meu amigo e a difficuldade de dizer ao Snr.

Bensaude uma phrase amavel e favoravel a respeito d'estes trabalhos – dos quaes, se um dia me occupo, será com certeza em forma totalmente contraria a elles. E assim foi passando o tempo... Mas o meu amigo não duvide que o meu desejo teria sido dar satisfacção ao seu pedido.

Acabo, finalmente, esta carta compridissima, mas precisa, tractando-se do meu Exmo amigo, em quem por forma nenhuma desejo que fique a impressão que eu escrevi o meu artigo da «Biblos» sem saber o que dizia.

O Snr. Alós está gravemente doente do coração. Após um mez entre 20 e 30 pulsações, chegou n'estes dias, como um grande progresso, a 32. A sua saude, infelizemente foi decahindo n'estes ultimos mezes.

O Prof. Xirau vive. Mas eu não o conheço pessoalmente.

Tem a bondade de me indicar o endereço actual do Sr. Prezado? Desejava enviar-lhe um exemplar de «Catalunya a les Mars».

No mez que vem o meu Exmo. amigo receberá um meu livro sobre a epoca dos descobrimentos.

Na proxima primavera installar-me-hei em Lisboa, após o meu casamento. Lá terei sem duvida o prazer de o ver.

Não deixarei de dar as suas lembranças ao Bohigas, a quem vejo frequentemente na Biblioteca de Catalunya.

No proximo »Bulletin Hispanique» occupo-me da «Historia de Portugal» do Sr. Sergio. Se decidir fazer uma separata, não deixarei de enviar-lh'a.

Se o meu Ex.mo amigo, apesar dos seus muitos afazeres, tiver vagar para ler o meu livrito sobre as navegações dos catalães, gostaria imenso de conhecer a sua opinião.

Bem sabe com quanto prazer terei notícias suas. Embora já decidicamente não vá para Coimbra, espero vel-o em lisboa.

Ando a redigir a minha these, que tenciono apresentar ao Gallois no verão proximo.

Desculpe a massada kilometrica, e creia-me seu sempre devoto amigo e admirador sincero.

G. de Reparaz Jr.

(Página deixada propositadamente em branco)

2. Cartas de Duarte Leite

(Página deixada propositadamente em branco)

I

Lousada, 6 de Novembro de 1933

Ex.mo sr. dr. Joaquim de Carvalho,
mestre de minha grande consideração

Muito grato estou a VEx.ª pela oferta dos dois trabalhos seus, que desejava conhecer, e bem assim pelo empréstimo espontâneo de um [?] volume de Prestage.

Com vagar percorrerei, e depois devolverei a VEx.ª, a obra deste lusófilo inglês, que a um rapido exame me parece um compendio historico up to date dos nossos descobrimentos, sem pretensois a novidade, nem geralmente de juizos criticos das fontes.

As Excerpta bibliographica e A erudição de G. E. de Zurara não iludiram a minha expectativa, para empregar a frase batida. Naquela, entre outras curiosidades, li a oração de Vasco de Lucena, que já me assinalara Nordenskcöld. O tratado de Zacuto, editado por VEx.ª em folheto, já mo emprestara Brito Camacho no ano passado. Não adiantei ao quasi nada que sabia do Secreto de los Secretos d'astrologia, assacado a D. Henrique, a não ser que talvez existisse desta obra desconhecida segundo exemplar.

No segundo trabalho declara V Ex.ª que Zurara quasi nunca teve conhecimento directo dos escritores a que se reporta. Inteiramente de acordo. Quando ha dois anos começei a estudar a crónica da Guiné, logo me veio a suspeita de que muitas das suas citações são de segunda ou terceira mão. Depois convenci-me de que o visconde de Santarém, deslumbrado pela longa série de autores mencionados na crónica, se enganou completamente quando atribui ao cronista vasta erudição geográfica, assim como se enganou por vezes na identificação de tais autores.

Por exemplo, apurei (em Paris) que mestre Pedro, três vezes citado por Zurara (uma vez na crónica de Ceuta), não é o cardial Pedro d'Ailly mas magister Petrus comestor de Troyes, assim como mestre Gondofre, autor do Panteam, não é o Gondolfo da Anglia Saera, mas magister Gollopidius viterbiensis. Josefo Rabano, que Santarem supõe ser Flavio Josefo, desdobra-se, por meio duma virgula ausente, no judeu e em Rábano Mauro.

Tambem verifiquei que o cronista desconheceu Plínio. Ele descreve, no cap. LXI da crónica, o curso do Nilo segundo este romano, mas não foi beber na Historia naturalis que em varios pontos se afasta do texto português. É a única vez que nas suas quatro obras cita Plínio e como este autor não é citado no Leal conselheiro ou na Virtuosa benfeitoria, concluí que a Hist. nat. não figurava na livraria régia, como não figurava em qualquer das livrarias portuguesas conhecidas ao tempo, excepto na do condestável D. Pedro, que a adquiriu na bem mais culta Espanha.

Zurara ignorava a Cosmographia de Ptolomeu, e creio que também o Almagesto, no que divirjo de VEx.ª. Seus conhecimentos de astronomia foram provavelmente colhidos num livro medieval de astrologia judiciaria, talvez o Dr. João Gil. No capítulo LXI apontado não fala sequer da teoria ptolomaica das nascentes e curso do Nilo, que suplantara na cartografia medieval a de Plínio, para dar logar por seu turno á dos árabes, com o braço ocidental que corria transversalmente para o Atlantico. Esta foi a adoptada pelo Infante, e no século XVI sustentavam-na ainda os portugueses (v. g. Duarte Pacheco); e todavia Zurara passa-a em claro, e limita-se noutro capítulo a dizer que o Çanaga é o Nilo.

Esta circunstância indica que o cap. LXI é tirado duma obra medieval. Durante algum tempo a procurei em calhamaços veneraveis, mas ha vinte dias uma indicação casual de José

de Bragança me pôs na verdadeira pista. Na General estoria de Afonso o sabio, que na Bibl. Nac. de Lisboa consultei na edição de Solalinden (1930), fui encontrar todo o cap. XI e o imediato, onde Zurara parece desentranhar-se em considerações astrologicas da sua lavra. Lá estão todas, bem como os dados sobre a ilha Meroe, o monte Malante, o Nullidom (por Nilidem, de Plinio), as cocadrizes (os portugueses sempre lhes chamaram lagartos), a catadupya e seus efeitos sobre as mulheres prenhes. É um belo plágio, a acrescentar aos do cap. I, tecido com trechos do livro V da Virtuosa bemfeitoria, sem falar dos outros.

Até a materia de algumas notas da crónica está na General Historia! Santarém hesitava em atribuí-las a Zurara, á vista dos disparates, e eu até o negava, dado o seu fraseado, diferente do do texto, e a circunstancia de não ser usado pelos autores da época este sistema de esclarecer. Agora fico perplexo. Parece que a cronica teve um comentador que se inspirou na mesma autoridade.

A erudição geografica de Zurara é de parceria. Quanto á restante, aguardo o termo do estudo de VEx.ª, esperançado em que se não fará desejar por muito tempo.

Da Hist. de Port. de Barcelos só comprei 5 fasciculos, que contém capitulos de Jaime Cortezão, David Lopes e o de VEx.ª sobre Cultura filosofica e cientifica. Estou em negociações para adquirir, por preço inferior ao da capa, o resto da obra. Lerei então o cap. de VEx.ª sobre a influencia do Infante sobre a Universidade de que era governador e protector. Não duvido de que ele a melhorasse em qualquer sentido, menos no que respeita ás tres artes liberais dependentes da matematica. Neste particular o estudo geral ficou muitos furos abaixo dos estabelecimentos congéneres da Espanha, França, Italia, Inglaterra e Alemanha. Não pode haver testemunho mais claro do pouco em que o suposto principe cosmógrafo tinha a astronomia e até a aritmética e a geometria, sem fundamentos. É necessaria uma revisão integral de tudo quanto se tem escrito nos últimos anos sobre este grande vulto.

Desta tarefa me tenho esforçado por desempenhar, mas dilettante que sou, esperam-me embaraços que não sei se saberei vencer. A verdadeira erudição é lenta de adquirir, e eu estou já muito velho, de corpo e de espirito, o que é pior.

Aguardo as glosas[?] de VEx.ª aos Descobridores do Brasil, certo de que me aproveitarão. É muito justa a observação de VEx.ª a respeito da provavel influencia da França na nossa ciencia náutica, mas creio que ela só foi directa no século XVI. É ponto a estudar.

Desculpe-me VEx.ª esta maçada que prometo não repetir.

De VEx.ª
admirador grato
Duarte Leite

2

Casa de Vilapouca, Meinêdo, Lousada, 21-2-34

Ex.mo Sr. dr. Joaquim de Carvalho

Coincide com o meu o desejo manifestado por VEx.ª de conhecer o livro de Alvaro Tomas, mas não supunha que já o houvesse em Portugal, e só espero vê-lo nalguma visita eventual a Madrid ou Paris. Agora que, graças á diligencia de VEx.ª, a Bibl. Nac. de Lisboa possui um exemplar, não me esquecerei de o consultar, dentro de 2 ou 3 mêses, e de caminho remexerei nos manuscritos de D. Francisco de Melo, que também escreveu sobre mecanica, se é que eles se conservam na Bibl. da Ajuda.

Disponha VEx.ª de quem se subscreve

adm.or obrg.
Duarte Leite

3

Lousada. 16 de outubro de 1934

Exmo Sñr. dr. Joaquim de Carvalho.

A sua carta naturalmente chegou atrazada por mau endereço visto como resido em Lousada, linha do Douro, e não em Lousado, linha de Guimarães. Foi o que sucedeu ás outras.

Concordo inteiramente com o plano que V.Exa. propõe no rascunha [sic] de carta ao marquês de Faria. Quanto á escolha da pessoa endinheirada cujo auxilio se pede para lançar a obra projectada, nenhuma objecção levanto. Só sei que o marquês é ou passa passa [sic] por ser um patéta muito vaidoso; e que se o lisongeasse dar o primeiro impulso á Hist. da cult. port., era negócio arrumado. Se o fôr, cuido dificil que sáia no próximo janeiro o primeiro fasciculo, a hão ser que V.Exa. se tenha abstido completamente de descansar nas suas férias. Antes de novembro não tem V. Exa. a resposta do marquês, que não se apressará a pôr á sua disposição as quantias necessárias. Esperemos que tudo corra da melhor maneira.

Não respondi ainda á sua penultima carta de 1 de setembro por preguiça em parte, e em parte porque me tem distraido visitas que fiz ou recebi, coisas do verão.

Ainda não fui á Universidade do Porto pelo volume de Duhem. Tampouco me decidi a assistir ao Congresso de hist. das ciên., no qual me escusei de participar, junto do prof. Fer. de Vasconcelos. Tinha interesse em conhecer a comunicação de Millás Vallicrosa sobre os almanaques portuguêses, de que me revelara a existência o prefácio de Rico y Sinobas aos «Libros del saber», ha bons 35 anos. As considerações de Jaime Cortesão não me satisfazem. Pode V.Exa. emprestar-me o livro de Vallicrosa «Ensaio de hist. das ideas fis. e mat. na Catalunha medieval»?

Quando julgar oportuno, encontrar-nos-emos em Coimbra ou. aquí, onde tem uma casa á sua disposição. Cumprimentos cordiais

Duarte Leite

4

Meinêdo - Lousada, 2 de julho de 1941

Exmo. Sñr. dr. Joaquim de Carvalho,
de minha alta consideração

Muito me lisonjeia o juízo, que a V. Exa. merece o meu opúsculo, e em especial a parte em que refuto a teoria dos descobrimentos portugueses, recentemente apresentada por Jaime Cortesão. Lembrou-me fazê-lo, porque este historiador adquiriu autoridade, e a sua fantastica teoria arriscava-se a ser aceita pela maioria dos leitores, como por falta de critica tem sido aceitas várias afirmações suas destituidas de fundamento.

Nem eu, nem de certo Cortesão lemos o De mundo, falsamente atribuido a Aristoteles, nem o De coelo, livro autêntico do estagirita, nem o De coelo et mundo, que a V. Exa. parece não ter existido. Cortesão persuadiu-se de que o infante D. Henrique conheceu o primeiro destes escritos, e o confirma com que Zurara o cita (no último capítulo da Crónica da Guiné). Mas o que o cronista realmente cita, copiando do Trauctado da uirtuosa benfeyturia. é o livro do filósofo grego, «em que fallou do ceeo e do mundo»; donde inferi que o historiador supôe identicos os dois livros. Se o autor do Trauctado menciona o De coelo et mundo, supus que ao tempo circulou um arranjo dos dois De coelo e De mundo, coisa não de surpreender, dada a liberdade com que na idade média se alteravam livros de autores famosos, ou se forjavam: e nesta suposição declarei improvavel que o Infante conhecesse o livro citado pelo cronista. Tenho desculpa, se errei. Agradeço a transcrição do trecho do De mundo, onde se lê o conceito pseudo-aristotélico mencionado por Cortesão.

Do mesmo modo fico grato a V. Exa .pela prova do 1º volume das Obras de Pedro Nunes, onde se transcrevem passos deste matemático e de D. João de Castro, o segundo dos quais já lêra no Tratado da sphaera, editado por Fontoura da Costa. Estou á disposição de V.Exa. para tudo aquilo, em que presuma lhe posso ser util. Estou a imprimir em Lisboa um livro intitulado Àcêrca da Cronica dos feitos de Guinee», uma análise da obra de Zurara em que tento decifrar alguns enigmas da sua composição, e demonstrar que o autor, longe de escrupuloso, mostra um estranho descaso na averiguação das coisas narradas. Creio que a impressão estará termihada em setembro.

Com os melhores votos me assino de V. Exa.

atento servidor obrigado
Duarte Leite

5

Meinêdo, 3 de agosto de 1941

Exmo sñr. dr. Joaquim de Carvalho

Tendo de citar o trabalho de V.Exa. Excerpta bibliographica ex Bibliotecha Columbina, agradeceria a V. Exa. me indicasse o ano da publicação do volume do Arquivo de história e bibliografia em que saiu.

Atentos cumprimentos

Duarte Leite

6

Meinêdo, 29 de novembro de 1941

Exmo. Sñr. dr. Joaquim de Carvalho.

da minha grande consideração

Muito reconhecido estou a V. Exa. por me abrir a Revista da Universidade a qualquer resposta que mereça a crítica do dr. Álvaro Pimpão ao meu recente livro: mas como não sei se ele a publicou avulso ou numa revista, peço a V.Exa me informe.

Aguardo o juizo de V. Exa. sôbre esse livro, como duma das pessoas mais competentes para o pronunciar com saber e rectidão.

Os meus atentos cumprimentos

Duarte Leite

7

Lousada, Meinêdo - 5 de Abril de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

No ano passado me ofereceu V. Exa. as colunas da Revista da Universidade de Coimbra para uma resposta às reflexões criticas, que ùltimamente publicara o colega de V. Exa dr. Alvaro Pimpão ao meu recente livro sôbre a crónica da Guiné. Sinifiquei a V. Exa. quanto me penhorava a amável oferta, mas como ao tempo desconhecia as referidas reflexões, preguntei-lhe onde tinham sido publicadas. Não tardou a resposta indirecta, pois o dito professor ma mandou um folhêto onde dizia da sua justiça, gesto a que correspondi com um exemplar do meu livro e a promessa de escrever em sua defêsa.

Agora acabei de o fazer, não sem sucessivos adiamentos, e junto remeto a V. Exa. o meu escrito, desconfiado de que não seja adequado à gravidade da revista a que é destinado por causa do seu tom irónico, a que me convidou a injustificada presunção do ilustre professor. Mas se for julgado um tanto impróprio dela o que rogo a V. Exa. me diga com franqueza, penso em fazê-lo sair na revista Biblos, onde pontificou o critico e portanto me será certamente facultada responder-lhe.

Caso V. Exa, se decida a acolher-me na Revista da Universidade, era favor mandar-me à revisão sòmente as segundas provas. para poupar tempo, visto como o original dactilografado é bem legivel.

Queira V. Exa. aceitar os atentos cumprimentos de quem se assina.

seu grato admirador

Duarte Leite

8

Meinêdo -14 de abril de 1942

Ex.mo Snr. Dr. Joaquim de Caravalho

Muito grato pelas notícias da última carta de V. Exa. informo que nenhuma dúvida tenho em alterar o título do futuro artigo meu na Revista da Universidade. Dei-lhe feição pessoal, ùnicamente porque também a tinha o do escrito a que respondo: e posso substituí-lo por este, por exemplo:

Um crítico da crónica da Guiné, ou por outro mais adequado.

Aguardo as provas do De crepusculis com interesse não só pelo texto em português mas pelas anotações que a V. Exa. e ao dr. Manuel Peres sugeriu esta obra capital de Pedro Nunes, da qual possuo um exemplar da edição de 1542. E a propósito noto que Pedro Nunes, no prefácio dirigido a D. João III, faz o elogio do saber astronómico do infante D. Henrique, irmão do rei e depois cardeal, e Edgardo Prestage, a pag. 326 de The portuguese pioneers (que V. Exa. me emprestou), converte este infante no outro anterior, Henry the Navigator. Isto pelo menos é o que encontro nos meus apontamentos, mas pode ser que me enganasse eu, e não o circumspecto escritor inglês.

Oxalá tivesse feliz Pascoa. Meus cumprimentos sinceros

Duarte Leite

9

Casa de Vilapouca, Meinêdo - 1 de maio de 1942

Ex.mo Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Devolvo a V. Exa., em separado, as segundas provas do meu artigo, assás emendadas, e rogo-lhe me sejam enviadas provas finais de todo o artigo.

Igualmente vão em separado as provas da tradução do De crepusculis, e com esta os reparos que ela me suscitou. Na carta com que ma mandou, pedia-me V. Exa. que a censurasse implacavelmente, e assim fiz, descendo até a minúcias de pontuação; mas não pretendo ter sempre acertado, e nada objectarei á conservação da maioria das palavras ou frases censuradas. Caindo na trivialidade, direi que cada um tem sua maneira de matar pulgas.

Não tardarei a responder completamente ás questões formuladas por Manuel Peres, e já o fiz a algumas no decurso dos meus reparos á tradução.

Disponha V. Exa do meu préstimo, e aceite meus cumprimentos.

Duarte Leite

A tradução, cingida ao original, é perfeita, mas por vezes é inutilmente literal. Apontei a tinta um ou outro deslise tipográfico; e marquei a vermelho algumas palavras redundantes, bem como certas virgulas superabundantes, ou que convem trocar por outros sinais de pontução.

As referências a Teodósio e Euclides são feitas de tres maneiras na tradução: indicando a proposição e o livro com interposição duma virgula, ou das palavras do livro, ou simplesmente de do (aliás exigido pelos genitivos do latim original); mas por uniformidade é preferivel adoptar a segunda forma nas primeiras referências aos geómetras gregos, e a primeira nas restantes.

Seguem-se as observações à tradução.

A pag. 147,
no original o título é como segue
PETRI NONII,
Salaciensis, de Crepuscu l is liber
unus, nus recês & natus et editus.
ITEM Allacen Arabis
266 uetustissimi, de causis Crepuscu
lorum Liber unus, a Gerardo
Cremonensi iam olim Latinita
te donatus, nunc uero omniu pri
mum in lucem editus;

ora na tradução foram omitidas as palavras nunc recens et natus et editus, e as finais nunc uero omnium primum in lucem editus, alteradas em agora de novo revisto pelo mesmo Pedro Nunes. Sugiro que a omissão seja suprida com ha pouco escrito e agora editado, ou, coisa semelhante, e que o final seja, mais exactamente, ora pela primeira vez dado á luz. ITEM está na tradução por Livro mas não no original, onde se lê adiante Liber unus: tradu-lo-ia por OUTROSSIM, de sorte que o ITEM seria substituído por OUTROSSIM (ou ITEM), o livro. Como

está, é estranha a concordância do adverbio latino ITEM com os verbos portuguêses tirado e revisto.

A pag. 150,

linha 19ª. Está no nosso tempo por nostra aetate, mas deveria estar na nossa era ou no nosso computo.

Linha 22ª está sôbre o zénite, quando melhor estaria no zénite, pois este ponto marca-se na esfera do Sol.

A pag. 151,

linha 30, suponho mais conforme com o original se poupam ao em vez de consideram inutil conceito diferente.

A pag. 155.

linha 5, qual e o sujeito de tem de haver ? O verbo ter não se usa como impessoal (a não ser na linguagem comum do Brasil), de sorte que aquela expressão convém trocar por haverá.

linha 8, depois de Além disto é escusado pôr ainda, e também é inutil a palavra crepúsculo.

Linha 9, é de suprimir a palavra respectivamente, sem correspondente no original e que nada acrescenta de novo.

Linha 21, parece-me melhor este tempo em vez de o decurso deste tempo.

Linha 30, acho melhor que começa preceda do que siga antes do nascimento.

A pag. 156.

linha 6. Nada se perde substituindo no a num só e.

linha 13, não vejo por que motivo *antemeridianas* esta privada de hífen, e o ostente *pós-meridianas*, sendo preferivel *post-meridianas*, já que quasi sempre se ouve o *t*.

linhas 18 a 24, proponho a seguinte tradução do Apêndice II:

Do que precede ainda se conclue que, quando o sol está em dois pontos da eclíptica equidistantes dos (pontos) solsticiais, ocorrem crepúsculos iguais: porquanto nestes dias os arcos semi-diurno e semi-nocturno de um são iguais ao do outro, e como a alturas iguais acima do horizonte correspondem intervalos de tempo iguais, os crepúsculos são de necessidade iguais. Noto que o autor deveria dizer abaixo e não acima do horizonte, pois só no primeiro caso há crepúsculos. Traduzi punctorum tropicarum por dos pontos solsticiais, respondendo assim indirectamente á 6ª questão proposta por Manuel Peres.

linha última, o periodo nela iniciado melhora transpondo para intersecções e do as palavras com o meridiano ebdc, que se encontram duas linhas adiante. Observo que o autor, ao formular os dados do problema, se esqueceu de dizer que o meridiano ebde é o do observador, de sorte que o horizonte obliquo (pag. 158, linhas 9 e 10) é perpendicular a esse meridiano, como diz mais adiante (mesma pag, linhas 20 e 21).

A pag. 157,

na figura falta a linha bac, presente no original, que serve para mostrar que os pontos b e c são diametralmente opostos, como consta do texto: e em compensação aparece a linha KN, ausente da figura original, posto que o autor mande unir K a N, na linha 8 de pag. 159.

A pag. 158,

na linha 3, entendo substituir que os subtendem por que lhes são opostos, respondendo assim indirectamente á 2ª questão proposta por Manuel Peres.

nas linhas 29 e 30, suprima-se pela e e comum sentença, e ponha-se, como se deduz da adiante de iguais, respondendo assim indirectamente á 5 questão proposta por Manuel Peres.

na linha 34, há duplo emprego em segue-se e por comum sentença, de modo que o texto nada perde com a supressão desta expressão; mas ela pode substituir-se por claramente ou palavra análoga.

nas linhas 35 e outras a seguir, conformo-me com semi-diurno e semi-nocturno, sem arco, como aliás está no texto original.

A pag. 159,

linha 12, a tradução correcta seria, e por comum sentença os diurnos também serão iguais um ao outro, mas para evitar a comum sentença, pode dar-se ao período a seguinte forma donde se tira que os diurnos também o serão.

na linha 38, suprima-se comum sentença, substitua-se na linha 36, logo por e, e ponha-se logo se deduz adiante de iguais

A pag. 160,

Na linha 12, evita-se comum sentença dando ao período esta forma logo a proposição 34, I (de Euclides) traz consigo que as rectas yF, Tc, serão iguais.

na linha 26, outra comum sentença se elimina, substituindo na linha anterior entre si pela por, como resultante da.

na linha 34, suprima-se comum sentença, e ponha-se na linha anterior, como sai em vez de pela.

na linha 41, acho bem ocultação, termo empregado na linha 21 de pag. 159, mas deverá substituir-se de igual altura por ascensão, de acordo com a linha 26 da mesma pagina.

10

Meinêdo, 20 de maio de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Muito agradeço a V. Exa. a oferta dos tres folhetos, contendo escritos seus, a cuja leitura me vou desde já entregar, com certeza antecipada de aproveitamento.

Como em V. Exa. o interesse de bibliófilo incidiu sôbre as Collecta astronomica do Padre Borro, ofereço-lhe um exemplar deste livro, que possuo além do encadernado ao mais precioso De crepusculis de Pedro Nunes. Destinava ha muito este exemplar á biblioteca da Universidade do Porto, para completar o seu grupo das obras do sábio português, mas por preguiça conservei-o em meu poder; e felizmente, porque agora o tenho tido a mão para a revisão de que V. Exa, houve por bem incumbir-me.

No resto do Mss, que serviu a Fontoura da Costa na reimpressão da Arte de navegar do Padre Borro, ou Bruno está uma gravura reproduzida a pag. XI da reimpressão, que também aparece no exemplar das Collecta adjunto a De crepusculis, com a diferença porém de que lhe falta em baixo a inscrição Arte de navegar (aliás acrescentada a mão), substituida por um tracejado e um desenho central sem sinificação. Como sou ignorante em heraldica, deixam-me em branco as armas figuraďas na gravura. No exemplar das Colecta, que envio a V. Exa. por este correio, não ha tal gravura.

Atentos cumprimentos do
Seu grato admirador
Duarte Leite

11

Meinêdo, 22 de Maio de 1942

Exmo Sñr Dr. Joaquim de Carvalho

Recebi e agradeço as 50 separatas do artigo em que respondi ao Dr. Pimpão.

Como ele pôs à venda o seu folheto, farei o mesmo ao meu, e assim mandei uns exemplares dela a livreiros de Lisboa. Queria também encarregar algum de Coimbra de vender o folheto, mas nem sequer conheço os nomes dos livreiros dessa cidade: e por isso ouso pedir a VEx.ª o favor de mandar entregar os exemplares, que remeto registados por este correio, ao livreiro com quem tenha maior comercio. Desculpe-me Da incumbência, mas a verdade é que não conheço ninguém em Coimbra: aí passei cinco anos, de 1880 a 1885, mas já lá vão mais de 50 anos, e gradualmente foram desaparecendo as pessoas com quem tratei quando estudante.

Quanto ao preço do folheto, necessàriamente modesto, deixo-o à descrição de quem o vender, ou tentar vendê-lo, porque não será fácil.

Com antecipado agradecimento pelo incomodo, e bons votos, me assino

De V. Exa. grato servidor

Duarte Leite

12

Meinêdo, 26 de maio de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Muito grato estou a V. Exa. pela oferta das Noticias chronologicas de Leitão Ferreira, agora completamente impressas.

Raras vezes me socorri desta obra, e a primeira vez fi-lo a propósito da citação, feita por Teófilo Braga no vol. I° da sua Historia da Universidade, do lente de Matemática fr. João Galo, em 1435. Leitão Ferreira, na nota 747 (pag. 299 do vol. I°); reporta-se no assunto a fr. Antonio da Purificação, na sua Chronica dos Eremitas: e ali de facto encontrei a história, ou melhor a historieta,do lente carmelita de 1435. Vagamente me lembro de.ter mais vezes consultado as Noticias, o que agora poderei fazer sem ter de me deslocar até a Biblioteca municipal do Porto.

Agradeço a V. Exa. a sua intervenção na venda possivel do meu folheto, cuja consignação já me foi anunciada pelo livreiro A. Gonsalves.

Cumprimentos cordiais.

Duarte Leite

13

Casa de Vilapouca, Meinêdo- 30 de agosto de 1942

Exmo, Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Quando recebi a carta de V. Exa, acabava de passar a limpo as minhas observações às fôlhas da tradução dos Crepúsculos, que remeto inclusas, e paralelamente as referidas fôlhas; e espero que lhe não sejam fastidiosas as minhas minúcias. Tardei em formulá-las, porque a isso me obrigaram outros afazeres mais prementes, e o enfraquecimento da minha vista.

Deseja a V. Exa, o maior bem estar o seu

Grato admirador

Duarte Leite

14

Meinêdo 29 de setembro de 1942

Exmo Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Recebi em tempo as cartas de V. Exa. datadas de 25 e 26 do corrente, acompanhadas a primeira com o meu exemplar do De crepusculis e a segunda com provas, do Prefácio de VEx.ª à sua tradução desta obra.

Na referência de pag. 015 do Prefácio Ás matérias que ensinei na Universidade do Porto, observo que de facto li em geometria descritiva, geodesia, topografia, astronomia e mecânica racional a primeira destas matérias durante poucos anos e as outras no resto de 28 anos de magistério, mas no Prefácio creio que convém destacar apenas a astronomia, por dela me vir qualquer autoridade na apreciação do escrito de Pedro Nunes.

Supús que todos os exemplares conhecidos da 1ª edição do De crepusculis tinham, como o meu, a tira colada na Tabula arcuum crepusculorum, com a emenda nos minutos do 2º arco da coluna de Câncer: imaginei que a necessidade da emenda – que aliás não verifiquei necessária - só ocorrera ao autor depois de impressa a pagina correspondente ou toda a obra. Enganei-me, e vejo que a emenda só foi feita nalguns exemplares, ainda em poder do editor, o que aumenta o valor do meu exemplar. onde está colada a reimpressão da Tabula.

Vou oferecer à Faculdade de Ciências do Porto os livros da minha pequena biblioteca matemática que ela não possua e lhe convenham, e neste proposito combinei com o dr. Cipião de Carvalho, lente de cálculo na Faculdade, mandar-lhe no próximo mês o respectivo catálogo, afim dele proceder, à escolha dos livros. Sendo assim, quando for publicada a tradução do De crepusculis. já estará encorporada na biblioteca da Faculdade o meu exemplar da 1ª edição, e será melhor alterar o que a respeito dele consta das linhas 4ª e 5ª ascendentes de pag. 007 do Prefácio.

Pode V. Exa. dizer-me qual o nome árabe de Allacen ou Alhazen? Procurei indicações tocante este astrónomo no excelente livro de Henrique Suter Die Mathematiker und Astronomer der Araben und ihre Werke, onde os nomes destes escritores são dados em árabe, mas também em latim os conhecidos e cognominados na cristandade; mas não encontrei entre estes Allacen ou coisa parecida. De Albategnius não cita Suter escrito algum relativo a crepúsculos.

Cumprimentos atentos do
Grato servidor e admirador
Duarte Leite

15

Meinêdo, 3 de outubro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Quando recebi a última carta de V. Exa. com a indicação, que agradeço, do nome árabe de Allacen, já eu encontrara no livro de Suter, procurando com cuidado, as desejadas informações sobre esse astrónomo. Em vez de extratar e traduzir do livro, prefiro enviá-lo a V. Ex.ª., que a pag. 95 poderá ler referências ao livro árabe sôbre crepúsculos.

Na sua monumental obra Vorlesungen ueber Geschichte der Mathematik ,refere-se Moritz Cantor, a pag. 389 do 2° volume, ao De crepusculis de P. Nunes, mas apenas destaca o processo para medir arcos inferiores ao assinalado nos limbos dos instrumentos de observação. Rodolfo Wolf, a pag. 223-224 do 1° volume de seu Handbuch der Astronomie, também se refere à obra portuguêsa, e consigna a correcção experimental dos 18° de Allacen para a arco abaixo do horizonte do Sol no crepúsculo matutino, correcção confirmada em modernas observações.

Os melhores cumprimentos de
Duarte Leite

16

Meinêdo, 4 de outubro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Respondendo à última carta de V. Exa., apresso-me a informar que talvez me atraiçoasse a memória quando lhe anunciei que no, prefacio da obra de Clavio In sphoeram Sacrobosci commentarium, este jesuita se reportava a um debate com Pelletier, e citava P. Nunes a propósito de angulos de curvas. Efectivamente estive num destes dias na Biblioteca Municipal do Porto, e lembrei-me de reler o prefácio citado, onde não encontrei notícia alguma sobre tal debate, ou porque a leitura foi rapida e superficial, ou porque tal noticia lá não estava, Espero pois que V Exa, se não canse em procurá-la no referido tratado de Clávio, e aguarde que eu a ache num dos livros do jesuita existentes na biblioteca portuense, pois com certeza está num deles.

Quanto ao seno-verso, creio de facto que, como V. Exa. diz, foi em 1537 que primeiro saiu impressa a tradução feita por Plato Triburtino da obra de Albaténio, e por cuidado de Regiomonte, que lhe juntou coisas suas; mas é certo que a tradução datava do século XII, e desde então circularam na Europa numerosos manuscritos dela, sendo muito provavel que Pedro Nunes tivesse um deles em seu poder. O Tratado da sphera termina com estas frases: «Posto que eu toda via escreui a Geometria dos triangulos Spheares largamente antes que de Alemanha nos mandassem a Espanha os liuros de Gebre e Monteregio que na mesma materia fallam: e despois de lidos nam rompi o que tinha escripto». Nunes já conhecia pois em 1537 a obra de Monteregio De triangulis omnimodis libri quinque, publicado em 1533, em cujo livro V se faz uso de seno-verso; mas já devia conhecer então esta função trigonométrica, porque ela foi introduzida na matemática por Plato Triburtino ao mesmo tempo que o seno recto, e seria impossivel a Nunes tratar de triangulos sferaes sem o seno, e portanto sem o seno-verso, isto antes de 1537.

Não sei se Nunes conheceu a tradução de Triburtino na edição de Norimberga em 1537, como parece da carta de V. Exa, mas creio poder afirmar que a conheceu em manuscrito anterior.

Espero que V. Exa, tenha saude e lhe corra bem a vida

Duarte Leite

17

Meinêdo, 14 de outubro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Caravalho

Uma bronquite felizmente pouco grave só agora me permitiu concluir o exame das Anotações de V. Exa. à sua tradução do De crepusculis, que me deu inteira satisfação, pelo cuidado, minúcia e erudição trasbordante com que estão feitas. Nunca poderia esperar nelas erros grossos de doutrina, que V. Exa. entendeu mencionar na primeira carta com que as acompanhou, nem mesmo qualquer motivos de reparos de importância: e tais não são os que faço nas páginas inclusas, e submeto ao esclarecido critério de V. Exa.

A respeito do escrito de Allacen sôbre crepúsculos, não é para desprezar a hipótese de que Nunes o possuísse em separado, conquanto seja mais provável que o fôsse conhecer na Espanha: e noto que o encontro do manuscrito em qualquer das bibliotecas espanholas não resolve o problema, aliás secundário, de saber como Nunes o conheceu.

Vou ver se topo, no volume que contém o Tratado da sfera, com o seno verso, tarefa que me parece destinada a insucesso: mas ainda que o não seja, não é lícito concluir que Nunes só depois de 1537 travou conhecimento com essa função trigonométrica, pois sua introdução na linguagem matemática foi simultânea com a do seno recto: Na ultima pagina dos reparos inclusos exponho as razões por que creio não ter sido bebida em qualquer obra de Regiomonte a expressão sinus versus arcum.

No prefácio dum tratado da esfera, editado em Roma, fala Clavio duma discussão que teve com o francês Pelleterius (deve ser Péllissier) a respeito do ângulo de duas curvas, assunto sobre que se correspondeu com Nunes. É tudo quanto me lembra deste curioso facto, que conheci ha de haver uns cincoenta anos, quando na Biblioteca Municipal do Porto esgaravatava esquírolas àcerca de Nunes: e realmente algumas encontrei, cuja descoberta outros depois anunciaram. Se esse facto interessa a V. Exa., e não tiver em Coimbra o tratado onde é indicado, de boa vontade o mandarei copiar e lho remeterei. A Clávio se confere o primeiro processo efectivo de maior subdivisão de escalas rectas, por muitos encabeçado ainda em Nunes, mas se ele conheceu os instrumentos de Nunes, e com ele teve activa correspondência, é lícito duvidar da paternidade da sua invenção.

Cumprimentos atentos

Duarte Leite

---

276 É pois desnecessária a referencia ao livro espanhol, e sugiro a seguinte redacção à minha observação: Tal definição é que o corpo sólido termina em superficies, o que nenhuma relação tem com a demonstração a que se refere. Tem cabimento a recíproca da 3ª definição do mesmo livro: uma recta é perpendicular a um plano, quando o é às rectas que a tocam no mesmo plano.

pag. 038,

lin. 11 e seguintes – Segundo Moritz Cantor, os sinus rectus e versus foram introduzidos na linguagem científica por Plato de Tivoli (Tiburtinus), na sua tradução de Albaténio cujo titulo não consegui achar: e deste tradutor passaram a Leonardo de Pisa as expressões latinas, que se encontram na sua obra.

Incipit pratica geometriae composita a Leonardo pisano de filijs bonaccij anno M°CC°XX° Rogasti amice Dominice reverende magister, ut tibi librum in pratica geometriae conscriberem:

Como na pag. 40 do Tratado da sphera (ed. de Bensaude) Nunes não faz grande caso da geometra das linhas curvas de Gebre e Monterégio,

na pag. 45 e/a respeito dos triangulos spheraes diz ter deles escrito muito antes de ter recebido os livros desses dois matemáticos, sem deles ter tirado apreciavel proveito, não creio que desses livros tirasse as expressões sinus recius e versus, mesmo embora na obra de Regiomonte sôbre triangulos esféricos se usem senos versos de arcos. Quanto a Apiano, noto que na mesma pag. 45 Nunes o censura por falsidades.

pag. 039,

lin. 5 e seguintes – De harmonia com meu reparo à pag. 037 proponho a seguinte redacção à lin. 5ª: Duarte Leite julga esta definição fora de propósito, visto correr assim: Segmentos semelhantes de círculos são aqueles nos quais existem ângulos iguais.

pag. 005,

lin.12 – O meu exemplar traz corrigito. Conviria entre esta palavra e Ludovicus intercalar qualquer coisa que lembre não estarem a seguir no original.

No meu exemplar a marca do impressor está encimada pela seguinte frase em itálico: Nullum theatrum uirtuti conscientia maius

pag. 006,

lin. 7-9 e 11-13 – No meu exemplar as fôlhas não mostram numeração alguma, com algarismos ou letras, mas a falta resultará de que foram aparadas quando encadernadas

pag. 013,

lin 12 asc. e nota 1 – Não sei se mais valia citar Tolomeu que o posterior Alfragano, que nada pôs de seu no assunto, ou mesmo se valia a pena citar qualquer dos dois: talvez viesse a propósito lembrar o Tratado da sphera de Nunes, onde o problema dos climas é tratado com originalidade.

pag. 014,

lin. 8 asc. e seguintes – As reflexões sôbre o valor do De crepusculis de Nunes são demasiado encomiásticas, e prestam-se a contestação as relativas ao seu logar na história da astronomia. Não é de aceitar que esta obra encerre a «primeira consideração, exacta e demonstrada, do objecto de que se ocupa», pois esta circunstância se dá em numerosas obras que a antecederam. Não é apanágio do espírito cientifico moderno o «estabelecimento preciso do objecto» e a «associação do calculo à observação», porque estes factos já existiam na astronomia antiga: nem se pode dizer que Nunes anunciou no De crepusculis o advento do moderno espírito científico, cuja aurora só é licito datar da introdução dos infinitesimais, no que respeita à matematica. O que há de admirar na obra de Nunes, e já não é pouco, é o engenho e o rigor das soluções propostas, em especial a do problema do minimo crepusculo, até então nem sequer abordado, e cuja dificuldade se mede com que resistiu cinco anos aos esforços do ilustre João Bernouilli, é certo que com o instrumento do calculo diferencial, no caso menos adequado.

As tábuas da historia da astronomia, que conheço, mencionam varias obras sem especial indicação das reputadas capitais. A de Wolf, especificada em nota, nem sequer é exclusiva da astronomia, e o autor qualifica-a de historische litterarishe: ela recorda pouco antes da obra de Nunes a fundação da ordem dos jesuítas, e a aparição em Veneza da primeira gazeta. De resto não creio que Wolf reputasse capital a obra de Nunes, porque referindo-se ao

problema do mínimo crepusculo, diz que o português o resolveu bis zu einem gewissen Grade (pag. 477 do vol I).

Para me confessar, creio que o De crepusculis por muito que eu o admire, não me parece capital na história da astronomia, o que já não sucede ao De revolutionibus de Copérnico, publicado um ano depois do livro português.

pag. 016,

lin. 17 asc. – Suter prefere também a forma Alhazen.

pag. 020,

lin. 22 – 0 meu antigo mestre Gomes Teixeira qualifica D. Duarte de mixto de louco, heroi e santo, não tendo ele sido nenhuma destas coisas: este criterio tão errado não inspira confiança no resto da transcrição, que aliás me parece inaceitavel.

pag. 024,

lin. 3 e 4 – A redacção não condiz com a afirmação, feita na pag. 020, de que o ensino de Nunes a D. Henrique não passou de 1533: seria para tanto eliminar e, porventura, terminado, e sustituir no final 1534? ou 1533.

pag. 027,

lin. 16 asc. – Como não tenho presente a tradução de V. Exa. nem o vol II das obras de P. Nunes, não percebo o valor do ? a carmim, talvez do impressoe.

pag. 037,

lin. 7-1 asc. – Depois que escrevi estas linhas, descobri entre os meus livros os Elements of Euclid, de Roberto Simson, na 22ª edição que martirizou os miolos de gerações de inglêses: e pude verificar concordância, nestes Elements e nos Elementos de Medrano, de 1700, dos teores das definições e proposições do geometra grego

18

Meinêdo, 8 de novembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Procurando na Biblioteca Municipal do Porto o passo do jesuita Cristovão Clávio, que anunciei a V. Exa., relativo a sua discussão com Peletier a propósito da qual se refere a Pedro Nunes, fui encontrá-lo em duas obras de Clávio, cujos títulos adiante indico.

Na 1ª o autor traz, de pag. 314 a 356, uma longa e acre refutação do que Peletier, contrariando afirmações de Clávio, (em que escritos?), escrevera na sua Apologia (de 1579) a respeito de angulos de contacto de rectas e curvas; e nela cita Nunes (a quem faz grandes elogios), cuja opinião no assunto o francês invocara em seu favor, mas Clávio chama para seu lado. (Observo que de pag. 1 à 7 o autor reproduz sensivelmente nos mesmos termos a demonstração de Nunes na Anotação sobre as derradeiras palavras do Capitulo dos Climas, que traz o Tratado da sphera).

A 2ª, ocupando-se da Proposição 16 do livro III de Euclides, reproduz quasi literalmente o passo, que eu procurava.

Não curei de saber se ele também vem na obra de Clávio intitulada In sphaeram J. de Sacrobosco comentarium, a cujo respeito todavia faço dois reparos. O primeiro, de pouco valor, é que o autor menciona Petrus Nonius Salaciensis Lusitanus entre os astrólogos ilustres; e a 2ª, de importância, é que na edição londrina de 1618 se lê uma Digressio geometrica de crepusculis que é um desenvolvimento do tratado de Nunes sobre o assunto, como Clávio expressamente declara. Não sei se o facto escapou a V. Exa.

Cumprimentos atentos

Duarte Leite

19

Meinêdo. 9 de novembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Por lapso não indiquei a V. Exa. os títulos das duas obras de Clávio, a que me reportava na minha carta de ontem.

Com vénia pela falta, agora os junto.

1.ª Theodosii tripolitae sphaericorum libri III – a Christophori Clavii Bambergensis Societatis Jesu perspicuis demonstrationibus ac scholijs ilustrati

Item ejusdem Christophori Clavii Sinus. Lineas tangentes et secantes. Trianguli restilinea atque sphaerica. Roma MDLXXXV

2.ª Euclidis elementorum libri XV- accessit XVI de Solidorum Regularium cuiuslibet intra qualibet comparatione omnes perspicuis demonstrationibus accuratisque scholijs ilustrati – nunc iterum editi, ac multar (sic) rerum accessione locupletati – auctore Christophoro Clavio Bambergensis e Societate Jesu. Roma MDLXXXXIX

De In spheram J. de Sacrobosco comentarium tem a Biblioteca Municipal do Porto duas edições, de Roma em 1581 e de Londres em 1618

VALETE

Duarte Leite

20

Meinêdo, 11 de novembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Pregunta-me V. Exa. na sua última carta se acho conveniente inserir a Digressio de Clávio entre os apêndices à sua tradução do De crepusculis. Se é intenção de V. Exa. juntar ao seu trabalho tudo quanto interessa à historia da obra de P. Nunes, a resposta deve ser afirmativa: e mais merece reprodução a Digressio do que a tabua de senos de Apiano. Parece que V. Ex. prezume que Nunes se serviu dela no De crepusculis, mas noto que todos os senos nesta obra tem cinco decimais, ao passo que tem nove a unica tabua de senos de Apiano que segundo Cantor, foi impressa em 1533 na Introductio geographica in doctissimas Verneri annotationes. E não é provavel que a utilizasse Nunes, simplificando para cinco as nove decimais, porque para ser exacto deveria aumentar dum unidade a quinta decimal, quando a sexta suprimida, e isto não faz. De passagem noto que R. Volf atribui a Apiano as denominações de sinus totus e sinus vesus, mas Cantor confere a Platão Triburtino a paternidade destas denominações.

Quanto ao passo de Clávio, na 2ª edição da Geometria pratica, em que apresenta a sua arte de subdividir ângulos em escalas, vejo que já foi posto em foco por Breusing, como se lê no artigo Sobre a historia do nonius, inserto no vol. III do Jornal de sciencias mathematicas e astronómicas de G. Teixeira. No artigo se transcreve o passo, de certo incompletamente, pois não vejo nele referência alguma a Nonius.

As notas de V. Exa. a respeito do nónio são bemvindas, e aguardo-as com muito interesse.

De V. Exa.

Atento admirador

Duarte Leite

21

Meinêdo, 22 de novembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Remeto a V. Exa. as poucas observações que me sugeriu o exame das fôlhas 209-224, e não lhes remeti ha mais tempo, porque chegaram a minha casa na minha ausência. Também devolvo a tábua de senos da Apiano, que tem cinco decimais: eu só sabia dumas tabuas deste autor com nove decimais, indicadas por Cantor. Esses senos estão por vezes incorrectos na última decimal, que deveria ser aumentada duma unidade quando a sexta é um número igual ou superior a 5: e esta prática era conhecida de P. Nunes, como se vê na linha 13 da página 213.

Deseja a V. Exa. todas as venturas o seu

Grato admirador
Duarte Leite

Troquei a inicial de lema em L, como está nas fôlhas anteriores, e de harmonia com a inicial de Apêndice.

Proponho substituir por outro menor, como o da lin. 25 de pag. 214, o normando da lin. 10 de pag. 222, e da lin. 6 de pag. 224.

A vermelho, risquei as virgulas que creio redundantes, e substituí algumas por artigos.

))))))))))))))))))))

pag. 210,

lin. 6 ascendente – Tal como se vê no calculo seguinte, a longitude da Spica virginis, contada do principio de Libra, deve ser 16° 18', e não 17° 18', porque essa longitude, contada do principio de Capricornio, é 90° - 17°18' ou 72° 42' e não 73° 42' como está na lin. 4 da pag. 211. Este número adoptado no calculo, exiga [sic] que seja 16° 18' a primeira longitude;

pag. 212,

lin. 7 – Se a longitude da estrela, contada do principio de Cancer, é 131° 45', contada do principio do Escorpião será menos 120°, ou 11° 45', e não 12° 49', como se vê no texto;

pag. 214,

lin. 9 e 10 ascendentes – Em vez de do ponto s, à recta qr, a perpendicular sx, sugiro do ponto s a perpendicular sx à recta qr:

lin. 3 ascendente – recta não concorda com conhecido, expresso;

282

pag. 215,

lin. 1 a 4 – A redacção não está limpida, e lembro substitui-la por esta: «que nas mesmas partes é conhecida a metade do diametro IK, seno recto do complemento da declinação do ponto dado, ficará conhecida a razão do semidiametro do paralelo do ponto dado para o seno verso do arco semi-diurno»;

22

Meinêdo, 1 de dezembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Eu tinha, recebido ha tempos duas séries de fôlhas da tradução do De crepusculis, e depois de rever a primeira devolvi-a a V. Exa., juntamente com as minhas observações; mas parece que também devolvi a segunda série, porque não dei com elas, ao regressar do Porto, onde fiquei os dias atrás, e não é provável que se sumisse em minha casa a série ausente. Se assim passou, rogo a V. Exa. ma remeta para revisão.

Com meus melhores votos me despeço

Atento admirador obrigado

Duarte Leite

23

Meinêdo, 9 de dezembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Quando recebi de Lisboa a nova fôlha 15, acabava de verificar que, por distracção, tinha metido a antiga numa parte das minhas estantes, onde me não ocorreu procurá-la. Desculpe-me V. Exa. do incomodo que lhe causei.

Remeto a fôlha em questão, e as observações que me sugeriu seu exame.

Com meus votos de bem estar me assino de V. Exa.

Atento e grato admirador

Duarte Leite

A muitos senos, tirados da tábua de Apiano, deveria para maior aproximação acrescentar-se uma unidade da 5ª casa decimal, mas como estas correcções não influem nos resultados finais dos cálculos, não as apontei.

Como adiante digo, as figuras 2ª, 3ª e 4ª estão fora do logar apropriado e além disto a cada uma das duas primeiras falta uma letra indicada no texto latino e indispensável nos raciocínios: entendo que será preciso suprir as faltas.

pag. 226

lin. 9 – A palavra proposição deve ser substituída por proporção, tradução rigorosa de proportio - no texto latino da 1ª edição;

lin. 14 – Arco das horas é fiel tradução de arcus horarum, mas prefiro arco horário como hoje se diz angulo horário. Igual observação nas lin. 18, 7 e 1 ascendentes desta mesma página, e na lin. 24 de pag. 238;

pag. 227

– À figura falta a letra h;

lin. 3 asc. – Conquanto se perceba o significado aqui da palavra correspondente, é claramente melhor proporcional, que traduz fielmente o proportionalis do texto latino da 1ª edição;

pag. 228,

– À figura falta a letra g, e ela está deslocada, pois só é descrita a partir da lin. 9 de pag. 229: deve ser transposta para o logar da figura que aqui está, evitando assim que por esta se tome a figura precedente da linha seguinte;

pag 229

– A figura está deslocada, e deve ser transposta para a pag. 231, do mesmo modo que a figura de pag. 230: ambas são as figuras insertas a que se refere a lin. 16 daquela pag. 231. Esta posição lhes dá a 1ª edição.

Pag. 230,

lin. 10 asc. – Em vez de concluiremos pelo senso comum proponho torna-se obvio;

pag. 232,

lin. 7 – Em vez de complemento da declinação, ou da altura máxima convém pôr da altura máxima ou do complemento da declinação, evitando assim entender-se que o complemento também é da altura máxima:

pag. 233,

lin. 5 – Como se não calcula uma coisa de outra, mas com ou pela outra, deverá trocar-se da altura do Sol, por com ou pela altura do Sol;

pag. 235,

1in. 1 asc. – Está errado o número, a trocar por 7651117468;

pag. 236,

lin. 3 – Em virtude do erro anterior, o número está errado e deve ser substituido por 3825558740000;

lin. 18 – A posição indicada do Sol não condiz com o cálculo subsequente: pois se ele está em 15° 13' dos Gémeos, sua ascenção recta contada da secção vernal (isto é, do princípio de Aries) será 15° 13' + 60° ou 75° 13', e não 73° 57', como está na lin. 1 asc. É necessário substituir a posição indicada ror 13° 57' dos Gémeos;

pag. 238,

lin. 1 a 4 asc. – Não percebo por que, estando a estrêla no fim do 4° do Sagitário, as suas coordenadss equatoriais sejam portanto as indicadas nas lin. 2 e 1 asc.: podiam ser outras com aquela posição. Realmente o texto latino traz idcirco, mas parece-me melhor não traduzir à letra, e por exemplo, depois de observações nossas pôr sua declinacão seja 24 graus e 56 minutos, e sua ascencão recta 241 graus e 10 minutos subtrairemos;

lin. 26 – 0 texto latino traz efetivamente supputetur....longitudo, arcus semidiurni loci solis, mas a palavra longitudo é redundante com loci, visto que o logar do Sol no zodíaco se define com sua, longitude : parece-me melhor suprimir da longitude ou pôr do Sol no seu logar, conquanto o acréscimo seja inútil;

pag. 239,

lin. 6 asc. – Não está bem longitude do Sol, visto como o texto latino traz declinatio loci solis, e a declinação é coisa diversa da longitude: deve a expressão ser substituída por declinação do Sol ou do Sol no seu logar, conquanto o acréscimo seja inútil;

Pag. 240

lin. 6 – Complemento da declinacão da longitude do Sol não faz sentido, e deve trocar-se por complemento da de declinacão do Sol, ou, quando muito do Sol no seu logar.

24

Meinêdo, 17 de dezembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Devolvo a fôlha 16, com algumas emendas, e incluo as observações que ela me sugeriu, desta vez menos numerosas. O autor, habitualmente claro até a prolixidade, é nessa folha por vezes incompleto e críptico; mas isto fica à sua responsabilidade.

Cumprimentos, e votos de felizes festas do fim do ano

Duarte Leite

25

Meinêdo, 23 de dezembro de 1942

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Por este correio envio a V. Exa. as provas da fôlha final do De crepusculis traduzido, e as das Anotações, a esta obra; e incluo as observações que elas me sugeriram, aliás pouquissimas. Faltará agora mais uma fôlha com o apendice de Alhacen.

Sempre ao seu dispor

Duarte Leite

NUGAS PRELIMINARES

Conforme as Anotações ao «De crepusculis», uma das regras adoptadas para indicar nesta tradução as diferenças entre as edições 1ª e 2ª, quando não excedentes a uma linha, é a de assinalar os acrescentamentos da 2ª com os sinais < > : ora, na tradução, e portanto na 2ª edição, aparecem muitas vezes as palavras de Euclides quando estão ausentes da 1ª, e nestes casos deveriam estar incluidas naqueles sinais, o que não sucede. A ausência verifica-se nas páginas

257, nas lin. 1, 2 e 5;
258, " " 2, 10, 18-19, 25, 29, 5 e 3 asc.;
259, " " asc. 8, 4 e 2 ;
260, " " 1 e 4;
263, " " 21;
264, " " 12t 14, 13 e 16:

e além disto, em tradução literal da 1ª edição, dever-se-ia pôr

na pag. 258, na lin. 11, pela 8 em vez de pela 1.8 de Euclides;
na pag. 259 " " 1 asc., 29 do mesmo I, em vez de I de Euclides;
na pag. 260, " " 7-8 , 9 do mesmo livro V em vez de 9,V de Euclides,
pag. 268,
lin. 7 – Porque A e AB em normando maior que adiante ?
1in. 28 – Substitua-se mesmo círculo por circulo vertiçal:
pag. 271,
lin. 14 – Substitua-se isto é que por que isto é.
pag. 008
lin. 3 da nota 2 – Não tenho elementos para corrigir a indicação da página, evidentemente errada;

pag. 010,
lin. 22 – Parece que ficaria mais claro o texto pospondo a frontispício as palavras do segundo, visto como no do primeiro se não menciona De erratis Orontii Finaei;
pag. 011,
lin. 18 – Ha muitos anos mandei vir do Quaritch, de Londres, uma das edições das obras de Pedro Nunes, impressa em Basilea, não me recordo se a de 1566 se a de 1592, a qual depois cedi ao meu colega na Universidade do Porto Francisco Azerêdo (Samodães), morto ha anos: e creio que ele por seu turno a passou à biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade. Brevemente irei ao Porto, e vertificarei se a memória me não trae.

26

Meinêdo, 16 de junho de 1943

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Remeto a V. Exa. as três fôlhas das anotações ao De crepusculis e à tradução de Alhacen, e com elas alguns reparos que sua leitura me sugeriu. Neles ouso divergir de opiniões de V. Exa.

Cordiais cumprimentos do

Grato servidor
Duarte Leite

ALGUNS REPAROS

pag. 337,

lin. 6 – Não serão redundantes as palavras, em relação?

lin. 14 e seg. – Fontoura da Costa, no prefacio ao Tratado da sphera de D. João de Castro, afirma que o livro fôra escrito entre 1545 e 1548, quando ele governara a Índia; e V. Exa. entende que deve ter sido escrito antes de 1542, pois o autor do Tratado aceita o valor tolomaico de 18° para a depressão crepuscular do Sol, ao passo que seu mestre Pedro Nunes a fixara em 16° 2' no livro De crepusculis, publicado em 1542.

A objecção supõe que D. João de Castro conheceu o De crepusculis entre 1542 e 1548, ano da sua morte, o que é contestável. No citado prefacio escreveu Fontoura da Costa estas palavras: « ...a sua colossal actividade maritima, de 1538 a 1541, de Lisboa ao Oriente e nos três anos – pouco mais – que permaneceu em águas orientais. Segunda vez voltou ao Oriente, em 1545, governando a Índia até o seu falecimento em 1548».

O seu Tratado inspirou-se no de Pedro Nunes, publicado em 1537, mas é inverosímil que fôsse redigido no período da sua intensa actividade marítima ate 1541: deve portanto ser posterior a este ano. O autor esteve no Oriente desde então ate já adiantado o ano de 1544, e não é provável que lá chegasse o De crepusculis de 1542. Teria D. João de Castro ocasião de ler esta obra no curto intervalo em que esteve no reino, de 1544 a 1545, ocupado como se achava em prestar contas da sua estadia no Oriente, em promover a sua nomeação de vice-rei da Índia, e preparar-se para ir preencher o cargo? Não o julgo provavel, sobretudo se ao tempo ainda não começara a compor o Tratado. Inclino-me portanto para o parecer de Fontoura da Costa, mas o mais seguro é deixar a questão indecisa .

pag. 338.

288 lin. 8 – A letra x na notação do primeiro círculo deve ser trocada por a;

pag. 339,

Lin. 10 asc. Em vez de 000 pôr o número respectivo; e anàgamente [sic] nas pag. 340, 341, 344, 345, 353, 353, 362 e 365.

pag. 340,

nota – As emendas foram feitas à vista do meu exemplar da Opera de J. Bernoulli.

pag. 358 e 361.

lin 2 asc. e sequentes de pag. 361 – Não creio que a anotação reproduzida em fac-simile seja devida a Pedro Nunes, porque então ela seria huc modu a me refutatum in I° de demonstratione astrolabij. A menção do nome indica outra mão, que podia ser doutro astrónomo, talvez estrangeiro. Se o texto anotado contivesse a refutação, como parecem

sinificar as palavras huc modu, o anotador conhecia o mnuscrito da obra de Pedro Nunes: mas aquelas palavras são são [sic] demonstrativas.

lin. 1 asc. – Pode-se afirmar que Pedro Nunes visitou Salamanca, sede duma universidade célebre, por ter casado com uma descendente de Arias, lente dessa universidade: mas não ha documento algum donde deduzir que a frequentou, quer como aluno, quer como ouvinte, hipótese admitida por Fontoura da Costa (in Pedro Nunes, Lisboa, 1938), quer como substituto eventual dum lente, fantasia de Rodolfo Guimarães. Ha mais de cincoenta anos me convenci disto lendo a obra de Vidal y Dias, Memoria historica de la Universidad de Salamanca (citada por Teófilo Braga na sua Historia da Universidade de Coimbra, o qual todavia não a leu com atenção), onde não encontrei referência alguma ao sábio português.

pag. 371,

lin. 28 – Será certo que Pedro Nunes esteve em Alcalá de Henares? Crê-o V. Exa., e eu durante muito tem[p]o o cri, mas a passagem citada, única em que se baseia a crença, apenas mostra que os Libros del saber existiam na biblioteca complutense, e não que o astrónomo portugês os tivesse compulsado. O que ela atesta é apenas o conhecimento por ele de parte do recheio matemático da referida biblioteca.

27

Meinêdo, 27 de junho de 1943

Exmo. sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

De Lisboa me mandaram ha dias as pag. 321-336 da tradução do De crepusculis, que vieram com atrazo, depois das numeradas 337-384, já por mim examinadas. Devolvo-as a V. Exa. sem que me sugerissem qualquer reparo. Estranhavel é que José do Médico não cite o valor 16° 2' fixado por Pedro Nunes para a depressão crepuscular do sol, e todavia soubesse da observação, feita pelo nosso astrónomo. da estrela Cor Scorpii: teria o judeu realmente lido o De crepusculis ?

Aos reparos que fiz às pag. 337-384 contrapõe V. Exa. objecções de peso, ás quais só agora vou atender porque estive ausente da minha casa alguns dias.

Entende V. Exa, que o Tratado da sphera de D. João de Castro, à vista do seu caracter didático e prático, deve ser obra de juventude, portanto anterior a 1542: e eu parti de que ela é posterior a 1537, e portanto, à vista das actividades conhecidas do autor, deve ser posterior a 1542, da harmonia com o parecer de Fontoura da Costa. Em qualquer dos casos o autor inspirou-se certamente no ensino de Pedro Nunes, e a questão está em saber se foi no ensino oral, ou também no escrito no Tratado da sphera de Nunes, publicado em 1537.

Eu não comparei os textos dos dois tratados, nem sei se Nunes, quando escreveu o seu, acrescentou coisa de valor ao que transmitira aos seus discípulos: de sorte que tenho de ficar na dúvida quanto à época da redacção definitiva do tratado do vice-rei da Índia.

Quanto à autoria das anotações ao livro de Stoeffler, ainda persisto em crêr que não são de Nunes. Descobriu V. Exa. que são da mão dum português, autor dalguns escritos astronómicos; mas porque serão de Nunes, e não de André de Avelar ou doutro astronomisante português posterior a Pedro Nunes? O facto do anotador citar Nunes em terceira pessoa parece-me decisivo, mas pode ser que me engane.

Deseja a V. Exa, saude e outras prosperidades o seu

admirador muito obrigado

Duarte Leite

28

Lisboa, 2 de janeiro de 1944
Rua Rodrigo da Fonseca, 83, 1°. Esq.

Exmo, Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Desta capital, onde vim passar as festas do solstício hiemal com minhas filhas, venho agradecer a V. Exa. os votos de ano feliz que me exprimiu, e que cordialmente retribuo.

Tencionava adquirir o tomo do De Crepusculis quando soubesse onde fazê-lo, o que ainda não consegui, mas felizmente a amabilidade de V. Exa. me vai poupar essa despesa. Aguardo as fôlhas da Álgebra e do De erratis Qronti Finnaei, a cuja revisão me dedicarei. Quanto ao artigo sobre Galileu, muito me honra que V. Exa. a ele ligue meu nome, sem embargo de o não merecer. Estou curioso de conhecer a ligação do sistema de Tico Brahe com o de Copernico, através de Pedro Nunes.

Creia-me sempre seu

Atento admirador m.to obrigado
Duarte Leite

29

Meinêdo, 23 de Março de 1944

Exmo. Sñr. Dr. Joaquim de Carvalho

Muito reconhecido estou à generosidade com que V. Exa. me dedicou o opúsculo, em que imprimiu a sua bela conferência sobre Galileu e a cultura portuguesa sua contemporânea, acompanhada de preciosas notas. Li atentamente a conferencia, que me pareceu exaustiva do assunto, mas mal tive tempo de me inteirar das notas, de vasta e segura erudição; só o farei quando terminada a publicação do opúsculo, de que remeto por este correio as provas enviadas.

Com sinceros votos pelo bem estar de V. Exa. me subscrevo

atento admirador muito grato

Duarte Leite

3. Cartas de Abel Fontoura da Costa

(Página deixada propositadamente em branco)

I

Ex^mo Sr Dr. Joaquim de Carvalho

25/1/33

Meu presado Amigo

Recebi carta do Bensaude, lastimando-se da *Crise economica*, de maneira que não póde dar o papel para a Impressão do Ms. de Valentim Fernandes.

Diz ele que o papel ahi existente o reserva para dois trabalhos dele.

Não vieram todas as Fotos. Sómente até Fol. 70. E o latim que ahi recebi.

Nesta data remeto ao sr. Nazareth as provas.

Mas como as copias do Valdez não tem à margem todas as notas do Ms. è fineza mandar-mas para eu as pôr aqui, evitando assim emendas das provas.

Pelo Sr. Hugo mandei o 2.° Vol. do trabalho do Morais e Sousa.

Não ha ainda 2.as do Quirino da Fonseca, nem do Botelho de Sousa.

Com muita estima, sou de V. Ex.a

Mt°. At°. e grato am.°

Fontoura da Costa

2

Casal da Trindade
S. Pedro do Estoril
23-7-33

Meu Ex^mo^ Amigo e Sr.

Disse-me o Victor Hugo, mt°. por alto, que no proximo ano de 1934 deve realisar-se um Congresso de Historia, do qual faz parte uma, digo o qual deve abranger a Arte nautica dos Descobrimentos.

Seria interessante uma exposição bibliografica dos livros e Ms. da Marinharia (Arte de navegar) Até ao seculo XVI e talvez todo o XVII.

Bem sei que não há grandes elementos em Portugal, mas há muitos em Espanha e na livraria de D. Manuel, que breve deve vir para Vila Viçosa. A exposição devia depois acabar o Congresso a Madrid.

Neste momento ha uma bela exposição cartografica espanhola da epoca referida, no Museu Naval de Madrid. É quasi certo ir a Madrid vê-la. Se os Directores da secção Portuguesa do Congresso quizérem eu poderia tratar em Madrid com o Guillen, subdirector e alma do Museu. Of.^al^ de marinha e foi ele o autor da caravela S.^ta^ Maria – barco e livro, e tem desenvolvido o Museu duma forma que causa a admiração de todos.

Desculpe a massada e creia-me com a maior estima e consideração

De V. E.ª grato amigo
Abel Fontoura da Costa

3

Casal da Trindade
S. Pedro do Estoril
22-X-33

Meu Ex.mo Amigo

Não imagina o prazer que me deu o seu trabalho. É pena não o ter ainda publicado, porque bem o merece.

1) Em nota da pag. 8 refere-se V. Ex.ª ao «Libro de rrotear de Portugal para a India etc.», em Ms. Ora o Ms. de André Pires, que está em Paris contem tambem: «Livro de rotear de portugual pera a India etc.», mas esta parte não está completa. Diz Denucé que André Pires se passou a Espanha. O seu Ms. é de c. 1520, em parte, outra talvez mais anterior e copiado de João de Lisboa.

O Livro de Marinharia tambem tem: «Este livro é de rotear, etc» e egualmente o Valentim Fernandes!

2) Tenho pena de não conhecer as judiciosas notas que V. Ex.ª fez no tal Ms. de D. Henrique e que só agora posso apreciar.

2) Agora a Oração de 1485.

O Bensaude leu no Relatorio do Congresso de Varsovia uma comunicação do Deprez sobre a Oração na parte referente aos descobrimentos ate ao Passum Promontorio – que ele diz era proximo de L. Marques, mas que devia ser ao N. de Moçambique (ilha).

E pediu-me que a lêsse, porq. o Relatorio devia ter vindo para Portugal, naturalmente para a Junta da E.N. Não havendo fórma de poder falar ao Simões Rapozo, pedi ao Bensaude me mandasse copia.

O J. Bensaude dizia que se lembrava de ter visto a oração em folheto, em Lx.ª ou em Coimbra.

Ora em Lisboa não a ha impressa en folheto. Encontrei na Bib. Nac. uma copia Ms. do Seculo XVIII dum impresso que esteve no Conv. de S. Francisco de Xabregas e se perdeu naturalmente. Este impresso estava num Livro de orações a Pontifices e Principes.

Depois de escrever a V. Ex.ª e que vi melhor o Inocencio e lá encontrei que fôra publicada no Diario de Coimbra de 1813. Como ignorava o notavel trabalho do meu Ex.mo Amigo mandei-a copiar.

Era para a publicar com a trad. portuguesa, ainda por fazer me parece.

Se V. Ex.ª autorisar que reproduza o seu artigo muito me obsquêa.

Desculpe esta lonjura de carta, que o deve massar principalmente por ter agora um grande trabalho na Imprensa.

Renovando os meus ag., creia-me V. Ex.ª com muita estima e admiração

Grato amigo

Abel Fontoura da Costa

Brevemente lhe devolverei as provas e os livros que aqui tenho.

FC.

4

Casal da Trindade
S. Pedro do Estoril
14-1-34

Meu Ex.mo Amigo

Muito obrigado pela oração.

Como já disse a V. Ex.ª já obtive a 1ª edição da oração de V. F. Lucena, mas o Dr. Basilio ainda me não deu a trad. revista.

O Armando Cortezão tinha-me emprestado 2 ou 3 folhas do Livro dele, em impressão na I. U., que continham os nomes dos cartografos portugueses, conhecidos e desconhecidos, desde Pedro Reinel até principios do seculo XVIII. Delas extraí os nomes, que desejo publicar no cap. das «Cartas de Marear» da Marinharia dos Descobrimentos

Como porem tive de abandonar o acabamento desse Cap., que agora está em vias de findar, não juntei então essa lista! E perdi-a. Faz-me a maior falta, como ele não está em Portugal, pedia a V. Ex.ª se me póde emprestar essas tais folhas, que lhas devolverei no dia seguinte ao de as receber.

Eu havia consultado La Roncière sobre um problema interessante – 1ª carta c/ latitudes e 1ª com longitudes – que ele pediu á secção geografica da Bib. Nac. de Paris para me responder. Efectivamente em 7 paginas de letra miudinha disseram tudo o que desejava e mesmo mt.º mais. Pois emprestei-lhe essa carta e agora não sei como a tornar a têr. Paciência, porque já me penitenciei e voltei a escrever ao Chefe amabilissimo da Geografica.

Da Exp. de Roteiros consegui uma copia do Roteiro Ms. de Manuel Alvares. Tenciono publical-o mais tarde.

Mande sempre V. Ex.ª no seu sincero admirador e

grato amigo

Abel Fontoura da Costa

5

Casal da Trindade
S. Pedro do Estoril
13-III-34

Meu Ex.mo Amigo

Tenha paciencia em me aturar por uns momentos.

Nas investigações, para a continuação do meu trabalhos «A Marinharia dos Abastecimentos, tive ocasião de vêr no Roteiro de Gaspar Manuel (Roteiros publicados por Gabriel Pereira, pag. 62) ... a ilha Angarija ou D. João de Castro.

Mais nenhum Roteiro português se refere ao assunto. Só Linschoten, no Itinerarium se refere ás ilhas Comoro e Don Juan de Castro, tendo este nome numa das Comóros.

Ora D. João de Castro descreve a *Comoro* – surgidouro ao N onde tem uma ribeira (1838). Numa nota de 1545 diz que encalhou a 6 ou 7 leguas da ilha de Comoro.

As Comóros são hoje 4 Grande Comóro, Mohele, *Anjouan* ou *Johana* e Mayota.

Só a *Anjouan* tem fundeadouro e rio ao N. A Mayota, a cerca de 8 leguas da Anjouan é circundada de baixos e recifes.

Seria a *Anjouan* a D. Juan de Castro? Parece-me que sim. Nenhuma carta portuguesa a trás com esse nome.

Nas cartas que consegui vêr o grupo das Comóros era de mais de 4, mas isso não admira, porque era vulgar marcarem ilhas que não existiam. Nomes... a Comoro, parece que era Comóro, mas havia a Julioa (talvez da nau S. Julião), a Santoesprito e a São Cristovam.

Agradeço a V. Ex.ª o dizer-me quem eu poderia consultar para saber alguma cousa a este respeito.

Sobre Madagascar, as Mascarenhas e a ilha João de Lisboa também já tenho quasi prontas as noticias. Bem sei que só accidentalmente tóco no assunto, mas, porque é interessante, não desejo deixar de o abordar.

Muito obrigado pelo que puder responder-me.

É fineza dizer ao Dr. Pacheco de Amorim que ha em Madrid uma trad. espanhola da *Arte de Navegar* (?) de Pedro Nunes, feita por um espanhol (Ms. da Bib. Nacional).

Com a maior estima, sou

de V. Ex.ª ad.or e grato am.°
Abel Fontoura da Costa

6

Casal da Trindade
S. Pedro do Estoril
(Portugal)
4-VIII-34

Meu presadissimo amigo

Por acaso um amigo – o hist. inglês e lusofilo C.R. Boxer – remeteu-me a folha do cat. do Maggs com o *Ms.* que já ha tempos lhe transmiti. Como ha aqui o Cat., eu não a preciso, queira guarda-la.

O *Ms.* foi vendido ha tempos para a India e nem o Maggs quer dizer a quem!

Já tenho algumas copias de roteiros para publicar e espero ainda 3 de Paris.

Sobre P. Nunes.

Há no Ob.º da Universidade uma copia francesa da *Arte de Navegar*, que não sei de que é tradução.

É ele copia dum de Paris, de que tambem ha uma em Soissons.

O Rodolfo Guimarães diz que Brocard escreveu uma noticia de 10 pags. em que fala desses Ms.: Brocard – Description et usage dun nouvel anneau, etc. que estava na Academia das Ciências de Lx, Gab. 4º E 24/c.57

Fui la hoje e a Estante 29 não tem caixa alguma, nem lá cabe. E o catalogo da Academia não indica essa obrita!

Paciencia. Quando fôr a Coimbra verei de que é traducção.

Das 46 obras publicadas s/ Nautica até 1700 obtive 44 rôstos. As outras duas perderam-se.

Desejo que tenha passado bem neste vale de lagrimas.

Creia-me V. Ex.ª com a maior estima e admiração.

mt.º grato amigo
Fontoura da Costa

[D'um antigo Catalogo de Maggs de + 1929]

NAVIGATION IN THE SIXTEENTH CENTURY

1560 A. D. NUNEZ (Pedro) and VAZ FRAGUOSO (Pedro)

Manuscrito Portuguez de 1560 sobre a navegação e cosmografia.

An extremely important Portuguese manuscript on cosmography and rules for navigation, written in characteristic century writing; with two original drawings of compasses.

(Vendeu-se para a Índia)

100 pp., 4to, *polished calf, t. e. g.* Circa 1560 250

contem a descrição geografica dos golfos do mar Roxo, Pérsia, ilha de Ceilão e tal

The opening pages of the manuscript contain geographical descriptions of numerous Persian and Arabian Islands, Straits and Ports, such as the Kuria Muria Islands, Ormuz, Jask, Fartak, Aden, etc., a description of Ceylon, and the route to India from Aden.

Tem tãobem um regimento de Pilotos e lista das armadas que foram para a Índia desde 1498 athé 1556.

Of special interest are the instructions to pilots, and the list of fleets wich had sailed to India since the year of its «discovery,» 1498 to 1556; wich, together with other cosmographical matter, form the body of the work, and are quite possibly memoranda dictated or drafted by Nuñez. The chapters deal successively with the following: -

1. «Rules for knowing the hour of sunrise and sunset throughout the year, and the dates on wich the sun enters the signs of the zodiac.

Tomada da altura do Sol. Cruzeiro do Sul

2. Rule for taking the altitude of the sun with a fore-staff.
3. Rule for taking the altitude of the southern constellation wherever it may perceived.

Navegar sem agulha. Roteiro de Mascate à Goa.

4. Rule for finding your way at sea without a compass.
5. Route from Muscat to India in August.
6. How to navigate an approach to an island.
7. How to determine the distance from any land sighted.

Calculação da lua nova

8. How to calculate the date of the new moon, according to Salomon's calculation

Roteiro de Bengal, 1530

9. New route of the year 1530, from Cochim to Bengal.
10. How to give an account of yourself to any pilot, wherever you may be.

Armadas do Reino para a Índia 1458-a556. Pº Vaz era Vedor da Fazenda circa de 1530

11. The fleets that sailed for India, from its discovery by Dom Vasco da Gama in 1498 to 1556. (This list contains the record of some of the voyages of Pedro Vaz Fraguoso himself, who was the «Vedor de Fazenda,» or inspector of treasure, on board; arriving in Portugal during the years 1531 and 1532. There is a further record that «I, Pedro Vaz * Fraguoso, left Viana for Lisbon, to sail for India on the 1st February and left Lisbon for India on the 28th March, 1556»).
12. Route from Cochim to Martavan, and back.
13. Route from Cochim to the port of Satagam or the Coromandel coast.
14. Voyage from Satagam to Ceylon.
15. Another approach by way of the east of Satagam.
16. Description of the same.
17. Rule for navigating down-stream, from Satagam.
18. Description of Ilha dos Galos.»

The remainder of the manuscripts consists of rough notes referring to some personal matters between Pedro Vaz and his mother-in-law; money and treasure.

* Eu Pedro Vaz Fraguioso partiu de Viana para Lisboa, para navegar a Índia, no primeiro Fevereiro, e partiu de Lisboa para a Índia em 28 de Março de 1556.

7

Casal da Trindade
S. Pedro do Estoril
10-VIII-34

Meu Ex.mo amigo

Certamente errei a situação do *Ms.*, copia dum que está em Paris – de 1562 – A tal copia está no Observatório Astronómico de Coimbra, pelo menos assim o afirma Rodolfo Guimarães.

Com toda a amizade e grata estima
Fontoura da Costa

8

Paris 23-11-34

Em Lisboa estive 8 dias no Hosp. da Marinha, donde saí a 26/10 e a 28 para aqui.

Entrei numa Clínica do Inst. do Radio (Fundation Curie) em 3, começando por levar agulhas com Radio e depois uma caixa grande. Era um tumor na parte esquerda do anus. Estou mt.º melhor e creio que em via de cura.

O trat.º é admiravel, por especialista, sob a direção do prof. Regaud. São medicos que só fazem este serviço. Amanhã saio, alojando-me em quarto aqui proximo. Na 2ª feira e creio que dias depois venho ser examinado, para vêr a reacção do Radio. É possivel que não precise mais tratamento. As dores desapareceram, e o tumor está mt.º reduzido. Mande V. Ex.ª no seu grato amigo e admirador

Abel Fontura da Costa

9

S. Pedro do Estoril – 22-X-35

Meu presadissimo Amigo

Ha muito que não tenho noticias suas.

Os seus livros, que aqui tenho, breve lhos remeterei pelo Azevedo Coutinho.

A sua preciosa Excerpta é uma maravilha.

Estou publicando o tal artigo – já saiu, faltam os Doc. – sobre a *Oração* de Lucena, que o Dr. Basilio traduziu magistralmente.

Lá fora ha mt.os ex. da 1ª e da 2ª edições.

A *Oração* do D. F. d'Almeida tambem já está trad. pelo mesmo. D'esta ha tambem varios ex. lá fóra.

O catalogo alemão de Incunábulos, que se está publicando em Leipzig (6 Vol. saídos) já trata do Almeida.

Não há em parte alguma a *Oração* de D. Fernando Coutinho! Só a biblioteca d'Evora – que posuiu o ex. a que se refere o Barbosa Machado e já ha mt.os anos o não tem – possue em manuscrito uma pequena parte, que é o preambulo! Que pena, pois seria bom conhecer-se se trata dos Descobrimentos.

Agora falêmos do Coutinho, porque é devéras interessante o assunto e novo.

Na *Oração* do Almeida ha esta passagem:

«...que êle [D. João II] se regosijou com a vossa eleição muito mais do que possa dizer-se ou acreditar-se, tendo resolvido com a maior alegria, logo que teve dela notícia, enviar a vossa Santidade uma luzida embaixada [*comunicada na Carta de crença*], aparelhando para esse efeito uma grande armada, *em que tomei lugar.*

Impedidos, *da primeira vez pela peste*, e *da segunda pelo naufrágio*, são os *embaixadores obrigados a regressar á patria.* Não foi isso motivo para que o nosso Serenissimo Príncipe desistisse da sua empreza, antes pelo contrario cada vez mais solicito e empenhado nesta embaixada, *pela terceira vez determinou mandar-nos como legados a Vossa Santidade*»

Parece concluir-se que três veses partiram os legádos, sendo duas em armadas. A terceira talvês por terra.

Mas como se explica que D. Fernando de Almeida fosse em todas tres? A carta de crença não fala dele.

Ahi tem um problema importante. Se souber algo muito me obsequeia V. Ex.ª.

Creia-me V. Ex.ª com m.ta estima e consideração

mt.º grato amigo e ad.or

Abel Fontoura da Costa

10

Escola Náutica
Rua do Arsenal
Lisboa
17-9-38

Meu ilustre amigo

O acaso levou-me ao conhecimento dum *Ms.*, em françês da Bib. Nacional de Paris, de 1740. É seu autor Vasco de Lucena.

Creio ser o outro Lucena – Não o Vasco Fernandes. Como não encontro o seu ilustre e elucidativo trabalho, venho rogar-lhe a fineza de me dizer alguma cousa a este respeito, pois da sua resposta depende o mandar vir as Fotocopias do *Ms.*

Agradeço a sua resposta.

Com a maior e consideração, sou de V. Ex.ª

grato amigo e ad.or

Fontoura da Costa

11

S. Pedro do Estoril 6/9/39

Meu presadissimo amigo

Gracias pela sua carta.

Nem direta, nem indiretamente, tenho qualquer parentesco com o major Fontoura.

Será possível que êle o tivesse com o major Alvaro da Fontoura, que é governador de Timor, mas está actual.te cá em serviço no Ministério das Colónias.

Em Lisboa lembro-me de ter visto – e ainda existe – uma taboleta de medico, na Rua dos Retrozeiros, dum Dr. Fontoura de Madureira, que talvês lhe interesse.

Creia-me sempre

Grato am.º e ad.or

Fontoura da Costa

No Norte há uma povoação chamada «Fontoura», talvez que o major fosse de lá.

FC.

12

S. Pedro de Estoril
17-7-40

Meu ilustre amigo

É fineza grande dizer-me como poderei obter 1 n.º da *Revista da Universidade*, de 1914, onde vem um artigo do saudoso Prof. P.ª da Silva: sôbre o Prof. Z. Gallois.

Com a maior estima e consideração, sou de V.Ex.

M^to^. Grato amigo e ad.^or^
Abel Fontoura da Costa

Série

Investigação

•

Coimbra
Imprensa da Universidade

2004